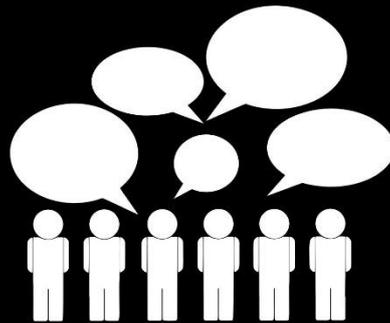


Andréa Thees
(Organizadora)



COLETÂNEA DE PESQUISAS DE OPINIÃO

Desenvolvidas por Graduandos de
Licenciatura em Pedagogia da UNIRIO

Volume I - 2020

Andréa Thees
(Organizadora)

**COLETÂNEA DE PESQUISAS DE OPINIÃO DESENVOLVIDAS POR
GRADUANDOS DA LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DA UNIRIO**

Editora UNIRIO
Rio de Janeiro
2022

ORGANIZADORA | Andréa Thees

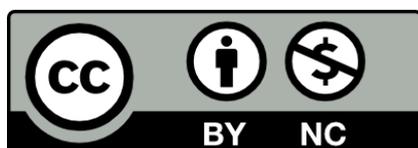
COLABORADORAS | Amanda Soares e Ana Clara Ventura

REVISÃO | Pedro Henrique Nascimento

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO | Gabriel Klajman Messer

CAPA | Ana Clara Ventura

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Esta coletânea está sob os direitos da Creative Commons 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Coletânea de pesquisas de opinião [livro eletrônico] : desenvolvidas por graduandos da Licenciatura em Pedagogia da UNIRIO / Andréa Thees, organizadora. -- Rio de Janeiro, RJ : UNIRIO, 2022. -- (Estatística, Sociedade e Educação ; 1)
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-86694-06-2

1. Ensino superior 2. Estatística - Métodos
3. Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião (NEPSO)
4. Opinião pública - Pesquisas 5. Pedagogia
6. Professores - Formação I. Thees, Andréa.
II. Série.

22-102062

CDD-370.723

Índices para catálogo sistemático:

1. Pesquisa de opinião : Educação 370.723

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Apresentação

Essa coletânea resulta das pesquisas de opinião desenvolvidas durante a disciplina Estatística Aplicada à Educação - EAE, ministrada por mim, para os graduandos do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

Conforme nossa ementa, EAE busca abordar os conceitos básicos de Estatística, as etapas de coleta, organização e análise de dados quantitativos e qualitativos, perpassando pela leitura, interpretação e construção de gráficos e tabelas do campo da pesquisa em Educação, fazendo uso e interpretando as medidas de resumo, dispersão e relação. Segundo a grade curricular do curso, a disciplina deve ser cursada no 4º período, permitindo que os discentes possam aplicar o que aprenderam em atividades propostas nas disciplinas dos períodos seguintes, culminando com a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

Em fevereiro de 2020, demos início ao período letivo que foi interrompido logo após duas semanas de aulas. Sabíamos que as aulas estavam sendo suspensas para um período de quarentena, mas não poderíamos imaginar que, em 2022, ainda estaríamos cumprindo o isolamento social, uma das medidas tomadas pela Organização Mundial de Saúde – OMS, para reduzir o surto de Coronavírus, causador da COVID19.

Após vários debates acadêmicos, as aulas daquele período foram retomadas na modalidade remota, ou seja, sem encontros presenciais. Foi necessário rever o planejamento da disciplina de EAE e criar estratégias para impedir a evasão dos alunos. Mesmo assim, poucos estudantes conseguiram dar conta do desafio de se estruturar a tempo de conseguir acompanhar as aulas online em 2020-1, necessitando de acesso à internet e equipamentos adequados para tal. O reflexo desse impacto foi percebido na diminuição do número de participantes na disciplina, conseqüentemente, no número de trabalhos realizados.

Naquele momento, a adaptação da disciplina ao ensino remoto precisava considerar um material pedagógico que possibilitasse maior autonomia aos discentes, mesmo àqueles que não conseguissem assistir às aulas de forma síncrona, ou mesmo, assíncrona. Para tal, realizei uma busca que resultou no meu primeiro contato com o programa Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião – NEPSO, que é “um programa realizado com escolas públicas de ensino fundamental e médio, [...] que visa estimular e orientar projetos de pesquisas educativas de opinião, formulados e realizados por estudantes e docentes”. (MEIRELLES, 2014, p. 4)

O programa NEPSO proporciona uma metodologia que envolve os participantes, criando oportunidades de compreender aspectos importantes da realidade e do contexto investigados. A escolha do tema e a elaboração do projeto, que pode ter caráter interdisciplinar, se baseia na ideia de que a pesquisa de opinião pode ter alto valor pedagógico.

A partir dessa abordagem metodológica, a disciplina foi organizada utilizando o Google Sala de Aula – GSA para disponibilizar os materiais de leitura e recursos didáticos. A avaliação considera três etapas integradas, a serem realizadas em grupo: a elaboração de um projeto de pesquisa de opinião, a produção de um relatório final com os dados coletados, análises, resultados e recomendações, e a apresentação oral da atividade realizada.

Essa coletânea reúne os relatórios finais das pesquisas de opinião realizadas pelos grupos em 2020. Os capítulos que compõem esse e-Book foram organizados a partir dos títulos dispostos em ordem alfabética e foram divididos em duas partes: a primeira parte com os relatórios produzidos no primeiro semestre e a segunda, com os trabalhos do segundo semestre.

A seguir, alguns trechos de autoavaliações enviadas pelos grupos de alunos participantes da disciplina de EAE, na modalidade de ensino remoto:

“Certamente, a proposta de formar alunos capazes de desenvolver pesquisas de opinião, levantar dados e analisá-los criticamente, foi atendida. Ficou compreendido os conceitos de Estatística Básica e como aplicá-los na prática, assim como, a importância de obter dados para embasar argumentos. Naturalmente, o grupo conseguiu concordar que levantar dados faz parte da vida cotidiana de todos e, principalmente, será parte do nosso exercer profissional. Também desenvolvemos competências importantes para a vida pessoal, acadêmica e profissional, no que diz respeito à interação com o grupo, com a professora e com as monitoras.” (aluno A)

“Apesar de estarmos vivendo um período atípico, a disciplina de Estatística Aplicada à Educação nos possibilitou fazer algo diferente na graduação. No início, o grupo ficou apreensivo devido ao desconhecimento em relação ao conteúdo que seria estudado. Mas, as leituras indicadas foram tranquilas e pertinentes para elaborar o trabalho final. A experiência foi positiva e satisfatória, nos levando a aprender como trabalhar com a pesquisa de opinião e analisar dados, algo diferente, mas que nos permitiu ampliar os horizontes. Pretendemos buscar mais informações sobre o tema escolhido, pois iremos usá-lo em futuros projetos de pesquisas no campo da Educação.” (aluno B)

“Para nosso grupo, a montagem deste trabalho, desde o projeto até o relatório final, mudou o modo como víamos o uso de pesquisas quantitativas. Essa foi nossa primeira experiência com o NEPSO, para realizar uma pesquisa de opinião, com análise de dados quantitativos. Apesar de algumas dificuldades enfrentadas, nosso grupo ficou satisfeito com o resultado. Além disso, a disciplina de Estatística Aplicada à Educação da UNIRIO, visa alinhar teoria e prática dando liberdade para elaboração de projetos de futuras pesquisas, que possam sair daqui de maneira instigante e muito realista. A pesquisa de opinião é mais do que coletar dados e transformá-los em números, tabelas e gráficos, que nós estudantes das Ciências Humanas pensamos ser assustadores, mas sim dar ferramentas que permitam interpretar situações cotidianas.” (aluno C)

Foram relatos como esses que embasaram a decisão de continuar usando o NEPSO como referência na disciplina de EAE, considerando graduandos que ainda cursam o 4º período estarem, a maioria pela primeira vez, realizando boas pesquisas de opinião, além de conseguindo perder o receio de trabalhar com dados numéricos.

Para acompanhar a leitura, que não precisa seguir a ordem dos capítulos, indicamos assistir às apresentações gravadas e disponíveis na página do Projeto V.E.M. – Vídeos (e) Educação Matemática, acessando: www.vemassistir.com.br

Referência

MEIRELLES, C. Memórias e Aprendizagens. In: MEIRELLES, C.; ANDRADE, L.; NASCIMENTO Renato... [et al.]. (Orgs.) Práticas de educadoras [recurso eletrônico], São Paulo: Ação Educativa, 2014. 106 p.

Prefácio

De certa forma, é tarefa árdua prefaciá um livro que trata sobre Estatística na Educação, não somente pela potencialidade dos conceitos associados enquanto força motriz para uma sociedade mais crítica, mais ainda pela possibilidade de intervenção nos cotidianos que perpassam uma leitura de mundo mais apurada com vistas ao exercício de uma cidadania plena e equânime.

O E-book brinda o leitor com uma coletânea de pesquisas promovidas por alunos de graduação, no espaço de um ano, que versam sobre temas extremamente relevantes e atuais, como o câmbiar de paradigmas, processos e metodologias educacionais por meio das tecnologias digitais, em momento de pandemia mundial ocorrida em 2020 e 2021.

Desta forma, estas pesquisas carregam consigo valiosas informações a respeito de vários cenários que se impuseram por força daquele momento e que poderão servir de subsídio a outros pesquisadores como fonte fidedigna de dados extraídos á luz da estatística, que enquanto ciência se norteia por associar a números brutos os vieses adjacentes aos fenômenos sociais mapeados.

Boa leitura!

Tarliz Liao

Pós-doc em Tecnologias Digitais e Formação Docente

Departamento de Didática - UNIRIO

Sumário

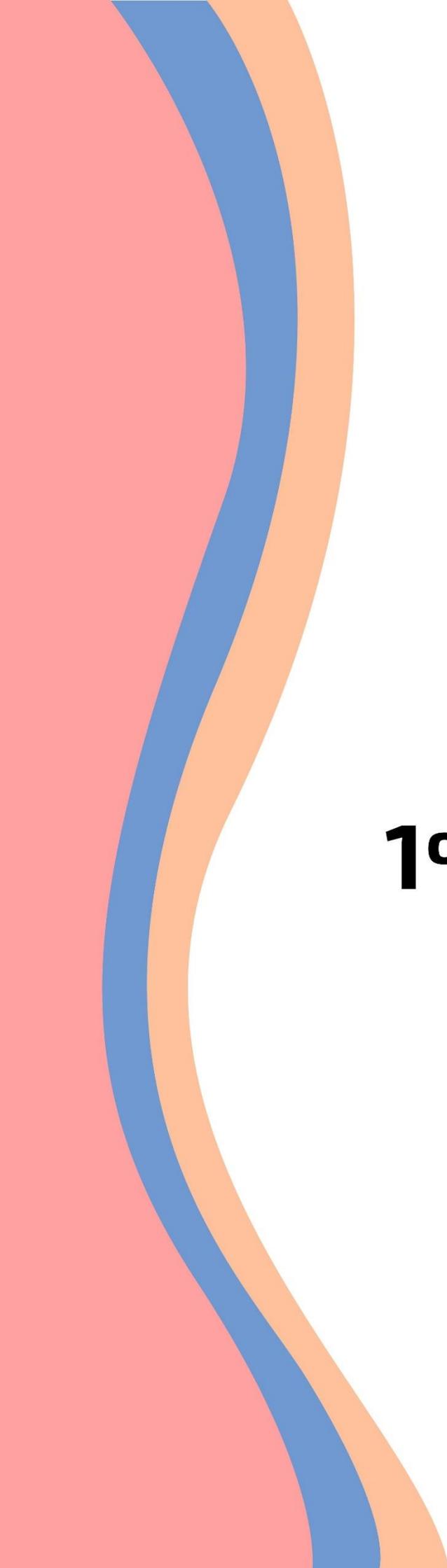
Parte I: 1º semestre

DESAFIOS DO ENSINO REMOTO NO BRASIL DIANTE DA PANDEMIA DO COVID-19 (<i>Ana Clara Ventura, Lara Paletta e Maurício Lobato</i>)	10
EDUCAÇÃO E CULTURA ONLINE DURANTE A PANDEMIA (<i>Jonatan da Silva, Marcos William e Pamela Ferreira</i>).....	29
PRIMEIRAS IMPRESSÕES SOBRE O USO DE SEMINÁRIOS NA EDUCAÇÃO REMOTA (<i>Aline Gonçalves, João Eduardo Ribeiro, Joyce Simão da Silva Donegat, Joyce Cristinne da Silva Mesquita e Patrick Cotta</i>)	38
PROFESSORES NO ENSINO REMOTO E SEUS DESDOBRAMENTOS (<i>Amanda Soares, Carla Bazilio de Oliveira, Cristina Miranda e Vanessa de Lima</i>)	46
O BRINCAR EM TEMPO DE QUARENTENA (<i>Ana Clara Lonven, Fabiana Soares, Letícia Carcereiro, Mariane Bittencourt e Tarciso Monteiro</i>)	61

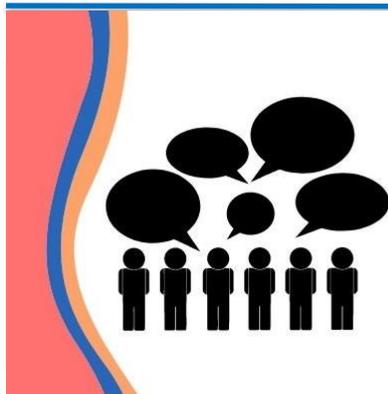
Parte II: 2º semestre

A PERCEPÇÃO DOS PAIS/RESPONSÁVEIS SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR DAS CRIANÇAS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 (<i>Cauana Mayrink de Oliveira, Gabriella Corrêa de Queiroz Chagas, Myllena Cristinne Magalhães Silva, Tamy Elicia Da Silva Lopes e Victória Maria de Lima Oliveira</i>).....	70
A RELAÇÃO DOS INDIVÍDUOS E O SEU TEMPO DE ÓCIO/OCIOSO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 (<i>Gabriella Carvalho Consentino, Gabriella Santos da Silva, Giulia Giglio Scofano, Luiza Riquelme Martins Portela e Maria Luíza Almeida de Souza</i>)	82
AFETO E VALORIZAÇÃO: A JORNADA DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO BÁSICA (<i>Gabriela Castilho, Iris Maria Deschaumes, Juliana M. Heluy Ferreira, Lua Clara Barcelos e Natalia Knust</i>).....	106
ALUNOS DE PEDAGOGIA DA UNIRIO QUE PELA PANDEMIA FORAM INTERFERIDOS OU PREJUDICADOS NA EDUCAÇÃO (<i>Ana Carolina Zuniga, Fabiola de Souza, Larissa Kimberlly, Letícia da Silva e Natana Mussumeci Barbosa</i>)	113
ANÁLISE DO CONSUMO DE CAFÉ E A SUA RELAÇÃO COM A PRODUTIVIDADE ENTRE OS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS (<i>Aline Vitoria Ramos da Silva Santos, Iasmin Sena de Pontes Barros, Manoela Curcio Lessa e Paulo Davi Costa Damazio</i>).....	124
DESAFIO DAS MÃES E PAIS ESTUDANTES DA UNIRIO EM TEMPO DE PANDEMIA (<i>Antonietta Tari, Letícia Esteves, Melany Reis, Merielle Alves e Vytória Alessandra</i>).....	141

DESEMPREGO NA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS (<i>Suriane Safira Serpa Leiroz de Almeida, Lidiane Rocha e Lucas Pereira Ribeiro</i>).....	154
DIÁLOGOS DOCENTES E DISCENTES DE COMBATE AO PRECONCEITO (<i>Isabela Leal da Silva Cavalcante, Jessica Fernandes Leal da Silva e Marcele Cunha F. dos Santos</i>)	160
ESCOLA OU PRISÃO? POSSÍVEIS DILEMAS PARA SE PENSAR EM PRÁTICAS EDUCATIVAS PRAZEROSAS E SIGNIFICATIVAS (<i>Amanda Sánchez, Diana Pareschi, Jéssica de Sousa, Karina Duarte e Thamires Cabral</i>)	180
EXPECTATIVA X REALIDADE: O IMPACTO DA REALIDADE DISTORCIDA PROMOVIDA POR INFLUENCIADORES DIGITAIS NA PANDEMIA (<i>Gabriela Elmôr Gonçalves, Guilherme dos Santos Domingos, Lorrane C. da Silva e Maria Isabela Coutinho dos Santos</i>)	192
MANUTENÇÃO DA SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES DO CCHS DURANTE O PERÍODO REMOTO NA PANDEMIA DO COVID-19 (<i>Catarina Medeiros, Isis Silva, Maria Luiza Oggioni e Rachel de Freitas</i>).....	203
MEDIDAS DE PREVENÇÃO AO CORONAVÍRUS, QUAIS VOCÊ AINDA SEGUE? (<i>Julia Moreira Rivero y Rivero; Luiza Nunes de Moura Ferracioli; Márcio Araújo da Conceição Junior e Rafaela Braga Baranda</i>)	213
ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA (<i>Beatriz Aguiar Eleotério, Ranna Gomes Aldea, Raquel P. V. M. de Oliveira, Thaís de Sousa Ferreira e Sara Cristina D. de Albuquerque</i>).....	223
OS IMPACTOS DA SOCIALIZAÇÃO E DA (DES)SOCIALIZAÇÃO NO ENSINO UNIVERSITÁRIO (<i>Bruna Tinoco, Marcelo Quintero, Taimara De Oliveira e Vitoria Alencar</i>)	233
OS IMPACTOS DO ENSINO REMOTO NA APRENDIZAGEM E NO COMPORTAMENTO DE CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL (<i>Alan Accioly Mello, Alicia Castro Costa, Mellanie Proença Batista, Natália Reis Pereira e Rafaella Nogueira de Sá Andrade Costa</i>).....	247
PANDEMIA PARA AS CRIANÇAS (<i>Ana Carolina Werneck Balbino dos Santos, Ayme José da Silva, Gabriela Bastos de Santana, Isabela Felipe dos Santos e Talita Souza Vieira</i>).....	254
PESQUISA E EDUCAÇÃO: REFLETINDO SOBRE A POPULARIDADE DA PESQUISA ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS (<i>Ana Beatriz Baptista, Fabrícia Melo das Neves, Juliana Barbosa Pereira, Maria Carolina Silva Borges e Rafaela Tavares</i>)	263
POLÍTICAS PÚBLICAS, EDUCAÇÃO POPULAR E OS IMPACTOS DA PANDEMIA (<i>Ariana Maria Meira Bastos, Izabelle Silva dos Santos, Jéssica Lene da Silva Santos, Paulo Victor de Azevedo Valeriano e Vanessa Rampado Cruz</i>).....	274



Parte I: **1º semestre**



DESAFIOS DO ENSINO REMOTO NO BRASIL DIANTE DA PANDEMIA DO COVID-19

Ana Clara Ventura, Lara Paletta e Maurício Lobato

Introdução

Com a interrupção da modalidade de ensino presencial em razão da pandemia do Covid-19, o Brasil se viu numa situação de mudança de paradigma, onde o ensino remoto passou a ser a única forma de continuar com as atividades educacionais. Em vista disto a equipe pedagógica das escolas e alunos foram desafiados a se adaptarem e utilizarem novos recursos tecnológicos e metodologias educativas, antes não necessárias. De acordo com a pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio), muitos professores estão utilizando listas de exercícios e estudos dirigidos, ambientes virtuais (Google Classroom), vídeos no Youtube ou em alguma outra plataforma semelhante, textos de divulgação científica, reportagens, jogos interativos, alguns docentes estão gravando aula para os alunos, outros estão dando aula ao vivo. É importante saber, que 54% das pessoas que responderam a essa pesquisa e que estão elaborando atividades e materiais para o trabalho remoto nunca tinham tido essa experiência (BORBA et al, 2020, P.162).

Sendo assim, o projeto de pesquisa abordou a efetividade das novas metodologias implementadas no ensino remoto nas escolas públicas e privadas, no Brasil, nos segmentos do ensino fundamental I, II e médio.

Justificativa

Essa nova onda nos levou a buscar compreender a efetividade dos novos recursos e metodologias implementadas. O ambiente virtual, o qual não era tão explorado pelos professores/as do ensino regular, agora passa a ser o principal meio de interação entre professores/as e alunos. De forma repentina e sem preparação prévia eles/as tiveram que se adaptar ao que seria o “novo normal”, defrontando-se à uma série de limitações e dificuldades de ambas as partes. Esses profissionais foram desafiados a se reinventar frente a este contexto, incluindo se habituarem com novos recursos tecnológicos e metodologias didáticas. Este acontecimento tão marcante para a história contemporânea da educação requer um olhar mais aprofundado acerca deste tema.

Objetivos

Identificar e analisar qual foi a efetividade dos recursos tecnológicos e metodologias didáticas aplicadas no ensino remoto e as maiores dificuldades da implementação do mesmo. Observando o efeito do ensino remoto nas esferas público e privada, nos segmentos do ensino fundamental I, II e médio. Incluindo traçar um paralelo com os dados obtidos entre as diferentes esferas, segmentos, recursos tecnológicos e metodologias didáticas

Procedimentos Metodológicos

População

Professores da rede pública e privada dos segmentos do ensino fundamental I, II e médio no Brasil.

Amostra e Técnica de Amostragem

Professores da rede pública e privada dos segmentos do ensino fundamental I, II e médio conhecidos por nós ou terceiros a partir da rede de contatos sociais. Utilizamos o método de amostragem não probabilística simples.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

Utilizamos o formulário do programa Microsoft Forms e os gráficos do Excel. Compartilhando a pesquisa em redes sociais como o Facebook, WhatsApp e Instagram para preenchimento da pesquisa.

Apresentação e Análise dos Dados

1 Conhecendo o espaço de atuação do professor(a):

Recebemos respostas de 35 professores no período de 16/11/2020 à 22/11/2020, a pesquisa foi respondida no tempo médio de 11 minutos, sendo as respostas foram anônimas, mas 11 educadores(as) optaram por receber os resultados da pesquisa através de e-mail informado.

1.1 Classificados por Rede de Ensino:

A maior parte dos professores da amostra (24 da rede pública e 8 da rede privada) atuavam somente em um tipo de rede, com uma pequena parcela de 3 professores atuando nas duas, estes últimos foram incluídos como pertencentes às duas redes. Sendo assim, observamos que cerca de 2/3 dos professores da amostra eram compostas por profissionais da rede pública e aproximadamente 1/3 da rede privada.

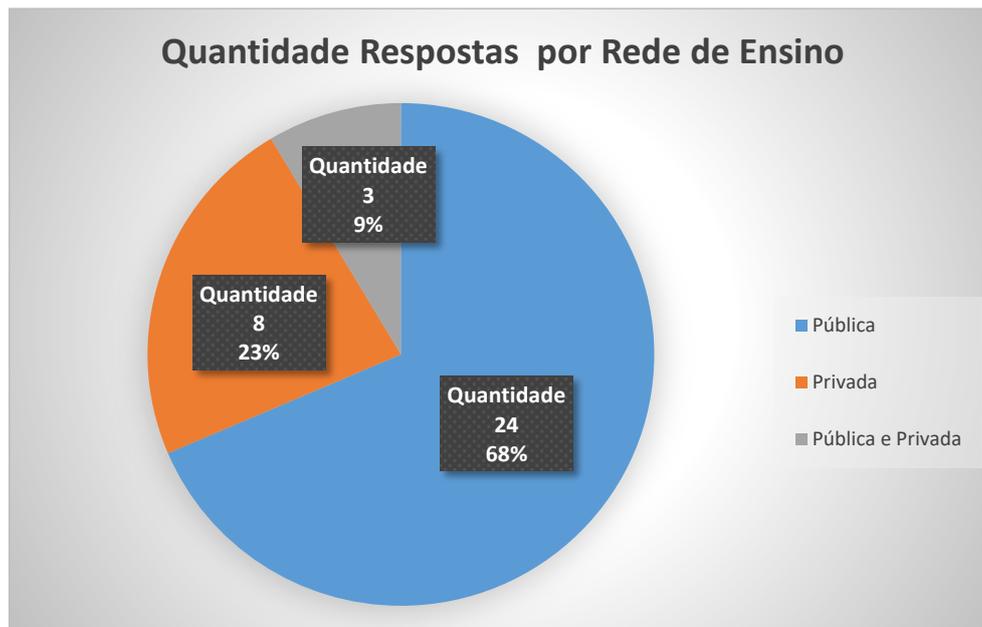


Gráfico 1: Respostas por rede de ensino 1

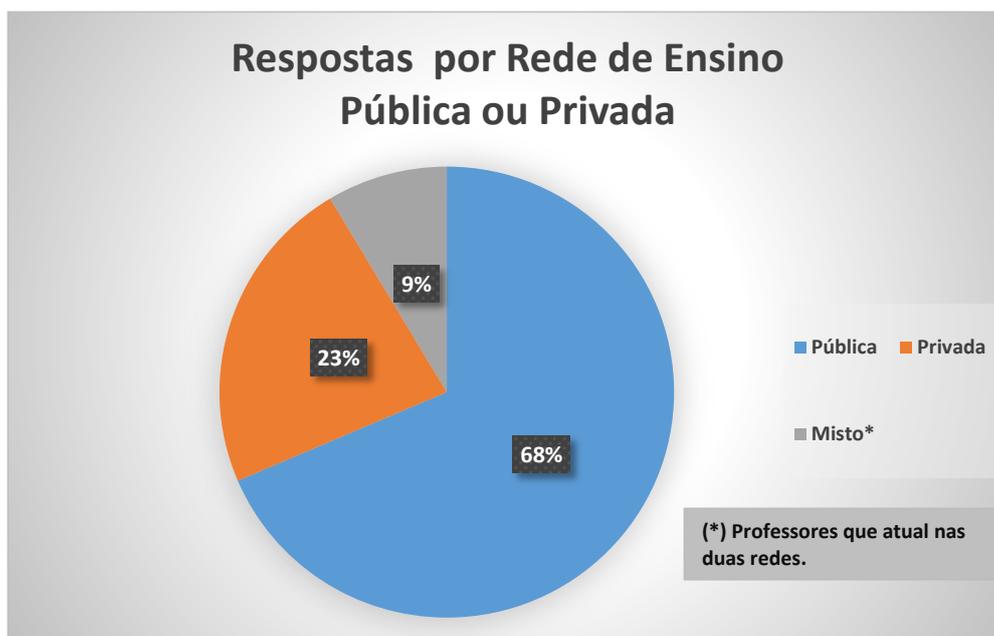


Gráfico 2: Respostas por rede de ensino 2

1.2 Classificados por Etapa de Ensino:

Em relação às etapas de ensino podemos encontrar grande número de professores atuando em mais de uma etapa de ensino, mais uma vez agregamos estes professores(as) que atuam em mais de uma etapa no grupo “misto”. Deste último grupo, há uma proporção um pouco maior dos professores trabalhando tanto com o ensino fundamental II quanto com o ensino Médio, provavelmente por lecionarem disciplinas específicas. Já entre os educadores(as) que atuam em uma única etapa, verificamos uma quantidade maior no fundamental I, possivelmente por possuírem formação direcionada a este segmento, professores(as) formadas no curso normal e/ou pedagogos(as).

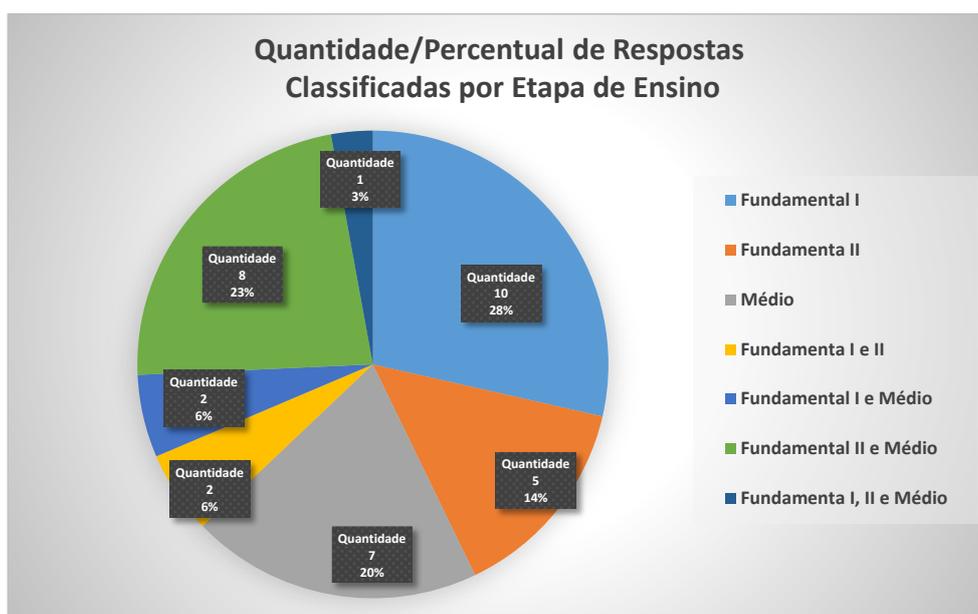


Gráfico 3: Respostas por etapa de ensino 1

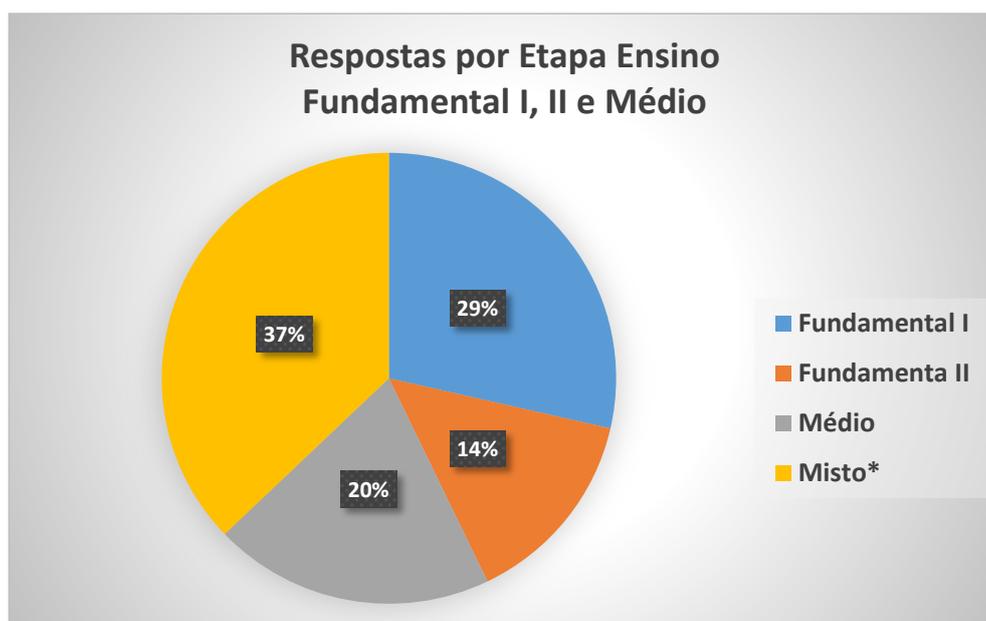


Gráfico 4: Respostas por etapa de ensino 2

2 Conhecendo os recursos tecnológicos utilizados:

Dentre as opções de recursos tecnológicos disponíveis, como: E-mail, Facebook, Google Meet, entre outros, os mais utilizados pela rede pública de ensino foram os que não necessitavam de larga utilização de dados móveis e internet, assim como foi ressaltado pelos/as docentes nas respostas abertas que a escolha dos mais efetivos se deu ao optar por aplicativos que fossem intuitivos, sem custo e de linguagem usual. Ou seja, aplicativos de fácil manuseio, dinâmicos e interativos, que permitissem a autonomia e atratividade das crianças, principalmente em escolas do segmento do Fundamental I e II. Foi destacada a questão da autonomia, devido à falta de estrutura familiar, pois os/as responsáveis precisam trabalhar e não podem auxiliar nas aulas online. Assim como muitos adultos não tem conhecimento prévio em programas, sendo assim, mais fácil utilizar aplicativos usuais como WhatsApp, Google Meet e Sala de aula. Analisando as respostas abertas percebe-se que a escolha por plataformas do Google se dá por já virem instaladas em telefones Android, ou seja, equipamentos mais populares dentre a classe baixa e média.

Por parte das escolas privadas, não foi destacada uma dificuldade com aplicativos que utilizam mais dados, mas se manteve a questão da atratividade, sendo escolhidos aplicativos de uso comum entre os jovens, como por exemplo: WhatsApp e Youtube. Principalmente se tratando do Ensino Médio.

Em ambas as esferas, aplicativos como o E-mail, Rádio, TV, Telefone, dentre outros, foram destacados como menos efetivos, por terem uma linguagem tradicional e serem poucos usuais entre os pré-adolescentes e adolescentes. Agora aplicativos como Kahoot, Microsoft teams, Zoom, dentre outros, foram selecionados como menos efetivos por serem mais empresariais e não tão usuais entre essas faixas etárias.

Pesquisa Qualitativa dos Recursos Tecnológicos

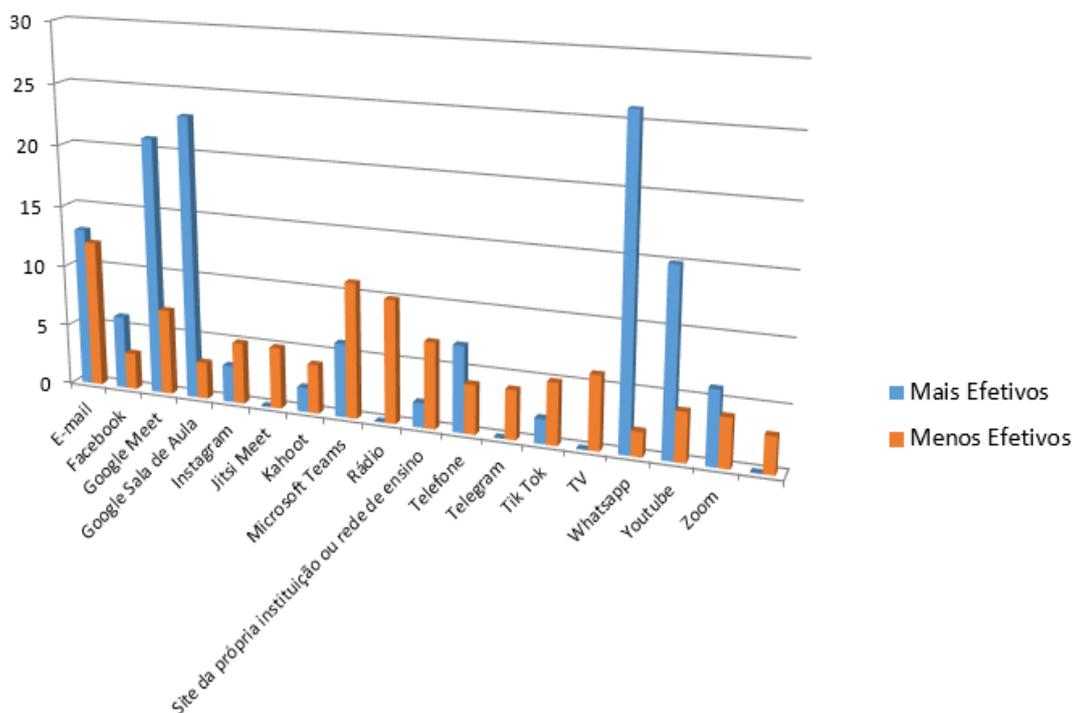


Gráfico 5: Recursos tecnológicos

3 Conhecendo as práticas e os recursos pedagógicos utilizados:

3.1 Práticas e recursos pedagógicos mais efetivos informados pelos professores(as) e classificados por rede de ensino:

Verificamos que em ambas as redes houve utilização de ampla gama de práticas e recursos pedagógicos. Mostrando o esforço e a criatividade de muitos professores para se adaptar e alcançar bons resultados em meio ao grande desafio representado pela adoção do ensino remoto como modalidade única. Entre os recursos mais amplamente utilizados notamos o uso de: apostilas e cadernos de exercícios, aulas expositivas síncronas (on-line), filmes e documentários e a entrega de trabalhos por meio de arquivos.

Considerando que o público-alvo era composto em sua maioria por profissionais da rede pública (aproximadamente 2/3) é destacado notar a maior utilização na rede privada de atividades lúdicas (artísticas, músicas e teatro virtual) e esportivas. Por outro lado, os profissionais da rede pública fizeram uso mais intenso de apostilas e cadernos de exercícios, inclusive próprias de ensino à distância, bem como do expediente de aulas gravadas, de vídeo aula e da entrega de arquivos com trabalhos. Conforme disposto nos comentários dos professores(as) a busca por maior interação e participação esteve fortemente condicionada por formas e modalidades mais fáceis e adaptadas às condições dos alunos, uma vez que

entre os alunos da rede pública há maior proporção daqueles com baixa acessibilidade digital e alta vulnerabilidade social.

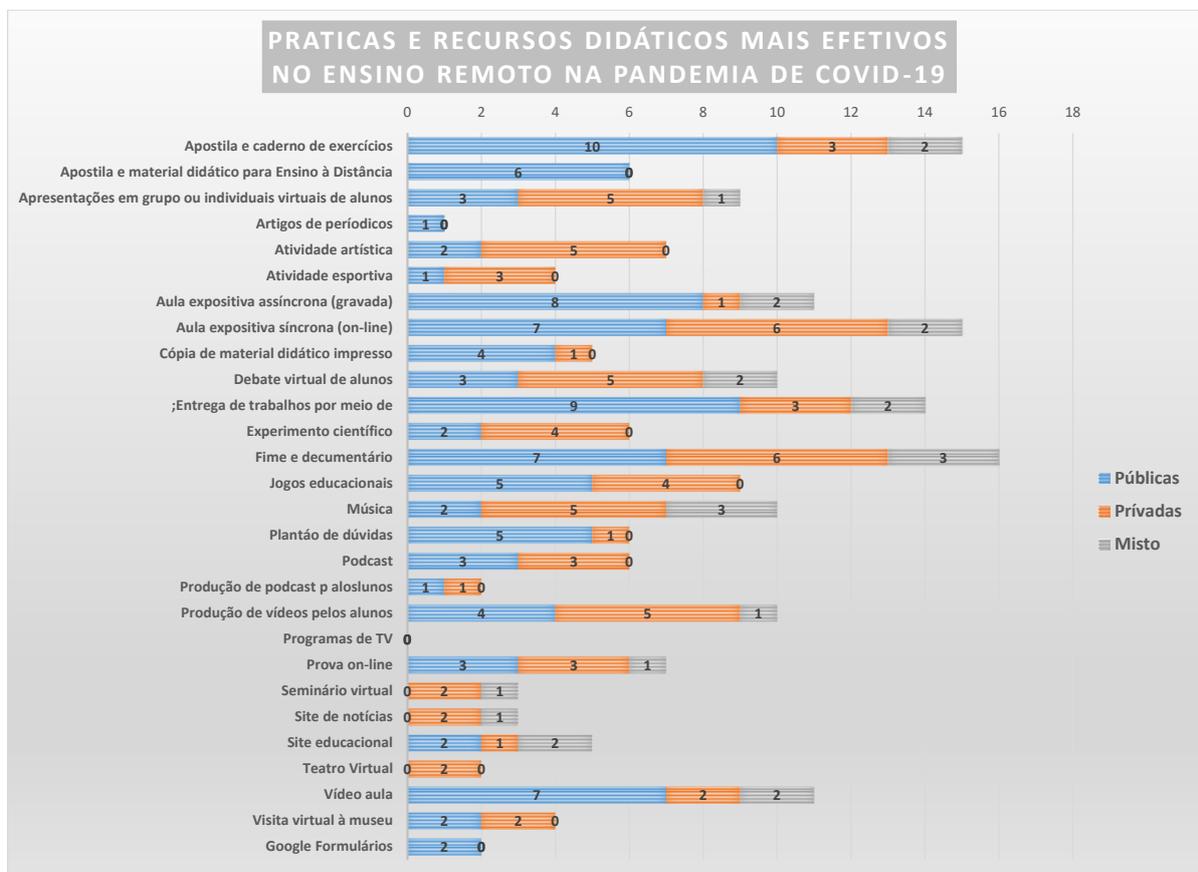


Gráfico 6: Recursos didáticos 1

3.2 Práticas e recursos pedagógicos mais efetivos informados pelos professores(as) e classificados por etapa de ensino:

Também neste caso verificamos a busca pela utilização de várias práticas e recursos pedagógicos em todas as etapas de ensino sem grandes discrepâncias, mas com pequenas diferenciações. As atividades de carácter mais lúdico e esportivas e o uso de apostilas e cadernos de exercícios foram mais comuns no ensino fundamental I. Já o emprego de filmes e documentários e a produção de vídeos pelos alunos foi mais representativa nos segmentos posteriores, possivelmente em razão de maior maturidade e complexidade requeridas.

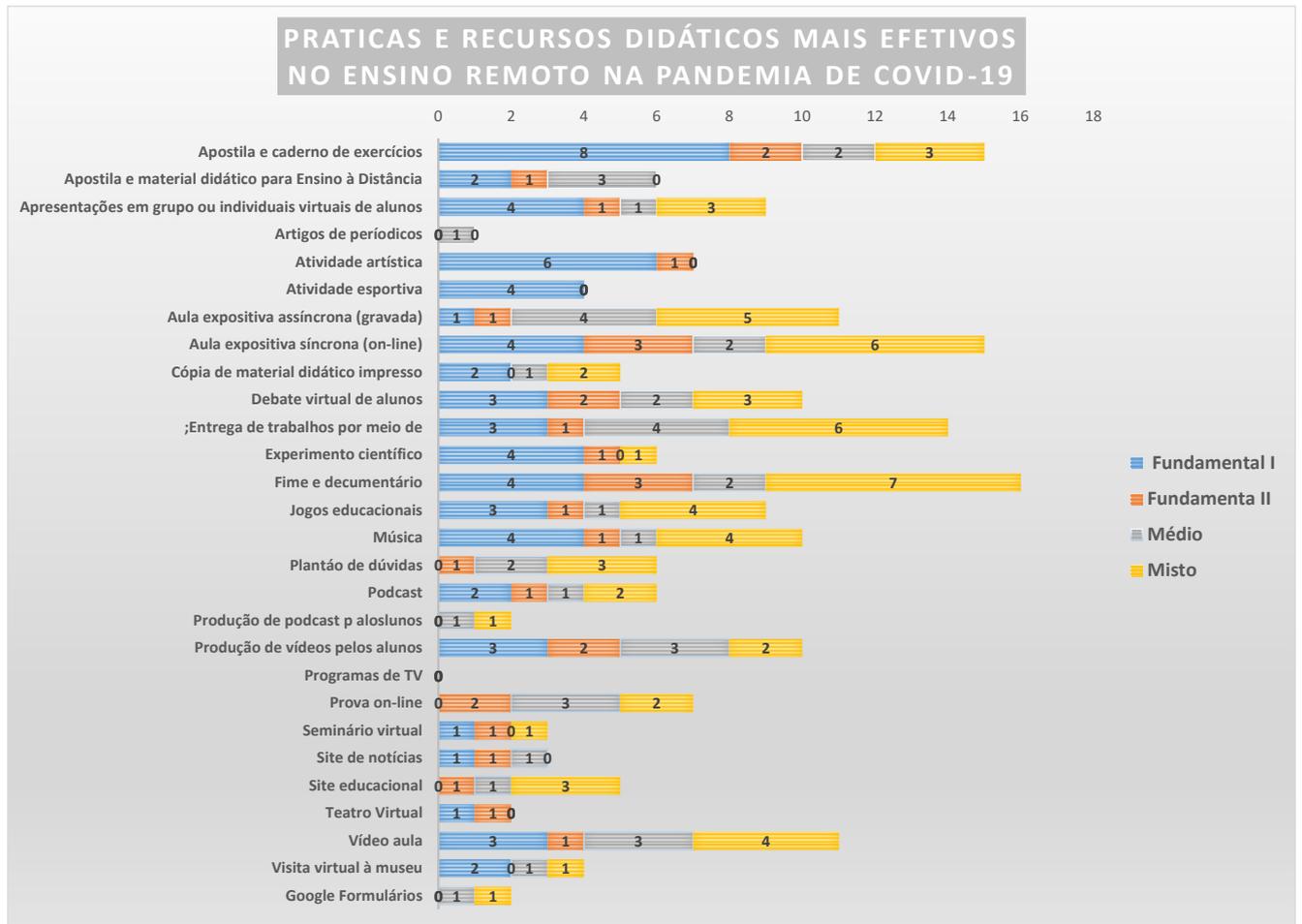


Gráfico 7: Recursos didáticos 2

Não podemos inferir de forma definitiva que as práticas e recursos percebidos como menos efetivos na pesquisa, não são adequadas ao uso no ensino remoto, uma vez que os educadores(as) citaram nas justificativas muitos problemas de acessibilidade e falta de apoio familiar. Contudo, os mesmos também indicaram que muitos problemas se relacionavam ao cansaço dos alunos, à timidez e a prática de fecharem câmeras e microfones.



Gráfico 8: Recursos didáticos 3

3.5 Práticas e recursos pedagógicos menos efetivos informados pelos professores(as) e classificados por etapa de ensino:

Podemos observar que os relatos de menor rendimento foram mais evidentes nas etapas de ensino Fundamental II, médio e no grupo misto, podendo indicar uma maior dificuldade em obter na adaptação ao ensino remoto dos alunos pré-adolescentes e adolescentes, a despeito de se supor que os jovens são usuários habituais da tecnologia e das redes sociais.



Gráfico 9: Recursos didáticos 4

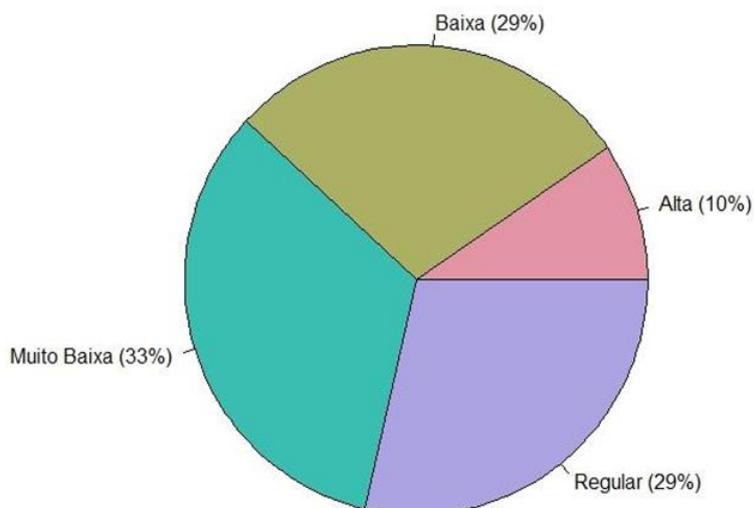
Frequência da escola privada

Gráfico 11: Frequência 2

Em relação a frequência dos 24 docentes das escolas públicas a justificativa mais destaca foi a precariedade financeira e emocional de pais e alunos. Sendo citada a falta de acesso à internet, o compartilhamento de equipamentos eletrônicos e a dependência de um adulto para uso de aplicativos mais formais. Foi pontuado por 7 docentes uma queda na frequência dos alunos ao longo dos meses. Outra consideração feita pelos mesmos foi a falta de estrutura familiar e motivação para participar das aulas, muitos não sabiam como mexer nos programas. Em contrapartida, das 8 respostas referentes a escola privada nenhuma menciona a precariedade financeira como um obstáculo na participação das aulas. Apenas um docente classificou como baixa a participação pontuando a falta de assiduidade dos alunos e dos pais. Os outros docentes justificaram que tiveram respostas positivas, fizeram revezamento de alunos nas aulas, que as atividades eram avaliativas e também fizeram reuniões com as famílias reafirmando a importância da participação e do acompanhamento dos pais.

4.2 Conhecendo a participação da escola pública X escola privada.

Participação da escola privada

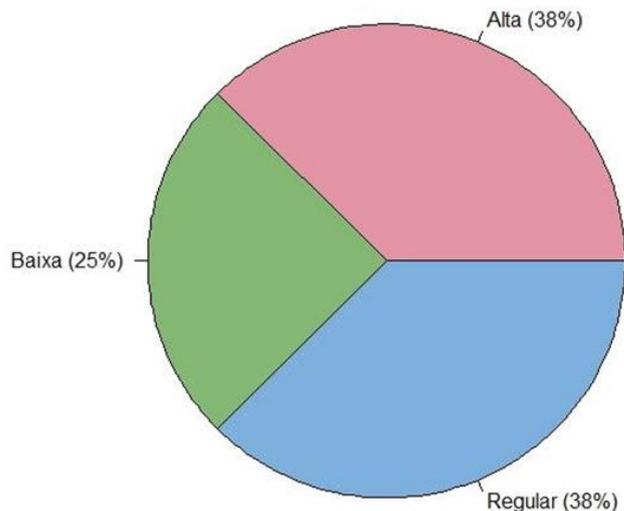


Gráfico 12: Participação 1

Participação da escola pública

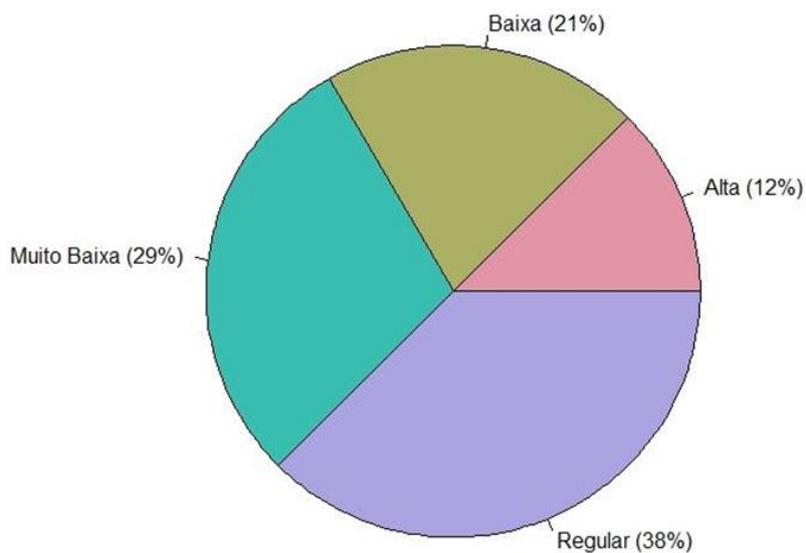


Gráfico 13: Participação 2

Quanto à participação, alguns docentes da escola pública pontuaram a mesma justificativa anterior, a falta de recurso. Também relataram o desinteresse e a dificuldade de estarem à distância. Apenas um docente colocou uma boa avaliação, relatando que os alunos gostam das aulas por terem a presença do docente para tirar dúvidas e também pela troca com os outros colegas. Os docentes da escola privada mencionaram que a participação é boa devido as propostas das aulas, que incluem avaliações, produções de materiais áudio visuais, trocas sobre as tarefas, todas essas estratégias facilitam a participação dos alunos. Apenas dois docentes relataram problema com conexão e desorganização familiar como um empecilho para a participação nas aulas.

4.3 Conhecendo o aproveitamento/efetividade da escola pública X escola privada.

Aproveitamento/Efetividade da escola privada

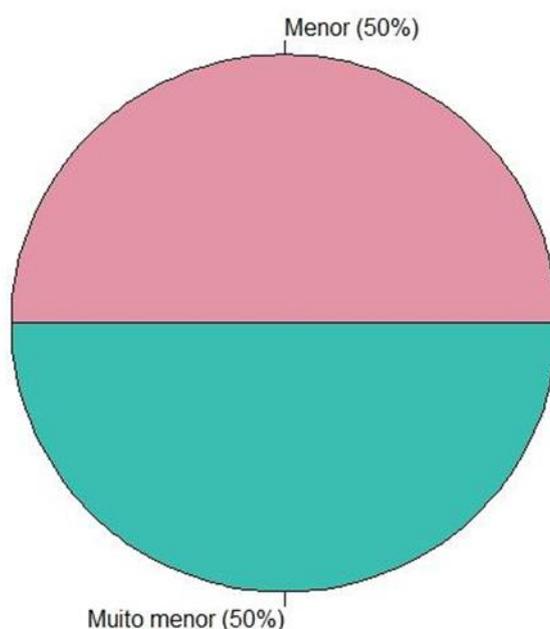


Gráfico 14: Aproveitamento/efetividade 1

Aproveitamento/Efetividade da escola pública

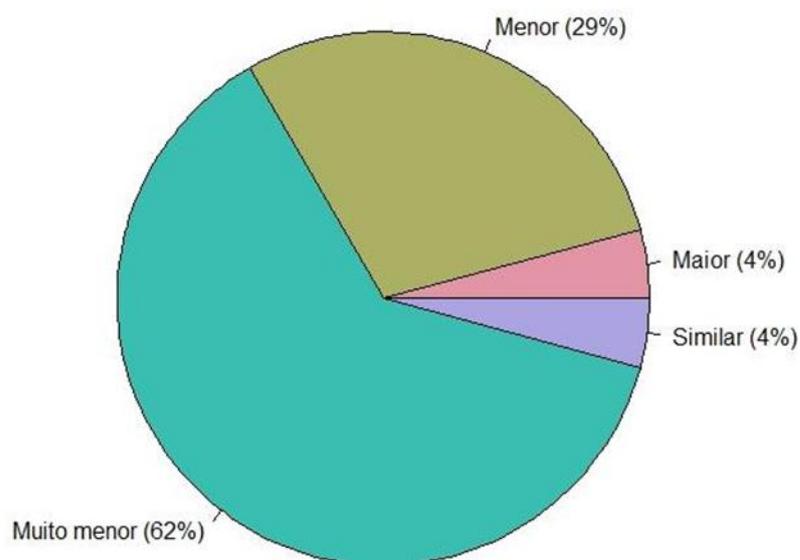


Gráfico 14: Aproveitamento/efetividade 2

Em relação ao aproveitamento/efetividade do ensino na pandemia comparada a pré pandemia os docentes das escolas públicas mencionaram como principal justificativa a falta de participação, retorno dos alunos e interesse. Também destacaram a falta de preparo e planejamento, e políticas públicas para assistirem a mudança. Manifestaram, também, a dificuldade de avaliar o EAD. Já os docentes das escolas privadas citaram como maior problema a distância, a falta de trocas com os alunos, a presença do professor, falta de mediação e acompanhamento físico do professor. Surgiram também respostas sobre a falta de preparo e a dificuldade de avaliar o EAD.

4.4 Conhecendo a adaptação da escola pública X escola privada.

Dificuldade na adaptação ao ensino remoto da escola pública

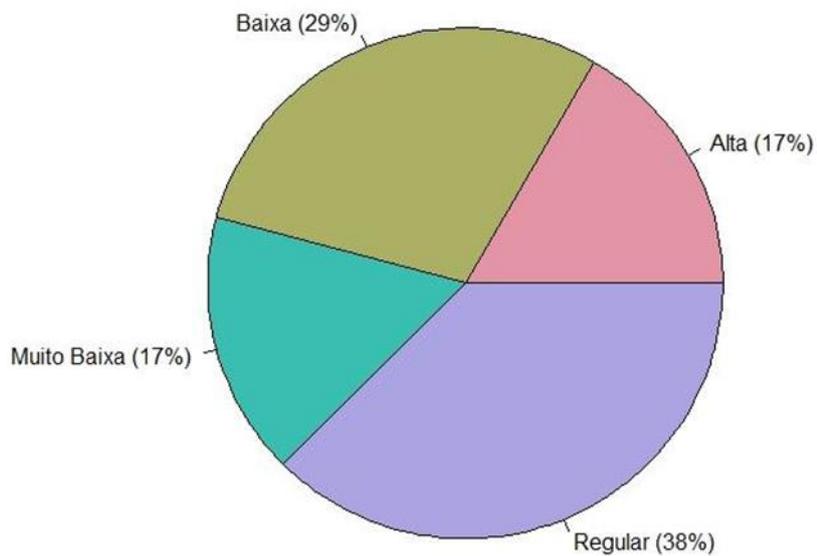


Gráfico 15: Adaptação 1

Dificuldade na adaptação ao ensino remoto da escola privada

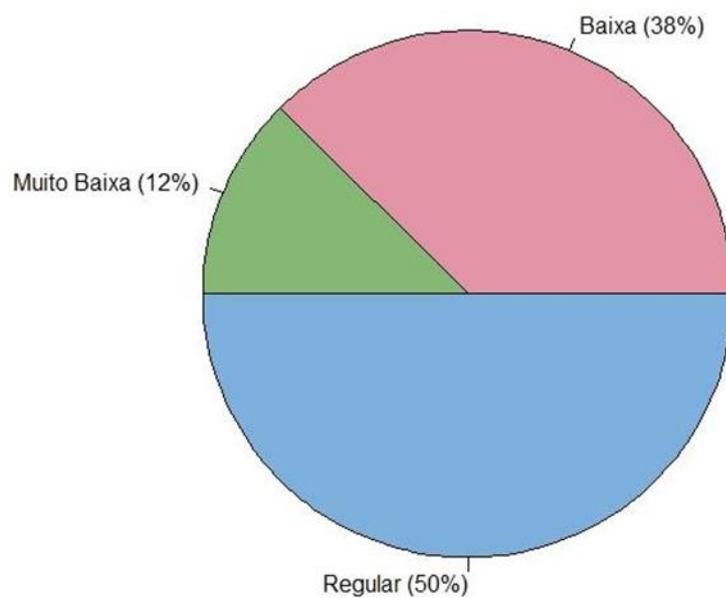


Gráfico 16: Adaptação 2

Os docentes das escolas públicas destacaram como maior dificuldade de adaptação o planejamento das aulas EAD, a assistência pública, a falta de prática com as tecnologias e a dificuldade de se adaptarem aos aplicativos. Outros professores citaram o desinteresse, uma dificuldade inicial para compreender o aplicativo, a falta de acesso à internet e a dificuldade de cumprir horário comercial. Por outro lado, 8 docentes da escola pública relataram terem se adaptado ao ensino remoto sem dificuldades, com a ajuda de cursos, experiência prévia e que também já eram acostumados com a modalidade EAD. Os docentes das escolas particulares justificaram ter costume com as tecnologias utilizadas. Apenas um docente apontou a limitação de interação com as crianças.

Conclusão

Através do formulário realizado na pesquisa, chegamos a conclusões que já esperávamos, como: a disparidade de recursos entre o ensino público em comparação ao privado. O que antes era uma linha imaginária hoje se torna uma linha abissal (BOAVENTURA, para além do pensamento abissal, 2007) se pensarmos que esses recursos tecnológicos são a única forma de alcançar o conhecimento.

Com exceção da resposta positiva em relação a adaptação aos meios tecnológicos, que acreditávamos ser uma questão um tanto quanto sensível, pois no nosso círculo pessoal, sempre nos deparamos com professoras que não fazem tanto uso de tecnologias em suas aulas. Mas como não inserimos uma pergunta correspondente a idade, não tivemos como analisar a faixa etária dos/as docentes que responderam à nossa pesquisa.

Ficamos entusiasmados com o número de respostas abertas que continham informações citando a conclusão de cursos na área tecnológica, experiência em EAD e costume no uso de mídias. O que demonstra uma crescente onda na utilização desses meios antes exemplificados como o mau que iria substituir os professores e a mediação em sala de aula. Apesar da situação em que nos encontramos é gratificante notar, mesmo que numa amostra tão direcionada, a apropriação desses meios pela nossa categoria.

Assim, concluímos que apesar dos pesares físicos e psicológicos, alunos/as professores/as e equipe pedagógica tem se empenhado para oferecer, mesmo que a distância, um conteúdo que visa priorizar o socioemocional ou invés do conteúdo formal. Levando sempre em consideração as inúmeras barreiras encontradas dentro e fora dos muros das escolas.

Recomendações

Ao término da pesquisa, quando estávamos lendo as respostas abertas, percebemos que as maiores dores em relação ao ensino remoto estavam atreladas a falta de contato. Muitos/as professores/as destacaram que com o passar dos meses houve uma queda no retorno das atividades, presença e participação nos encontros. Fica notório a falta de estímulo por parte das crianças, quando se leva em conta o número de câmeras e microfones desligados durante as aulas online.

Se levarmos em consideração o tempo de tela ao qual esses jovens estão submetidos, fica fácil entender o porquê tem se tornado tão cansativo e pouco atraente. Por mais que a tecnologia sempre tenha sido vista como uma ferramenta atraente para os jovens, o conteúdo formal por mais que ministrado online não desenvolve o mesmo efeito.

Baseado na análise das respostas abertas, notamos que jogos, músicas e vídeos têm captado mais a atenção desse público tão criterioso. Então, acreditamos que continuar desenvolvendo conteúdos interativos e dinâmicos, como: Jogos, interpretação de músicas, e produção de vídeos passa a ser mais efetivo nesse período. Quanto ao cansaço das crianças, pensamos em medidas como Meditação, Mindfulness e técnica Pomodoro.

Outra dificuldade observada foi a falta de planejamento, preparo das aulas e políticas públicas capazes de auxiliar a mudança da aula presencial para a remota. Assim como a falta de recursos e materiais para os alunos. Esses temas, foram mencionados por diversos professores das escolas públicas. Dessa forma, entendemos a importância da criação de políticas públicas para assistirem na compra de equipamentos digitais para os alunos e disponibilizarem entrega de materiais escolares. Também é fundamental uma assistência aos professores na reorganização dos planos de aula. Portanto, conclui-se que essas recomendações podem balancear as disparidades entre a escola pública e a escola privada.

Referências

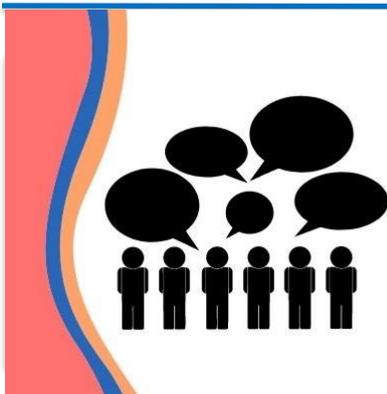
SANTOS, BOAVENTURA. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes, Cortez, 2007.

SANTOS, BOAVENTURA. A cruel pedagogia do vírus, Coimbra: Almedina, 2020.

CALAZANS, PATRÍCIA. Brincando de Mindfulness: 50 exercícios para praticar a atenção plena com crianças, Matrix, 2018.

TANCREDI, Silvia. Técnica Pomodoro - o que é e como funciona. Brasil Escola.

BORBA, Rodrigo. TEIXEIRA, Redro. FERNANDES, Karine. BERTAGNA, Maína. VALENÇA, Cristiana. SOUZA, Lucia. Percepções docentes e práticas de ensino de ciências e biologia na pandemia: uma investigação da Regional 2 da SBEnBio. Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio. 2020



EDUCAÇÃO E CULTURA ONLINE DURANTE A PANDEMIA

Jonatan da Silva, Marcos William e Pamela Ferreira

Introdução

Educação e cultura online durante a pandemia, foi um projeto de levantamento de dados desenvolvido a partir da disciplina de estatística, ministrada pela Professora Andrea Thees, durante o período de aulas remotas da UNIRIO. Esta pesquisa se desenvolveu no sentido de produzir um levantamento de dados para elaboração de estudo quantitativo pensando como profissionais e estudantes do campo da educação se relacionaram com a cultura online durante a crise sanitária do Covid-19.

Justificativa

O presente trabalho foi desenvolvido tendo em vista que os temas Educação e Cultura foram ressignificados durante o período de pandemia, pelo qual estamos passando, em especial pela experiência profissional na área de integrantes do grupo. Sendo assim, o foco deste trabalho foi saber como a cultura e a educação foram e estão sendo conduzidas neste período, buscando construir um levantamento de dados a respeito dos usos das plataformas digitais por profissionais e estudantes de distintas licenciaturas em especial analisando se participaram de ações de Educação Museal online e se teriam interesse em uma formação específica na área.

Objetivos

1 Geral:

Promover levantamento de dados sobre Educação e cultura online na pandemia, em especial sobre Educação Museal online.

2 Específicos:

- Identificar as relações de profissionais e acadêmicos da educação com a cultura no universo digital em rede durante a pandemia de Covid-19.
- Identificar o conhecimento e o interesse do público-alvo no que tange a Educação Museal online.

Procedimentos Metodológicos

Utilizamos uma metodologia de pesquisa de opinião, seguindo o método sugerido pelo projeto Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião - NEPSO.

População

Profissionais de Educação e estudantes de licenciaturas.

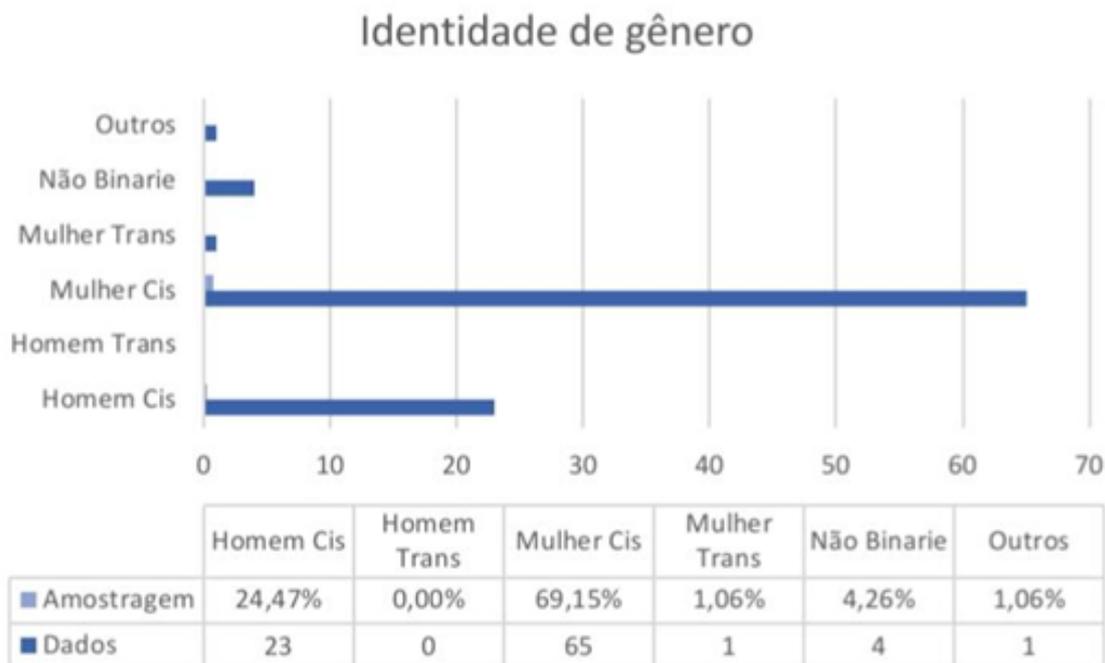
Amostra e Técnica de Amostragem

A amostra para o preenchimento foi baseada na divulgação em grupos de estudos online pelo WhatsApp, Instagram, Telegram e Facebook, em especial grupos voltados para o público-alvo. Vale destacar que esta distribuição foi pensada anteriormente exigindo tal perfil para seguir o preenchimento da pesquisa.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

Como ferramenta de coleta, foi utilizado o Formulário do Google (Google Forms), onde criamos um questionário que continha 15 perguntas objetivas. Foi discutida a inserção de perguntas discursivas, porém achamos melhor direcionar a atenção da amostra para as questões levantadas de forma quantitativa.

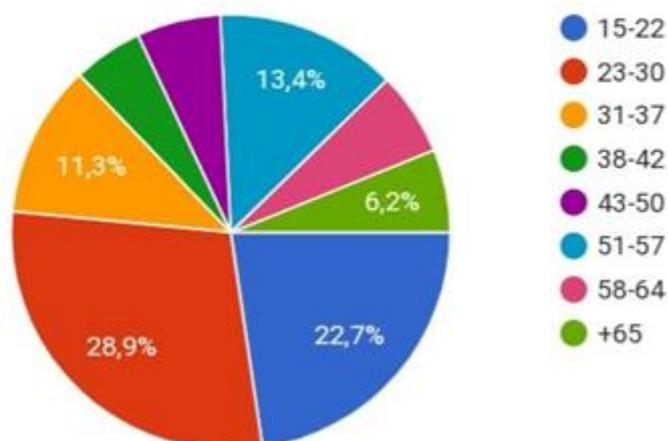
Apresentação e Análise dos Dados



O gráfico a respeito da identidade de gênero dos que participaram demonstra um quantitativo muito elevado de Mulheres Cis (69,15%), o que já estaria sendo esperado tendo em vista a majoritária representatividade nos cursos de Pedagogia, segundo um levantamento feito pelo G1 em 2017.

Idade:

97 respostas

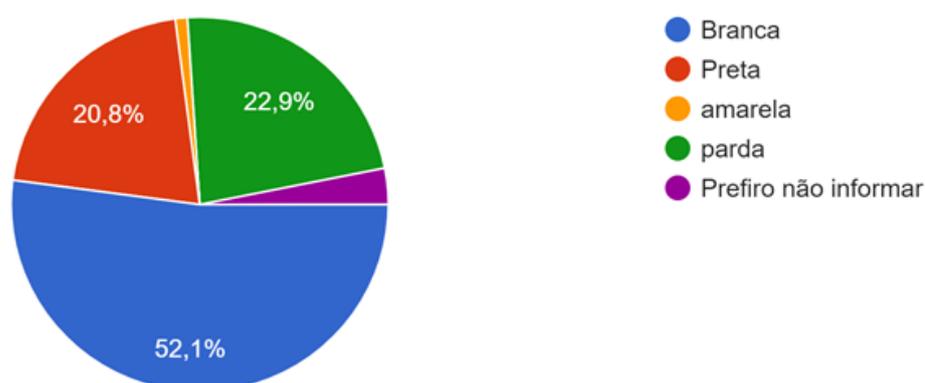


O gráfico acima representa a idade dos participantes.

A análise do gráfico demonstra algo interessante: apesar do nicho em que foi aplicada a pesquisa, ficou demonstrado uma variedade grande de idades dos participantes. Tendo em vista essa ser uma pesquisa voltada para o meio acadêmico, se mostra impressionante a representatividade daqueles que se encaixam entre 51-57 anos.

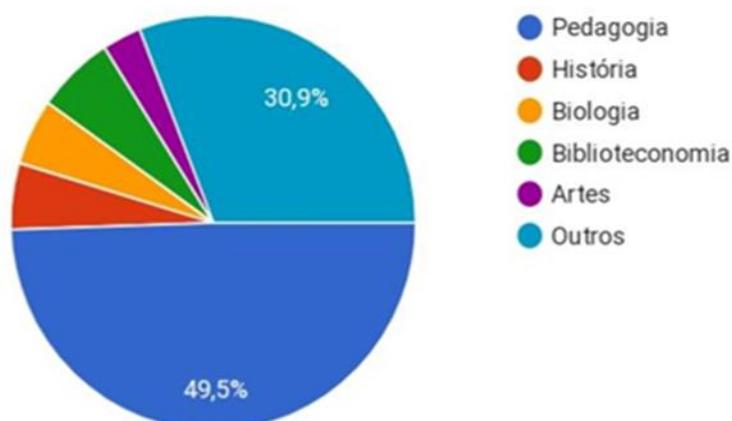
A que raça/etnia você pertence?

96 respostas



Qual sua área de formação?

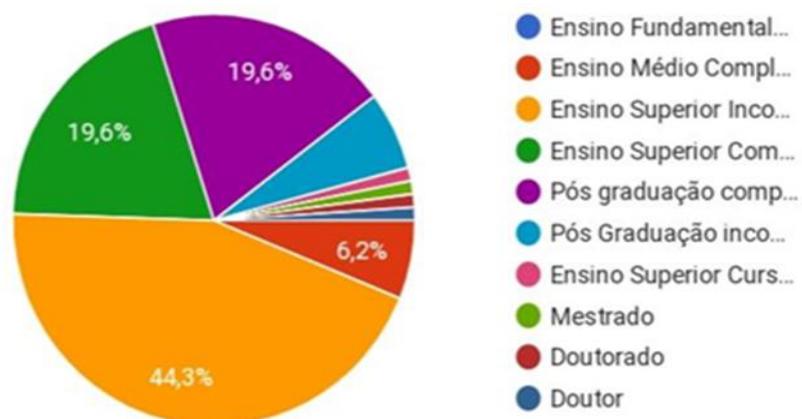
97 respostas



O grupo mais atingido pela pesquisa com 49,5% é do curso de Pedagogia, onde o segundo maior com 30,9% demonstra uma participação diversa de amostras, enriquecendo ainda mais a pesquisa. Os cursos de Biologia, Artes Biblioteconomia e História demonstraram, respectivamente, 5,2%, 3,1%, 6,2% e 5,2% do total.

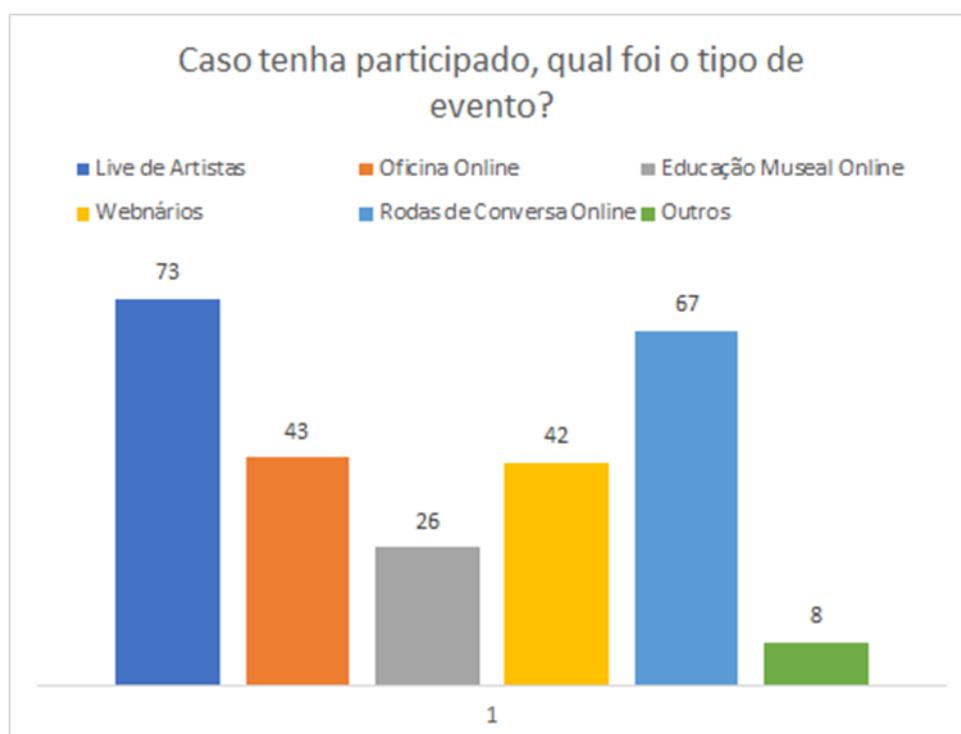
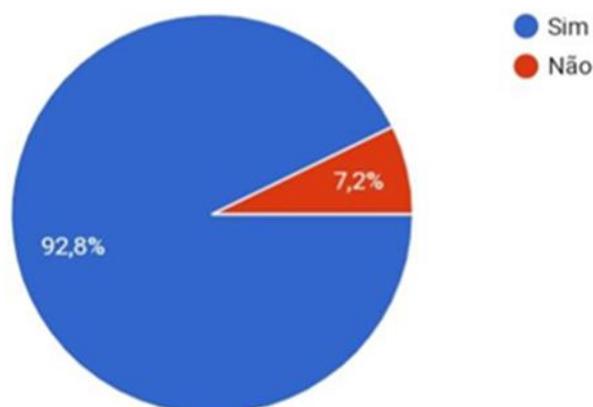
Qual seu Nível de Escolaridade?

97 respostas



Você participou de algum evento cultural on-line durante o período de quarentena?

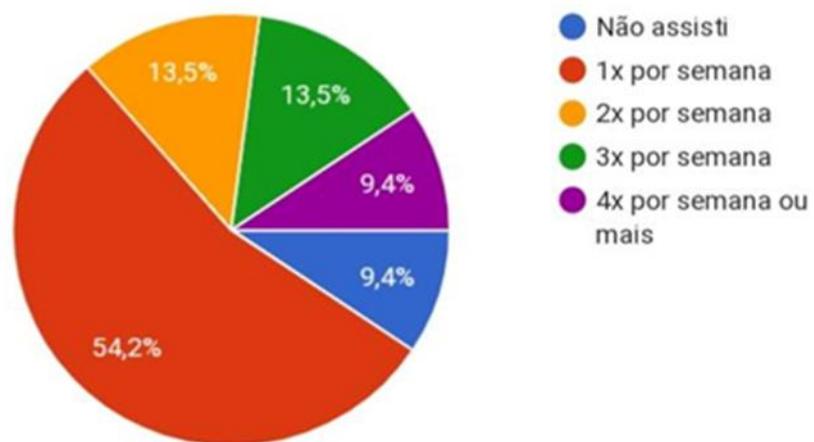
97 respostas



A parte referente a "Outros" demonstra uma variedade dos seguintes eventos: entrevistas, peças de teatro no geral, congressos e simpósios, debates políticos, show de comédia, reunião de trabalho e lives de cunho religioso.

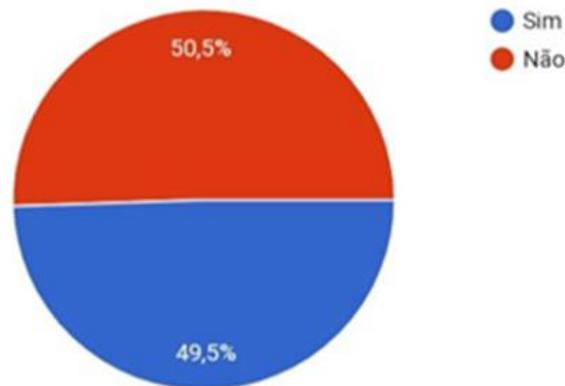
Com que frequência você assistia ou assiste essas ações culturais?

96 respostas



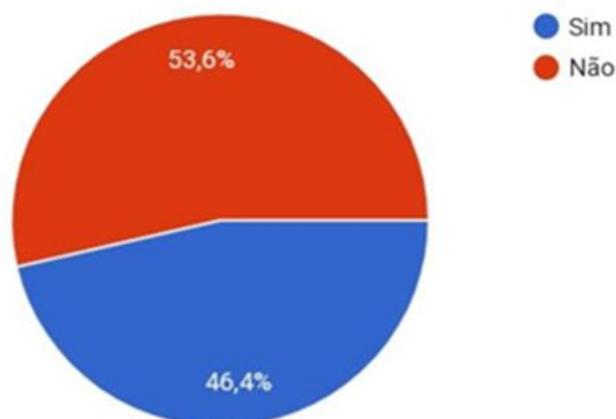
Você já participou de uma atividade de educação museal online? Ex.: interação em página de museus, assistir vídeos educativos de instituições culturais, tour online pelo Google Arts and Culture etc.

97 respostas



Você já tinha escutado sobre educação museal online antes desta pesquisa?

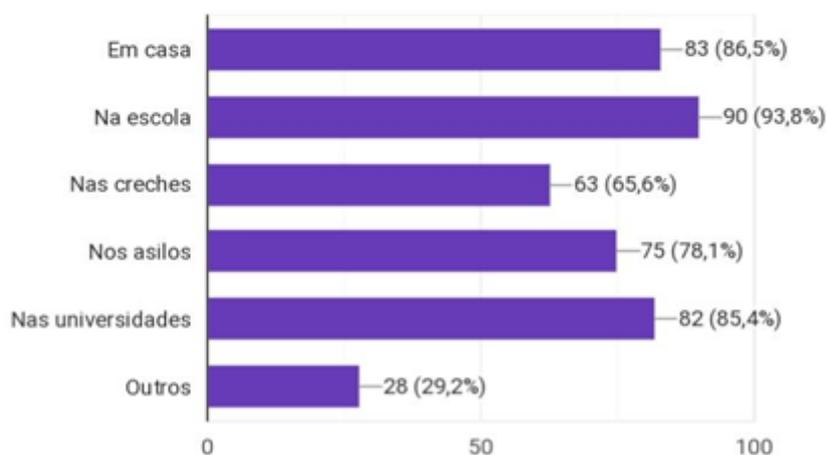
97 respostas



Estes dois gráficos a princípio parecem se contrapor, mas eles trazem um dado muito interessante que remete a parte do estudo. Ficou perceptível que parte dos participantes da pesquisa não necessariamente nunca participou de nenhum evento, apenas não houve um contato ou uma ligação ao termo utilizado.

Na sua opinião, onde pode ocorrer práticas da educação museal online?

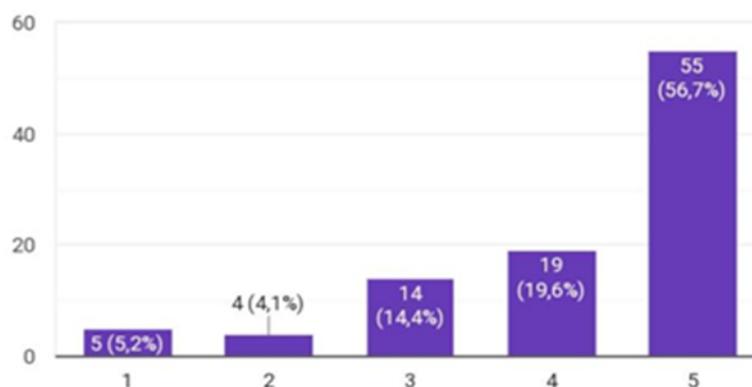
96 respostas



A partir do gráfico acima, pôde ser percebida a capacidade do tema e o seu alcance, se dada continuidade no estudo/pesquisa.

Na sua opinião qual é a possibilidade de práticas de educação museal online serem utilizadas na sua área de atuação? Marque 1 para pouco provável e 5 muito provável:

97 respostas



Fator importante da pesquisa levantada pois a partir de dados onde se vê a possibilidade da integração da Educação Museal em sala de aula ou em algum evento, se abre todo um caminho de pesquisa para gerir essa possível futura demanda.

Conclusão

A realização desta pesquisa ocorreu como uma forma de contribuição para o campo da Educação e da cultura em tempos de covid, em especial para o campo da Educação Museal. A partir do levantamento de dados quantitativos, conseguimos ver como nos últimos períodos ocorreu uma aproximação e entrelaçamento cada vez maior da Educação com a Cibercultura e que, apesar da maioria dos respondentes desta pesquisa relatarem desconhecer o campo da Educação Museal, ele é reconhecido dentro da educação por uma parcela significativa, mostrando aqui que existe um grande interesse da área de licenciatura na Educação Museal.

A presença de profissionais e estudantes de educação em eventos culturais na rede ocorreu em todos os perfis analisados e foi verificada a possibilidade de realizar pesquisa qualitativa com respondentes que disponibilizaram seu e-mail.

Por fim, foi possível notar uma inserção maior da Educação Museal nas licenciaturas, o que mostra a fertilidade do campo que carece de estudos e pesquisas. Isto foi possível por conta da aplicação desta pesquisa quantitativa, que serviu como instrumento de mapeamento de interesse e de levantamento de dados para posteriormente (se possível) realizar uma transformação nos locais pesquisados nas relações com Educação e Cultura online, em especial a Educação Museal.

Referências

ANDRADE, Leila de. Etnomatemática a matemática na cultura indígena. 2008. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Matemática) – Departamento de matemática, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2008.

COSTA, Andrea; CASTRO, Fernanda; CHIOVATTO, Mila e SOARES, Ozias. Educação Museal. Em: Instituto Brasileiro de Museus. Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília, DF: IBRAM, 2018.

D'AMBROSIO, U. Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MARTI, Frieda; e COSTA, Andréa. Revisitando os Museus na Pandemia: sobre Educação Museal Online e Cibercultura. Notícias, Revista Docência e Cibercultura, Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1107?fbclid=IwAR2pizE9NtcNgkHIL_JO95BulbNv8KS_fHihyhev9fg_HHMdaLKiVMR2mljs. Acesso em: 20. out. 2020

MORENO, Ana Carolina. Dia das Professoras: Nove em cada dez estudantes de pedagogia são mulheres e maioria faz curso a distância. G1, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/guia-de-carreiras/noticia/dia-das-professoras-nove-em-cada-dez-estudantes-de-pedagogia-sao-mulheres-e-maioria-faz-curso-a-distancia.ghtml>. Acesso em: 11/12/2020



PRIMEIRAS IMPRESSÕES SOBRE O USO DE SEMINÁRIOS NA EDUCAÇÃO REMOTA

*Aline Gonçalves, João Eduardo Ribeiro, Joyce Simão da
Silva Donegat, Joyce Cristinne da Silva Mesquita
e Patrick Cotta*

Introdução

A pandemia do novo coronavírus (COVID 19) resultou na suspensão temporária das atividades laborativas, acadêmicas e escolares. No decorrer do tempo de isolamento social e institucional, a espera pela criação e distribuição de vacinas até que fosse segura a retomada das aulas presenciais, mostrou-se inviável.

Por essa razão, após muitas discussões e pesquisas realizadas pelos Grupos de Trabalho, a Reitoria da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO propôs a adoção do ensino remoto como resposta para a comunidade acadêmica, sendo o plano de retomada e o calendário acadêmico suplementar (Período Emergencial 2020.1) aprovado pelos Conselhos Superiores, por reunião virtual em meados de agosto de 2020.

A Escola de Educação adotou um sistema diferente para o curso de Pedagogia, que consiste em reunir alguns componentes curriculares e colocá-los na forma de seminários. Um exemplo disso seria um aluno que solicitou a disciplina de Psicologia da Infância [HFE 0094] e Psicologia da Educação [HFE 0051] e, ao invés desse aluno fazer cada matéria individualmente, a Escola de Educação decidiu agrupar essas duas disciplinas e as transformou em um seminário, onde o discente fará tudo de uma forma unificada e interdisciplinar.

Justificativa

Com essa pesquisa esperávamos compreender como está sendo essa primeira experiência com o Ensino Remoto do calendário emergencial suplementar 2020.1, a fim de contribuir para as futuras discussões sobre a ministração de disciplinas em formato de Seminários em uma possível recorrência desse cenário.

Buscamos entender como está sendo o aproveitamento das disciplinas que estão contidas nos seminários, promovendo assim a proposta de um ensino interdisciplinar para os estudantes, onde o agrupamento de disciplinas, a organização, a dinâmica, a interação e a comunicação entre os saberes são favoráveis ao aprendizado dos alunos pertencentes de cada turma.

Sabemos que a interdisciplinaridade é necessária para compreender a realidade e os saberes de forma global. Para Ivani Fazenda, ela “somente torna-se possível onde várias disciplinas se reúnem a partir de um mesmo objeto, porém, é necessário criar-se uma situação problema no sentido de Freire 1974, onde a ideia de projeto nasceu da consciência comum, da fé dos

investigadores no reconhecimento da complexidade do mesmo e na disponibilidade destes em redefinir o projeto a cada dúvida ou a cada resposta encontrada.” (FAZENDA, p. 98) Contudo é importante que ela seja, de fato, prática e que tenha sentido para a formação dos discentes.

Objetivo

Esta pesquisa teve como objetivo analisar, através de um questionário voltado para os estudantes de graduação da UNIRIO, como está sendo a experiência com a oferta de disciplinas agrupadas em seminários, sob uma proposta interdisciplinar, durante esse período de pandemia e que impactos tem gerado para os discentes, e contribuir com sugestões e melhorias caso o ensino remoto permaneça em 2021.

Procedimentos Metodológicos

Utilizamos uma metodologia de pesquisa de opinião, seguindo o método sugerido pelo projeto Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião - NEPSO.

População, Amostra e Técnica de Amostragem

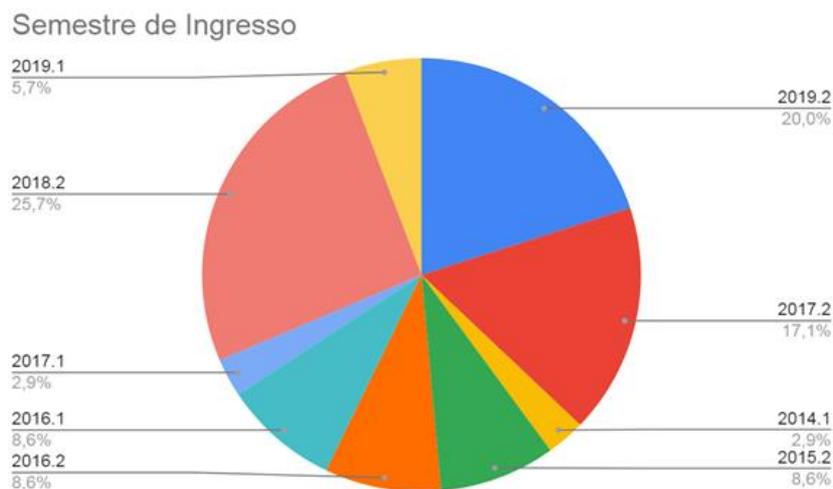
A presente pesquisa teve como população os discentes da UNIRIO do curso de Pedagogia. Como amostra, procuramos entrevistar cerca de 35 universitários que estejam cursando disciplinas no modelo de seminário, através de um questionário individual que foi enviado pelas principais redes sociais, através dos grupos onde se concentram os discentes de Pedagogia.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

Questionário constituído de 9 perguntas, sendo elas tanto quantitativas quanto qualitativas, por meio de questões fechadas, abertas e mistas. A estratégia de coleta se deu de forma remota, on-line, utilizando um formulário elaborado na plataforma Google Forms.

Apresentação e Análise dos Dados

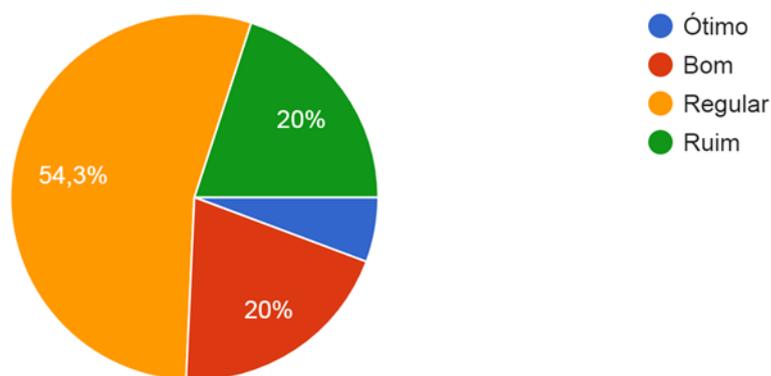
Dentre os entrevistados, todos pertencem ao curso de Pedagogia. Dado já esperado pois o formulário para coleta de dados foi compartilhado entre os grupos de pedagogia nas redes sociais e nos aplicativos de mensagem.



Em relação ao semestre de ingresso dos estudantes, 25,7% dos alunos ingressaram na UNIRIO em 2018.2. 20,0% dos alunos ingressaram em 2019.2, e 17,1% dos alunos ingressaram em 2017.2. A porcentagem de alunos que ingressaram em 2015.2, 2016.1 e 2016.2 foi de 8,6% em cada semestre. 5,7% dos estudantes ingressaram em 2019.1 e em 2014.1 e 2017.1 a porcentagem de alunos ingressantes foi de 2,9% em cada semestre.

O que você está achando do Ensino Remoto até o momento?

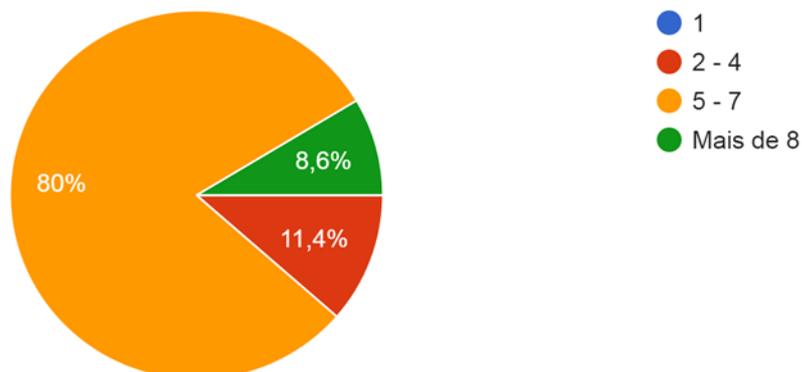
35 respostas



No que tange a opinião dos estudantes, 54,3% responderam que o Ensino Remoto, até o momento, tem se mostrado regular. 20% dos entrevistados responderam que vem sendo bom, e outros 20%, ruim. Apenas 5,7% disseram que o Ensino Remoto está sendo ótimo.

Quantas disciplinas você havia conseguido ANTES do período da Pandemia?

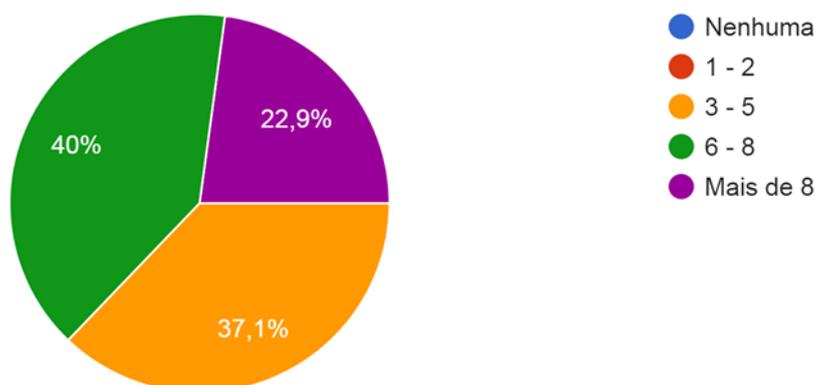
35 respostas



Quando perguntado o número de disciplinas inscritas antes da suspensão das atividades acadêmicas, 80% dos universitários disseram ter incluído de 5 a 7 disciplinas. 11,4%, entre 2 e 4 disciplinas, e 8,6% declararam mais de 8. Não obtivemos resposta de quem tenha incluído apenas uma disciplina.

Quantas disciplinas solicitou para o período do Calendário Suplementar de 2020.1?

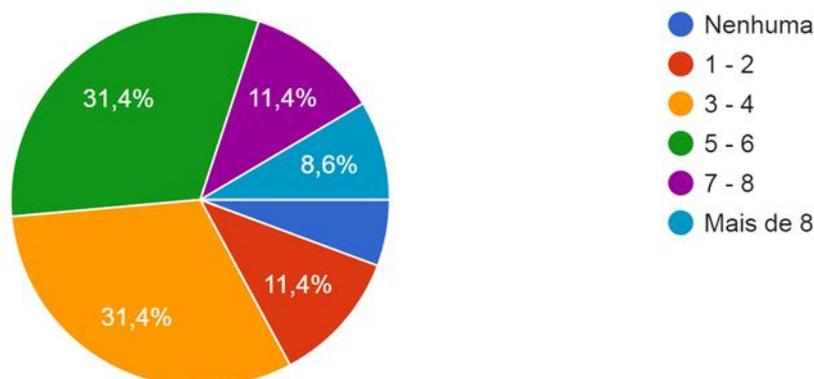
35 respostas



Ao perguntar sobre a solicitação de disciplinas para o Calendário Suplementar, 40% tentaram de 6 a 8 disciplinas, 37,1% solicitaram de 3 a 5, e 22,9% recorreram a mais de 8. Não obtivemos respostas de quem não solicitou nenhuma disciplina.

Quantas você conseguiu?

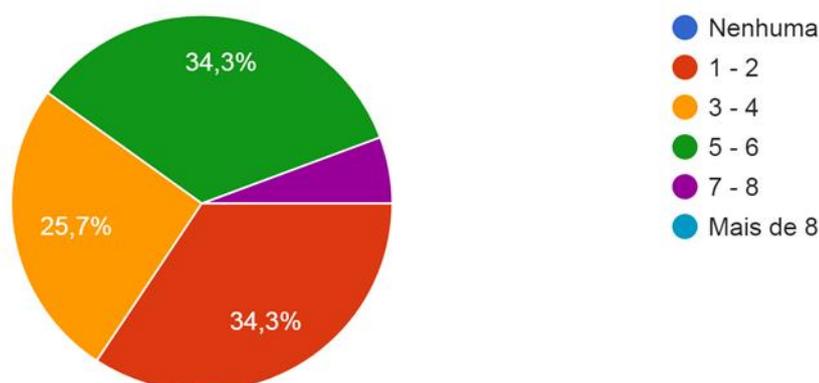
35 respostas



Dentre os universitários que solicitaram alguma disciplina, enquanto 31,4% conseguiram de 5 a 6 disciplinas, outros 31,4% conseguiram entre 3 e 4. Os que conseguiram entre 7 e 8 foram 11,4% dos estudantes, sendo essa a mesma porcentagem dos que foram inscritos em 1 ou duas disciplinas. 8,6% foram aceitos em mais de 8 disciplinas, enquanto 5,7% não conseguiram nenhuma.

Quantas dessas disciplinas estão alocadas em seminários?

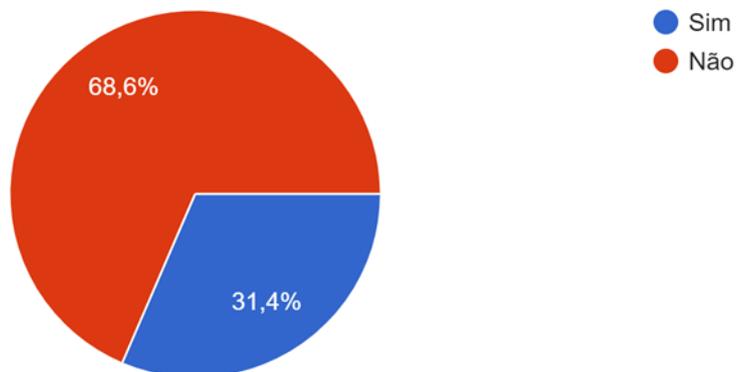
35 respostas



Dentre os universitários que estão inscritos nas disciplinas alocadas em seminários, 34,3% estão alocados em 1 ou 2, 25,7% estão alocados em 3 ou 4, 34,3% estão alocados em 5 ou 6 e o restante está alocado em 7 ou 8. Nenhum estudante está matriculado em disciplinas que NÃO estão alocadas em seminários.

Você conseguiu aproveitar o seminário para incluir mais uma disciplina?

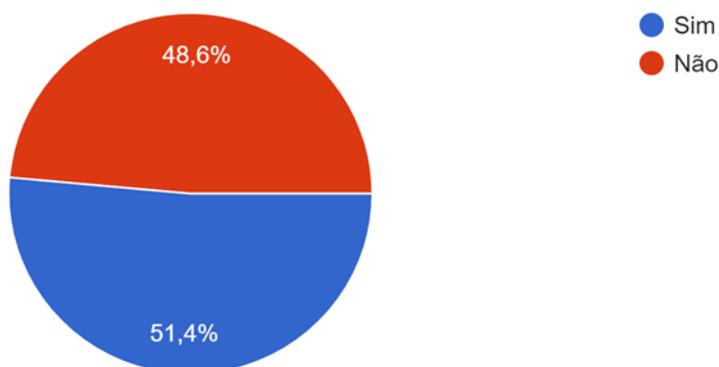
35 respostas



A maioria dos entrevistados, 68,6%, não pôde aproveitar do seminário para incluir mais alguma disciplina. 31,4% conseguiriam incluir mais uma disciplina contida no seminário a fim de dispor das aulas para a realização de pelo menos duas disciplinas.

O(s) seminário(s) está(estão) contribuindo para a sua aprendizagem?

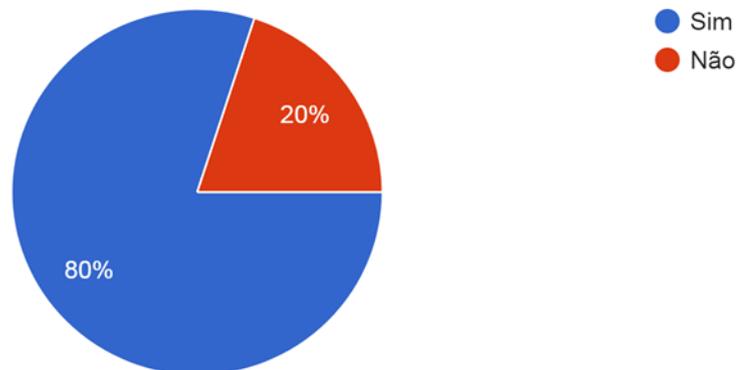
35 respostas



A respeito da contribuição dos seminários para a aprendizagem dos discentes, 51,4% acreditam que os seminários estão somando para formação, enquanto 48,6% alegam que os seminários não estão de fato favorecendo para a aprendizagem.

Você está tendo dificuldade em acompanhar as aulas e realizar as atividades?

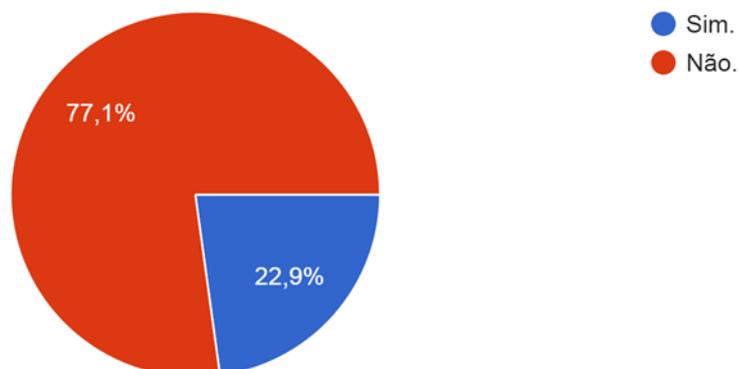
35 respostas



Quanto à existência ou não de dificuldade em acompanhar as aulas e realizar as tarefas, 80% disseram que sim, enquanto 20% responderam não ter dificuldade nas aulas.

Já excluiu alguma disciplina alocada em seminário?

35 respostas



Sobre a exclusão de disciplinas, 77,1% dos estudantes disseram que não excluíram nenhuma disciplina alocada em seminários e 22,9% disseram que excluíram alguma disciplina.

Aos que excluíram alguma disciplina, foi feita pergunta de resposta aberta para que fosse dito a razão da exclusão. Com isso, dentre os motivos mais comuns, estão:

- Alta carga de trabalhos e atividades;
- Horários sobrepostos,
- Desorganização por parte dos docentes.

Ainda tivemos uma resposta alegando a falta de privacidade para estudar e a má conexão de internet, fatores que implicam diretamente no desempenho dos discentes durante esse período de Ensino Remoto.

Ao final, abrimos espaço para sugestões dos próprios universitários, caso os seminários durante o Ensino Remoto tenham continuação em 2021. A maioria das propostas sugeridas pelos alunos foi a exclusão dos seminários e que as disciplinas sejam avaliadas de forma individual, ou que no momento da inscrição tenha a informação se a disciplina está na forma individual ou de seminário. Também foram sugeridos a redução da carga horária de aulas, trabalhos e melhor gerenciamento dos encontros síncronos. Além disso, foi proposta a supervisão por parte da Escola de Educação quanto às formas de avaliação, e o aumento na quantidade de vagas nas disciplinas. Outra sugestão foi a padronização das plataformas utilizadas, para que todos professores e alunos utilizem a mesma forma de comunicação. Alguns alunos também se queixaram da falta de clareza quanto à forma de avaliação e cobram mais empatia da parte dos professores, devido ao momento atípico que estamos vivendo.

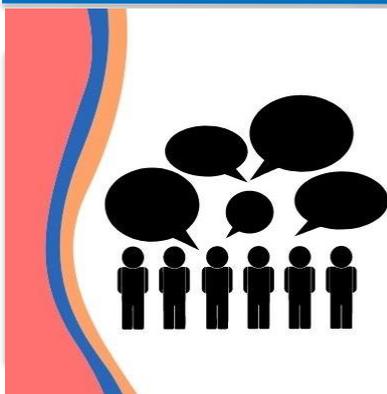
Conclusão

Diante de toda pesquisa e coleta de dados, pode-se perceber que muitos estudantes do curso de Pedagogia da UNIRIO não estão se adaptando ao modelo de seminários que foi implementado. Conforme a fala de um estudante, “as disciplinas que peguei e não estão em formato de seminário, estão bem mais tranquilas e organizadas.” É preciso muito cuidado para que essa medida não acabe prejudicando o processo de aprendizagem dos alunos, pois muitos dos entrevistados dizem que estão com dificuldades para entender e seguir esse modelo. A carga de trabalho está sendo demasiadamente grande e alguns discentes comentaram que estão pensando em excluir disciplinas e/ou trancar o curso por não estarem dando conta.

É importante pensar em como os docentes estão transmitindo esses seminários para que não haja nenhum desvio nesse processo de aprendizagem, pois “O uso de apenas um canal de comunicação otimizaria o tempo dos alunos, ao invés de utilizar vários diferentes.” como descreveu um aluno sobre essa situação em nossa resposta aberta.

Observa-se também que o período de solicitação de disciplinas para o calendário acadêmico suplementar de 2020.1 foi alvo de grandes queixas dos universitários, que indicaram a dificuldade com a solicitação de disciplinas, visto que muitos tiveram problemas para efetuar a inclusão por conta do escasso número de vagas. O número de alunos que conseguiu incluir de 6 a 7 disciplinas no período emergencial cai mais que a metade, comparado ao número de disciplinas incluídas antes da pandemia, tendo caído de 80% para apenas 31,4%.

Portanto, caso esse modelo de seminário permaneça em 2021, a Universidade como um todo já estará mais preparada para lidar com esse ensino remoto, e seria de extrema valia dar voz aos discentes que estão vivendo esse método de ensino e podem contribuir muito para que o processo de aprendizagem seja cada vez mais eficaz.



PROFESSORES NO ENSINO REMOTO E SEUS DESDOBRAMENTOS

*Amanda Soares, Carla Bazilio de Oliveira, Cristina
Miranda e Vanessa de Lima*

Introdução

Estamos vivenciando uma crise sanitária, nunca antes vista, e com ela tivemos que nos reinventar em muitos aspectos de nossas vidas pessoais, sociais e profissionais. Como graduandas do curso de Licenciatura em Pedagogia, consideramos importante pesquisar e analisar como a pandemia afetou a vida dos professores que já atuam nos anos iniciais do ensino fundamental. Nossa pesquisa buscou entender, a partir das experiências vivenciadas e relatadas por professores no atual cenário pandêmico, como tem sido os desdobramentos ocasionados pelo ensino remoto, assim como as mudanças no tempo de jornada de trabalho, acessibilidade a recursos tecnológicos, formação docente para o uso de ferramentas digitais para ensino, entre outras questões que surgiram a partir das respostas coletadas por meio de formulário.

Justificativa

Os profissionais da educação foram uma das categorias mais afetadas pela atual pandemia de Covid-19. De uma hora para outra, as escolas foram fechadas e os professores precisaram se adaptar ao ensino remoto, com o uso dos aparatos diferenciados do tradicional escolar, ambientes virtuais, alunos ausentes e ao próprio ambiente físico, que agora é sua casa, fora o investimento material. Dessa forma, percebemos a necessidade de entender como esses profissionais foram impactados pelas demandas impostas pelas necessidades do isolamento social por conta da pandemia, pela falta de experiência de trabalhar remotamente, e se no período em que foi decretado a retomada das aulas de forma remota esses professores tinham condições mínimas estruturais (equipamento eletrônico e serviços de conexão) ou precisaram fazer um investimento financeiro para prosseguirem com seus trabalhos.

Objetivos

Compreender como alguns professores dos anos iniciais do ensino fundamental da rede municipal do Rio de Janeiro estão enfrentando as mudanças ocasionadas pelo novo formato de trabalho e seus impactos.

Procedimentos Metodológicos

Realizamos uma pesquisa por amostragem simples que buscou compreender alguns problemas enfrentados pelos professores e que foram ocasionados pelas atuais condições de trabalho em tempos de pandemia.

A pesquisa foi de base quantitativa, pois utilizamos um questionário com perguntas claras e objetivas para um público previamente definido, com relatório e conclusões apresentados neste relatório.

População

Definimos como público-alvo professores dos anos iniciais do ensino fundamental, que lecionam na rede municipal do Rio de Janeiro, o que compreende do 1º ao 5º ano de ensino.

Amostra e Técnica de Amostragem

Professores do ensino fundamental do 1º ao 5º ano, da rede municipal do Rio de Janeiro. A identificação de amostragem foi feita através da rede social WhatsApp. O formulário foi encaminhado nos grupos do WhatsApp das respectivas escolas: Escola Municipal Pablo Neruda, Escola Municipal Professor Fábio César Pacífico, Escola Municipal Casimiro de Abreu e Escola Municipal Primário Dulce Araújo.

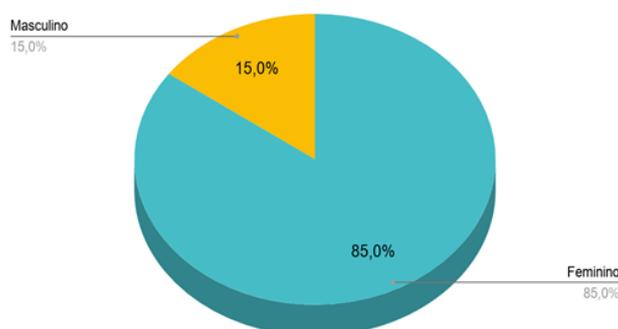
Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

O instrumento utilizado para coletar dados foi um questionário on-line, feito no google formulário. Devido às condições de isolamento social que estamos vivenciando, a coleta de dados foi feita totalmente à distância. O endereço eletrônico do formulário foi compartilhado com pessoas previamente identificadas como público-alvo da pesquisa, através de grupos de escolas na rede social WhatsApp.

Apresentação e Análise dos Dados

Para a realização da nossa pesquisa vinte professores dos anos iniciais, da rede pública do Rio de Janeiro responderam ao questionário online.

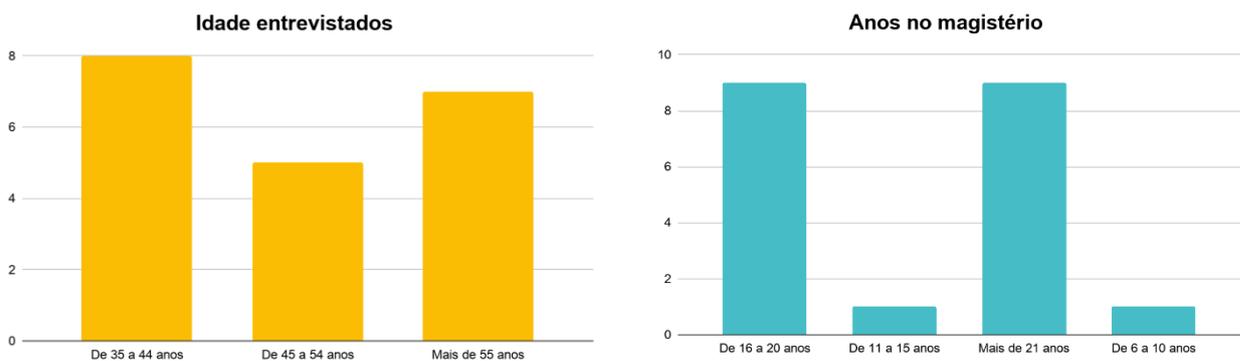
Dado o recorte de nossa pesquisa, foi identificado que a maioria dos entrevistados se identificam com o gênero feminino, contabilizando 85% dos entrevistados.



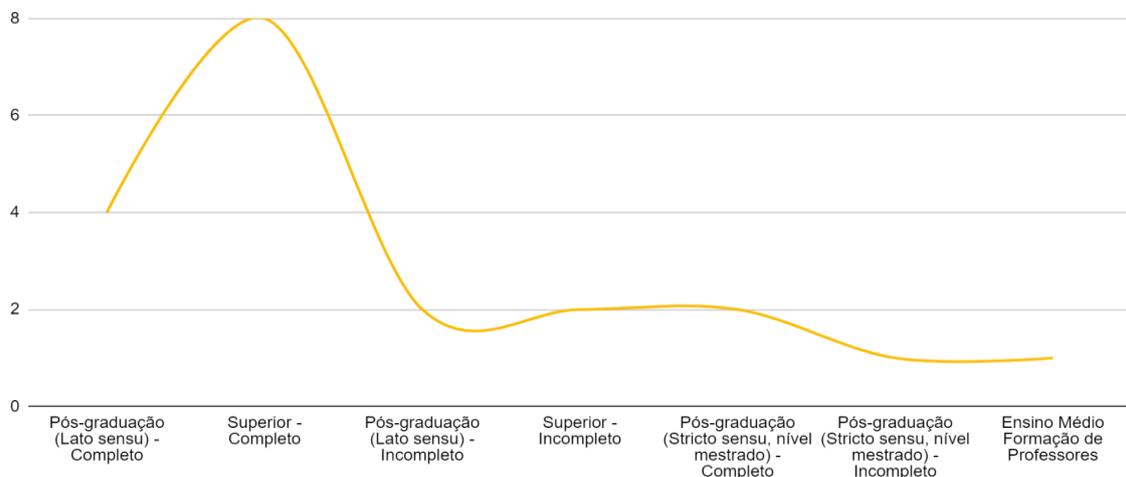
O que reafirma que as mulheres ainda são a maioria no magistério, algo que começou com a reforma educacional pombalina, em que a mulher iniciou o seu papel como profissional, sendo isso algo positivo para a época. No entanto, essa condição da predominância, como visto na pesquisa, das mulheres se deu início com o decreto de 1831, que as permitiu receber menos que os homens e, além disso, havia o discurso, já no século XIX, em que elas tinham uma vocação natural para educar.

Perpetua-se atualmente, ainda, uma herança deixada pelo Brasil colônia, no qual via-se o cuidado e afeto ligado apenas às mulheres, porém quando desconstruído este pensamento, percebe-se que tais cuidados podem estar presentes tanto no fazer de professores quanto de professoras. Apesar da amostra ter sido feita com um pequeno grupo de professores, podemos constatar que a educação dos anos iniciais ainda é composta majoritariamente por professoras.

No total de vinte professores participantes da pesquisa, 40% desse total estão na faixa etária entre os 35 a 44 anos. A maioria dos participantes da pesquisa, o correspondente a 90%, possuem mais de 16 anos de magistério.



Um ponto importante em nossa pesquisa foi identificar que 40% dos participantes possuem nível superior completo e 10% mestrado:

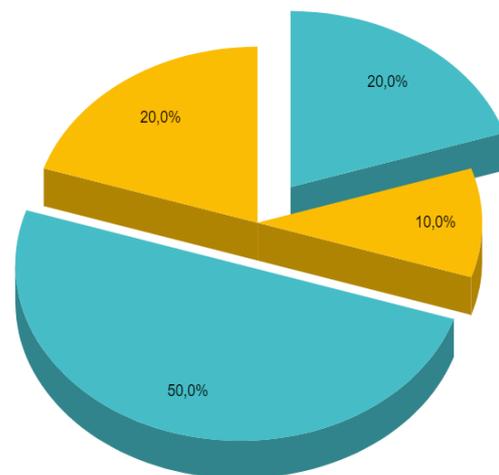


Esse dado é de muita valia, pois nos permite compreender que os profissionais estão cada dia mais preocupados em sua formação acadêmica e que buscam se aperfeiçoar cada dia mais. É indiscutível que ainda há muito que melhorar, inclusive para que os educadores sejam cada vez mais valorizados.

Com a transposição do ensino presencial para o ensino remoto, houve um considerável aumento no uso de equipamentos eletrônicos com finalidade de trabalho. Sendo assim, nota-se que 50% dos participantes atualmente passam mais de 8 horas usando essas tecnologias, seguido de 20% que fazem uso entre 6 a 8 horas. No entanto, antes da pandemia, 55% dos entrevistados utilizavam, no máximo de 3 horas, esses equipamentos para tal finalidade.

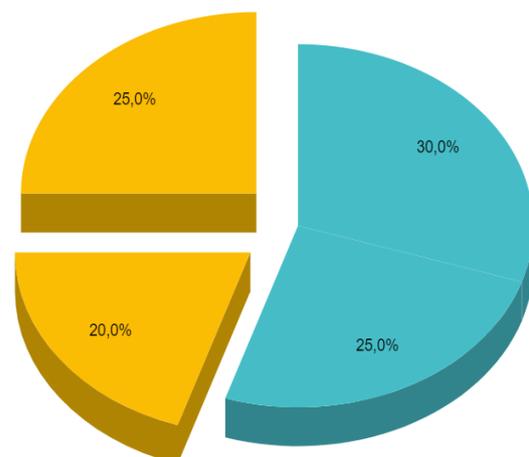
Agora Pandemia

- 6 - 8 horas
- 1 - 4 horas
- Mais de 8 horas
- 4 - 6 horas



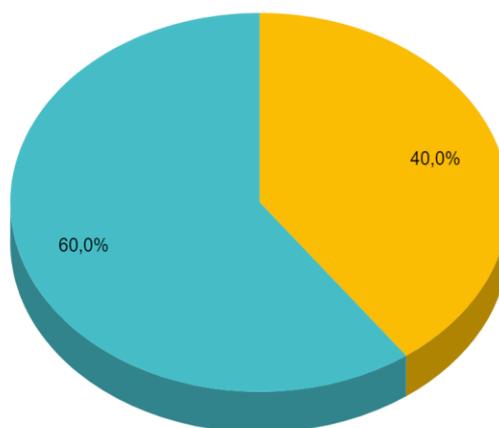
Antes Pandemia

- De 2h - 3h
- Até 1h
- Mais de 5h
- De 3h - 5h



Sobre acessibilidade a recursos tecnológicos, perguntamos aos professores se foi preciso fazer alguma aquisição de equipamentos eletrônicos para trabalharem de forma remota. Dos 20 participantes, 12 (60%) responderam que sim, precisaram comprar e os outros 8 participantes indicaram que não.

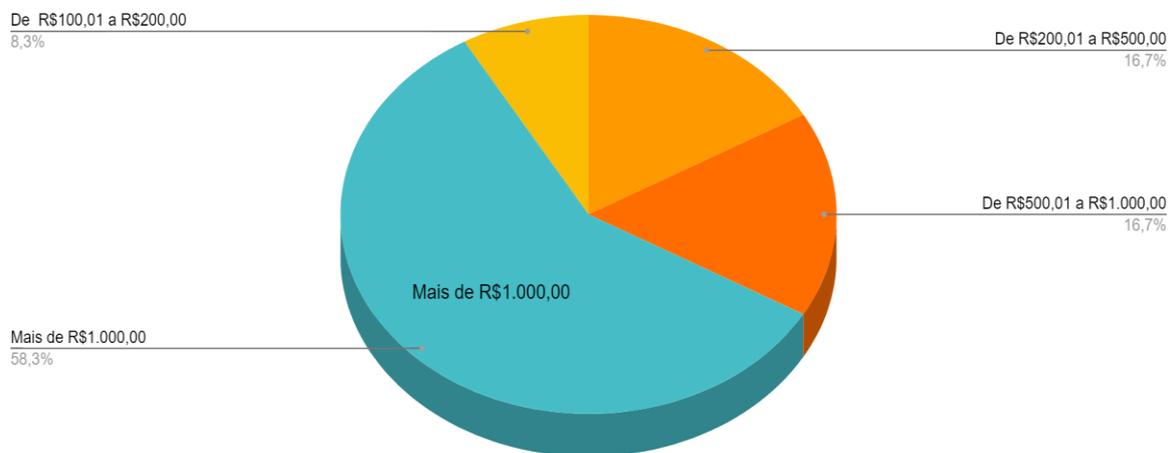
● Não
● Sim



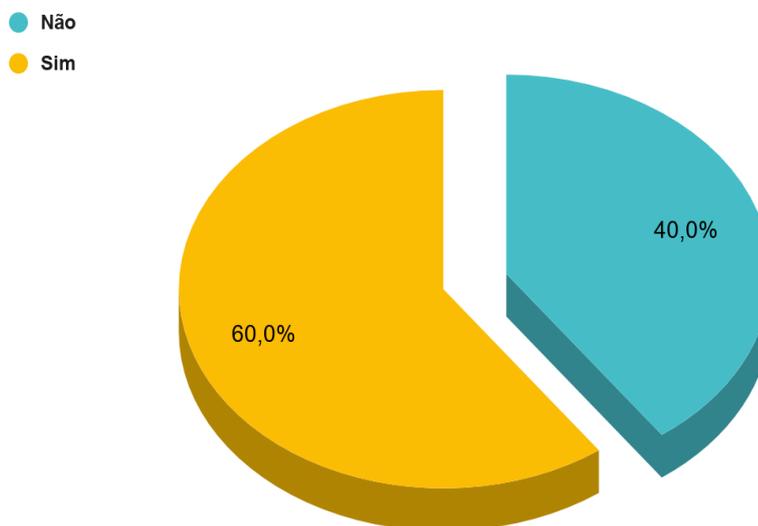
A pesquisa nos mostrou que 60% dos profissionais tiveram que investir financeiramente na aquisição de equipamentos tecnológicos para trabalharem remotamente. Indicando que apesar de vivermos em uma era tecnológica as pessoas ainda vivem uma grande exclusão digital - uma das desigualdades que foram ainda mais evidenciadas com o advento da pandemia. Com isso, concluímos que a maioria dos professores não tinha a acessibilidade necessária para iniciar o trabalho de forma remota.

A pandemia nos trouxe uma mudança muito rápida, muito além do que era previsto. Era imaginado que as tecnologias seriam o futuro da educação, mas não foi previsto que tal questão ocorreria de uma hora para outra, por isso muito profissionais ainda não estavam preparados. Sendo assim, a falta de equipamentos tecnológicos não era algo que afetava em suas práticas, inclusive pela falta de insumos nas escolas públicas. Portanto, com a obrigatoriedade do “homeschool” muitos foram obrigados a se adaptarem e isso é perceptível nessa porcentagem de 60% que precisou investir em equipamentos.

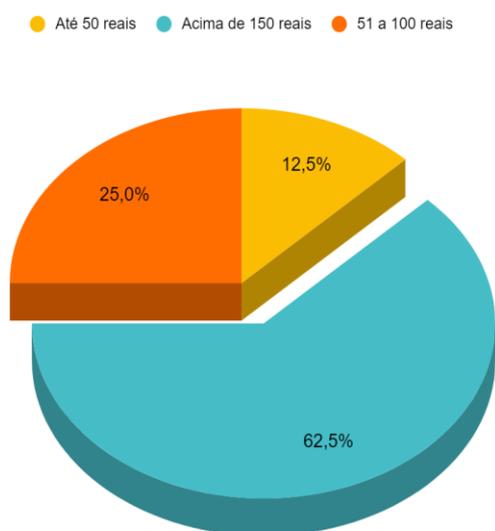
Perguntamos qual valor aproximadamente os participantes, que responderam sim à questão anterior, gastaram com compra de equipamentos. Desses 12 participantes, 7 deles (58%) gastaram mais de mil reais, conforme mostra o gráfico a seguir:



Sobre os serviços de conexão/internet, perguntamos se os participantes precisaram contratar esses serviços para trabalhar de forma remota. Dos 20 participantes, 12 (60%) responderam que não, e os outros 8 (40%) responderam que precisaram - conforme gráfico apresentado abaixo:



Dos 8 participantes que precisaram contratar serviços de conexões de dados/internet 62,5% tiveram um gasto mensal acima de R\$ 150 com esses custos, seguido de 25% que tiveram gastos entre RS 51 a R\$ 100 e 13% com gastos até RS 50.



Quando perguntado se a instituição escolar ofereceu alguma ajuda de custo para compra de equipamentos eletrônicos ou contratação de serviços de dados, a resposta foi unânime como no gráfico a seguir, 100% responderam que não.

Nos chamou atenção, também, que 100% dos professores afirmaram que as escolas, nas quais lecionam não ofereceram ajuda de custo para a compra de equipamentos e conexão para internet e que 58% gastaram mais de R\$ 1.000,00 em compra de equipamentos.

Tal dado comprova o quanto os governos não estão preocupados em investir em políticas públicas na área de educação. Não oferecer ajuda de custo para compra de equipamentos para o desenvolvimento do trabalho, comprova que as instituições responsáveis colocaram a responsabilidade de seguir ensinando aos professores, pois tiveram que se inquietar e investir de suas próprias rendas para permanecer ensinando e fazendo seu trabalho da melhor forma possível.

Perguntamos se a instituição escolar ofereceu formação continuada para adaptar as práticas pedagógicas para o ensino remoto e 100% dos participantes responderam que sim

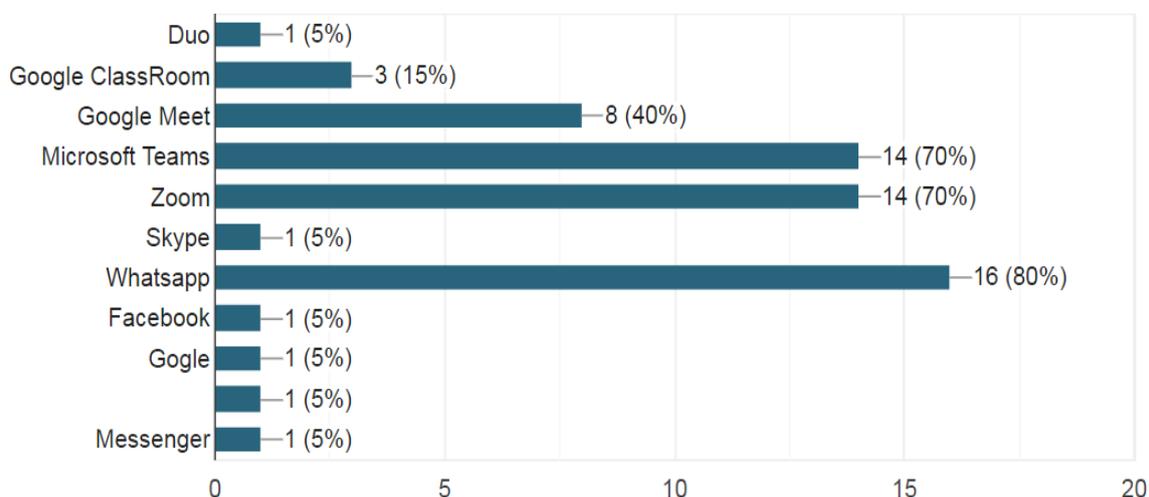
Apesar disso, 100% dos entrevistados disseram que as escolas, nas quais atuam, ofereceram alguma formação continuada para melhor se adaptarem ao ensino remoto, o que demonstra o despreparo tanto da escola como dos seus professores para trabalhar remotamente por conta da pandemia.

A formação continuada faz parte do processo e deve sempre estar presente na vida profissional dos professores. Dessa forma, esse dado não deveria ser uma surpresa, pois esse procedimento é fundamental e deve ser sempre implementado pelos órgãos responsáveis, principalmente num momento totalmente distante da realidade e que conhecer as novas práticas e tecnologias são primordiais para a continuidade do processo educativo.

A partir das duas últimas perguntas respondidas pelos participantes, percebemos que a instituição de ensino apesar de oferecer o ensino remoto em sua rede de ensino, não foi capaz de oferecer qualquer ajuda de custo para a acessibilidade digital de seus professores, mas apesar disso ofereceu formação continuada para a adaptação ao ensino remoto. No que tange à ação do município, tal informação parece um tanto incoerente, pois oferecer uma educação continuada para a utilização de algo que o professor não possui, infelizmente não faz sentido algum.

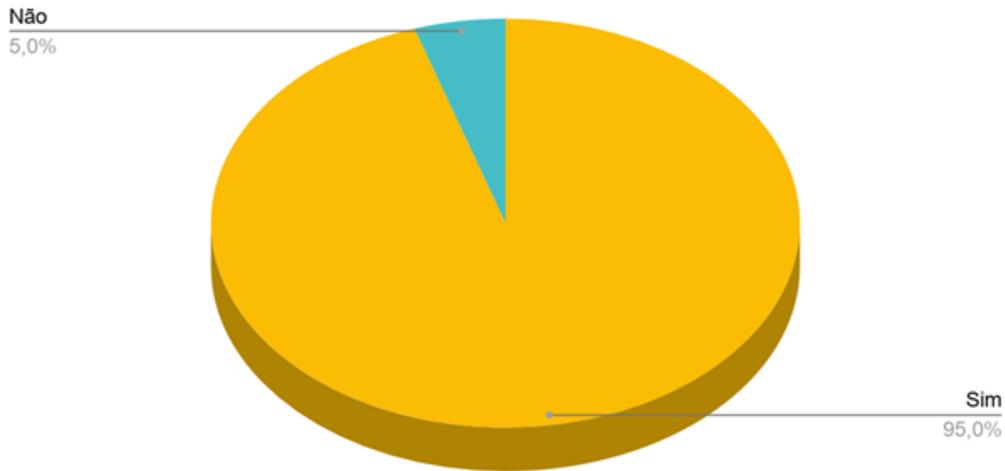
Quando perguntado sobre aplicativos que iniciaram o uso neste período com maior frequência, a maioria respondeu WhatsApp, Microsoft Teams, Zoom e Google Meet, conforme a tabela a seguir:

Quais aplicativos você começou a usar neste período ou com mais frequência?
(pode marcar mais de uma opção)

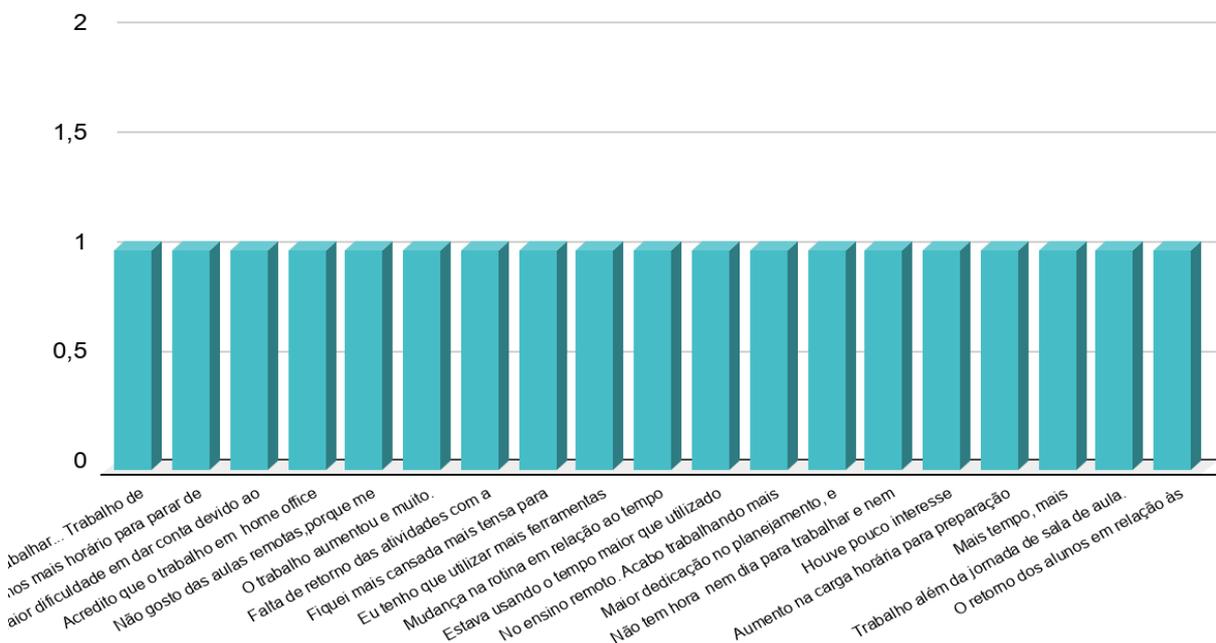


Percebemos que disparadamente o aplicativo mais usado foi o WhatsApp, aplicativo de mensagens instantâneas já usadas anteriormente de forma pessoal, em seguida foi o Microsoft Teams, uma plataforma que a Secretaria Municipal de Educação disponibilizou em parceria com a Microsoft e ofereceu em seus cursos de formação continuada. seguido pelos aplicativos zoom e Google Meet que são de exclusivos de videoconferência, um mais acessível e intuitivo.

Perguntamos se os professores participantes perceberam alguma alteração na jornada de trabalho, fazendo um comparativo do ensino presencial e o ensino remoto, 90% dos participantes afirmaram que sim, como no gráfico a seguir.

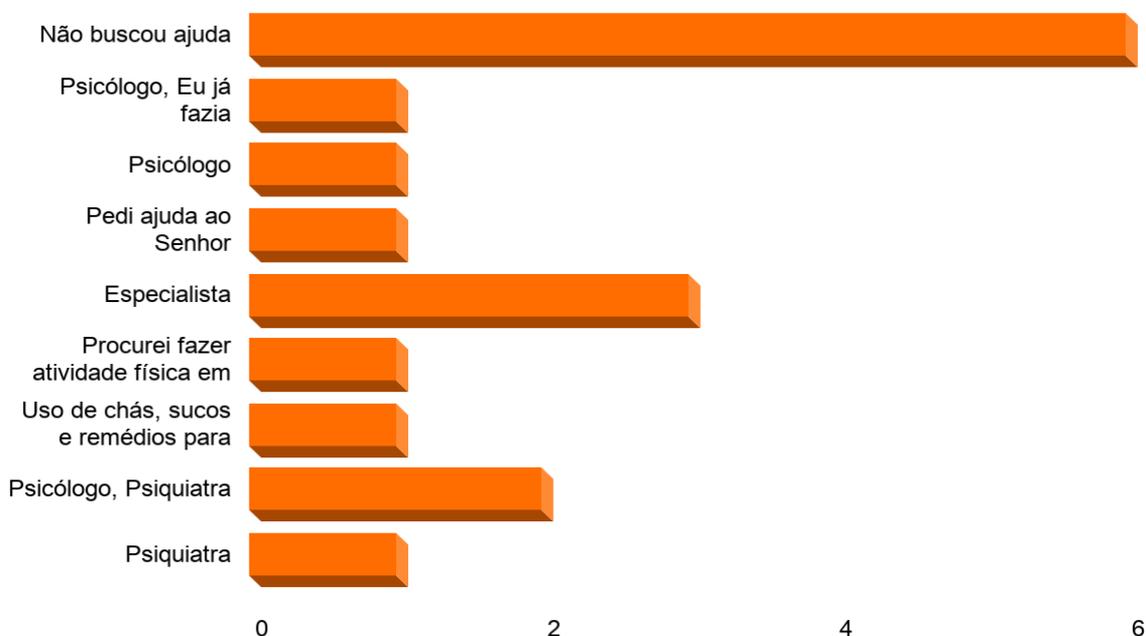


Quando perguntado sobre as alterações percebidas, a maioria dos professores responderam que tiveram aumento na jornada de trabalho, cansaço, não tem horário pré-definido, trabalho inclusive aos finais de semana. Veja tabela abaixo:



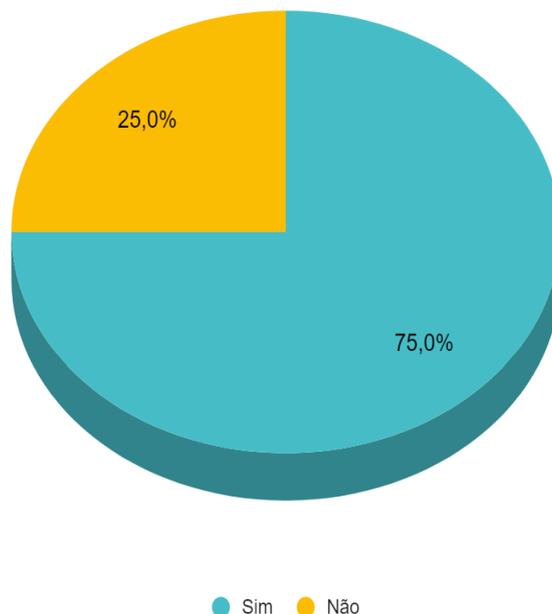
Verificamos, pelo gráfico, que o trabalho de forma remota trouxe o aumento da jornada de trabalho e, ao longo do tempo, também trouxe mais desgaste físico e mental dos professores.

Perguntamos se esses professores que afirmaram sentir algum (alguns) impacto (s) na saúde buscaram ajuda para lidar com isso, e se sim, que tipo de ajuda foi essa. Conforme mostra a tabela abaixo, apesar de 17 professores terem afirmado sentir algum impacto, 6 deles não procuraram nenhum tipo de ajuda e dos outros 11 que buscaram algum suporte, os mais procurados foram: psicólogo, psiquiatra ou outro especialista.



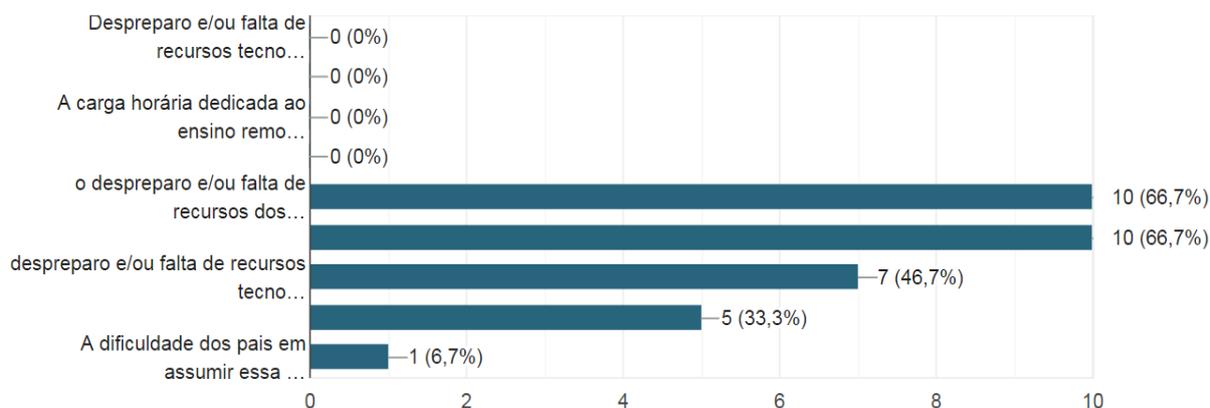
Como nessa pergunta poderiam ser marcadas muitas opções, observamos que alguns professores recorreram ao psicólogo e ao psiquiatra simultaneamente. Sabemos que nas últimas décadas um tema que tem sido cada vez mais discutido é a saúde psíquica (mental) de professores, e outros profissionais da educação. Essa condição de sofrimento mental foi evidenciada e intensificada ainda mais agora na pandemia, conforme apresentado na pesquisa “Saúde mental de docentes em tempos de pandemia: os impactos das atividades remotas”

Na questão seguinte, perguntamos de forma objetiva se os participantes encontraram dificuldades para realizarem suas atividades pedagógicas. Como mostra o gráfico abaixo, 75% dos participantes (15) afirmaram que encontraram dificuldades, os outros 25% dos participantes (5) responderam que não.



Aos participantes que afirmaram ter encontrado alguma dificuldade para realizar suas atividades pedagógicas, perguntamos quais foram essas dificuldades, listamos algumas possíveis motivos e deixamos um campo “outros” para o professor acrescentar outras dificuldades contemplasse a sua opinião. Como nessa questão poderiam ser marcadas mais de uma opção de resposta, vemos que as dificuldades mais selecionadas pelos participantes foram: despreparo e/ou falta de recursos tecnológicos próprios, o despreparo e/ou falta de recursos dos alunos para o ensino remoto, a carga horária dedicada ao ensino remoto. Apenas um dos participantes acrescentou uma opção de resposta que foi a “dificuldade dos pais em assumir essa nova responsabilidade” conforme mostra a tabela abaixo:

Quais foram as dificuldades que mais impactaram nas suas ações?



Pedimos aos participantes que resumisse em uma palavra a experiência do ensino remoto para eles, e o resultado você visualiza na nuvem de palavras a seguir:



Conclusões e Recomendações

Percebemos, pela análise dos dados, que a presença da mulher no magistério, principalmente no que se refere aos anos iniciais do ensino fundamental, é maioria, contudo este não é um fenômeno novo, conforme os fatos históricos vem nos mostrando ao longo do tempo.

Identificamos que a maioria dos professores entrevistados possuem vasta experiência em sala de aula, considerando também que um dos principais motivos é o fato de serem funcionários públicos com estabilidade. Tais dados demonstram, ainda, que poucos recém-formados estão na educação pública, o que pode ocasionar na falta de recursos humanos para repor as possíveis aposentadorias, acarretando a necessidade de se fazer concursos públicos futuros para esta categoria profissional. Além disso, a presença de profissionais “jovens”, podem trazer novas práticas, metodologias e disposição, transmitindo tais práticas aos profissionais mais antigos, permitindo uma troca rica e essencial para melhorar o ambiente escolar.

Ficou claro que a experiência com o ensino remoto foi difícil, um desafio e de adaptação para muitos dos que responderam o questionário. Os professores tiveram que resignificar sua forma de dar aulas e lidar com outro aspecto desafiador, o uso da tecnologia em suas práticas pedagógicas. De qualquer forma, diante do quadro de pandemia que ainda assola o mundo, lançar mão do ensino remoto parecer ser algo necessário, para que os prejuízos educacionais sejam minimizados e para que os governos garantam à preservação do direito à educação.

Embora não se tenha uma amostra grande de participantes desta pesquisa, podemos notar que a pandemia e a necessidade de se trabalhar de forma remota expôs a real condição de trabalho, formação, acessibilidade e saúde dos professores até então.

A pandemia corroborou o entendimento de que é preciso fazer políticas públicas para a educação de forma que se preveja momentos de crise, no qual os recursos devem ser disponibilizados para garantir a manutenção do processo de ensino e aprendizagem. É claro que esses recursos não devem ser mantidos apenas num momento de crise ou de forma eleitoreira, mas algo permanente. Os aportes tecnológicos devem ser garantidos para as escolas tanto no que se refere à gestão quanto às ações pedagógicas.

É preciso repensar e reestruturar as condições de trabalho oferecidas aos docentes, condições que sempre foram muito precarizadas, apesar de alguns avanços da categoria. Esses profissionais antes da pandemia já enfrentavam jornadas de trabalhos cansativas, e agora percebemos que no ensino remoto esse problema intensificou-se ainda mais ao somar as demandas domésticas às demandas profissionais num espaço que antes era apenas pessoal.

A Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, possui o programa Saúde Vocal do Professor que tem como objetivo prevenir problemas vocais e restabelecer a saúde da voz dos professores. A partir desse programa e com base nas análises dos relatos dos professores participantes desta pesquisa, percebemos que há grande necessidade de criar um projeto que cuide para além da saúde física dos docentes. Um projeto direcionado a cuidar da saúde mental dos professores é de extrema importância, visto que os profissionais da educação tem sido cada vez mais acometidos desses transtornos, e não temos dúvida que a situação pandêmica e o ensino remoto poderão acentuar ainda mais essa situação a curto prazo.

Concluimos que é de suma importância que gestores públicos e sociedade civil tenham uma escuta atenta às demandas e necessidades trazidas pelos professores, buscando atuar de forma dialógica e colaborativa em prol da comunidade escolar.

Referências

OLIVEIRA, Dalila Andrade (Coord). Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente e Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação. Trabalho docente em tempos de pandemia. Relatório técnico. 2020. Disponível em: http://abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2020/07/cnte_relatorio_da_pesquisa_covid_gestrado_v02.pdf. Acesso em: 05 nov. 2020.

Instituto Península. Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do coronavírus no Brasil. Relatório de Pesquisa. Maio 2020. Disponível em: https://www.institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2020/05/Covid19_InstitutoPeninsula_Fase2_at%C3%A91405-1.pdf. Acesso em: 06 nov 2020.

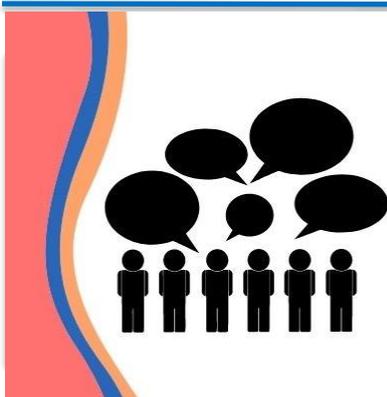
MONTENEGRO, Fábio; RIBEIRO, Vera Masagão. Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor /. 3. ed. São Paulo: Editora Global, 2010. 102 p. Disponível em: <http://www.nepso.net/download/478>. Acesso em: 05 nov. 2020.

PESSOA PEREIRA, Hortência; VIANA SANTOS, Fábio; AGUIAR MANENTI, Mariana. SAÚDE MENTAL DE DOCENTES EM TEMPOS DE PANDEMIA: OS IMPACTOS DAS ATIVIDADES REMOTAS. Boletim de Conjuntura (BOCA), Boa Vista, v. 3, n. 9, p. 26-32, aug. 2020. ISSN 2675-1488. Disponível em: <https://revista.ufr.br/boca/article/view/Pereiraetal>. Acesso em: 27 nov. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.5281/zenodo.3986851>.

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. UM OLHAR NA HISTÓRIA: A MULHER NA ESCOLA (Brasil 1549-1910). História e Memória da Educação Brasileira, 2002. Disponível em <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0539.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2020.

ATAIDE, Patrícia Costa. NUNES, Iran de Maria Leitão. Feminização da Profissão Docente: as representações das professoras sobre a relação entre ser mulher e ser professora do ensino fundamental. Revista Educação e Emancipação, São Luís, v. 9, n. 1, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducaoemancipacao/article/view/4984/3064>. Acesso em: 28 nov. 2020.

VIANNA, Claudia Pereira. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Org.). Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília, DF: Abaré, 2013. p. 159-180. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4253470/mod_resource/content/1/A%20feminiza%C3%A7%C3%A3o%20do%20Magist%C3%A9rio%20na%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica%20e%20os%20desafios%20para%20a%20pr%C3%A1tica%20e%20a%20identidade%20coletiva%20docente%20%282013%29.pdf. Acesso em: 28 nov. 2020.



O BRINCAR EM TEMPOS DE QUARENTENA

*Ana Clara Lonven, Fabiana Soares, Letícia Carcereiro,
Mariane Bittencourt e Tarciso Monteiro*

Introdução

O ano de 2020 foi, sem dúvidas, um ano de muitas mudanças. A pandemia causada pelo novo Coronavírus fez com que muitas pessoas revissem seus hábitos, e conseqüentemente, mudassem por completo o modo de vida. Com isso, parte dos trabalhadores migraram para o trabalho remoto, as máscaras tornaram-se peças fundamentais do nosso guarda-roupa, crianças e adolescentes passaram a estudar de forma remota. As aulas online fizeram com que muitas crianças perdessem todo o contato físico com amigos e colegas da escola devido ao isolamento social e a paralisação das instituições escolares. Tendo em vista tal fator, eis que surge a pergunta: Como continuar sendo criança com o isolamento social? É fato que crianças precisam brincar, de convívio social, contato físico e estudar. Os estudos foram retomados remotamente, o contato físico ainda existe, por mais que seja pouco, mas, e a diversão?

Uma pesquisa divulgada pelo C. Lab, laboratório interno de pesquisas da Nestlé, informou que apenas 28% das crianças praticaram algum tipo de atividade física no período da pandemia (O GLOBO, 2020). Esse número reflete muito como a falta de ir à escola tem afetado diretamente à vida dessas crianças que antes tinham uma vida mais ativa. Além de todas as questões sociais envolvidas no contexto da pandemia, a internet têm sido uma grande aliada nesse processo de mudança. Entretanto, além de aliada, ela pode também ser um problema, uma vez que estar dentro de casa, isolado, pode ser o principal fator para não praticar exercícios. É de extrema importância que usemos este contexto em que estamos vivendo para resgatar brincadeiras que estejam associadas a prática de atividade física. Brinquedos que foram deixados de lado por causa da internet continuaram esquecidos? Continuamos ainda com nossas crianças vidradas 100% na tela do celular assistindo vídeos e jogando jogos virtuais? Não seria importante unificar esses vários recursos que possuímos para construir uma vida mais saudável nessa pandemia?

Justificativa

A pandemia de Coronavírus obrigou a população brasileira a modificar sua rotina e a tomar mais cuidados com a saúde, higiene e limpeza de suas casas. Salvo trabalhadores de serviços essenciais, muitas pessoas passaram a trabalhar remotamente, ficando em casa em tempo integral. As crianças e adolescentes, estudantes de redes públicas e privadas, tiveram suas

aulas presenciais suspensas e substituídas por aulas via internet, e as escolas passaram a ficar fechadas (O GLOBO, 2020).

O fechamento das escolas gerou um outro problema: crianças em vulnerabilidade, além da privação do convívio social, ficaram sem uma alimentação adequada, muitas só se alimentavam na escola. Da mesma forma, muitos trabalhadores precisaram interromper suas atividades, porém não para trabalhar de casa e nem para retornar às atividades após o período de quarentena. Essas pessoas perderam seus empregos durante a pandemia e tiveram uma diminuição na renda familiar (Correio Braziliense, 2020), tendo que aceitar conviver com a diminuição da renda, ou sair de casa no meio da pandemia para conseguir a subsistência de suas famílias. O Governo Federal repassou à parte da população o auxílio emergencial, alguns tentam viver com o dinheiro e a outra parte da população nem isso conseguiu (G1, 2020).

Além disso, as pessoas que não tiveram seus serviços paralisados, precisaram criar formas de prevenir a entrada do vírus nas suas casas, pois, estando frequentemente em contato com o mundo exterior, poderiam levar a doença para suas famílias. Será que pais que continuaram trabalhando fora abraçam seus filhos assim que chegam? Como se comporta essa criança estando vários dias inteiros em casa, longe de um ou ambos os pais, e não podendo recepcioná-los na volta do trabalho?

Muitas mudanças aconteceram nas vidas dessas famílias e a justificativa para a realização desta pesquisa é compreender o impacto que o Coronavírus causou na vida da população, principalmente nas famílias com filhos ainda na infância. Crianças e adolescentes passaram a ficar o dia inteiro em casa, muitas vezes sem rotina de estudos, pois não foram todas as escolas que aderiram à nova modalidade de ensino (G1, 2020) e não é toda a população que tem o acesso a ferramentas tecnológicas para assistirem às aulas (G1, 2020). Além disso, muitos pais não têm tempo para supervisionar essa rotina.

Em adição a isso, existem também crianças e adolescentes que realizavam atividades extras, como esportes, danças, cursos de idiomas etc., que também precisaram ser paralisadas. As pessoas ficaram longe de seus amigos, colegas de trabalho e escola, familiares que não moram na mesma casa e, enfim, longe da vida social. Os jogos e brincadeiras passaram a ser realizadas somente entre crianças que moravam juntas (não necessariamente irmãos) já que creches e escolas fecharam, e tornou-se comum aparecer reportagens nas quais vemos pais, mães e outras pessoas que passam o dia cuidando de crianças se desdobrando para criar diversões e atividades lúdicas para distraí-las.

Objetivos

O objetivo desta pesquisa foi descobrir como pessoas responsáveis por crianças em fase escolar estão lidando com a quarentena. A pesquisa questionou os pais e responsáveis sobre o que eles fizeram para distrair, divertir e adaptar a rotina, no que tange ao brincar, das crianças a essa nova situação.

Procedimentos Metodológicos

Utilizamos uma metodologia de pesquisa de opinião, seguindo o método sugerido pelo projeto Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião - NEPSO.

População

Segundo a LDB, o ensino básico é obrigatório para pessoas de 4 a 17 anos (LDB, Art.4). Isto é pertinente, pois a pesquisa foi voltada para famílias nas quais os filhos, antes da quarentena, tinham a rotina de ir à escola, e com isso, os pais tinham tempo para realizar seus trabalhos e atividades enquanto os filhos estavam fora, não havendo uma responsabilidade direta com atividades desenvolvidas na escola.

Amostra e Técnica de Amostragem

A pesquisa foi disponibilizada em redes sociais, e enviada para pessoas próximas e, através delas, repassada a outras pessoas, ou seja, junto com o formulário de pesquisa foi enviado um pedido para que a pessoa que estava respondendo, repassasse o questionário. Essa foi a forma que encontramos de coletar dados devido ao distanciamento social causado pelo novo Coronavírus.

Informamos logo na descrição sobre o que se destinava o questionário e a faixa etária a que ele se refere (4 a 12 anos), para serem contabilizadas as respostas da parte da amostra da população desejada.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

A pesquisa foi feita por meio de questionário com perguntas objetivas e subjetivas. A quarentena, que perdurou no período em que foi feita a pesquisa, continua obrigando a população a manter distanciamento social e, portanto, foi preciso que a coleta de dados fosse realizada somente de forma virtual.

Logo, um formulário de perguntas foi criado no aplicativo Google Forms e o link enviado através de redes sociais, como WhatsApp e Facebook, para pessoas e grupos conhecidos com o pedido de compartilhamento para que o resultado alcançasse o maior número de pessoas possível dentro do pouco período que tínhamos para a coleta de dados. As respostas recebidas foram analisadas e contabilizadas para a apresentação deste trabalho.

Apresentação e Análise dos Dados

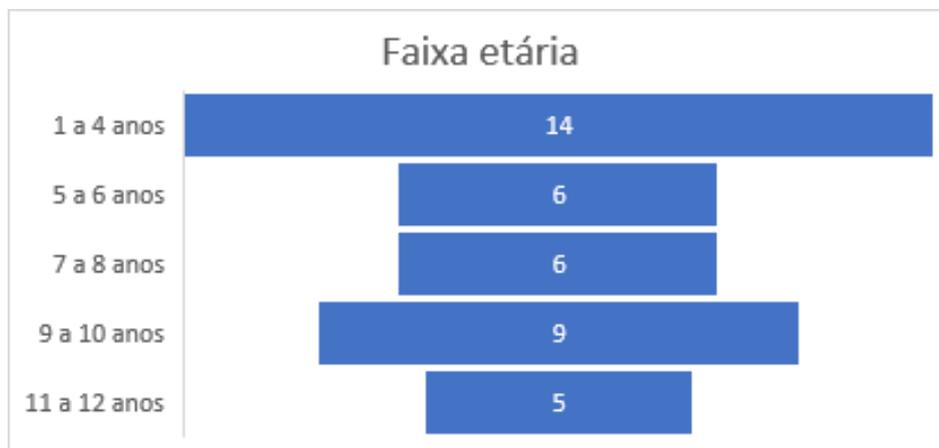
Foram realizadas 9 perguntas, sendo 6 objetivas e 3 subjetivas, e 26 pessoas responderam ao questionário, abrangendo um total de 40 crianças. Abaixo reproduzimos as perguntas e analisamos com gráficos as respostas coletadas através do formulário online.

1) Por quantas crianças você é responsável? (Em algarismo, por exemplo 1)

Das 26 respostas coletadas, 17 pessoas declararam-se responsáveis por 1 criança, 6 pessoas por 2 crianças, 2 pessoas por 3 crianças e 1 pessoa por 5 crianças, totalizando 40 crianças pesquisadas.

2) Qual é(são) a(s) idade dessa(s) criança(s)? (Em algarismo, por exemplo 6 anos)

Das 26 respostas coletadas que abrangeram 40 crianças, conforme gráfico abaixo, tivemos 14 crianças com idade de 1 a 4 anos, 6 com idade de 5 a 6 anos, 6 com idade de 7 a 8 anos, 9 com idade de 9 a 10 anos e 5 de 11 a 12 anos.



As crianças com idade inferior ao pedido na pesquisa são irmãos de crianças com a idade recomendada, sendo uma família com 1 criança de 1 ano (irmão com 4, 7, 10 e 12 anos), quatro famílias com crianças de 2 anos (irmãos com 4, 5 e 12 anos) e 2 famílias com crianças de 3 anos (irmãos com 7, 9 e 10 anos).

Com a análise pudemos perceber que o formulário atingiu uma maioria de famílias com crianças em idade de creche onde a atividade escolar ainda está voltada para o lúdico e que exigiram uma maior disponibilidade dos responsáveis nesse período de isolamento social.

Não podemos ignorar que das 40 crianças 9 estão com idade entre 9 e 10 anos, segundo maior número, idade que também requer uma maior atenção devido as atividades escolares além da dificuldade de lidar com o distanciamento dos amigos da escola e vizinhos.

3) Durante esse período de pandemia e quarentena, você continuou sua rotina de trabalho/outros fora de casa?

O objetivo dessa pergunta foi identificar a adesão a quarentena e das 26 pessoas que responderam ao questionário 17 tiveram sua rotina alterada.

4) A(s) criança(s) dispôs (dispuseram) de acesso a aulas, ou atividades escolares de forma remota?

Aqui nesta pergunta, pudemos identificar que apenas 3 das 26 pessoas entrevistadas não tiveram acesso as aulas de forma remota.

5) Durante esse período você, responsável, conseguiu realizar alguma atividade lúdica com a criança? (Jogos, brincadeiras, teatrinhos, etc)

Observamos que apenas 19% dos responsáveis não conseguiram desenvolver alguma atividade lúdica com sua(s) criança(s). Apesar de ser um número pequeno, reflete que uma parte das famílias tem dificuldade de se disponibilizar a desenvolver atividades lúdicas, seja por falta de tempo ou por falta de conhecimento, e acham que não é importante e, por isso, colocam outras atividades como prioridade.

6) Se sim, dê dois exemplos.

Aqui o objetivo era identificar quais brincadeiras e atividades foi praticada com a criança, então deixamos uma caixa aberta para as respostas, podendo listar mais de uma brincadeira. As 21 pessoas que disseram brincar com as crianças citaram as brincadeiras mais comuns com brinquedos populares (bola, jogos de tabuleiro, boneca e carrinho), inclusive os jogos, de uma forma geral, foi o campeão de citações, acreditamos por ser uma forma de todos brincarem juntos. E duas pessoas citaram brincadeiras mais elaboradas como interpretação de personagens da mitologia grega e transformação de sucata em brinquedos. No quadro a seguir categorizamos, descrevemos e contabilizamos as brincadeiras de acordo com as respostas recebidas.

CATEGORIA	BRINCADEIRAS	FAMÍLIAS
Concentração	Jogos de tabuleiros, dominó, cartas, perguntas e respostas, pega vareta	15
Lúdico	Atuar, fantoche, contação de história, mímica, comidinha (restaurante), casinha, cabaninha, faz de conta	6
Brinquedos	Bola, carrinhos, bonecas	7
Artesanato	Costurar roupas de boneca, transformação de sucata em brinquedos,	2
Educativo	Tabuada com recompensa, desenho, elaboração de história, leitura, mitologia grega, jogos educativos	5
Populares	Banho de mangueira, pique esconde, pique pega, futebol, roda	5
Artístico	Desenho, canto, música, dança, teatro, filmes	7

7) Durante a quarentena, sentiu que houve mais dificuldade de realizar qualquer tipo de atividade lúdica com a(s) criança(s)?

O interessante nessa pergunta foi que a maioria sentiu algum tipo de dificuldade em desenvolver essas atividades lúdicas. O que demonstra que o brincar não era habitual antes da quarentena ou se tornou mais difícil com nova rotina, o que iremos detalhar na próxima pergunta.

8) Se sim, qual seria o motivo?

Como na pergunta sobre as brincadeiras, deixamos uma caixinha para que a pessoa que estivesse respondendo a pesquisa relatasse as dificuldades para a não realização dessas atividades com as crianças.

A maioria relatou que não havia interesse da criança em realizar tal atividade, dando preferência a TV e internet, o segundo maior número ficou com o desinteresse, desânimo do próprio adulto. No quadro abaixo descrevemos e contabilizamos as 18 respostas recebidas.

DIFICULDADE RELATADA	FAMÍLIAS
Mudança de comportamento da criança	2
Falta de interesse da criança	4
Adaptação a nova rotina	2
Medo e/ou preocupação	1
Não sabe usar mídias digitais	1
Desânimo ou falta de interesse do adulto responsável	3
Home Office	2
Falta de espaço	1
Falta de tempo	1
Falta de paciência	1

9) Você, responsável, acha que o tempo gasto em aulas e jogos online aumentaram? Se sim, a mudança foi considerável?

Recebemos 23 respostas onde 18 responderam sim, 4 não e 1 não soube opinar.

Na justificativa do sim os pais e responsáveis relatam que o tempo aumentou consideravelmente devido a ociosidade e o isolamento, as crianças aumentaram o consumo de conteúdo como vídeos e jogos online, outros utilizam a internet para chamadas de voz e vídeos com os amigos da escola.

Uma mãe relatou que o filho de 5 anos tem muitas dificuldades com as aulas online que tem pouco tempo de duração, porém ele utiliza de muito mais tempo pois não tem o mesmo rendimento que nas aulas presenciais.

Outra mãe relatou que o aumento da exposição a aparelhos eletrônicos e conteúdo online se deu como uma forma de entreter a criança para que outras atividades pudessem ser realizadas e ainda assim encontra dificuldades com home office e estudo pelo ambiente ser compartilhado e faltar privacidade para realização de atividades que exija concentração como as aulas e trabalhos universitários.

Tivemos responsáveis que citou que controla o tempo de exposição a esse tipo de entretenimento, e os que relataram que mesmo com as aulas remotas e atividades offline ainda sobra tempo para atividades online.

Há uma percepção que mesmo com tudo que a internet e aparelhos eletrônicos pode oferecer crianças mais ativas ficam entediadas com mais facilidade, gerando irritabilidade, impaciência e a necessidade de atividades mais dinâmicas.

Independente de que forma e de quanto tempo essas crianças pesquisadas usam a internet e aparelhos eletrônicos podemos constatar que os pais e responsáveis se preocupam com o excesso e, ao seu modo, impõe limites dentro que acreditam ser o correto.

Conclusão

Com base nos dados obtidos através do formulário, constatamos que 65,4% dos responsáveis não continuaram com sua rotina de trabalho, ou seja, fazendo ou não home office, eles demandaram mais tempo em casa e conseqüentemente mais tempo com as crianças. No entanto, a maioria das crianças, 88,5% estão inseridas em aulas ou atividades remotas que provavelmente ocorrem em horário comercial e acabam comprometendo um pouco o horário de trabalho dos responsáveis. Ficamos felizes ao verificar que 80% dos lares conseguiram realizar atividades lúdicas (segundo as respostas: teatro, jogos de tabuleiro, jogos educativos, desenhos de papel, pique pega, elaboração de histórias, filmes, dentre outras atividades) durante a pandemia.

Reconhecendo a disparidade das experiências vividas neste período, ressaltamos o fato dos responsáveis (mesmo em um momento conturbado) se mostrarem dispostos e comprometidos em manter a qualidade da rotina das crianças enquanto uma prioridade. Esse interesse fica mais nítido, a partir da análise dos dados, onde 57,7% dos responsáveis demonstraram maior dificuldade ao realizar qualquer tipo de atividade por motivos de: resistência na adaptação à nova rotina, agitação, irritabilidade e desânimo devido ao confinamento por parte das crianças, home office, falta de espaço, rotina estressante etc. Nesse contexto concluímos que todos estão se reinventando para conseguir conciliar sua “nova rotina”.

No que diz respeito ao uso da tecnologia, do tempo gasto em aulas e jogos online, grande parte dos responsáveis afirmam que o tempo gasto nessas atividades aumentou de forma significativa. De acordo com as repostas obtidas, quando as crianças não estão realizando atividade remota ou aula, elas estão vendo tv, vídeos online ou jogando vídeo game. Observamos que a tecnologia está sendo muito utilizada como forma de lazer. Diante desse cenário, entendemos que a ausência de atividades escolares pode gerar uma falta de estímulos positivos necessários ao desenvolvimento da criança aumentando sua exposição a eletrônicos (televisão, celulares e tablets).

Essa nova realidade nos permite refletir sobre a importância destes equipamentos para as crianças não apenas como forma de lazer e diversão, mas como recurso para a aprendizagem e até mesmo como forma de suprir a demanda de atenção enquanto o adulto trabalha ou se ocupa com outras tarefas, contudo devemos alertar que seu uso deve ser ponderado de modo que não reduza as brincadeiras que exigem uma maior interação (movimento, sensações corporais e interações em família). Logo os responsáveis precisam saber conduzir o acesso às tecnologias de forma saudável para que essa ferramenta não acabe prejudicando as crianças.

Referências

AZEVEDO, Evelin. Pesquisa mostra que apenas 28% das crianças praticam atividade física na quarentena. O Globo, Rio de Janeiro, 2 de novembro de 2020. Seção: Sociedade. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/pesquisa-mostra-que-apenas-28-das-criancas-praticam-atividade-fisica-na-pandemia-24723657>. Acesso em: 15 de novembro de 2020.

BARBOSA, Marina. Pandemia faz o desemprego bater recorde no Brasil: taxa chega a 14,1%. Correio Braziliense, Brasília, 10 de outubro de 2020. Seção: Economia. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2020/10/4885870-pandemia-faz-o-desemprego-bater-recorde-no-brasil-taxa-chega-a-144.html>. Acesso em: 05 de novembro de 2020.

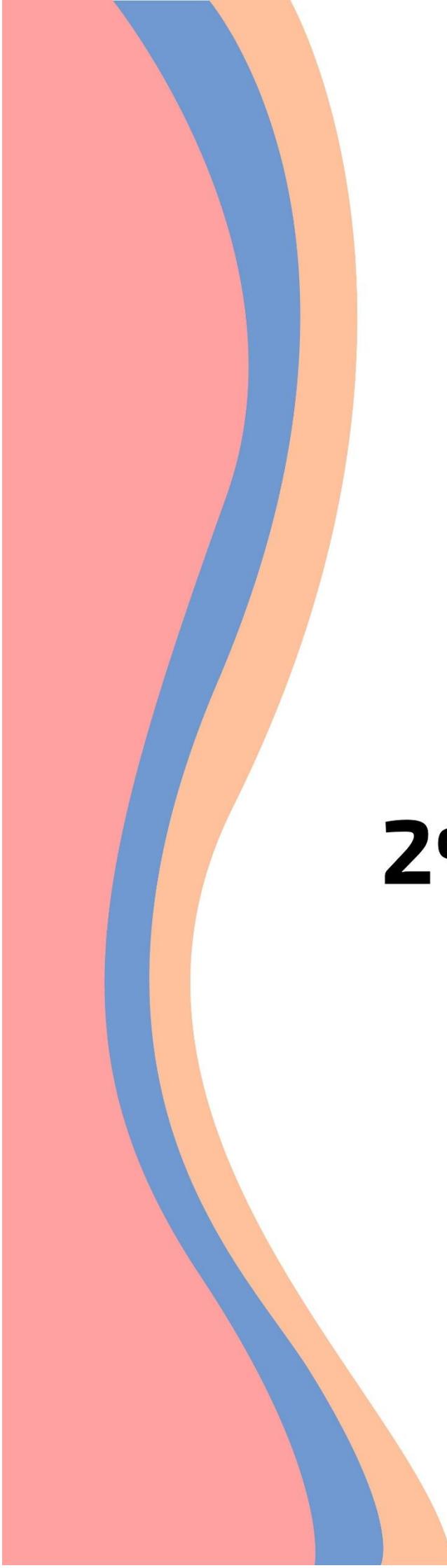
BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases, 9394, 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 06 de novembro de 2020

CORONAVÍRUS: Witzel decreta suspensão de aulas em escolas públicas e particulares. O Globo, Rio de Janeiro, 13 de março de 2020. Seção: Sociedade. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus-servico/coronavirus-witzel-decreta-suspensao-de-aulas-em-escolas-publicas-particulares-24303700>. Acesso em: 05 de novembro de 2020.

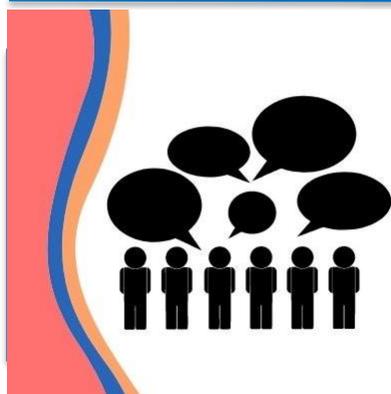
MAIS de 10 milhões de pessoas ainda não conseguiram receber o auxílio emergencial. G1, 9 de junho de 2020. Seção: Jornal Nacional. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/06/09/mais-de-10-milhoes-de-pessoas-ainda-nao-conseguiram-receber-o-auxilio-emergencial.ghtml>. Acesso em: 05 de novembro de 2020.

OLIVEIRA, Elida. 56% dos alunos que não estudaram na pandemia apontam como motivo a busca por emprego, diz pesquisa. G1, 5 de novembro de 2020. Seção: Educação. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/11/05/56percent-dos-alunos-que-nao-estudaram-na-pandemia-apontam-como-motivo-a-busca-por-emprego-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 05 de novembro de 2020.

PEIXOTO, Guilherme. Estudantes da rede pública do RJ reclamam da falta de acesso às aulas online durante a pandemia. G1, Rio de Janeiro, 7 de abril de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/04/07/estudantes-da-rede-publica-do-rj-reclamam-da-falta-de-acesso-as-aulas-online-durante-a-pandemia.ghtml>. Acesso em: 05 de novembro de 2020.



**Parte II:
2º semestre**



A PERCEÇÃO DOS PAIS / RESPONSÁVEIS SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR DAS CRIANÇAS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

*Cauana Mayrink de Oliveira, Gabriella Corrêa de Queiroz Chagas,
Myllena Cristinne Magalhães Silva, Tamy Elicia Da Silva Lopes e
Victória Maria de Lima Oliveira*

Introdução

Com o fechamento de escolas devido à pandemia de Covid-19 (BRASIL, 2020), milhares de alunos passaram, de uma semana para outra, da escola presencial para o ensino remoto emergencial. Assim, o acesso à educação escolar em casa, através do uso de tecnologias e plataformas digitais tornou-se a nova forma de se fazer educação. Muitos desses estudantes dividem os aparelhos digitais com seus pais e/ou responsáveis, e dependem do auxílio dos mesmos para terem acesso às aulas virtuais, e até mesmo para realizarem as tarefas escolares.

Os pais/responsáveis por sua vez se viram repentinamente em uma nova configuração, onde precisam atuar como auxiliares de suas crianças para a realização efetiva da educação escolar; porém, de acordo Barros e Vieira (2021, p. 30), os mesmos têm apontado diversas dificuldades para a realização desta tarefa, como problemas no “acesso à internet, falta de capacitação para utilizar as ferramentas tecnológicas, alteração na rotina de casa e dificuldades financeiras”. Ainda segundo os autores, os pais/responsáveis dizem

não estar apto a desenvolver estas atividades, pois muito não tem formação para isso, relatam não ter condições financeiras para manter mais de um filho em aulas online simultaneamente, e muitos passaram a conciliar no mesmo espaço físico o trabalho, a convivência familiar e a sala de aula das crianças. (BARROS, VIEIRA, 2021, p. 31)

Em paralelo, a reportagem “Para pais e responsáveis, pandemia trará prejuízos na educação” (TITO, 2021), traz que a 5ª edição da pesquisa “Datafolha Educação não-presencial na perspectiva dos estudantes e suas famílias”, realizada no ano de 2020, apontou a insatisfação dos pais com a educação escolar de seus filhos neste período de pandemia, mencionando fatores preocupantes como rendimento e aproveitamento escolar, danos sociais assim como emocionais, acumulados pelo ensino remoto.

Justificativa

Reconhecendo que um “grande fardo foi colocado sobre alunos e suas famílias que de repente tiveram que possuir uma variedade de habilidades, competências e recursos, que

muitas famílias ainda não têm” (Barros & Vieira, 2021, p. 35), e entendendo que durante a pandemia de Covid-19, pais e/ou responsáveis foram abruptamente colocados no papel de auxiliares de professor sem terem preparo para exercer tal função, em meio a uma grave crise mundial, onde várias são as preocupações que pesam sobre si, verificamos a necessidade de compreender a percepção dos pais/responsáveis sobre a educação escolar das crianças durante a pandemia de Covid-19.

Objetivos

Compreender a percepção dos pais/responsáveis de alunos do Ensino Fundamental I sobre a educação escolar durante a pandemia de Covid-19.

Procedimentos Metodológicos

Realizamos uma pesquisa por amostragem, buscando compreender algumas das percepções dos pais/responsáveis de alunos do Ensino Fundamental I sobre a educação escolar das crianças durante a pandemia de Covid-19. A pesquisa foi quantitativa, onde foi utilizado um questionário com perguntas simples, objetivas e também discursivas, para um público previamente definido, com relatório e conclusões apresentados neste relatório.

População

Definimos como público-alvo desse projeto os pais/responsáveis de alunos do Ensino Fundamental I de escolas públicas e privadas do Rio de Janeiro.

Amostra e Técnica de Amostragem

Pais/responsáveis de alunos do Ensino Fundamental I de escolas públicas e privadas do Rio de Janeiro. A identificação de amostragem foi feita através das redes sociais, mais especificamente Facebook e WhatsApp.

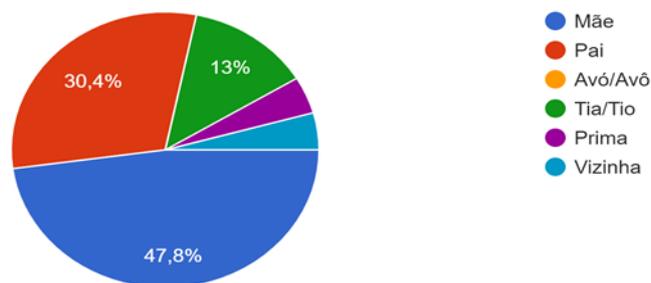
Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

O instrumento utilizado para coletar dados foi um questionário on-line, feito no Google Formulário. Devido às condições de isolamento social por causa da pandemia de Covid-19 que estamos vivenciando, a coleta de dados foi feita totalmente à distância. O endereço eletrônico do formulário foi compartilhado no Facebook e pelo WhatsApp pessoal dos integrantes do grupo de pesquisa.

Apresentação e Análise dos Dados

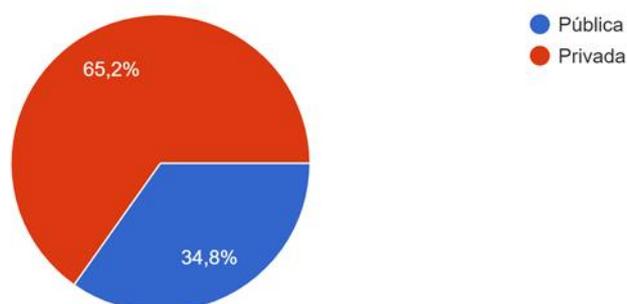
Para a realização da nossa pesquisa, 23 pais/responsáveis de alunos do Ensino Fundamental I de escolas públicas e privadas do Rio de Janeiro responderam ao questionário online. Destes, tivemos 11 mães (47,8%), 7 pais (30,4%), 3 tias/tios (13%), 1 primo/a e 1 vizinho/a (respectivamente 4,3%), onde podemos perceber que as mães em sua maioria são as responsáveis por acompanhar a vida escolar das crianças, tornando-se mais uma função para elas exercerem. Dessa forma, podemos refletir sobre uma possível sobrecarga vinda dessa parte.

Qual seu grau de parentesco com a criança?
23 respostas



Quando perguntado em que tipo de instituição a criança tutelada estudava, 34,8% dos pais/responsáveis têm suas crianças estudando em instituições públicas (8 escolas públicas) e 65,2% em instituições privadas (15 escolas privadas).

Em que tipo de instituição ela estuda?
23 respostas



A idade destas crianças varia entre 6 e 15 anos, conforme vemos na tabela 1, sendo que, das 25 crianças tuteladas, 5 possuem entre 6 e 7 anos, 14 possuem entre 8 e 10 anos de idade, e 6 crianças possuem 11 ou mais anos. Entendemos que nesta pesquisa, há tutores que são responsáveis por mais de 1 criança.

Tabela 1: Idade das crianças

6 anos	3 alunos	12%
7 anos	2 alunos	8%
8 anos	7 alunos	28%
10 anos	7 alunos	28%
11 anos	3 alunos	12%
12 anos	1 aluno	4%
13 anos	1 aluno	4%
15 anos	1 aluno	4%

Estes alunos estão matriculados entre as diversas séries agrupadas no Ensino Fundamental I, conforme podemos ver na tabela 2, abaixo:

Tabela 2: Série das crianças

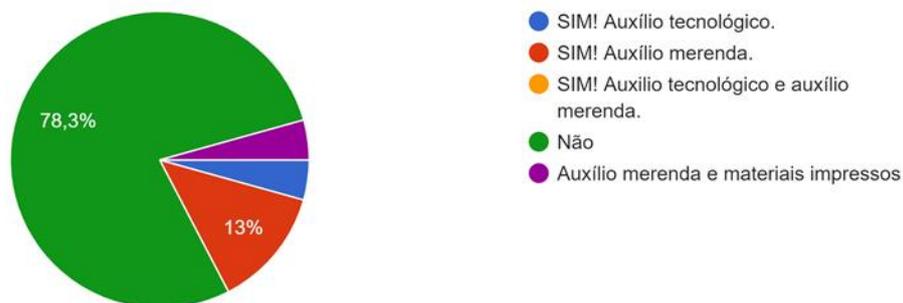
1º ano	3 alunos	13%
2º ano	4 alunos	17,4%
3º ano	5 alunos	21,7%
4º ano	3 alunos	13%
5º ano	9 alunos	39,1%

Perguntamos qual o tipo de auxílio que a escola ofereceu para os alunos, levando em conta que somente as escolas públicas ofereceram esse tipo de ajuda. Das 8 escolas públicas mencionadas na pesquisa, foi verificado que 5 escolas ofereceram algum tipo de auxílio, onde 3 escolas ofereceram auxílio merenda, 1 escola ofereceu auxílio tecnológico e 1 escola ofereceu auxílio merenda e também materiais impressos. Neste gráfico podemos ver como

as escolas privadas em sua totalidade não forneceram nenhum tipo de auxílio para seus alunos, e como os auxílios oferecidos pelas escolas públicas que se propuseram a fazê-lo variam em suas ofertas.

A escola ofereceu algum tipo de auxílio para a criança?

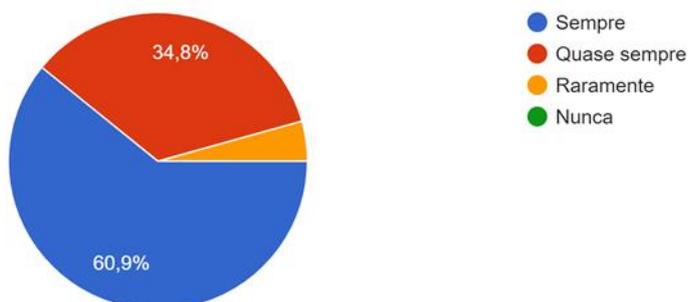
23 respostas



Para saber como anda o acompanhamento das atividades remotas escolares por parte das crianças, perguntamos aos pais/responsáveis se a criança sob sua tutela está acompanhando as atividades virtuais. Foi constatado que 60,9% estão sempre acompanhando as atividades, e 34,8%, conseguem acompanhar quase sempre as atividades virtuais desenvolvidas pela escola. Ainda obtivemos o dado que 4,3% das crianças raramente conseguem acompanhar as atividades virtuais. Isso nos aponta que 39% das crianças sob tutela dos pesquisados têm tido dificuldade de acompanhar sempre as atividades virtuais.

A criança está acompanhando as atividades virtuais?

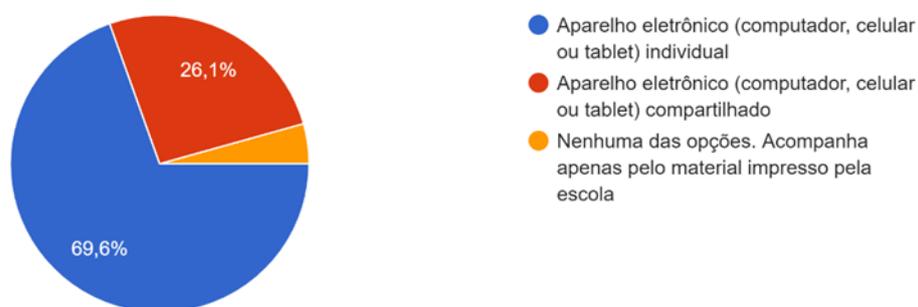
23 respostas



Perguntamos aos pais/responsáveis sobre os meios/formas, ou seja, como a criança tem feito o acompanhamento dessas atividades remotas propostas pela escola, e tivemos as seguintes respostas: 69,6% das crianças acompanham as atividades/aulas através de aparelho eletrônico individual (seja por computador, celular ou tablet), 26,1% delas acompanham através de aparelho eletrônico compartilhado (seja computador, celular ou tablet), e 4,3% acompanham apenas através do material impresso pela escola. Percebemos que apesar de grande parte das crianças possuírem aparelho eletrônico próprio ou compartilhado, é possível visualizar que uma parcela desse grupo sequer teve acesso aos recursos necessários para acompanhar o ensino remoto, dependendo exclusivamente do material impresso que em alguns casos afetava o orçamento familiar.

Sobre a forma de acompanhar as atividades. A criança usa:

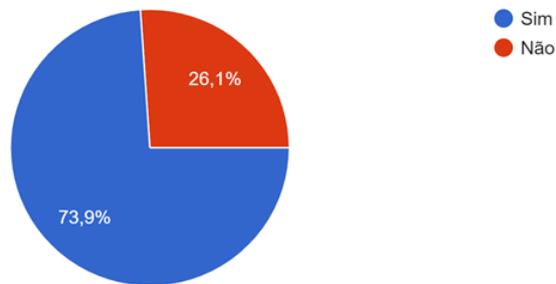
23 respostas



No interesse de entender como esses pais/responsáveis se sentem mediante a atuação como auxiliares das crianças na prática da educação escolar realizada em casa, 73,9% dos respondentes responderam que antes da pandemia já auxiliavam a criança nas tarefas escolares, enquanto 26,1% responderam que não realizavam essa função antes da pandemia. Entretanto, para o período da pandemia, 78,3% dos pesquisados (17 pessoas) responderam que auxiliam a criança nas tarefas virtuais, e 21,7%, (6 pessoas) que não realizam esse auxílio. Percebemos que nesta amostra, apenas 1 responsável passou a auxiliar a criança nas atividades escolares durante a pandemia, o que corrobora com Barros & Vieira (2021), onde os pais/responsáveis se viram repentinamente em uma nova configuração, atuando como auxiliares de suas crianças para a realização efetiva da educação escolar.

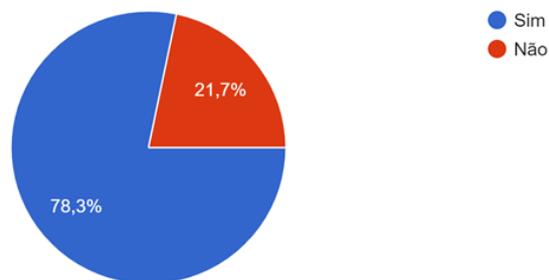
Antes da pandemia você a auxiliava nas tarefas escolares?

23 respostas



Você passou a auxiliar nas tarefas da escola durante a pandemia?

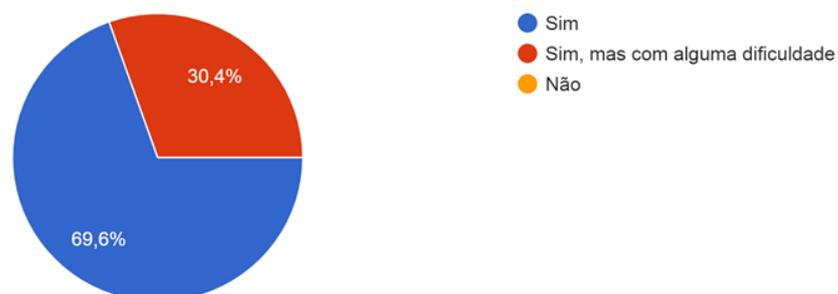
23 respostas



Ainda nesse sentido, perguntamos se os pais/responsáveis se sentiam capazes de auxiliarem a criança no uso das ferramentas tecnológicas para as atividades escolares, visto as dificuldades no manuseio de aparelhos tecnológicos para fins de aprendizagem. 69,6% dos responsáveis, num total de 16 pessoas, responderam sim enquanto 30,4%, 7 pessoas, responderam que se sentem capazes, mas com alguma dificuldade no uso destas ferramentas.

Você se sente capaz de auxiliar a criança no uso das ferramentas tecnológicas para as atividades escolares?

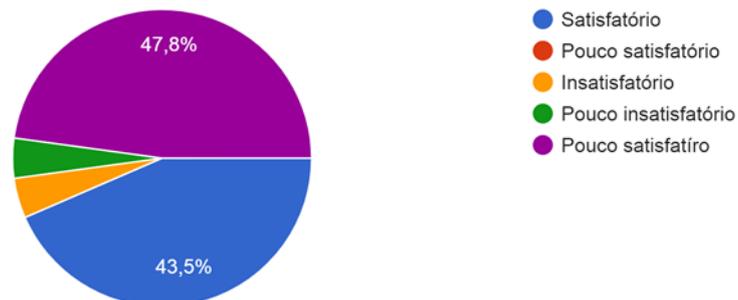
23 respostas



Para compreender a percepção dos pais/responsáveis dos alunos sobre a educação escolar durante a pandemia de Covid-19, perguntamos como eles se percebiam em relação ao auxílio prestado por eles mesmos nas tarefas escolares. 43,5% responderam se perceber satisfeitos (10 pessoas), 47,8% (11 pessoas) se percebem pouco satisfeitos, 4,3% (1 pessoa) pouco insatisfeito e 4,3% (1 pessoa) se percebe insatisfeito quanto ao auxílio prestado por eles mesmos nas tarefas escolares à sua criança.

Como você percebe o auxílio que você presta nas tarefas escolares:

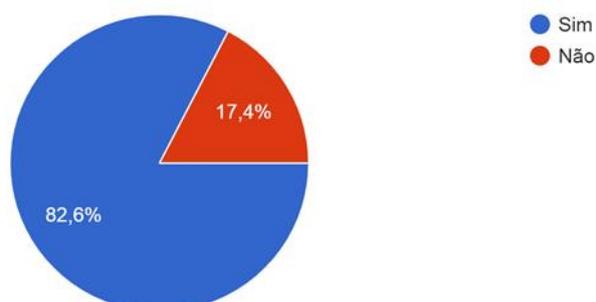
23 respostas



Tomando como base os autores Barros & Vieira (2021), perguntamos aos pais/responsáveis se as aulas remotas da criança alteraram sua rotina, pois nesta nova configuração pandêmica a alteração na rotina da casa tem sido um fator importante pontuado pelos tutores. 82,6% (19 pessoas) responderam que sim, tiveram sua rotina alterada pelas aulas remotas das crianças, ao passo que 17,4% (4 pessoas) responderam que não.

As aulas remotas da criança alteraram sua rotina?

23 respostas



Em caso de alteração da rotina, abrimos espaço para que os respondentes pudessem expressar de que forma as atividades remotas escolares alteraram suas rotinas, e obtivemos as respostas abaixo:

- *“Ocupam muito mais tempo.”*
- *“Menos horas de trabalho.”*
- *“Precisa-se de uma disponibilidade imediata no horário da aula, onde antes no ensino presencial a criança estava sob responsabilidade direto do professor e da escola.”*
- *“Altera porque a criança fica muito dispersa e preciso acompanhá-la em sua aula e além das tarefas do lar preciso assistir às minhas aulas da faculdade.”*
- *“Preciso auxiliá-lo todos os dias antes das aulas... E depois na ajuda dos deveres.”*
- *“Tive que mudar alguns horários de pacientes para estar presente nas aulas.”*
- *“Deixo de trabalhar para ficar com minha filha. Ela tem TDHA e precisa de uma pessoa ao lado para poder prestar atenção.”*
- *“Necessidade de dedicar um tempo diário para acompanhar as atividades da escola e para conferi-las.”*
- *“Tempo de uso do computador, em vista que temos apenas um equipamento.”*
- *“Passei a dedicar um tempo maior organizando os horários para estudo deles e auxiliando na aplicação.”*
- *“Organização dos horários.”*
- *“Revisão diária quanto às tarefas escolares”*
- *“Além de planejar o meu horário de trabalho e tarefas domésticas, tenho que separar um momento para as tarefas escolares das crianças. As xerox das atividades saem caras, a internet caindo dificulta entender o que os professores estão falando. As atividades ficam desconstruídas, fazendo com que eu tenha que fazer minha própria rotina de estudo para mantê-los atualizados.”*

Os pais/responsáveis comentaram, em sua maioria, que a educação escolar das crianças mediante as aulas remotas ocupa muito do seu tempo, exigindo deles uma maior organização da rotina doméstica; dedicação para revisar e conferir as tarefas escolares das crianças, já que agora elas têm sua supervisão direta pois passaram a ocupar um papel de “auxiliar de professor”.

Há o relato de que, durante a aula remota, o responsável precisa ficar acompanhando a criança ajudando-a a manter a atenção, assim como também há o relato de uma criança diagnosticada com TDHA, que precisa ser acompanhada por seu tutor para que permaneça prestando atenção nas atividades remotas.

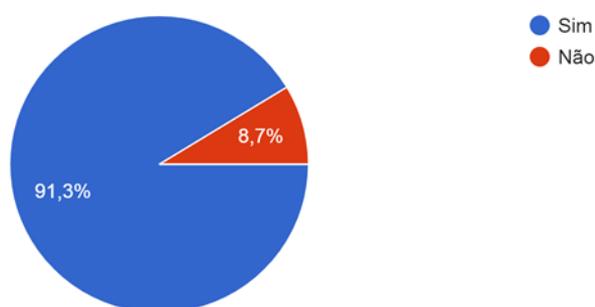
Destacamos também o seguinte relato: “Além de planejar o meu horário de trabalho e tarefas domésticas tenho que separar um momento para as tarefas escolares das crianças. As xerox das atividades saem caras, a internet caindo dificulta entender o que os professores estão falando. As atividades ficam desconstruídas, fazendo com que eu tenha que fazer minha própria rotina de estudo para mantê-los atualizados”. Esse relato demonstra a dificuldade encontrada por esse/a tutor/a em organizar o tempo, trabalhar com a tecnologia, assim como aborda a questão financeira que perpassa toda essa situação emergencial. A situação descrita corrobora com Barros & Vieira (2021) quando aponta que, no acesso remoto da educação

escolar para as crianças, os pais assumiram uma nova configuração encontrando diversas dificuldades. Por exemplo, falta de capacitação tecnológica, alteração da rotina, dificuldades financeiras, bem como dificuldade em conciliar o espaço doméstico com sala de aula, trabalho e convivência familiar.

Notamos que grande parte dos tutores tem se sentido afetados pelo aumento significativo da jornada de trabalho e pela necessidade de combinar essa com os afazeres domésticos e o amparo pedagógico.

Por fim, perguntamos se a criança sob tutela foi aprovada no ano escolar de 2020, e 91,3% (21 de 23 respostas) responderam que sim, enquanto 8,7% responderam que não (2 de 23 respostas).

A criança foi aprovada no último ano escolar (2020)?
23 respostas



Nos casos em que as crianças foram reprovadas, abrimos espaço para o tutor explicar brevemente as causas. Como respostas, tivemos que uma criança foi reprovada porque precisava estudar mais, e a outra resposta se deu no sentido de que a criança ainda está cursando o ano de 2020, pois na escola da mesma o ano letivo de 2020 começou agora no ano de 2021. Essa situação nos leva a perceber o quanto a reprovação ainda é um fator presente na cultura escolar, tida como garantidora de indução a uma melhor qualidade do ensino (Fernandes & Freitas, 2007), e como o ensino remoto emergencial do ano letivo de 2020 foi prejudicado e deixou crianças sem acesso à escola.

Conclusão

Dentro das limitações de tempo e distanciamento social que o contexto pandêmico nos impõe, e reconhecendo que nossa parcela amostral é apenas um pequeno recorte do grupo que compõe os pais/responsáveis de alunos do Ensino Fundamental I do Rio de Janeiro, pudemos compreender que o ensino remoto emergencial trouxe para esses tutores um contexto desafiador, provocando alterações na rotina doméstica, exigindo uma nova forma de administração do tempo e dos recursos financeiros e tecnológicos.

Apesar de uma parcela dos alunos estarem conseguindo acompanhar as atividades escolares remotas, nem sempre esse acompanhamento tem sido possível. Como vimos, há alunos com

dificuldade de atenção que demandam maior apoio para acompanhamento das atividades, como também há crianças que necessitam de acompanhamento especializado. Isso tem gerado preocupações e insegurança aos tutores quanto ao aproveitamento dos conteúdos escolares. Há ainda nesta diversidade de contextos, alunos que também dependem exclusivamente do material impresso fornecido pela escola para o desenvolvimento de sua educação escolar, e ainda há aqueles que nem sequer tiveram aulas no ano de 2020.

A necessidade de compactar um espaço tão amplo como a sala de aula e até mesmo a escola no limite dos lares das crianças, pode gerar conflitos frente às dificuldades apresentadas. Isso ocorre, principalmente, devido a grande parte dos tutores não possuírem as ferramentas, treinamento e paciência necessárias para gerir a educação escolar de sua criança em ambiente doméstico. Ainda mais em um contexto de pandemia, onde reclusão e privação de múltiplos fatores, como apoio, espaço, presença de familiares, recursos financeiros estão presentes, além de toda a carga de ansiedade e estresse gerada nesta crise sanitária. Além disso, a sobrecarga emocional e as múltiplas demandas de trabalho, tanto home office, quanto doméstico, acabam por tornar ainda mais exaustivo o dia a dia familiar neste período pandêmico.

Entendemos que os pais/responsáveis têm tido destaque no papel de auxiliares das crianças na realização das atividades escolares em casa, mas essa não é uma realidade para 21,7% dos respondentes desta pesquisa, o que nos leva a inferir que há crianças que não contam com o auxílio de seu tutor, ou que podem por conta própria atender estas demandas. Não sabendo exatamente o que ocorre, mas podemos deduzir que há um certo distanciamento entre esses responsáveis e a prática escolar remota que sua(s) criança(s) vem recebendo durante a pandemia.

Ainda quanto a nova configuração dos papéis dos tutores, 30% afirmaram possuir dificuldades no uso e manuseio dos aparelhos tecnológicos, o que implica também em uma dificuldade em ajudar as crianças a acompanharem as atividades remotas. Além disso, 54% dos pais/responsáveis demonstraram algum grau de insatisfação com o auxílio que eles mesmos têm oferecido à sua (s) criança (s), o que implica numa percepção insatisfatória quanto ao seu desempenho de auxiliar a criança no acompanhamento da educação escolar.

Por fim, é perceptível que a ausência de formação, utensílios e tempo necessário dificultam ainda mais o papel dos tutores enquanto auxiliar de professor, já que o processo de ensino/aprendizagem exige muitos desdobramentos para lidar e contornar imprevistos decorrentes das práticas pedagógicas.

Referências

BARROS, F. C.; VIEIRA, D., A., P. Os desafios da educação no período de pandemia. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v.7, n.1, p.826-849 jan. 2021. <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/22591/18083>.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 17 jun. 2020. Seção 1, p. 62. Disponível em:

<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>.

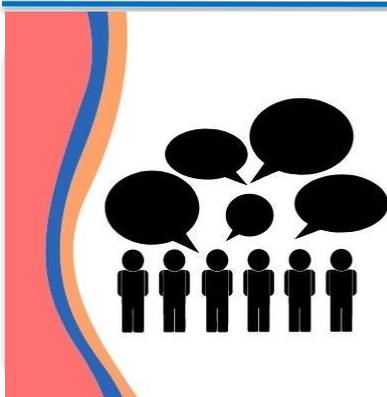
Acesso em: 30 ago 2020.

FERNANDES, C. O.; FREITAS, L. C. Indagações sobre currículo: currículo e avaliação. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

IBOPE. Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor. 3. ed. São Paulo: Editora Globo, 2010. 102 p. Disponível em: <http://www.nepso.net/download/478>>. Acesso em 21/03/2021.

MIND LAB BRASIL. Blog. O papel da família na nova educação. Disponível em: <https://educador360.com/gestao/o-papel-da-familia-na-nova-educacao/>. Acesso em 21 mar 2021.

TITO, Vitórian. Para pais e responsáveis, pandemia trará prejuízos na educação. Seção Eu Estudante. Educação Básica. Correio Braziliense. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2021/03/4910987-para-pais-e-responsaveis-pandemia-trara-prejuizos-na-educacao.html>. Acesso em 21/03/2021.



A RELAÇÃO DOS INDIVÍDUOS E O SEU TEMPO DE ÓCIO/OCIOSO

Gabriella Carvalho Consentino, Gabriella Santos da Silva, Giulia Giglio Scofano, Luiza Riquelme Martins Portela e Maria Luíza Almeida de Souza

Introdução

Em uma breve contextualização, o período Pós-Revolução Industrial foi marcado por uma profunda referência ao trabalho, tanto na estruturação social como na produção do sujeito moderno (AQUINO e MARTINS, 2007). Portanto, os autores afirmam ainda que, “o trabalho (...) que ocupou o lugar de atividade central na inserção social constitui fator fundamental da produção subjetiva ao longo da sociedade moderna.” (IBIDEM, p. 480)

Com o passar dos anos fica mais evidente o quão obcecados pelo trabalho nós nos tornamos, frequentemente estamos com aquela sensação de: “preciso produzir”, “preciso trabalhar”, “não tenho tempo livre” e por aí vai. Assim, sem perceber, vamos aos poucos nos transformando, ou pelo menos achamos que sim, em máquinas de produtividade. A lógica capitalista, por sua vez, reforça ainda mais essa questão ao idealizar que embora você tenha algum tempo livre ele deve ser preenchido com produtividade, negligenciando assim o nosso tempo de ócio, de descanso. Ao qual muitas vezes são feitos, mas com o sentimento de culpa.

Os deuses tinham condenado Sísifo a rolar um rochedo incessantemente até o cimo de uma montanha, de onde a pedra caía de novo por seu próprio peso. Eles tinham pensado, com as suas razões, que não existe punição mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança. (...) Se esse mito é trágico, é que seu herói é consciente. Onde estaria, de fato, a sua pena, se a cada passo o sustentasse a esperança de ser bem-sucedido? O operário de hoje trabalha todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas e esse destino não é menos absurdo. Mas ele só é trágico nos raros momentos em que se torna consciente. Sísifo, proletário dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda a extensão de sua condição miserável: é nela que ele pensa enquanto desce. A lucidez que devia produzir o seu tormento consome, com a mesma força, sua vitória. (CAMUS, 1941, p. 74-75)

Vivemos um momento de múltiplas demandas. São diversas redes para gerir, diversos grupos para interagir, conhecimentos que o mercado impõe e, nisso tudo, existe a tentativa de não nos tornarmos obsoletos, desinformados, desinteressantes, desqualificados. É como se fossemos Sísifo no mito, sempre insistindo em levar a pedra até o topo, diariamente. Sempre repetindo um incansável esforço com o intuito de produzir. Contudo, onde encaixamos o descanso nessa rotina complexa e compulsória imposta por uma sociedade que visa produzir muito a todo tempo? Existe espaço para o repouso? Qual é a importância do ócio em uma realidade que busca ocupar cada tempo livre com trabalho, com produção? Existe recorte de

gênero ou classe no direito ao ócio? Tendo tempo livre e lucidez das nossas condições, de que forma ocupamos esse tempo?¹

Justificativa

Enquanto mulheres, estudantes e trabalhadoras, percebemos a sobrecarga diária que enfrentamos com todas essas jornadas que agora mais do que nunca tendem a acontecer de maneira síncrona.

(...) A responsabilidade pelo trabalho doméstico formal ou não, ainda é, no Brasil, exclusivamente destinada às mulheres, representando uma desigualdade entre os gêneros masculino e feminino. (...) A própria mulher internaliza, nas relações de poder vigentes na sociedade, que cabe a ela a obrigação desses afazeres, dispensando muito pouco tempo para cuidar de si mesma, descansar ou buscar meios de lazer. (MACÊDO, 2020, p. 197)

Diante disso, outro tema não nos pareceu possível. Queremos com esta pesquisa retratar a realidade vivida por mulheres que, assim como nós, têm a jornada atravessada por tantos afazeres, que às vezes podem passar despercebidos pelo resto da sociedade. Para nós, parece mais do que necessário entender como é a relação dessas mulheres com seu tempo de ócio, se de alguma forma eles são transformados em momentos de lazer, se o cotidiano parece tão exaustivo que o tempo que resta só pode ser para descansar e recarregar as energias para o próximo dia ou semana ou até mesmo se esse tempo existe. Imersas em uma sociedade tão desigual não podemos desconsiderar todas as realidades que são possíveis de serem encontradas.

É importante entender que:

(...) uma parte significativa do trabalho, sobretudo do trabalho das mulheres, é tornada invisível para a sociedade, as estatísticas e as contas nacionais – todo o trabalho não pago associado à reprodução, ligado à execução de tarefas domésticas e de prestação de cuidados; tarefas às quais não é atribuído valor social ou econômico e que não são sequer reconhecidas como trabalho. (PERISTA, 2002, p. 450)

Assim sendo, é imprescindível que a relação entre a mulher e o seu tempo de lazer seja discutida, principalmente para que haja entendimento que a mulher também trabalha dentro de casa e que muitas vezes deixa de usufruir de forma prazerosa o seu tempo ocioso.

Objetivos

A pesquisa terá como objetivo, a partir do método comparativo, entre as respostas de mulheres e homens, entender a relação entre as mulheres e o tempo de ócio, mostrando não só a mesclagem entre tempo de trabalho remunerado, tempo de lazer e trabalho não

¹ Espaço de tempo em que se descansa, repouso, falta de ocupação: esses são alguns significados atribuídos à palavra ócio, uma antítese ao trabalho, mas como um estado necessário ao indivíduo e entendendo a importância do ócio, já que o descanso, em uma sociedade de produção.

remunerado, principalmente no contexto atual, mas também se esse tempo de lazer chega a realmente existir.

O intuito é entender também, se existe alguma relação de idade, raça ou classe no conteúdo das respostas. Traçar, não apenas uma relação entre gêneros, como também a disparidade de acordo com raça, classe ou idade, se houver.

Procedimentos Metodológicos

O grupo realizou uma pesquisa de opinião, segundo o método NEPSO (IBOPE, 2010), que tinha por finalidade entender a relação dos indivíduos com o seu tempo (de) ócio/ocioso, tendo como interesse, majoritariamente, das respostas, no questionário, do grupo feminino.

A pesquisa será quantitativa e qualitativa, pois ao mesmo tempo que vai apurar opiniões dos indivíduos que irão responder o questionário, vai incentivar o pensamento sobre o tema central da avaliação.

População

Definimos como público-alvo mulheres e homens que têm idade acima dos 20 anos.

Amostra e Técnica de Amostragem

A amostra foi constituída por homens e mulheres que trabalham e estudam e estejam, de alguma forma, inseridos em nosso ciclo social.

A técnica de amostragem foi realizada através de postagem em nossas redes sociais, sendo as principais o Facebook e WhatsApp. Contando também com o compartilhamento de amigos próximos.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

A pesquisa foi realizada a partir de um questionário no Google Forms, ficando disponível por cerca de dez dias e contando com a colaboração de 183 pessoas. Usamos o WhatsApp como principal ferramenta de compartilhamento, contando com a ajuda de muitos amigos tanto para responder quanto para compartilhar. Elaboramos dezessete perguntas, sendo dezesseis de múltipla escolha - cabendo a seleção de mais de uma alternativa em alguns casos - e uma pergunta discursiva onde os participantes poderiam se alongar se assim desejassem para falar como aproveitariam se tivessem mais tempo livre. Por último, deixamos em aberto um espaço para críticas, sugestões, elogios e contato dos participantes que quisessem receber os resultados. Deixamos registrados também que nenhuma pergunta foi categorizada como obrigatória, pois tínhamos o receio de que isso fizesse com que menos pessoas participassem e com isso reduzissem a nossa amostra. Por este motivo é possível que algumas perguntas contem com menos números que a amostra total. Mas iremos sinalizar em cada questão.

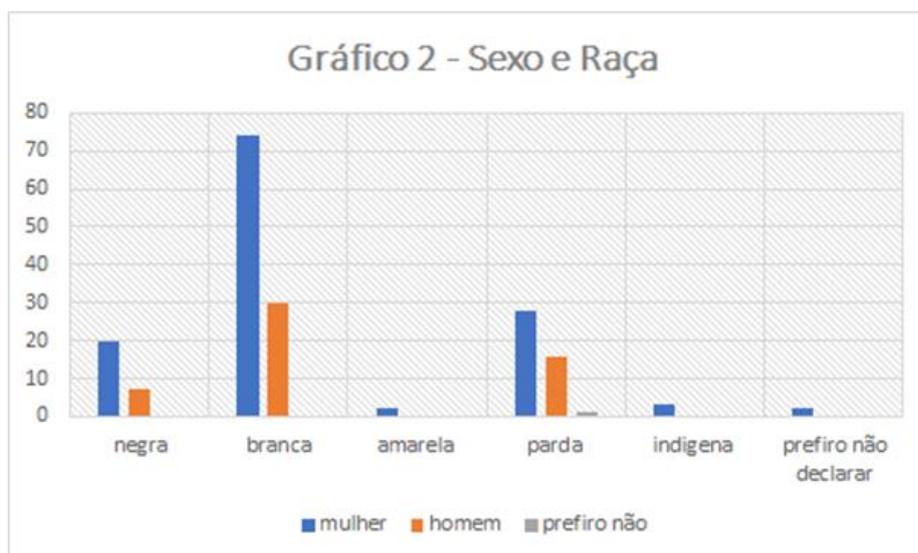
Apresentação e Análise dos Dados

A pergunta número um se referia ao sexo dos participantes e tinha como objetivo conseguirmos traçar as questões de gênero e a possível dupla/tripla jornada do sexo feminino. Contamos com a colaboração de 183 pessoas neste item. De acordo com o gráfico 1, nota-se que a maioria dos participantes são mulheres, sendo elas correspondentes a 70% dos entrevistados. Homens representam 29% e apenas uma pessoa preferiu não declarar.

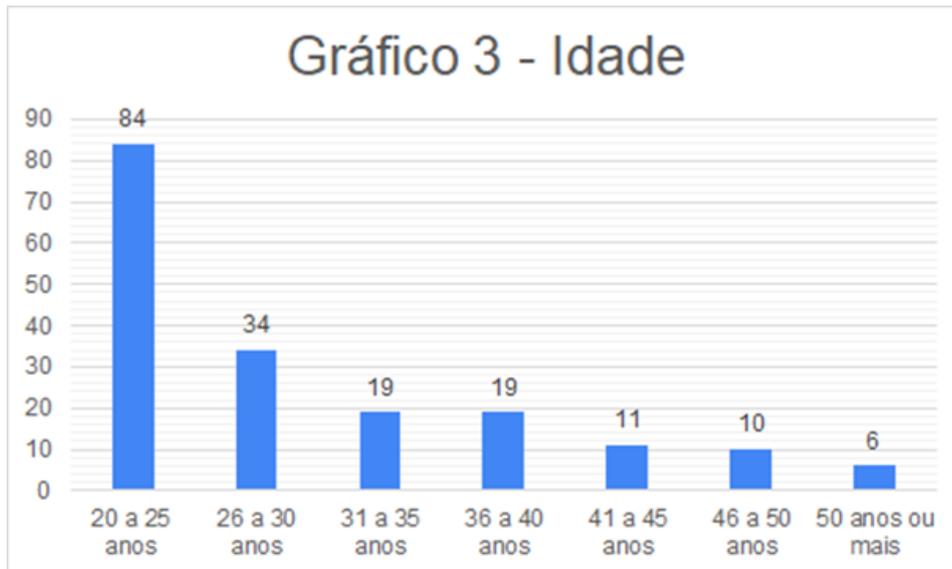


Fonte: Dados da Pesquisa

No gráfico 2, temos a relação entre sexo e raça. Compreender as especificidades do público que participou é primordial para uma análise mais detalhada. Observa-se que dos participantes negros, a maioria é mulher. Dos participantes brancos, a maioria também é mulher. Nenhum homem amarelo ou indígena participou da pesquisa, apenas mulheres amarelas e indígenas participaram. A maioria dos entrevistados pardos que participaram são mulheres.



No gráfico 3, traçamos a idade dos participantes, visto que com isso é possível entender se eles estão categorizados como integrantes da População Economicamente Ativa do Brasil e entendermos melhor como funcionam as dinâmicas com filhos, estudos e atividades domésticas. Notamos 84 dos participantes tem entre 20 e 25 anos, 34 participantes entre 26 e 30 anos, 19 participantes entre 31 e 35 anos, 19 participantes entre 36 e 40 anos, 11 participantes entre 41 e 45 anos, 10 participantes entre 46 e 50 anos e somente 6 participantes com idade superior a 50 anos. Podemos concluir então que a maioria dos entrevistados tem entre 20 e 25 anos e a minoria são pessoas com 50 anos ou mais.



No gráfico 4, objetivamos descobrir quantos participantes exerciam atividades remuneradas, considerando que isto influencia diretamente no seu tempo para outras atividades e tarefas a serem realizadas. Abaixo vemos que 78% dos entrevistados, ou seja, mais de $\frac{3}{4}$ exercem alguma atividade remunerada. E menos de 25% dos entrevistados não exercem atividade remunerada.



O gráfico 5 representa um detalhamento da questão anterior e foi formado com os dados por agrupamento da mesma. Aqui, separamos as mulheres por raça e se declararam ou não exerceram alguma atividade remunerada. Conseguimos notar que a maioria das mulheres que exercem atividade remunerada são brancas, seguidas de mulheres pardas e negras. Das que não exercem atividade remunerada os maiores dados são de brancas, pardas e negras respectivamente.



O gráfico 6 segue a mesma lógica do anterior e aqui observamos o seguinte fato: dos homens que exercem alguma atividade remunerada, a maioria é branco e a segunda maioria é pardo e dos que exercem atividade não remunerada a maioria é homem branco.



No gráfico 7, a pergunta em referência é sobre o processo de estudo dos entrevistados. Com este dado, podemos sinalizar se a maioria dos nossos colaboradores de alguma forma estaria cumprindo dupla jornada - trabalhando e estudando. Com isso, tendo menos tempo para as demais tarefas. Vejamos que pouco mais da metade dos entrevistados estão estudando, A diferença entre estudantes e não estudantes é de apenas 9%.



No gráfico 8, temos mais uma vez o aprofundamento da questão anterior, separamos e agrupamos as mulheres por raça para visualizar quais grupos exercem visualmente uma dupla jornada maior. A quantidade de mulheres brancas que estudam é superior à quantidade de mulheres brancas que não estudam. A quantidade de mulheres negras que estudam é aproximada à quantidade de mulheres negras que não estudam. Assim como, a quantidade de mulheres pardas que estudam está aproximada à quantidade de mulheres pardas que não estudam.



No gráfico 9, segue-se a lógica do gráfico que antecede. A quantidade de homens negros que estudam é menor que a quantidade de homens negros que não estudam. A quantidade de homens brancos que estudam é maior que a quantidade de homens brancos que não estudam. A quantidade de homens pardos que estudam é maior que a quantidade de homens pardos que não estudam.



No gráfico 10, buscamos entender em qual etapa da escolarização se encontram os participantes dessa pesquisa. Pergunta está pensada devido ao impacto que diferentes níveis de escolarização podem causar na rotina. Sabendo que alguns exigem maior tempo dedicado aos estudos e às vezes maior organização dos indivíduos. A grande maioria dos entrevistados estão cursando o ensino superior, sendo 74% nesta etapa. 7% no Ensino Médio, 17% na Pós-graduação e 2% cursando cursos livres.



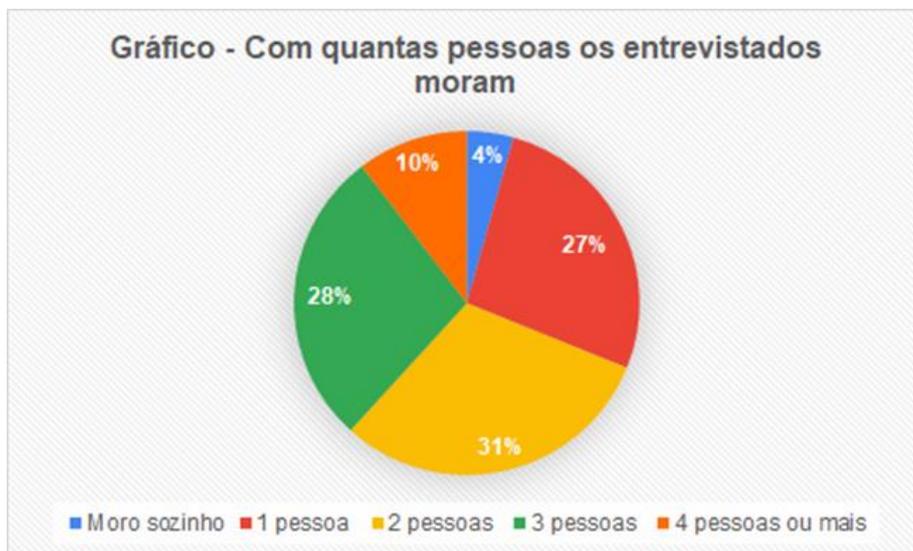
No gráfico 10.1 vemos um aprofundamento das respostas que conseguimos através da pergunta do gráfico anterior. Novamente sendo feito um agrupamento por sexo e raça. A maioria das mulheres cursando o ensino médio são pardas. A maioria das mulheres entrevistadas cursando o ensino superior são brancas e a segunda maioria são mulheres pardas. A maioria das mulheres cursando a pós-graduação são mulheres brancas e pardas.



O gráfico 10.2 segue a mesma lógica do que foi explicado para o gráfico 10.1. A quantidade de homens negros no ensino médio e no ensino superior é aproximada. A quantidade de homens brancos no ensino superior é maior que a quantidade de homens brancos no ensino médio. A quantidade de homens pardos na pós é maior que a quantidade de homens pardos no ensino superior.



A pergunta seguinte tinha como objetivo saber com quantas pessoas os respondentes residem. Considerando que o número de pessoas pode impactar diretamente na divisão das atividades domésticas, mas também se não houver divisão pode ocasionar maior sobrecarga de tarefas. A partir das respostas é possível concluir que 4% mora sozinha, 27% moram com uma pessoa, 31% com duas pessoas, 28% com três pessoas e 10% residem com quatro pessoas ou mais.



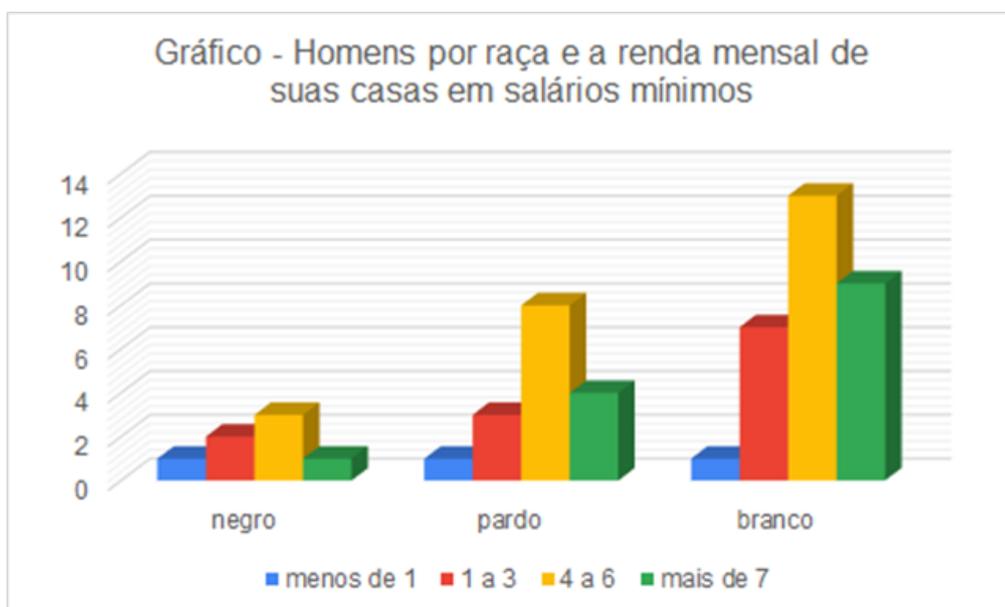
A pergunta seguinte era sobre a renda mensal da casa dos entrevistados. Consideramos que este é um outro fator que impacta diretamente na realidade dos participantes do questionário. Pessoas que têm uma renda familiar menor tendem a trabalhar mais para suprir demandas básicas, tendo menos tempo de descanso e algumas vezes menos tempo de estudo também. Observamos que 4% dos participantes declararam ter como renda familiar mensal menos de um salário-mínimo, 38% declararam ter entre um e três salários-mínimos, 36% declararam ter entre quatro e seis salários-mínimos e 22% dizem ter como renda mensal doméstica mais de sete salários-mínimos.



O gráfico abaixo é um aprofundamento do anterior, onde mais uma vez foi feito um agrupamento por raça e sexo. Encontramos que a maioria das mulheres negras que participaram têm como renda familiar de um a três salários-mínimos e isso, se repete entre as pardas, brancas e indígenas. Sendo somente equiparado às mulheres amarelas, pois a quantidade das que registraram receber entre 1 salário e 3 é a mesma que diz receber entre quatro e seis.



O gráfico a seguir segue a mesma lógica do anterior, mas dessa vez o agrupamento foi feito com homens. Encontramos que diferente das mulheres, a maioria dos homens independentemente de raça, declara receber entre quatro e seis salários-mínimos.



No gráfico 11, a pergunta de referência era sobre ter filhos ou não. A amostra total do questionário respondeu esta pergunta. Encontramos que mais de 75% dos entrevistados não têm filhos, 13% declararam ter um filho, 5% têm dois filhos e três participantes declararam ter três filhos ou mais.



No gráfico 11.1, aprofundamos novamente tentando achar o número de mulheres por raça que têm filhos. Sabemos que a maioria das mulheres ficam com as atribuições e cuidados, demandando mais tempo para estas atividades e menos para o seu descanso. Notamos que a maioria das mulheres brancas, pardas e negras não têm filhos. Sendo as mulheres brancas a maioria entre as que declararam ter um ou dois filhos e as negras tendo três filhos ou mais.



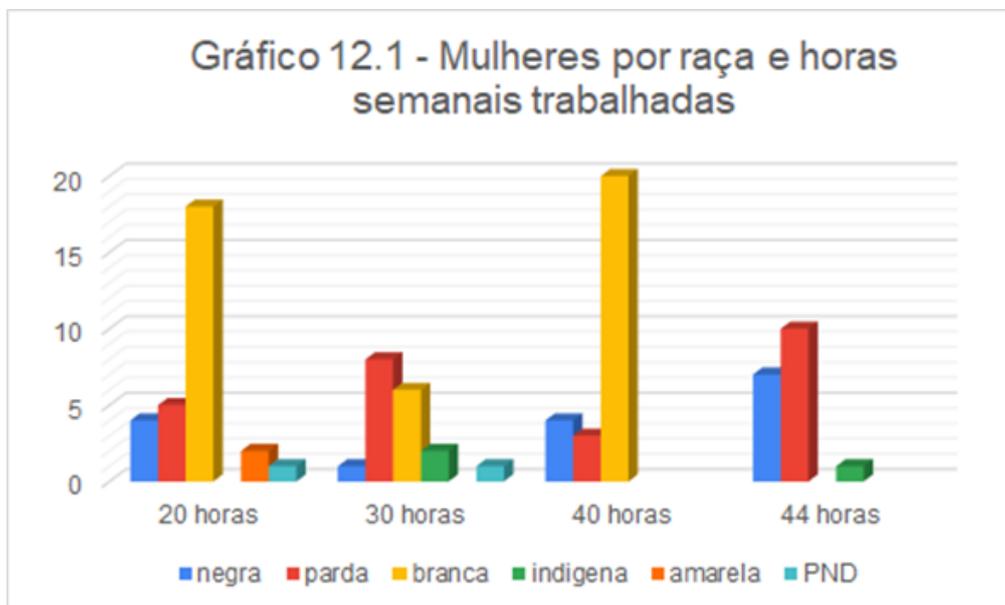
No gráfico 11.2, segue-se a mesma lógica, sendo o agrupamento determinado por raça e pelo sexo masculino. Concluindo que a maioria dos homens negros, brancos e pardos não tem filhos. Entre os que têm um filho se destacam os homens brancos. Só homens pardos declararam ter dois filhos e nenhum homem disse ter três filhos ou mais.



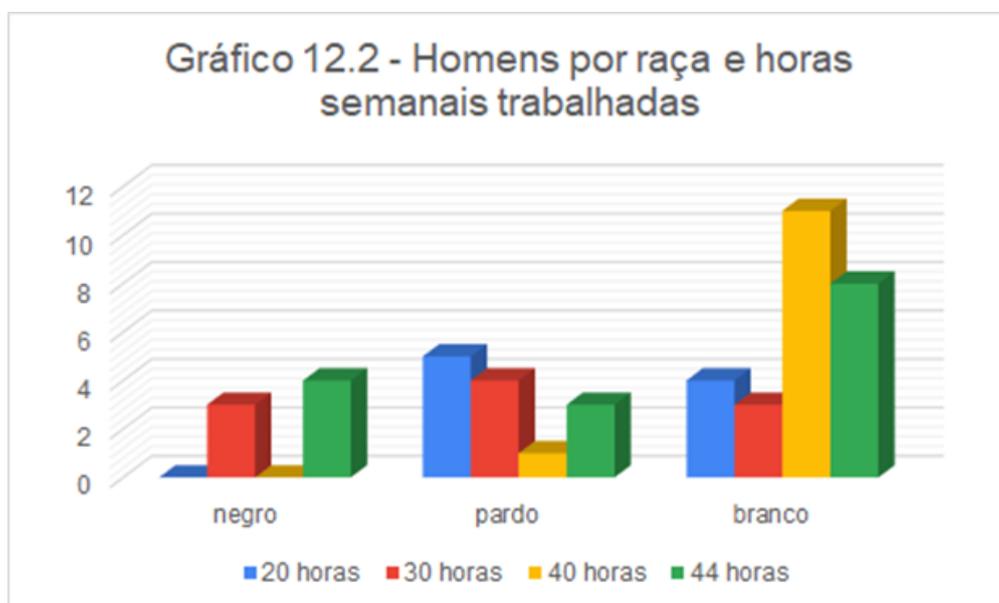
O gráfico 12, referente à quantidade de horas trabalhadas, mostra que a quantidade de entrevistados que trabalham 20 horas é próxima à quantidade de entrevistados que trabalham 40 horas semanais. A quantidade de entrevistados que trabalham 44 horas semanais é maior que as demais.



No gráfico 12.1, a quantidade de mulheres brancas que trabalham mais de 44 horas semanais foi nula. As mulheres brancas trabalham até 20, 30 ou 40 horas semanais. As participantes mulheres que trabalham mais de 44 horas semanais são mulheres negras, pardas ou indígenas.



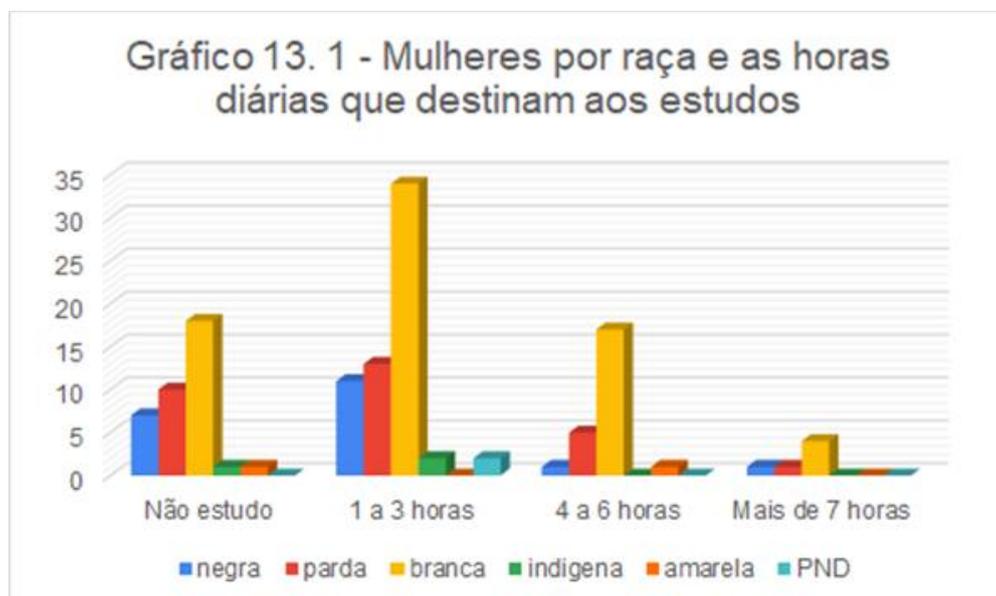
No gráfico 12.2, nota-se que a maioria dos homens brancos trabalham mais entre 40 horas e 44 horas, enquanto os pardos trabalham mais entre 20 e 30 horas e homens negros trabalham mais entre 30 horas e 44 horas.



No gráfico 13, entende-se que 69% dos entrevistados estudam de 1 a 3 horas diárias. Apenas 7% dos entrevistados estudam mais de 7 horas semanais e 24% dos entrevistados estudam de 4 a 6 horas.



No gráfico 13.1, a maior parte das mulheres brancas dedica-se aos estudos entre 1 e 3 horas, assim como as negras e pardas. Das que dedicam mais de 7 horas para os estudos, a maioria é branca.



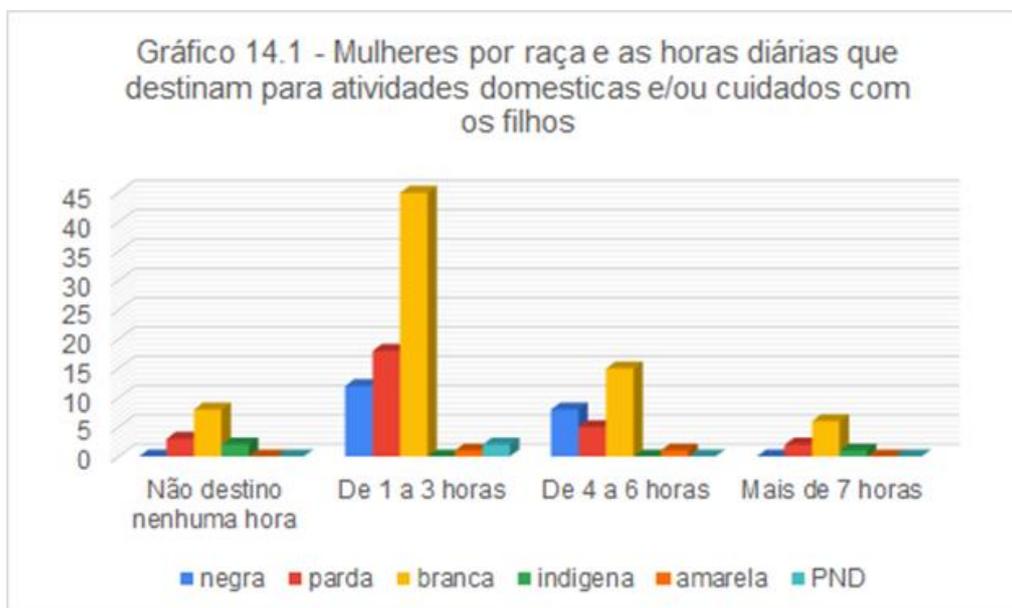
No gráfico 13.2, nota-se que a maior parte dos homens brancos se dedica aos estudos de 1 a 3 horas. A maior parte dos homens pardos dedica-se mais aos estudos entre 1 e 3 horas e a maior parte dos homens negros dedica-se aos estudos entre 1 e 3 horas ou então não estuda.



No gráfico 14, a maioria dos entrevistados destinam de 1 a 3 horas para atividades domésticas e cuidados com os filhos e atividades domésticas. Apenas 5% dos entrevistados destinam mais de 7 horas para atividades domésticas e ou cuidados com os filhos.



No gráfico 14.1, a maioria das mulheres brancas, pardas e negras destinam de 1 a 3 horas para atividades domésticas ou cuidado com os filhos.



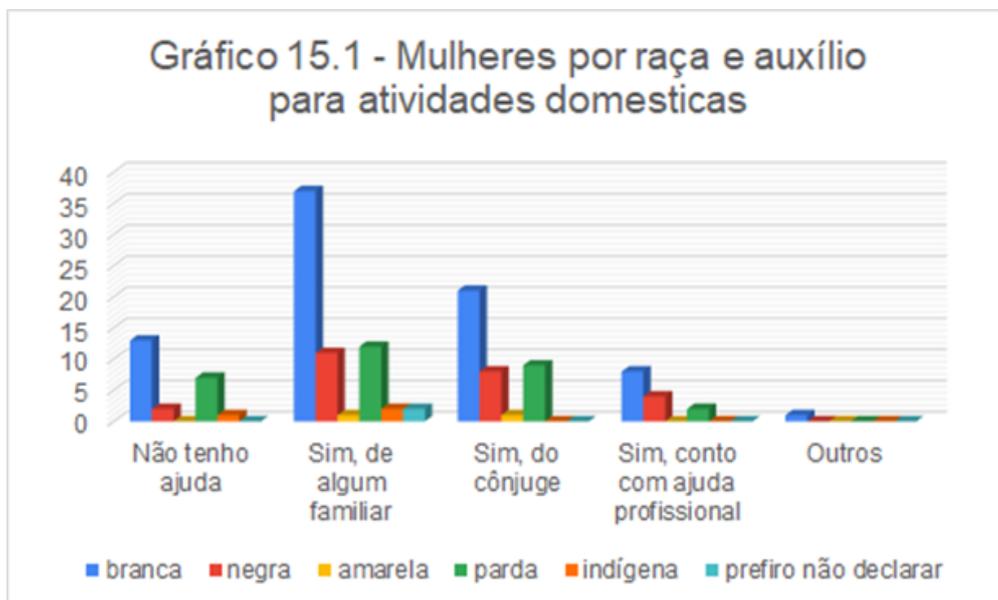
No gráfico 14.2, dentre os homens brancos entrevistados, a maioria dedica de 1 a 3 horas diárias para atividades domésticas ou cuidado dos filhos. A maioria dos homens negros também destinam de 1 a 3 horas para atividades domésticas e ou cuidado com os filhos. No caso dos homens pardos, a maioria não destina nenhuma hora ou 1 a 3 horas para os cuidados domésticos e/ou com os filhos.



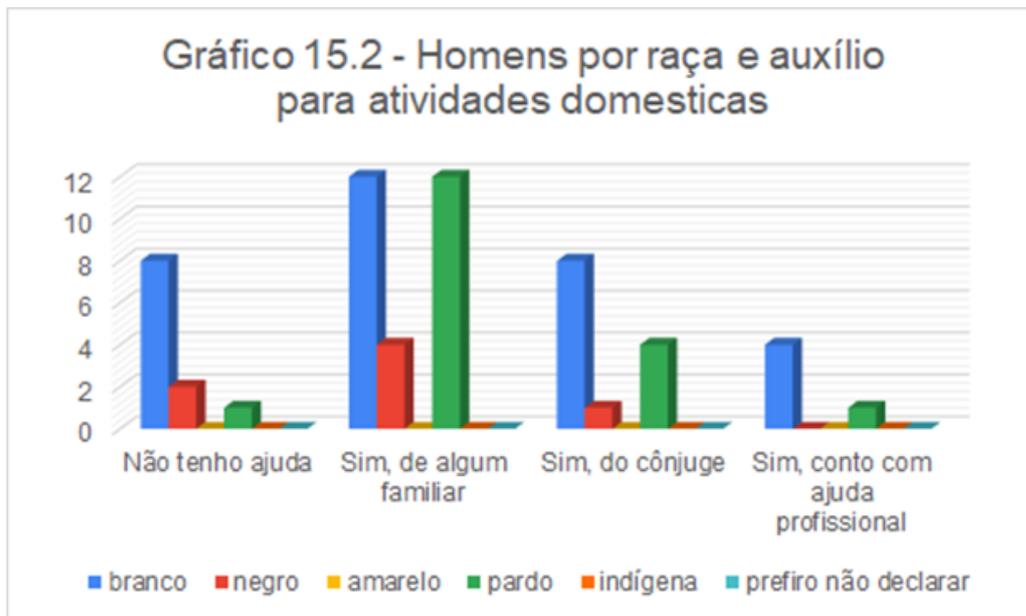
No gráfico 15, a maioria dos entrevistados recebem ajuda de algum familiar para lidar com as atividades domésticas. A segunda grande maioria recebe ajuda do cônjuge e a terceira grande maioria não recebe ajuda. Apenas 10% recebem ajuda de algum profissional.



A maioria das mulheres brancas, negras e pardas recebem a ajuda de algum familiar.



A maioria dos homens brancos, negros e pardos recebem ajuda auxílio nas atividades domésticas de algum familiar ou cônjuge.



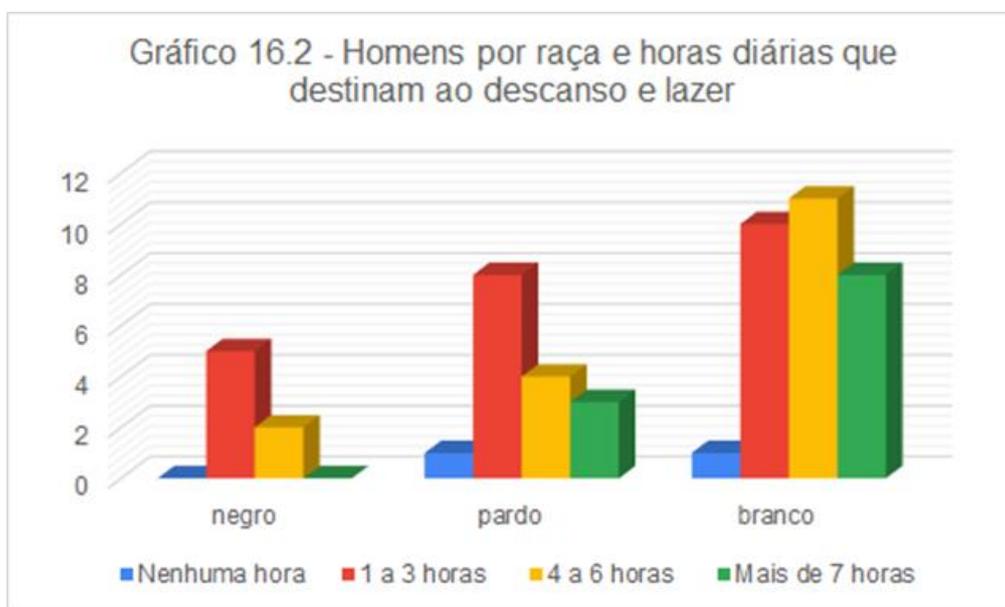
O gráfico 16 nos mostra que a grande maioria dos participantes destinam de 1 a 3 horas para descanso e lazer. Dos entrevistados, 7% não destinam nenhuma hora para o lazer.



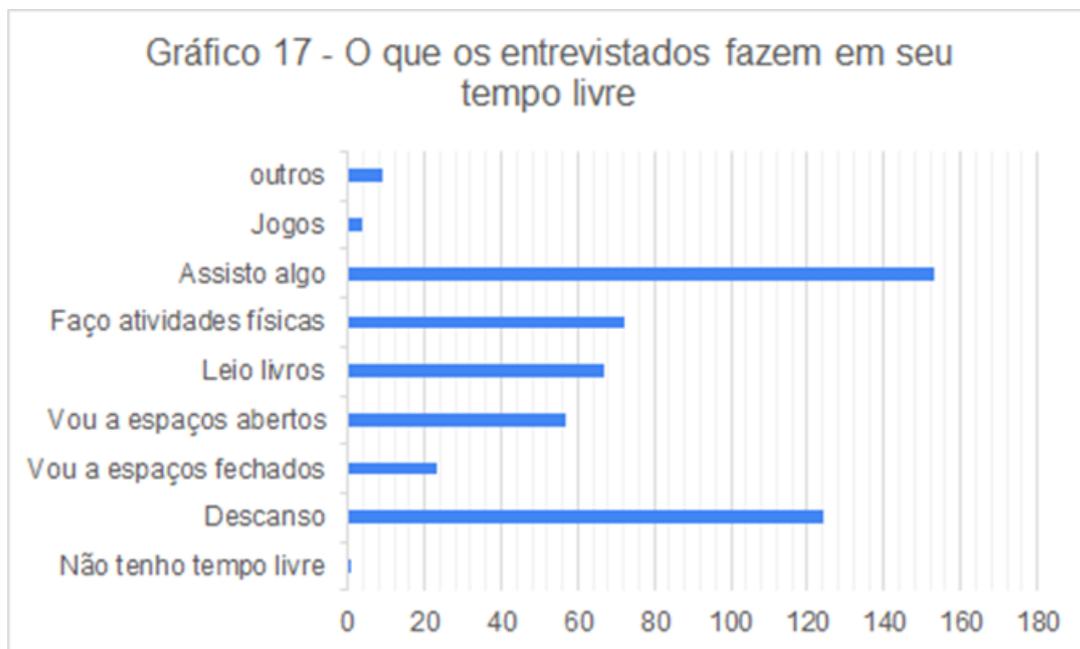
Das mulheres entrevistadas, as brancas foram maioria em declarar que não destinam hora alguma para descanso e lazer. Assim como também foram maioria nas que destinam algum tempo para descanso e lazer, independentemente da carga diária.



Dos homens entrevistados, existe uma proximidade na quantidade de homens brancos que destinam de 1 a 3 horas diárias, de 4 a 6 horas ou mais de 7 horas diárias para descanso e lazer. A grande maioria dos homens pardos destinam de 1 a 3 horas para lazer ou descanso. A maioria dos homens negros entrevistados destinam de 1 a 3 horas ao descanso e lazer.



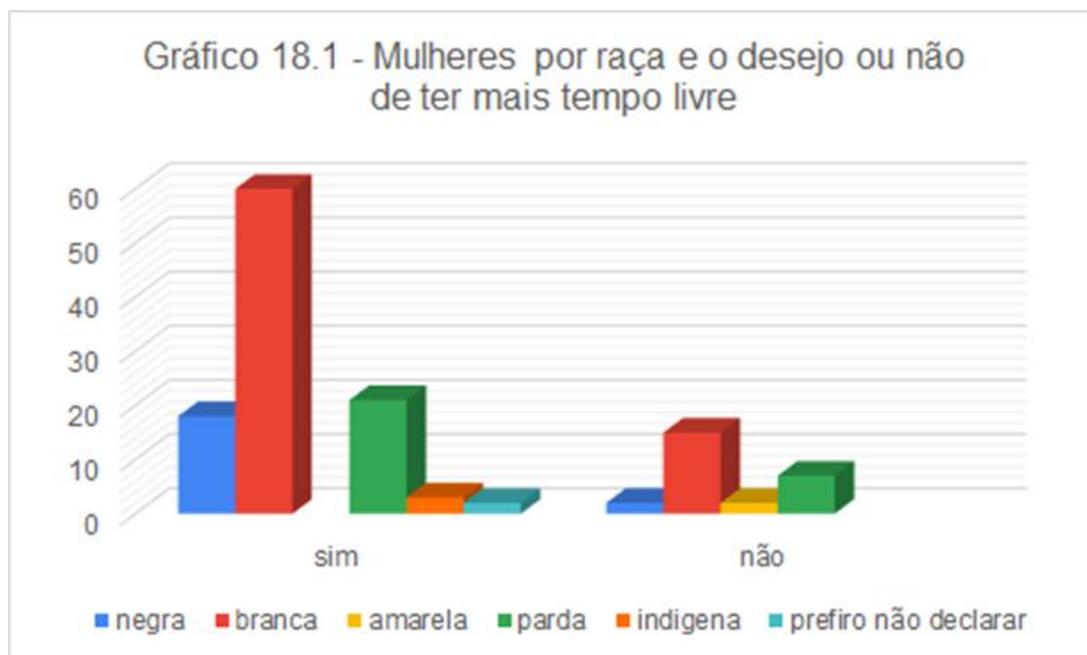
No gráfico 17, a pergunta tinha como objetivo entender o que as pessoas que colaboraram com a pesquisa fazem em seu tempo livre. Deixamos algumas alternativas e um espaço aberto para que pudessem registrar outra atividade. Nesta questão era possível marcar mais de uma opção. Percebe-se que a maioria dos entrevistados assiste algo no tempo livre ou descansam.



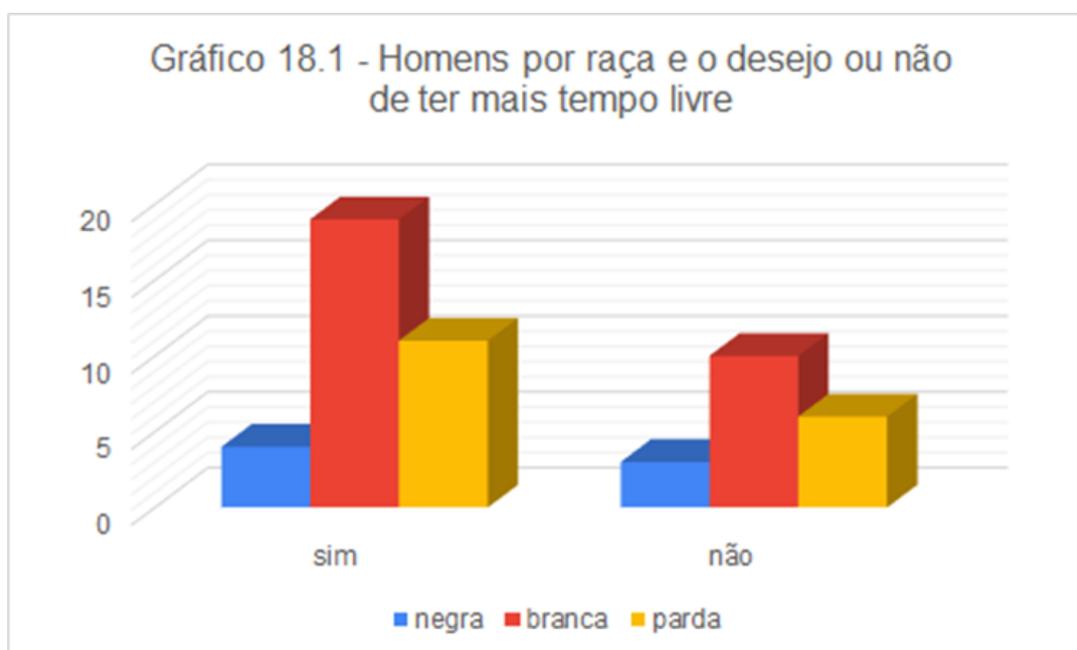
No gráfico 18, nota-se que a grande maioria deseja ter mais tempo livre. Apenas ¼ dos entrevistados não deseja mais tempo.



No gráfico 18.1, a maioria das mulheres negras, brancas ou indígenas desejam ter mais tempo livre.



No gráfico a seguir, homens negros que desejam e não desejam mais tempo livre estão em um número aproximado. A quantidade de homens brancos que gostaria de ter mais tempo livre é maior que a quantidade de homens brancos que não gostaria. O mesmo acontece com homens pardos.



No gráfico 19, a maioria dos entrevistados dedicaria seu tempo livre para viagens, passeios ou para a família, amigos e parceiros. A menor parte dos entrevistados dedicaria seu tempo livre ao autocuidado.



Conclusão

Esta pesquisa teve por objetivo evidenciar as disparidades de gênero, raça, classe e idade que ocorrem em relação ao tempo de ócio das pessoas, levando em consideração os dados coletados a partir do questionário circulado pelas redes sociais. Tendo em vista o volume de dados coletados, podemos considerá-lo como um estudo introdutório, abrindo caminhos para que possamos pensar nestas questões e fomentar a discussão e realização de pesquisas estatísticas mais completas e definitivas a respeito deste mesmo assunto.

Considerando as diversidades atingida pela pesquisa, tanto por gênero quanto por raça, foi possível aferir as discrepâncias dentro das mesmas. Os respondentes negros tendem a trabalhar mais, estudar menos e dedicar menos tempo ao lazer. No que se refere a questão de gênero, esta questão encontra-se equilibrada, visto que a maioria dos homens e assim como as mulheres, dedicam muito do seu tempo ao trabalho e pouco para os estudos.

Em relação ao tempo de descanso e ócio, um dos objetivos principais desta pesquisa, vimos que os homens tendem a dedicar mais tempo em comparação às mulheres, que em contrapartida dedicam mais tempo às tarefas domésticas.

Para além do interesse em entender como as pessoas lidam com o seu tempo ocioso, um dos intuitos da pesquisa era salientar a relação da dupla e tripla jornada enfrentadas pelas mulheres, independentemente de raça ou idade. Assim, como pudemos observar nos gráficos apresentados, grande parte das mulheres respondentes exercem mais atividades não remuneradas, como cuidados domésticos e/ou dos filhos, do que os homens.

Por fim, é possível notar que embora grande parte dos respondentes tenham algum tempo, por menor que seja, para destinar ao seu momento de ócio, descanso e lazer, muitos desejam que esse tempo seja maior e mais proveitoso, principalmente se levarmos em consideração

não só as circunstâncias atuais como o tempo em que vivemos, no qual a cobrança pela produtividade é feita a todo instante e como diria o cantor Emicida (2020) em sua canção: “é tudo pra ontem”. Mais do que nunca, precisamos refletir e analisar as formas como lidamos com o combo: trabalho x estudo x ócio, do contrário seguiremos cada vez mais tentando nos tornar supermáquinas de eficiência e rendimento e cada vez menos sabendo aproveitar o tempo livre que nos é destinado, acarretando assim em diversos malefícios a curto e longo prazo.

Referências

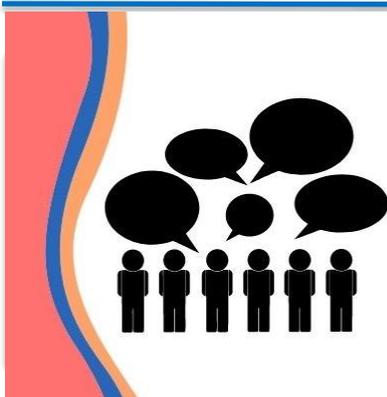
AQUINO, Cássio Adriano Braz; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. Rev. Mal-Estar Subjetivo, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 479-500, 2007.

CAMUS, Albert. O Mito de Sísifo, p. 74- 75, 1941. Disponível em <https://lelivros.love/book/baixar-livro-o-mito-de-sisifo-albert-camus-em-pdf-epub-e-mobi/>. Acesso em: 03 abr 2021.

EMICIDA. É tudo pra ontem. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gbQC60p5eZk>. Acesso em: 23 de abr 2021.

MACEDO, Shirley. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. Rev. NUFEN, Belém, v. 12, n. 2, p. 187-204, 2020.

PERISTA, Heloisa. Gênero e trabalho não pago: o tempo das mulheres e o tempo dos homens. Análise Social. v. XXXVII, n.163, p.447-474, 2002.



AFETO E VALORIZAÇÃO: A JORNADA DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO BÁSICA

*Gabriela Castilho, Iris Maria Deschaumes, Juliana M.
Heluy Ferreira, Lua Clara Barcelos e Natalia Knust*

Introdução

Temos observado, ao longo da nossa formação no curso de Licenciatura em Pedagogia na UNIRIO, que a profissão passou por algumas mudanças ao longo de sua história na sociedade ocidental. Nosso trabalho irá tratar sobre como essa profissão se tornou cada vez mais afetiva e menos valorizada.

Com o tempo, as mulheres passaram a protagonizar a profissão, principalmente nos primeiros anos da educação básica, que correspondem à Educação Infantil e Ensino Fundamental I (INEP, 2009). Com essa mudança e o fato de as crianças passarem a frequentar o ambiente escolar com cada vez menos idade, o papel da professora foi ressignificado, se tornando, em um primeiro momento, quase como uma extensão do maternal. A educação infantil deveria, então, cumprir as funções de educar e cuidar das crianças, sendo que muitas vezes o cuidar sobrepuja o educar.

Segundo Vanglier e Damasceno (2016), em “O Processo de Naturalização da Mulher como Professora da Educação Primária”, a maioria dessas primeiras mulheres a exercerem esse cargo não o tinham como uma atividade de subsistência. Portanto, a remuneração e valorização da profissão não eram de fundamental importância para as mesmas. Para elas, o mais relevante era ter a liberdade de exercer uma função reconhecida além de serem esposas e mães, o que não era possível através de outras profissões às quais elas não tinham tanto acesso.

Culturalmente, nosso país é muito afável e por vezes o relacionamento aluno - professor(a) se dá de forma mais pessoal. Um exemplo disso são as crianças chamarem as(os) professoras(es) de tias(os). Já em outros países, nos quais coincidentemente a profissão é mais valorizada e respeitada, esses profissionais são chamados por Sr./Sra./Srta. e o sobrenome. Tais atitudes podem gerar um contexto de maior intimidade e, não intencionalmente, suprimir a imagem profissional reforçando as ideias de que a professora desempenha sua função por amor ao magistério e, portanto, deve suportar todas as adversidades do ofício.

Justificativa

Investigar a necessidade de uma maior conscientização sobre o verdadeiro papel do professor em sala de aula e de sua valorização como profissional qualificado e não como ente querido.

Objetivos

Pretendemos com nossa pesquisa entender a visão do professor de educação básica sobre a importância do afeto no processo de aprendizagem e como isso afeta o profissionalismo da sua função.

Procedimentos Metodológicos

Será uma pesquisa qualitativa. Por meio de análise do questionário no Google Forms que elaboramos e divulgamos para professores da educação básica e análise bibliográfica.

População

Consideramos uma abrangente população de Professores da educação básica (educação infantil e ensino fundamental) de escolas públicas e privadas de todo Brasil, que são os sujeitos mais impactados pela questão proposta nessa pesquisa.

Amostra e Técnica de Amostragem

A amostra foi determinada pelos participantes de grupos de professores da educação básica dispostos a responder o nosso questionário para coleta de dados, cujo link foi amplamente divulgado online

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

Por meio de questionário via Google Formulários, compartilhado em grupos de Facebook direcionados professores de anos iniciais do fundamental, foi possível alcançar o objetivo dessa investigação.

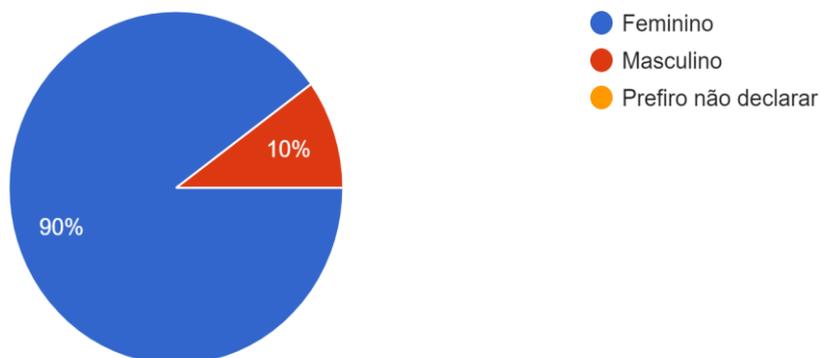
Apresentação e Análise dos Dados

Tendo em vista os dados coletados, os professores entrevistados não se importavam em ser chamados de “tio/tia” e viam isso como uma forma de carinho. Mais da metade concorda ou tem dúvidas se isso afeta a maneira dos pais enxergarem com respeito a posição do professor. Foi unânime a necessidade da relação de afeto entre o professor e a criança. Além disso, 90% das respostas também indicam que os professores dos outros segmentos (Ensino Fundamental e Médio), que não são chamados de “tios”, são mais valorizados socialmente.

Seguem abaixo os resultados de cada questão e alguns dos comentários.

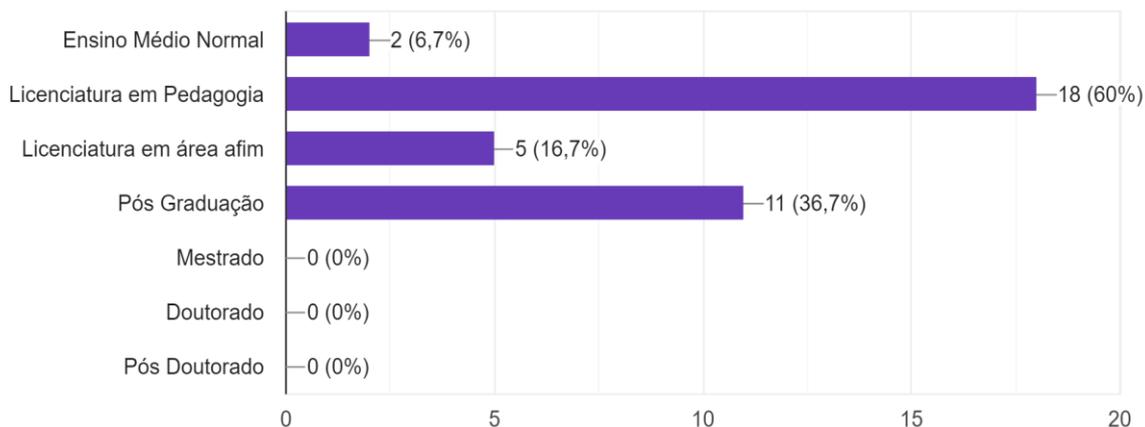
Com qual gênero você se identifica?

30 respostas



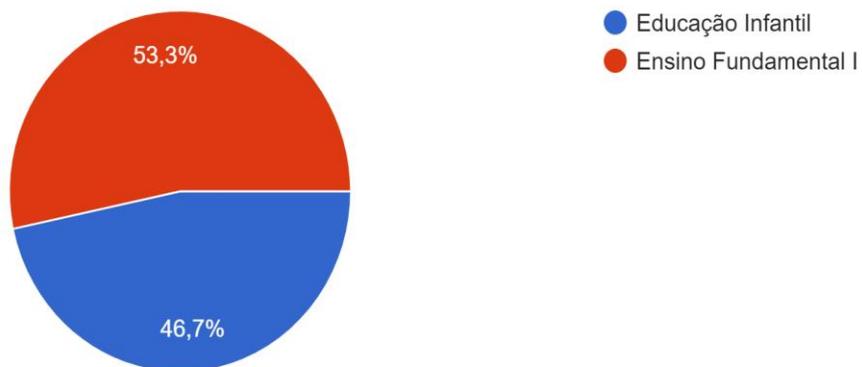
Qual a sua formação? (Marque mais de uma opção se necessário)

30 respostas



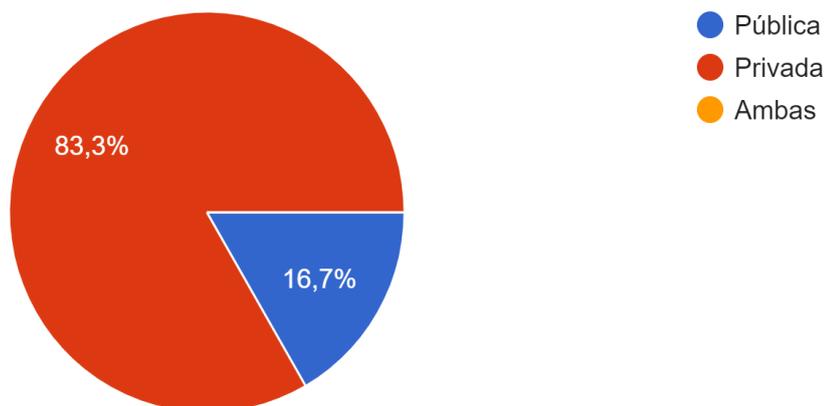
Em qual seguimento você atua?

30 respostas



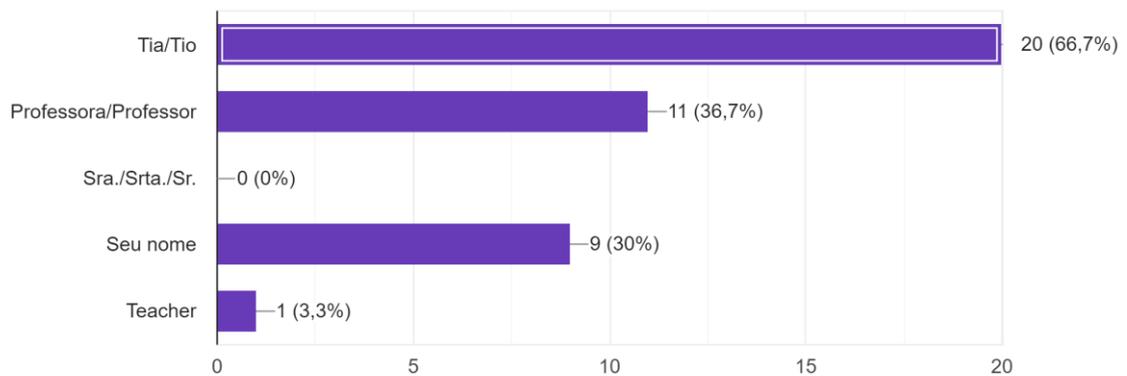
Em qual rede de ensino você leciona?

30 respostas



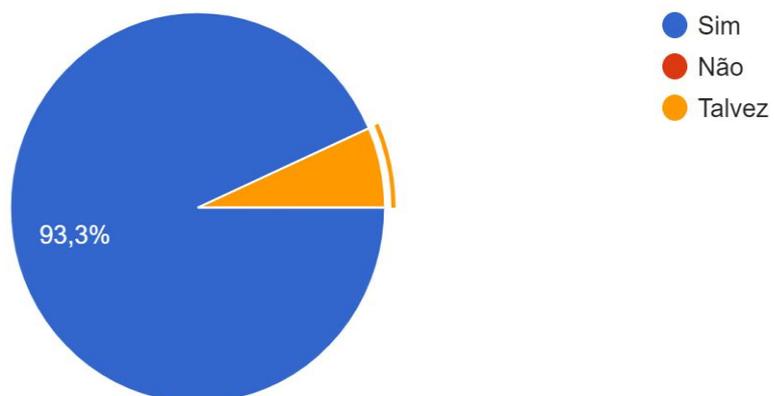
Como os seus alunos te chamam?

30 respostas



Você gosta de ser chamada(o) assim?

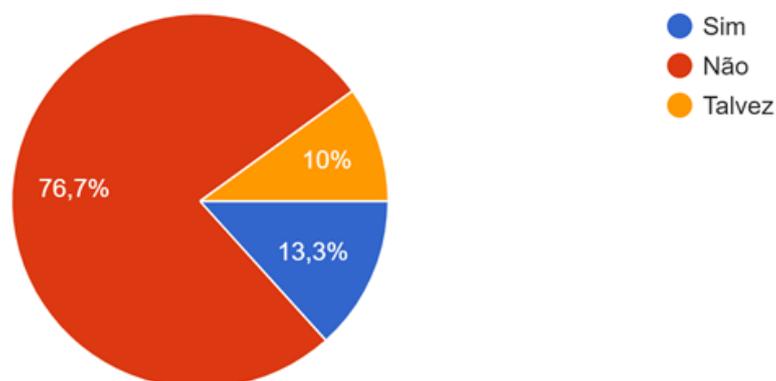
30 respostas



2 talvez (tia/tio; professora/professor); 28 sim; 0 não

Você acha que isso afeta a sua postura profissional?

30 respostas



3 talvez (tia/tio; seu nome); 4 sim (professora/professor; seu nome); 23 não

Para compreender melhor o posicionamento dos respondentes, solicitamos que justificassem a resposta anterior. Sendo assim, obtivemos as seguintes opiniões ou justificativas:

- *"O profissional da educação é comumente visto como uma figura próxima e íntima de seus alunos, principalmente nos anos iniciais onde a profissão é exercida majoritariamente por mulheres, que muitas vezes acaba assumindo uma postura maternal, estreitando ainda mais os laços." (respondente A)*
- *"Procurando manter o profissionalismo sempre corrijo os alunos a me chamar de teacher ou professor e não tio"*
- *"Acredito que tudo é um equilíbrio, e a criança precisa ter o entendimento de você como uma pessoa que merece ser respeitada e que é o adulto de referência dentro daquele espaço. [...]"*
- *"São bebês e nós somos o laço afetivo mais próximo deles depois da família, eles vão ter todo tempo do mundo para chamar o(a) professor(a) pelo nome, não afeta minha postura de profissional pois eles entendem que sou professora, é apenas uma forma de ter mais proximidade."*
- *"Não, a postura profissional tem a ver comigo, com a minha didática e capacidade de esclarecer as regras necessárias para um bom convívio e aprendizagem em sala de aula."*
- *"Penso que ser chamada de "tia" pela criança, não me destitui de ser educadora, de construir uma relação de respeito e afeto. Mas percebo que para alguns pais/responsáveis, a "tia", tem que prestar conta de exigências muito mais domésticas do que desempenhar realmente o que sua formação exige. Algumas vezes é preciso mostrar com propriedade e deixar claro para estes, a importância do professor no planejamento de contextos educativos, no acompanhamento do desenvolvimento da criança entre outros."*

- *"Não acredito q a maneira com q os pequenos nos chamam me afete, considero uma forma de carinho por serem crianças pequenas. Inclusive acredito q ajuda no vínculo. A desvalorização do profissional de educação, principalmente atuante em creche se dá em decorrência de toda a história da educação e de como se deu o início das creches, essa visão assistencialista se arrasta até os dias de hoje. [...]"*

Segundo as justificativas acima, dadas pelos respondentes dessa pesquisa, a hipótese da pesquisa apresentada no início pode ser confirmada.

Conclusão

De acordo com os resultados obtidos através do formulário, pudemos chegar à conclusão que o "chamar de tia" em teoria não afeta a imagem do professor como profissional, tanto em relação aos pais, quanto em relação a ele mesmo. Contudo, ficou claro que é essencial aos alunos dos anos iniciais que a escola seja vista como um lugar de conforto e afeto, e que esse tipo de tratamento promova esses sentimentos e essa maior aproximação entre professor-aluno.

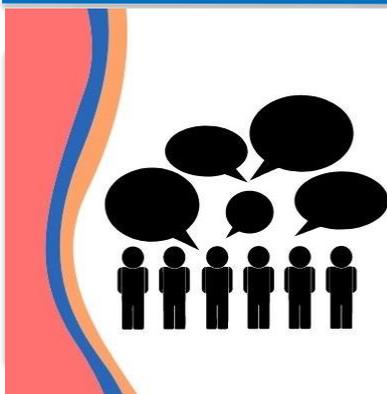
Entretanto, é importante destacar também que 90% dos professores que participaram da pesquisa afirmaram que se sentem menos valorizados do que colegas atuantes em outras etapas da educação. Porém, de acordo com 63,3% deles essa situação não seria resolvida com uma relação menos afetuosa entre professor-aluno.

Portanto, podemos concluir que o sentimento de desvalorização do professor como profissional não tem relação alguma com o tratamento de seus alunos para com ele dentro de sala de aula, mas sim com outros fatores que não consideramos em nossa pesquisa.

Referências

VANGILER, Maria Aparecida de Souza; DAMASCENO, Ednaceli Abreu. O processo de naturalização da mulher como professora da Educação primária. Anais do Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental, n. 1, 2016.

INEP. Estudo Exploratório sobre o Professor Brasileiro com Base nos Resultados do Censo Escolar da Educação Básica 2007. Brasília: INEP, 2009.



ALUNOS DE PEDAGOGIA DA UNIRIO QUE PELA PANDEMIA FORAM INTERFERIDOS OU PREJUDICADOS NA EDUCAÇÃO

Ana Carolina Zuniga, Fabiola de Souza, Larissa Kimberlly, Leticia da Silva e Natana Mussumeci Barbosa

Introdução

Com o advento do Covid-19 pegando a todos de surpresa, tivemos que mudar nossos planos e nos reinventarmos em qualquer âmbito de nossas vidas. A crise sanitária modificou tudo e trazendo um novo olhar sobre as coisas e como podemos viver a partir disso. Foi dela que alguns voltaram a ser criativos, passando mais tempo em casa, observando a natureza, ficaram com a família ou não e até mesmo se estressando um pouco mais. Com certeza o nosso olhar para o novo normal nunca mais será o mesmo e através desse olhar que buscamos saber nesse trabalho quantos discentes tiveram alguma dificuldade aflorada pela pandemia do novo coronavírus podendo afetar na qualidade da educação, sendo ela, financeira, de saúde, psicológica, relações pessoais, recursos tecnológicos, conexões, trabalho, entre diversas questões que podemos descobrir mediante a resposta do nosso formulário. (ISTO É DINHEIRO, 2020)

Justificativa

A escolha do tema para o nosso projeto se deu pelo fato de que muitos alunos e professores têm enfrentado grandes desafios e dificuldades. Os grandes impactos têm afetado principalmente aos discentes que enfrentaram problemas psicológicos perdas de familiares, situação financeira e uma série de desigualdades, além de, isso é importante falar, como os alunos enfrentam esses problemas e como é importante que eles tenham assistência não somente psicológicas senão também financeiros e como eles conseguem se sustentar em certos momentos difíceis e de que maneira cada um dos alunos enfrentam seus obstáculos. Deste modo, sentimos a necessidade de pesquisarmos sobre. (CONEXA, 2020)

Objetivos

Entender como os alunos do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro estão enfrentando as mudanças na educação, econômicas, psicológicas e seus impactos pela pandemia diante a sua educação.

Procedimentos Metodológicos

Realizamos uma pesquisa por amostragem que busca compreender alguns problemas enfrentados pelos professores e que são ocasionados pela crise sanitária causada pela pandemia, seguindo o método NEPSO (2010). A pesquisa foi quantitativa, e assim foi elaborado um questionário com perguntas objetivas para um público-alvo. Os dados coletados e análise, além de apontamentos finais, serão apresentados após as respostas.

População

Decidimos previamente que o nosso público-alvo seriam estudantes de graduação de uma universidade pública. No caso, escolhemos a UNIRIO, por termos facilidade de acesso ao corpo discente, já que somos também alunas da instituição citada

Amostra e Técnica de Amostragem

Optamos por coletar dados em uma amostra com estudantes do curso de Pedagogia da UNIRIO, dos turnos vespertino e noturno. A técnica será feita através das redes sociais que são: Facebook e WhatsApp.

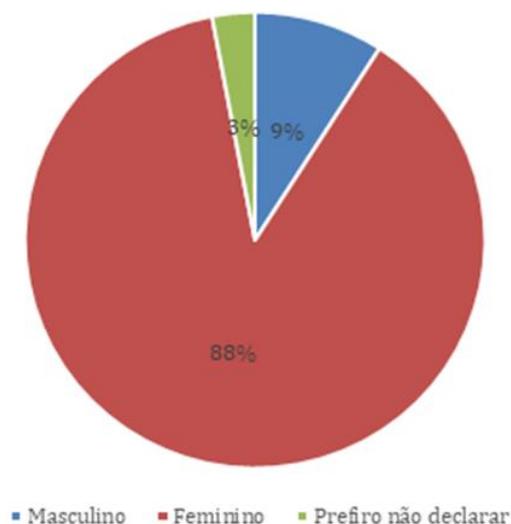
Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

O mecanismo utilizado para coleta de dados foi um questionário online, feito no google formulário, por conta da pandemia toda a busca por respostas foi a distância. O formulário foi compartilhado com pessoas definidas como o público-alvo da pesquisa e, por meio de grupos das redes sociais.

Apresentação e Análise dos Dados

Para a realização da nossa pesquisa, 33 discentes de Pedagogia do Vespertino e Noturno da UNIRIO responderam ao questionário online.

Fazendo um recorte da nossa coleta de dados, identificamos a maioria pertencentes ao gênero feminino sendo cerca de 88% dos que responderam.

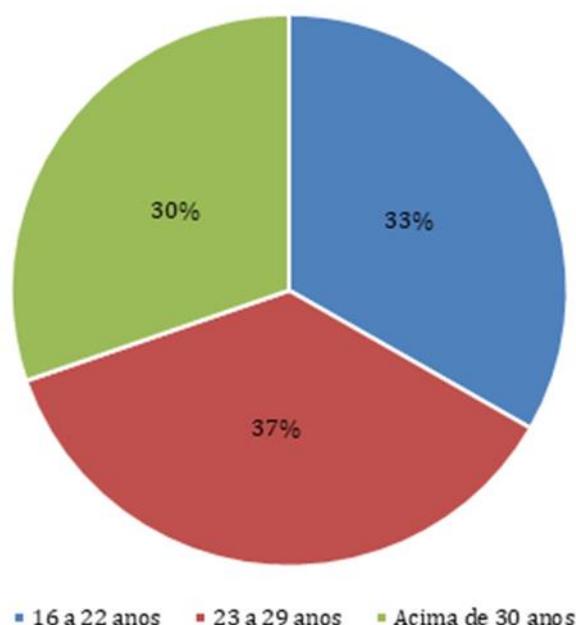


Podemos ver que as mulheres estão em maior quantidade no curso de Pedagogia, tanto no turno vespertino quanto no noturno. Contudo, em tempos anteriores a mulher era vista somente para cuidar do lar e da família. A reforma educacional pombalina foi uma primeira iniciativa para uma tentativa de inserir a mulher nesse espaço, porém serviu para que elas frequentassem salas de aulas e com o magistério público dessem aulas somente para moças. (FERNANDES, 2019)

Anos depois, em 1870, foi quebrado o monopólio do ensino e ambos os sexos podiam frequentar a mesma classe em escolas protestantes, metodistas e presbiterianas, mas mesmo assim a luta não parou. Já em 1879 o governo imperial liberou a entrada feminina no ensino superior, com condições: as solteiras tinham que ter a liberação de seus pais, já as casadas o consentimento de seus maridos. (CASSIO, 2018)

Hoje, a inserção das mulheres na Universidade na recente história é um marco muito importante e com ele conseguiram a sua emancipação, causando um impacto muito positivo. E mesmo assim o gênero feminino ainda é visto para cuidados com as crianças e afazeres domésticos, sendo assim, a supremacia das mulheres no curso de Pedagogia fazendo uma feminização do ensino infantil.

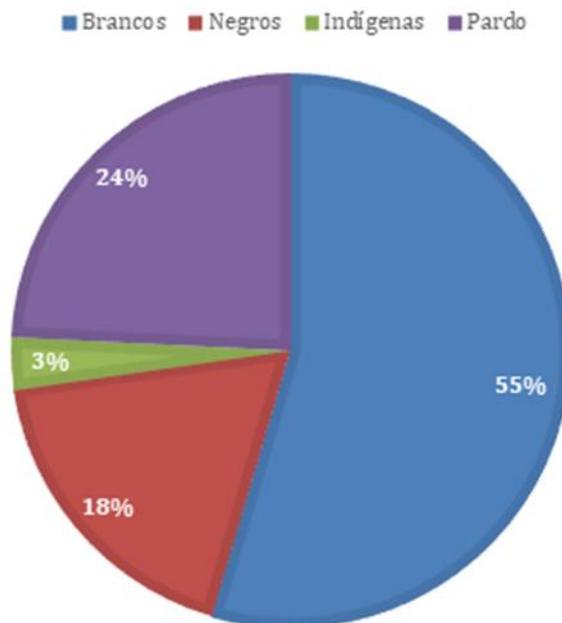
Num total de 33 estudantes participantes da pesquisa, 37% desse total estão na faixa etária entre 23 e 29 anos. A maioria dos participantes da pesquisa:



Todos os participantes entre 23 e 29 anos são mulheres, 12 no total. E entre 16 e 22 anos são 6 mulheres e 1 homem. Já acima de 30 anos temos um total de 8 discentes, sendo 5 mulheres, 1 homem e 1 que preferiu não declarar.

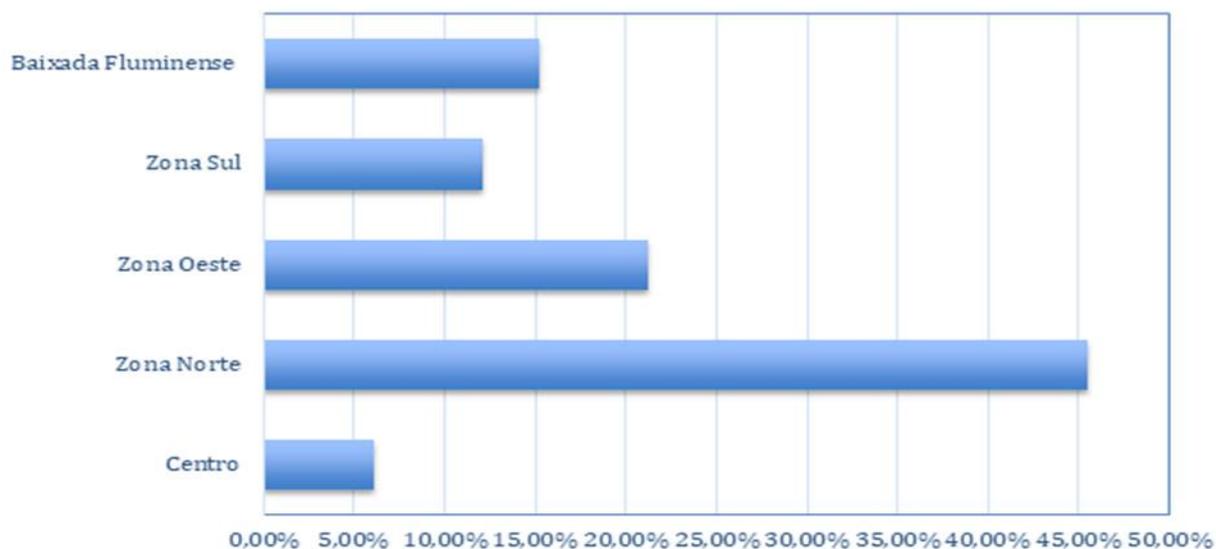
O que vocês acham que isso quer dizer?

Percebemos também que no meio acadêmico em Pedagogia se fazem mais presente os brancos, tendo um percentual na nossa pesquisa de 55% do total.



Também recolhemos os dados de região de localidade e o turno no qual o estudante se encontra, abrindo ainda mais a nossa pesquisa.

Em qual localidade você se encontra?

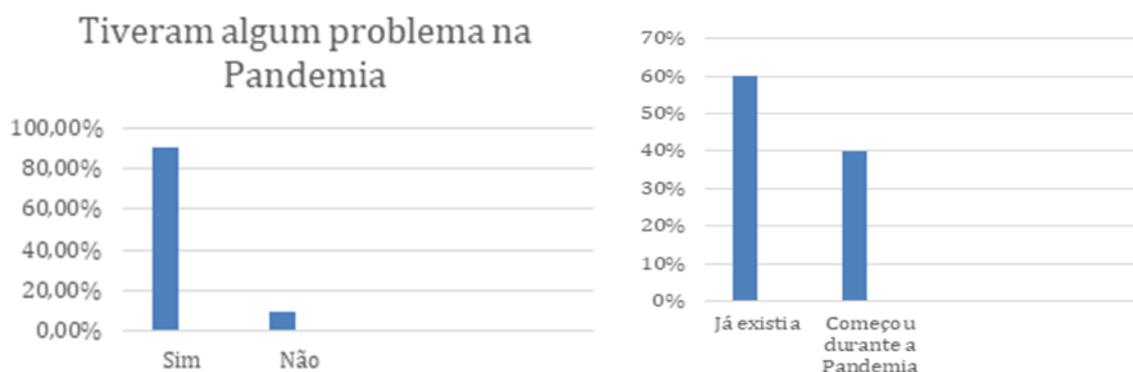




A Zona Norte tem uma grande concentração de estudantes de Pedagogia, tendo uma mistura dos turnos. As Zonas Oeste, Sul e Centro também têm uma mistura de turno entre Vespertino e Noturno. Já a Baixada Fluminense tem um percentual de 15% de todos do Vespertino, exceto um do Noturno.

A pandemia mudou nossa rotina de forma muito rápida e tudo ao nosso redor, se estendendo mais do que todos imaginavam. Com o novo coronavírus, muitos estudantes estavam num divisor de águas quanto aos estudos e até querendo interrompê-los. A tecnologia foi uma base para continuarem os estudos, mas com isso também vieram alguns problemas, pois nem todos estavam preparados e muito menos tinham tal suporte. Portanto, sendo de modo remoto a educação nesse momento atípico, os estudantes foram obrigados a se adaptarem e tiveram consequências desse ensino.

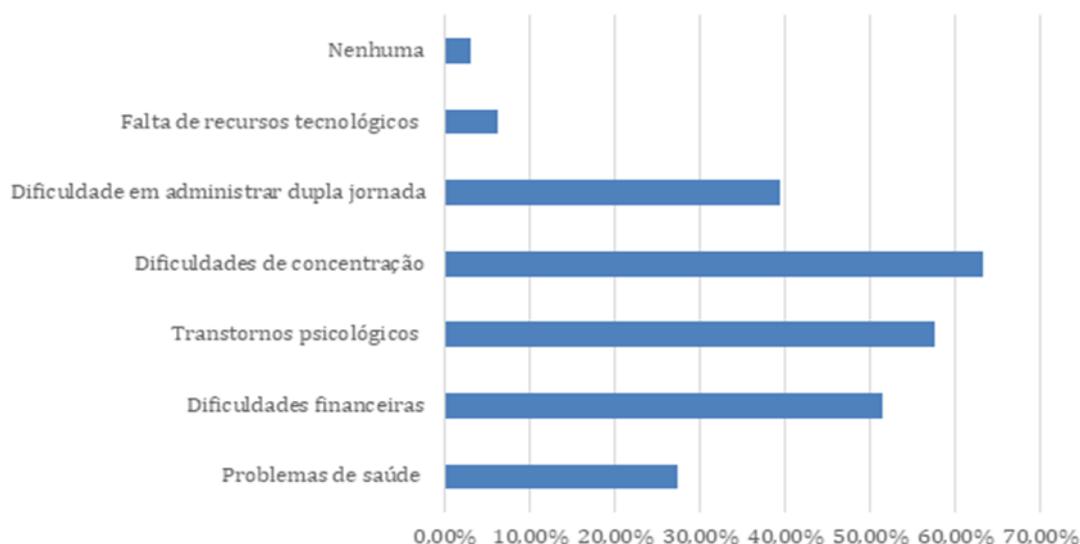
Com isso, perguntamos se tiveram alguma dificuldade na Pandemia e posteriormente se esse problema já existia ou se agravou conforme quarentena. Conforme mostra o gráfico:



O ser humano está passando sempre por mudanças, frustrações, alegrias e problemas de saúde, entres outros. Isso nos leva a concluir que nós enfrentamos novos problemas a todo momento e, parando para analisar, mesmo antes da pandemia muitos já os tinham. Com a mesma, a situação se agravou e esse é o motivo da nossa pesquisa.

E mediante essas respostas, queríamos entender melhor quais foram esses problemas, já que a maioria sinalizou que esteve/está com eles. As doenças mentais estão se virando o mal do século XXI e não tendo o apoio necessário, acaba se agravando e trazendo consequências irreparáveis, dependendo do caso.

Quais tipo de categoria se encaixa melhor no seu caso?



Nessa pergunta poderia ser marcada mais de uma opção. Observamos que a falta de recursos tecnológicos não foi um grande problema, mas a dificuldade de concentração (63,6%), transtornos psicológicos (57,6%) e dificuldades financeiras (51,5%) tiveram uma grande porcentagem. Sabemos que nas últimas décadas a saúde mental é um tema muito recorrente e tem sido cada vez mais discutido. Com esse dado, tivemos a percepção que as doenças mentais aumentaram durante a pandemia, impactando nas atividades remotas. A dificuldade em se manter concentrado também impactaram, visto que muitas pessoas que reportaram ter esse problema também responderam que estão com dificuldades financeiras e problemas de saúde.

A crise econômica causada pela pandemia ocasionou em muitos fatores, como a falta de emprego e comércios fechados, impactando ainda mais o bolso do cidadão. Antes do novo coronavírus, a crise financeira já nos impossibilitava e com o isolamento piorou ainda mais, sendo notório que a pobreza vai aumentando, contudo, sem prazo de fim para a pandemia.

A depressão, a ansiedade, a insônia e outras doenças mentais têm se tornado mais comum entre nós e crescendo cada vez mais, seja adulto ou jovem. Com essas respostas, vimos o quanto isso se aflorou na pandemia.

Nos chamou a atenção também que grande parte das respostas contendo os problemas citados atrapalhou diretamente o seu desempenho acadêmico. Contudo, a maioria dessas pessoas não solicitou ajuda até mesmo por um próprio setor da UNIRIO de apoio psicológico.

Muito antes desse avanço na medicina e outros assuntos, os transtornos mentais e emocionais eram explicados através da religião e espiritualidade, sendo assim as pessoas que enfrentavam tais dificuldades eram considerados como não aceitáveis para a época e para a sociedade eram vistas como possuídas ou influenciadas pelo demônio.

Já na Idade Moderna, com o surgimento do Empirismo e do Racionalismo na medicina, as questões relacionadas à saúde mental passaram a ser consideradas como uma condição de não-razão, tornando isso como uma ausência de condição crítica para avaliar as situações de cuidar de si. Com isso as pessoas começaram a ser internadas e conseqüentemente eram privadas de seus direitos.

Na contemporaneidade, com o avanço da ciência e também um acolhimento às pessoas que sofrem emocionalmente, passaram a não isolar as pessoas que sofrem complicações psicológicas e enfatizando o envolvimento da família e da sociedade para um melhor amparo a essa pessoa que necessita de apoio.

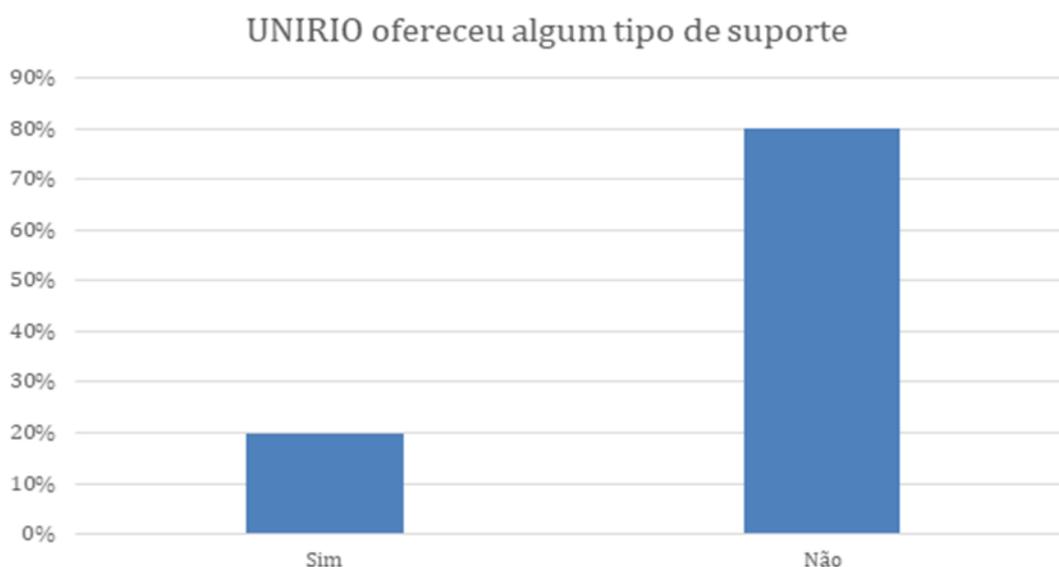
Os tratamentos estão se desenvolvendo e hoje se mostram mais eficazes, possibilitando que se mantenham mais ativas e participativas possível dos seus cuidados para com a sua rotina.

Atualmente, ainda há uma forte tendência que foi construída ao longo dos anos e permanece até hoje. Ela oferece explicações para as complicações psicológicas e a pessoa como se algo nela estivesse errado, como se seu sofrimento fosse exclusivamente causado por questões individuais, muitas vezes, localizadas no corpo e em outras, na mente.

Sendo assim, grande parte das pessoas, quando percebe algum problema mental ou diagnosticado com algum deles, tem certa resistência em aceitar uma ajuda por um profissional. O choque, medo, insegurança são atitudes que de certa forma atrapalham ainda mais a resolução do problema, podendo trazer até mais dele. Acabam achando que o problema está nelas e que devem lidar sozinhas, com suas angústias e achando que estão enlouquecendo e que não tem jeito. Contudo, procurando ajuda e apoio para compreender as dificuldades que vem enfrentando, pode ser amparada por psicólogos e psiquiatras, criar saídas para as desavenças que podem ser o alicerce dessas vivências. Com isso, perguntamos se a dificuldade atrapalhou o desempenho acadêmico e se informaram à coordenação sobre sua situação, como mostram os gráficos abaixo:



Ficamos felizes em saber que grande parte das pessoas informou sua situação à coordenação. E que a UNIRIO oferece um tipo de suporte para tal problema.

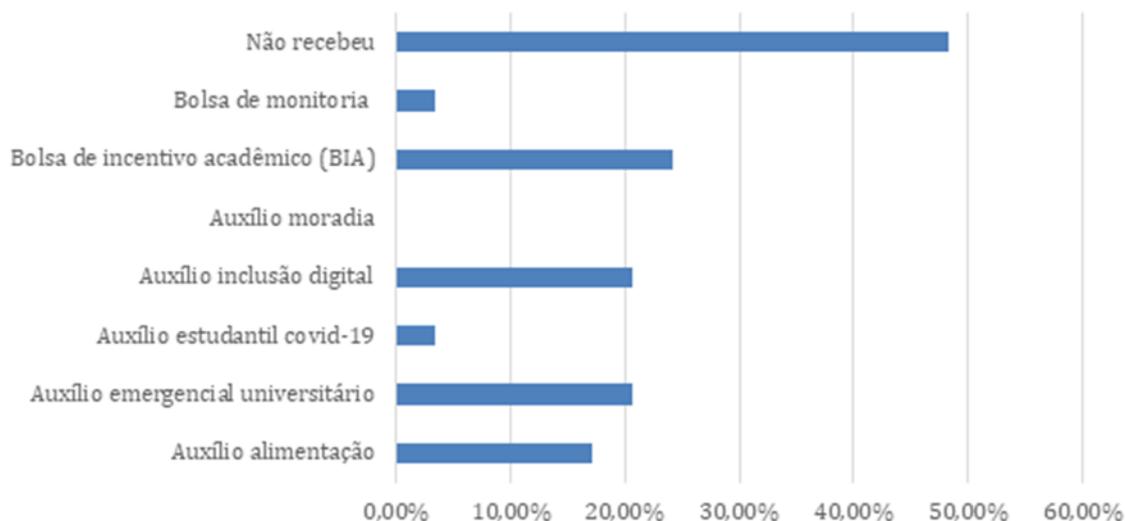


Cabe procurar na página da UNIRIO, qual o tipo de suporte é oferecido.

Porém, mesmo oferecendo suporte, poucas pessoas identificaram esse apoio. Sendo assim os 20% restantes responderam ter auxílio, contudo esse valor recebido não resolveu as necessidades dos estudantes, conforme os 100% de respostas negativas para essa pergunta.

Como última alternativa, resolvemos perguntar se recebe ou recebeu alguma ajuda da Pró-reitoria para Assuntos Estudantis – PRAE, que os estudantes da UNIRIO têm direito, contudo a renda familiar precisa ser de até meio salário-mínimo por pessoa na família para conseguir o benefício, o que mostraremos no gráfico a seguir.

Recebe ou recebeu alguma ajuda da Prae?



Mesmo com toda dificuldade com questões financeiras, 48,3% dos estudantes não receberam nenhum tipo de auxílio pela PRAE. Contudo não sabemos se não conseguiram ou se não precisavam, pois, ao tentar qualquer auxílio desses, o estudante ainda necessita passar por um processo até sua candidatura à vaga e, somente depois, ser aprovado e conseguir receber o auxílio.

Uma percepção que tivemos também foi que ninguém recebeu auxílio moradia. Esse auxílio é destinado a discentes oriundos de outros Estados ou Municípios com residência alugada na cidade do Rio de Janeiro. Logo podemos concluir que nossa amostra não englobou esses alunos ou, por algum motivo, eles não pediram esse auxílio.

Em contrapartida, a Bolsa de Incentivo Acadêmico, auxílio inclusão digital e auxílio emergencial universitário tiveram porcentagens entre 24,1% e 20,7% de estudantes que receberam, ajudando muitos que precisavam.

Conclusão

Com a análise dos dados, tivemos a percepção de que a presença da mulher no curso de Pedagogia no Vespertino e Noturno é maioria, contudo essa informação não é nova, pois como a base histórica vem mostrando ao longo do tempo.

Compreendemos que a maioria dos estudantes entrevistados possuem entre 23 e 29 anos, considerando também que tem 2 homens como minoria e 1 que preferiu não declarar seu

gênero. Tais dados apontam, ainda, que grande parte do nosso público-alvo é de etnia branca e também pertencentes ao turno vespertino. Contudo, observamos que certo dado referente ao turno pode se dar pela distância da faculdade até a sua casa e o vespertino seria o mais adequado para o estudante não chegar em casa tão tarde. Embora, no cenário atual, estamos estudando pelo ensino remoto.

Além do mais, a presença de uma maioria jovem na nossa pesquisa pode nos trazer um cenário atualizado, conhecimentos tecnológicos e saúde mental, ampliando o saber sobre essa faixa etária e seus problemas.

É evidente que o ensino remoto foi desafiador para todos que participaram da nossa pesquisa. Os discentes tiveram que se adaptar a um modo novo de estudar e ainda lidar com suas questões pessoais e do cotidiano em meio a uma pandemia. Diante do ambiente pandêmico em que vivemos, enfrentar um ensino novo pode nos acarretar ou nos trazer problemas em que podemos solucionar, contudo um suporte melhor a esses estudantes é de suma importância.

Mesmo não tendo um número alto de estudantes da Pedagogia dos dois turnos, podemos notar que a pandemia e a necessidade de prosseguir cursando de modo remoto expondo a situação do estudante de se formar, se ocupar e exercitar sua mente mesmo que com matérias da faculdade.

Em momentos de crise é preciso políticas públicas para a educação e dando suporte necessário ao estudante, de modo que ele não se sinta sozinho. As ações pedagógicas podem ser renovadas e adaptativas a todo momento, deste modo é necessário repensar as estruturas de apoio ao estudante, criar mais espaços de acompanhamento psicológico, pois apesar do transtorno psicológico alguns discentes ainda lidam com a dupla jornada dentro de casa e dificuldades financeiras que sobretudo na pandemia se intensificou ainda mais.

Pensar em ajuda psicológica não é algo que as pessoas acham barato e até mesmo pesquisam valores para realmente saberem. Sendo assim, disponibilizamos um link em constam 21 clínicas atendendo a preço de custo no Rio de Janeiro e fazendo o possível esse contato. Um trabalho com valor baixo, mas com a qualidade altíssima é de extrema importância, pois é dele que os estudantes podem buscar conforto e tranquilidade ao se tratarem. Percebemos que a grande necessidade de transportar essa informação a eles, visto que a educação de todo modo tem sido cada vez mais acometidos desses transtornos, sobretudo nos jovens e que a pandemia e o ensino remoto ajudaram a acentuar essa situação.

Desse modo, de acordo com a análise da nossa pesquisa, concluímos que os alunos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro estão com dificuldades de concentração, juntamente de transtornos psicológicos, dificuldades financeiras, entre outros problemas. É de extrema importância um suporte mais abrangente aos alunos que necessitam dessa ajuda e que ele seja mais informado.

Referências

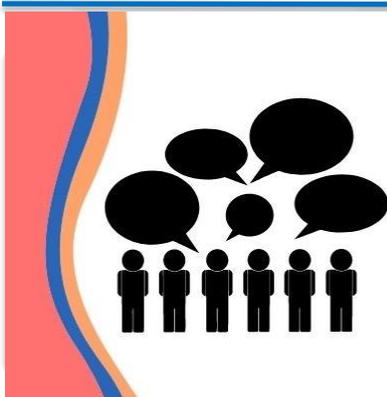
CASSIO, Ricardo. A pedra. A supremacia das mulheres no ensino infantil: feminização docente, 2018. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/apedra/2018/03/15/feminizacao-docente>. Acesso em 22 abril. 2021

CONEXA. As doenças do século XXI. Conexa saúde, 2019. Disponível em: <https://blog.conexasaude.com.br/as-doencas-do-seculo-xxi>. Acesso em 23 abril. 2021

ISTO É DINHEIRO. Durante a Pandemia, 67% dos alunos têm dificuldade em organizar os estudos online. Estadão Conteúdo, 2020. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/durante-a-pandemia-67-dos-alunos-tem-dificuldade-para-organizar-estudos-online>. Acesso em 05 abril. 2021

FERNANDES, Fernanda. A história da educação feminina. Multirio: a mídia educativa da cidade, 2019. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/14812-a-hist%C3%B3ria-da-educa%C3%A7%C3%A3o-feminina>. Acesso em 20 abril. 2021

Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor/ 3. ed. São Paulo: Editora Global, 2010. 102 p. Disponível em: <http://www.nepso.net/download/478>. Acesso em 29 mar. 2021



ANÁLISE DO CONSUMO DE CAFÉ E A SUA RELAÇÃO COM A PRODUTIVIDADE ENTRE OS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

*Aline Vitoria Ramos da Silva Santos, Iasmin Sena de
Pontes Barros, Manoela Curcio Lessa e
Paulo Davi Costa Damazio*

Introdução

Uma das bebidas mais populares do Brasil, presente na nossa história e de indiscutível importância para economia, o café se faz presente na vida de todo brasileiro. Ele passa por muitas variações, do pingado até o café com leite, mas sempre é introduzido na dieta do brasileiro.

Em sua composição, consta como um de seus compostos principais a cafeína ($C_8H_{10}N_4O_2$), substância famosa por sua ação no sistema nervoso central, classificada como uma droga psicotrópica estimulante. Ela é capaz de aumentar o estado de atenção e foco, e assim aumentar a produtividade (LIVIERO, 2021).

Ao ser observado em nossas fontes, relatando excepcionalmente no ambiente acadêmico com a nossa pesquisa, o alto consumo de café se faz favorável ao aumento do desempenho acadêmico que está ligado à alta demanda exigida, por ser considerado um estimulante. Nossa pesquisa consiste em analisar a demanda de produtividade universitária e a sua relação com o consumo de café.

Justificativa

Os benefícios do café são popularmente usados para aumento de desempenho na realização de tarefas (UNIMED, 2021). No modelo econômico em que estamos inseridos, a necessidade da alta produtividade se vê presente em todos os âmbitos. Nos estudantes, essa produtividade se vê em grande escala dentro das universidades, dada a grande demanda de estudos proposta pelo ensino superior. Nossa pesquisa busca identificar quantitativamente se os estudantes utilizam esses benefícios com a finalidade de aumentar sua produtividade e demarcar o café como estimulante prejudicial à saúde, se consumido em grande escala como vemos no mundo universitário.

Objetivos

- Analisar a relação entre a produtividade e o consumo de café entre os estudantes universitários.
- Refletir sobre o consumo de café exacerbado e seus malefícios para saúde.
- Identificar se as ocupações do universitário são fator determinante no consumo do café.

Procedimentos Metodológicos

Utilizamos uma metodologia de pesquisa de opinião, seguindo o método sugerido pelo projeto Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião - NEPSO.

População

Estudantes do ensino superior em instituições públicas e privadas.

Amostra e Técnica de Amostragem

Estudantes universitários que consomem café, através de grupos de WhatsApp e Facebook

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

Formulário do Google, compartilhados via link em grupos do WhatsApp e Facebook.

Apresentação

1. Classificação de Universidades

Na pesquisa em questão obtivemos 280 respostas ao questionário, divulgado previamente. Tendo em vista a quantidade de respostas coletadas, classificando como “não aptas” a de participantes que não consomem café, consideramos apenas 222 válidas. No total foram 23 Universidades diferentes, sendo classificadas em pública, ocupando 80,6%, e privadas, ocupando 19,4%. Observando o gráfico abaixo, teremos os seguintes dados:

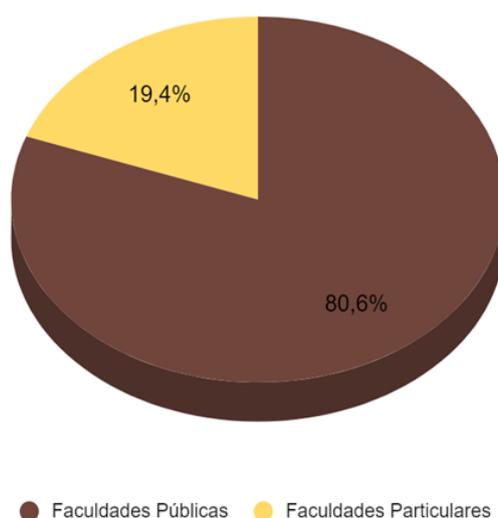


Figura 1: Relação universidade públicas e privadas.

2. Áreas de Conhecimento

No campo das áreas do conhecimento (Ciências humanas, Biológicas, Exatas e Ciências da saúde), temos que humanas ocuparam 41,9%, ciências exatas ocuparam 26,1%, área da saúde ocuparam 22,5% e ciências biológicas ocuparam 9,5%, como observado no gráfico abaixo:

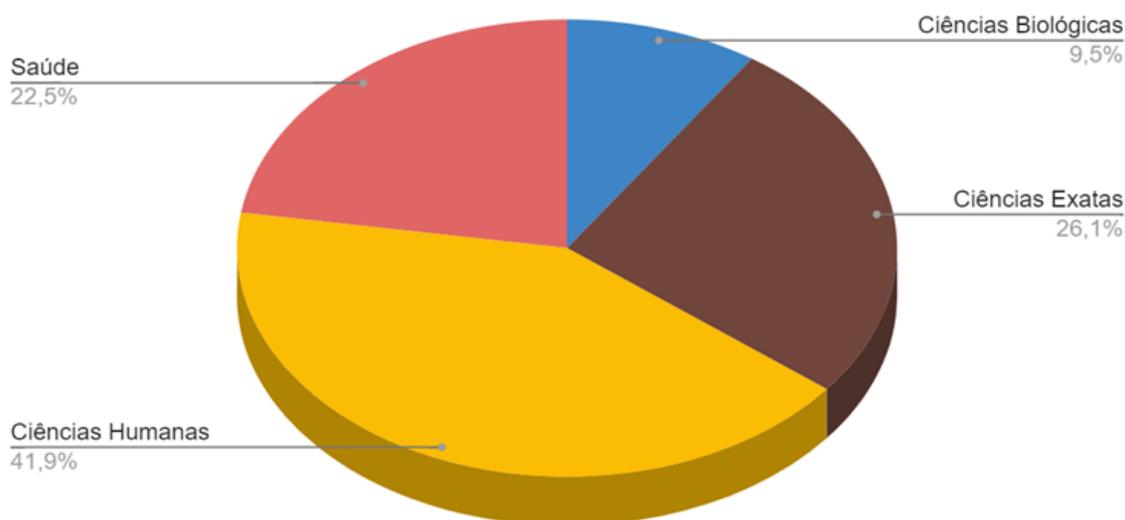


Figura 2: Comparativo das áreas de conhecimentos

3. Ocupação dos entrevistados.

Quanto às ocupações dos entrevistados, obtivemos que 41,4% apenas cursam faculdade, 50,9% cursam faculdade e trabalham e 7,7% cursam faculdade e são donas/chefes de família.

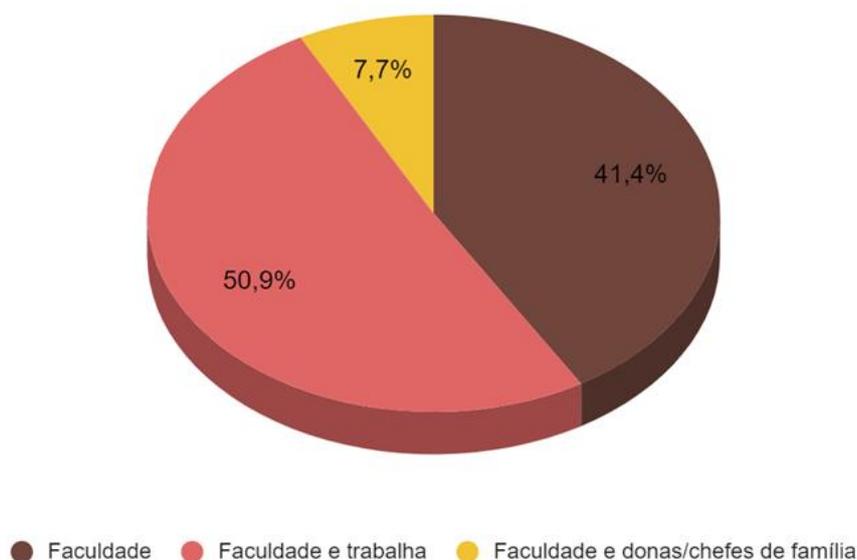


Figura 3: Relação das ocupações dos entrevistados.

4. Quantidade de disciplinas

Acerca da quantidade de disciplinas por semestre, a pesquisa constatou que 3,6% cursam de 1 a 2 disciplinas, 18% de 3 a 4 disciplinas, 50,9% de 5 a 6 disciplinas, 25,2% de 7 a 8 disciplinas, e 2,3% de 9 ou mais disciplinas por período.

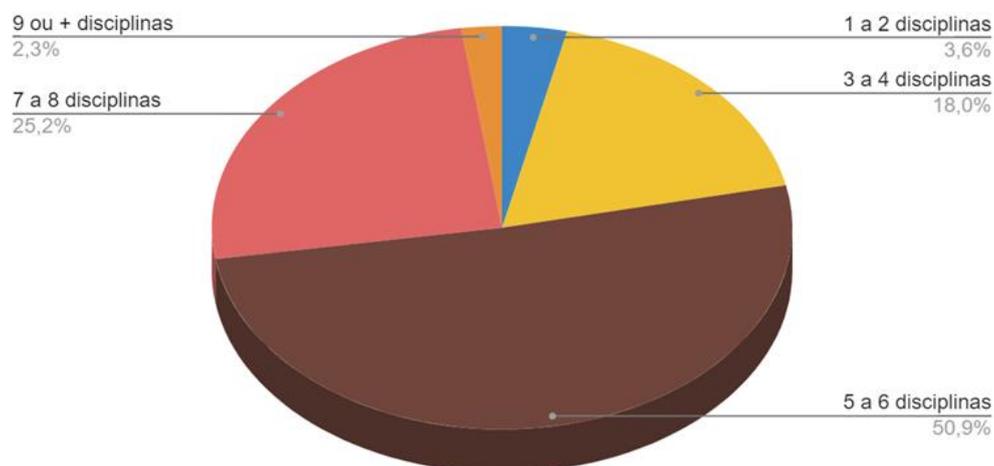


Figura 4: Relação média de disciplinas cursadas.

5. Relação do tempo de Estudo

No que se refere às relações dos sujeitos da pesquisa com a prática de estudos, fora as horas em sala de aula, 19 deles afirmam estudar até 1 hora por dia, 71 de 1 a 2 horas, 56 de 3 a 4 horas por dia, 42 de 5 a 6 horas por dia, 17 de 7 a 8 horas por dia, 17 de 9 ou mais horas.

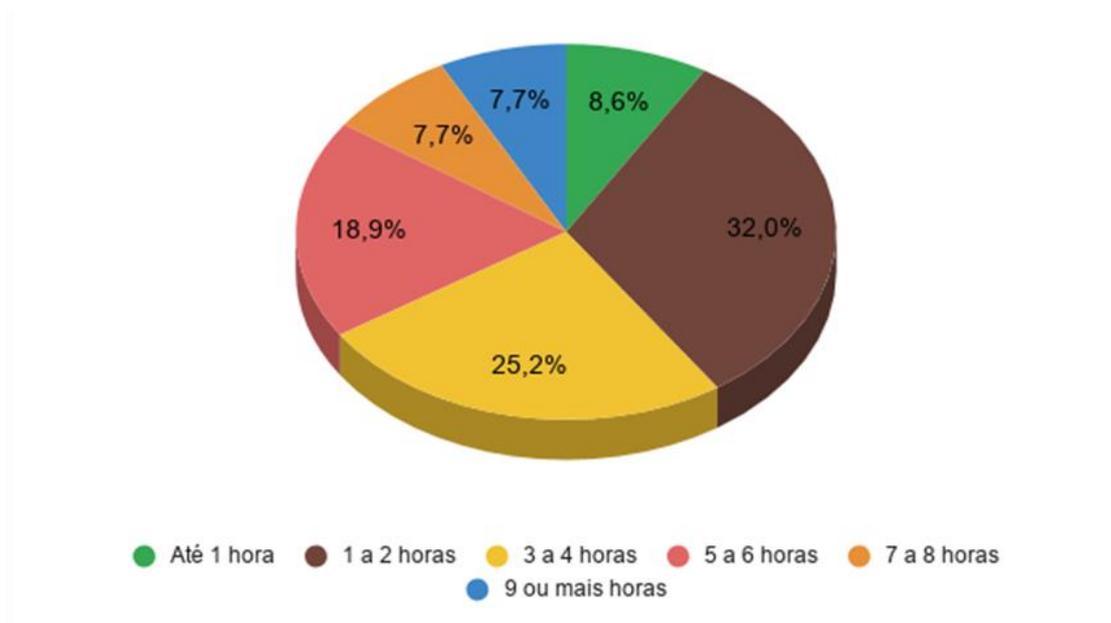


Figura 5: Relação tempo de estudo.

6. Relação da classificação do consumo

Quando questionados em relação ao seu consumo de café, 32,9% classificam seu consumo baixo, 42,8% médio e 24,3% alto. Dados estes que podem ser observados no gráfico abaixo:

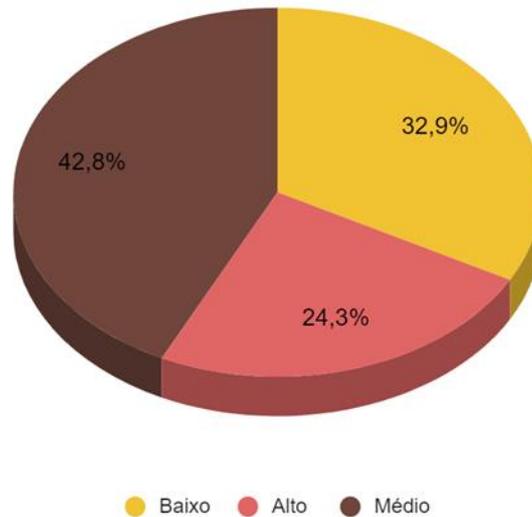


Figura 6: Relação da classificação do consumo

7. Quantidade média consumida

Quanto à quantidade estimada de café consumido, os entrevistados responderam acerca de seu consumo diário, considerando um copo americano tendo 200 ml

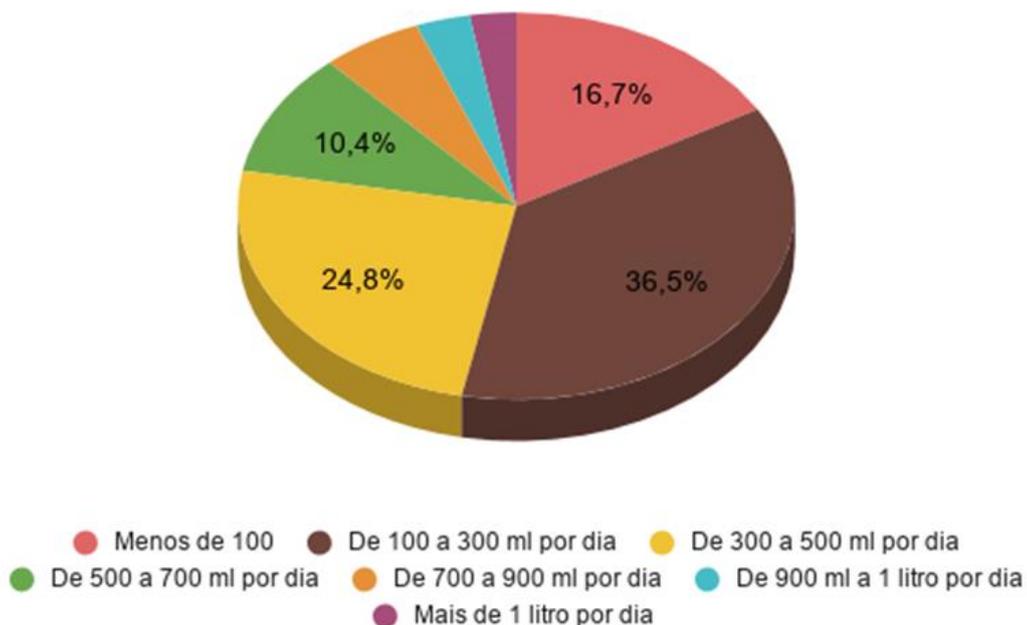


Figura 7: Relação da quantidade de café consumida diariamente.

8. Relação entre consumo e produtividade.

Relacionado a produtividade, quando perguntados sobre a associação feita com o consumo do café as respostas que obtivemos variam entre: sim, sempre; sim, às vezes; não, nunca. Observados no gráfico apresentado abaixo:

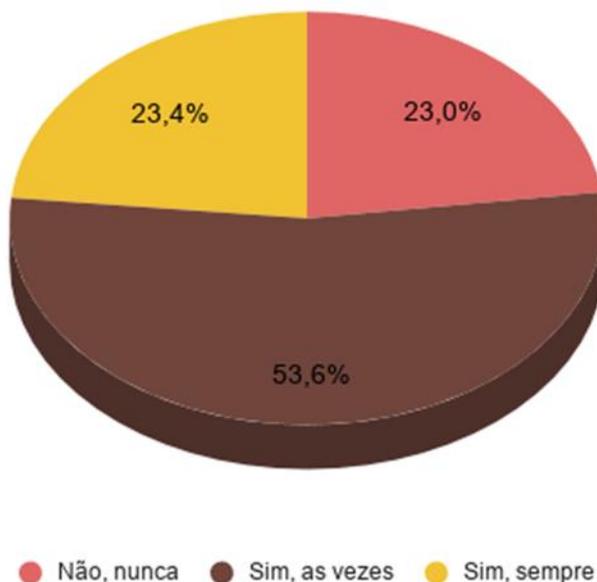


Figura 8: Relação da associação do café com a produtividade.

Análise dos Dados

1. Classificação x Quantidade

Para sabermos qual parâmetro os sujeitos da pesquisa utilizaram na classificação de seu consumo, comparamos a quantidade de ml que eles consomem diariamente com a classificação do consumo entre baixa, média e alta.

A dose diária recomendada é entre 3 a 4 xícaras de café coado, equivalente a aproximadamente de 300 a 400 ml diários (UNIMED, 2021). Sendo considerado um risco à saúde ingerir mais do que a média recomendada pelos especialistas.

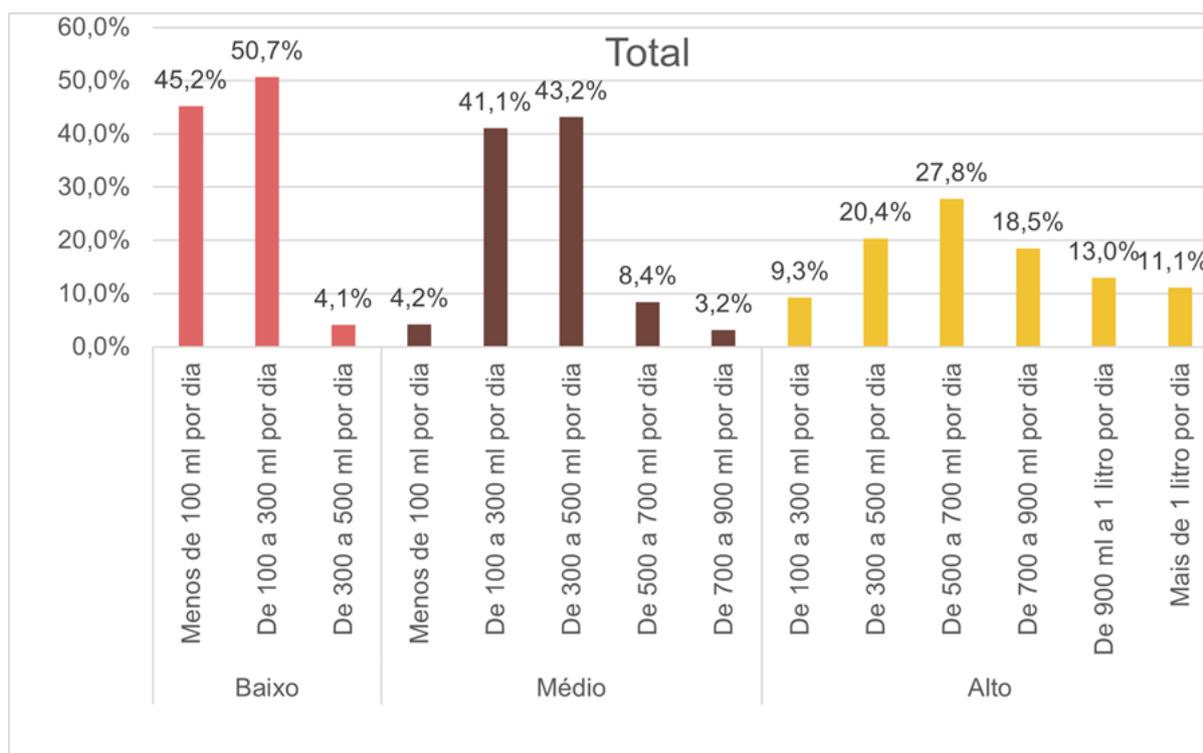


Figura 9: Classificação do Consumo x Quantidade em ml.

Nos dados obtidos, observamos que na categoria de baixo consumo há uma distorção da recomendação médica, onde 4,1% dos entrevistados têm um consumo acima do recomendado. Quando analisamos o consumo médio, nota-se que 4,2% dos entrevistados têm um consumo abaixo do considerado excessivo, enquanto a soma das porcentagens (54,8%) revela que a maioria dos entrevistados consome além da recomendação, apesar de alegar ter um consumo médio.

Entretanto, o consumo alto é o que há mais distorções. Tendo um total de 9,3% dos entrevistados consumindo abaixo do considerado demasiado, enquanto 90,7% dos entrevistados têm um consumo exacerbadamente alto, sendo então, prejudicial à saúde. O consumo exagerado do café traz consequências graves à saúde do consumidor, variando desde dor de cabeça nos casos mais leves, à taquicardia e tremores nos casos mais sérios.

Seguindo as recomendações dos especialistas, o café pode ser um aliado para dar energia no cotidiano. Por conter ácido clorogênico em sua composição, ele auxilia no controle da pressão arterial e colesterol, responsável pela ação antioxidante. Beber café contribui para a liberação de serotonina, este que é o neurotransmissor responsável pela sensação de prazer e bem-estar. Esses são alguns dos benefícios que o café traz a nossa saúde, se consumido de maneira certa. (BRASÍLIA, 2016)

2. Classificação x Associação do Consumo à Produtividade

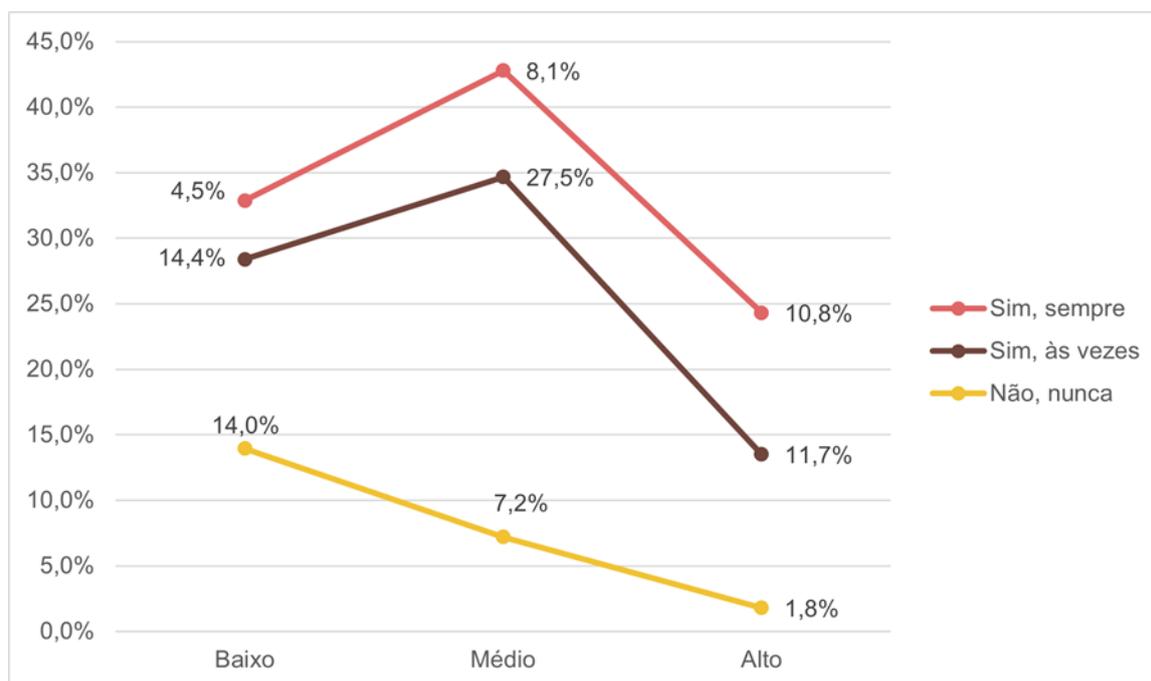


Figura 10: Classificação x Associação do Consumo

Dos entrevistados, categorizamos suas respostas acerca dos consumos em baixo, médio e alto de acordo com os mililitros consumidos, e vimos a necessidade de atrelar tal classificação à produtividade.

Transformando em números/porcentagem, temos que 4,5% das pessoas que têm consumo baixo relacionam seu consumo a produtividade sempre, contra 14,4% às vezes e 14% nunca. É importante observar que, mesmo não sendo sempre, mais de 18% do total de entrevistados tem o consumo baixo e mesmo assim o associam a produtividade. Ou seja, mesmo consumindo pouco café os entrevistados o veem atrelado a sua produtividade.

No consumo considerado médio temos que mais de 35% dos entrevistados atrelam seu consumo a sua produtividade e apenas 7,2% não enxergam desta forma. Já no alto temos que mais de 22% veem seu consumo atrelado a sua produtividade e apenas 1,8% não enxergam desta forma.

No total dos pesquisados temos que, mesmo não sendo considerado sempre, 77% dos entrevistados associam seu consumo de café a sua produtividade, fazendo assim valer a hipótese levantada na pesquisa sobre o alto consumo estar atrelado a alta demanda de produtividade exigida nas universidades. Mas o que a pesquisa evidenciou foi além do espaço universo da universidade.

3. Ocupações x Associação do Consumo à Produtividade

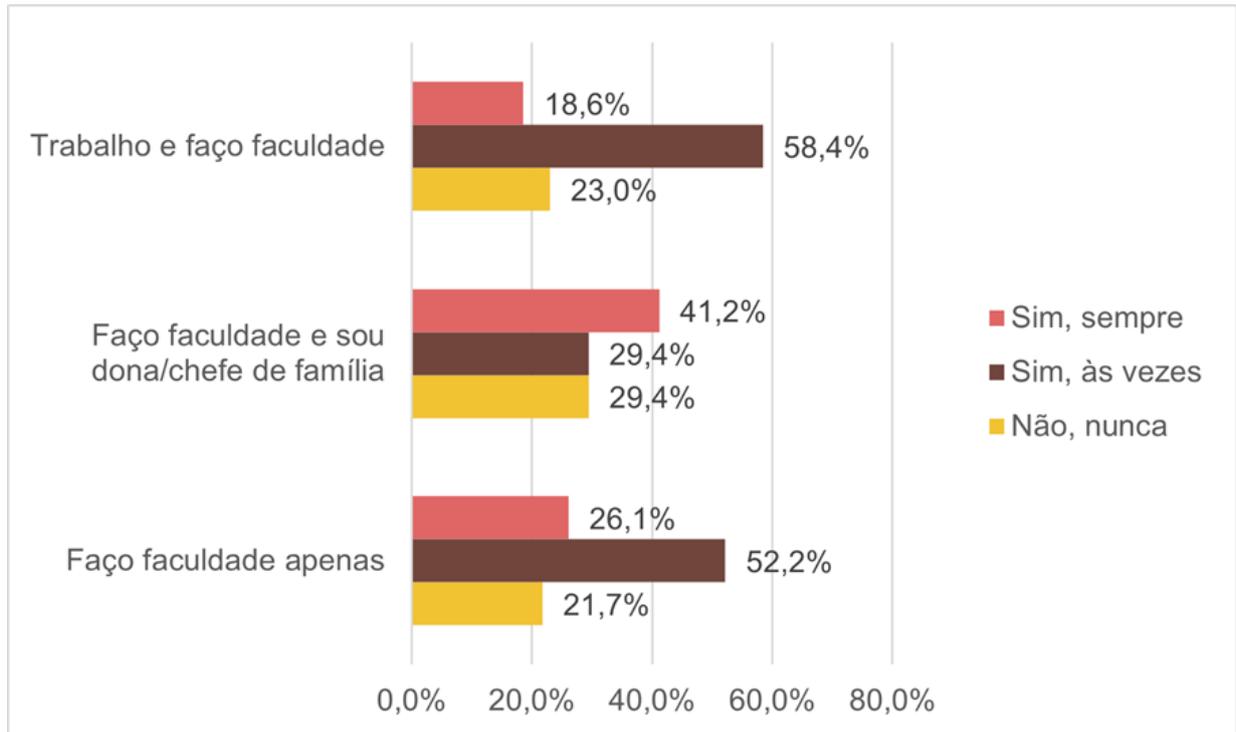


Figura 11: Ocupação x Associação do Consumo

Ao analisarmos as respostas obtidas em nosso questionário, vemos que existem sujeitos que, além da faculdade, também se enquadram no grupo de trabalhadores e chefes/donas de família. Portanto projetamos em números/porcentagem esses sujeitos e qual sua relação de produtividade com o café. Como já foi evidenciado, temos que, dos participantes, 41,1% apenas fazem faculdade, 50,9% fazem faculdade e trabalham e 7,7% fazem faculdade e são donas/chefes de família.

Situados em 50,9% do universo da pesquisa, o primeiro a analisarmos foi o grupo de sujeitos que fazem faculdade e trabalham. Após percentualizar esse total temos que mais de 70% associam o consumo de café, mesmo que não sempre, à sua produtividade, enquanto menos de 30% não associam nunca.

Ocupando um total de 7,7% da totalidade dos entrevistados, o grupo de sujeitos que trabalham e fazem faculdades foi o segundo a ser analisado. Mais de 70% da amostra associa o consumo de café à sua produtividade, mesmo que não sempre, enquanto menos de 30% não associam nunca.

Ocupando mais da metade do universo geral da pesquisa, os sujeitos que apenas fazem faculdade foram analisados em terceiro lugar. Totalizando mais de 78% os sujeitos afirmam, mesmo que não sempre, associar seu consumo de café a sua produtividade e menos de 22% não associam nunca.

Evidenciando dessa forma que os universitários que mais atrelam o café a produtividade são os que, além de fazerem faculdade, também trabalham. A partir desse dado, analisaremos se a quantidade de disciplinas em que os universitários estão inscritos influenciam no consumo e na associação.

4. Carga de Disciplinas x Associação do Consumo à Produtividade

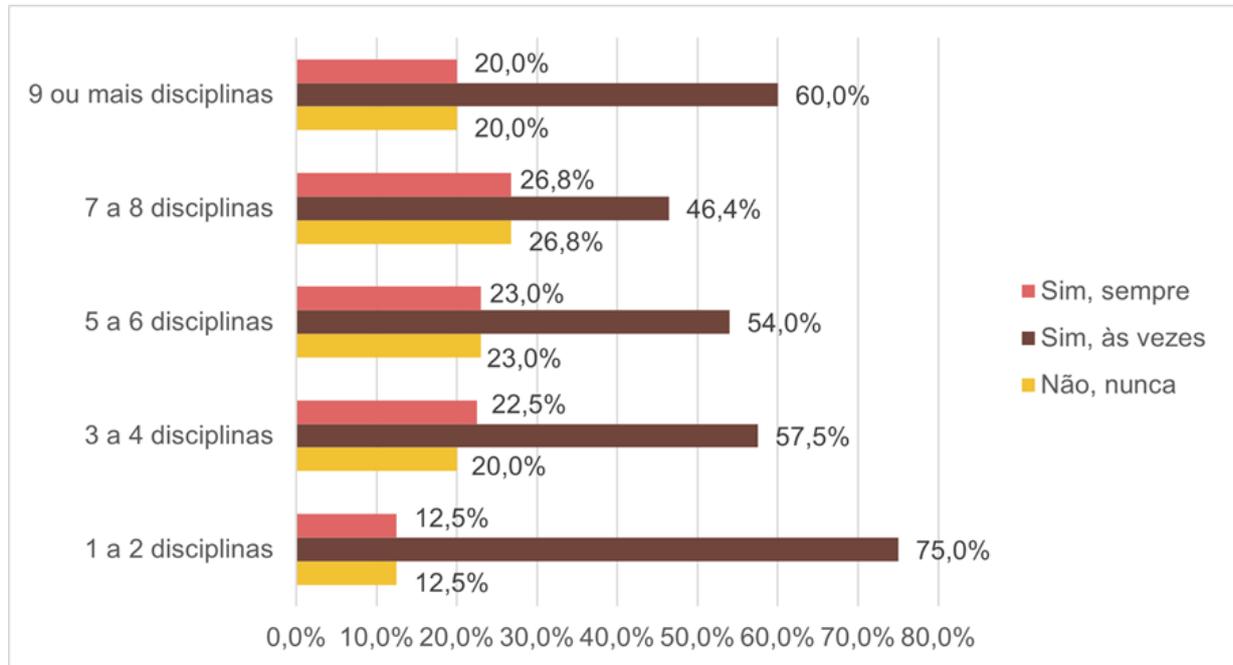


Figura 12: Carga de Disciplina x Associação do Consumo

Ao analisarmos as respostas acerca da quantidade de matérias que os universitários se inscrevem em média por semestres, temos que, da totalidade dos entrevistados, 3,6% cursam de 1 a 2 disciplinas, de 3 a 4 são 18%, de 5 a 6 são 50,9%, de 7 a 8 25,2% e 9 ou mais sendo 2,3% como já descrito nos dados da pesquisa.

Desses sujeitos, analisamos a relação entre a quantidade de matérias em média por semestre com a associação do café a sua produtividade. Das pessoas que estão inscritas de 1 a 2 matérias, mais de 85% associam, mesmo que ocasionalmente, enquanto menos de 15% não associam nunca.

Das que estão inscritas em de 3 a 4 matérias, 80% associam, mesmo que de maneira ocasional, o café a sua produtividade, enquanto apenas 20% não associam nunca. Das que estão inscritas em de 5 a 6 matérias, mais de 75% associam, mesmo que de maneira ocasional, enquanto menos de 25% não fazem essa associação.

Das pessoas que cursam de 7 a 8 disciplinas, mais de 70% associam o café a sua produtividade, mesmo que de maneira ocasional, enquanto menos de 30% não fazem essa associação. E das pessoas que cursam de 9 a mais disciplinas, 80% associam o café a sua produtividade enquanto 20% não. Com tais resultados se viu a necessidade de situarmos os sujeitos quanto às suas ocupações, disciplinas e a associação do café à produtividade.

5. Ocupações x Carga de disciplina x Associação do Consumo

Para analisarmos a relação do consumo de café com as atividades diárias dos universitários, buscamos entender e relacionar a ingestão do café às realidades de cada estudante e constatar se o café tem sido utilizado como estimulante para as suas produções acadêmicas. Ademais, buscamos entender se a quantidade de disciplinas, juntamente com outras demandas do seu cotidiano, corrobora para o aumento do consumo de café, interligando com a noção de produtividade, considerando as opiniões dos pesquisados. Portanto, utilizamos o levantamento de dados referentes à associação de produtividade adjunto a quantidade de disciplinas somados às demandas para além das atividades acadêmicas, categorizando-as em um primeiro momento em: “Faço apenas faculdade”; “Faço faculdade”; e “Faço faculdade e sou chefe/dono de família.”

Após o envio das respostas dos colaboradores, foi possível produzir três gráficos, que representam as respostas obtidas.

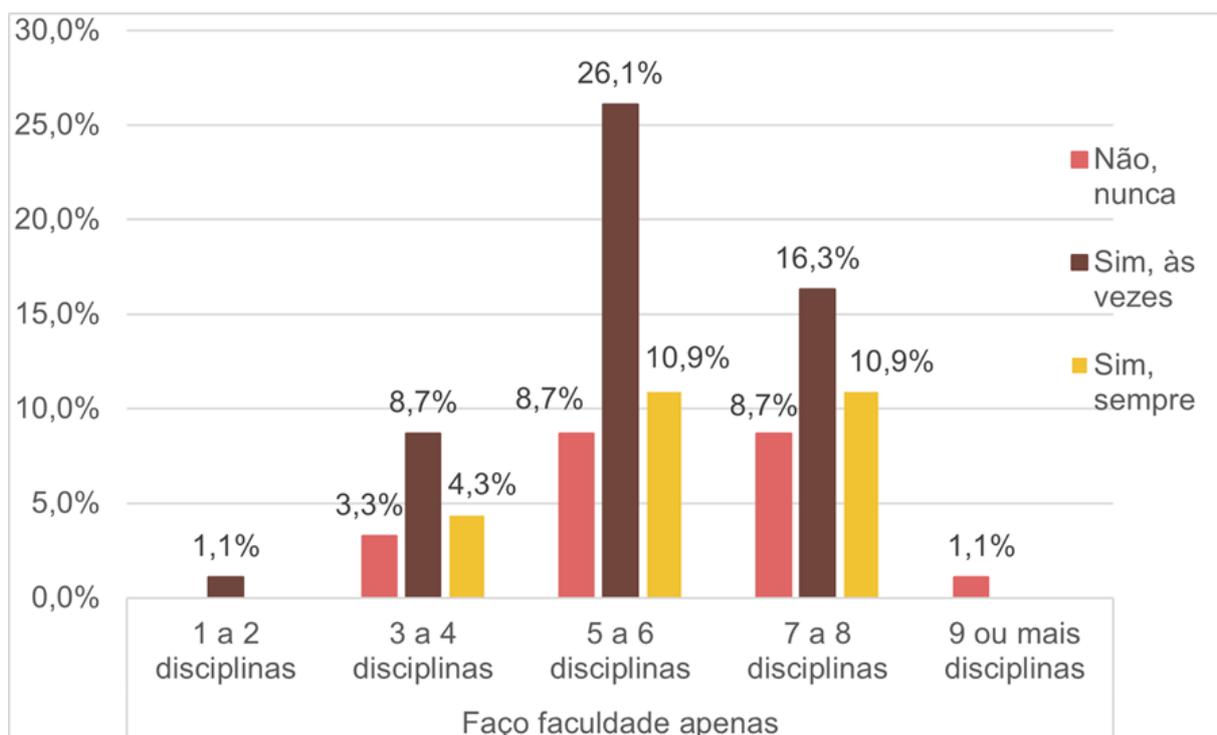


Figura 13: Gráfico que representa as respostas dos colaboradores que se enquadram na seguinte categoria: Faço faculdade apenas

No que se refere às pessoas que somente fazem faculdade, notou-se que dentre os estudantes que se enquadram nessa categoria, 1,1% dos estudantes matriculados entre 1 a 2 disciplinas afirmam que ocasionalmente consomem o café como estímulo com objetivo de produtividade.

- Enquanto os estudantes que cursam de 3 a 4 disciplinas, 3,3% não relacionam a bebida à produtividade, 8,7% classificam a relação de produtividade esporadicamente e 4,3% atribuíram o café um grau de importância no que se refere ao aumento da sua produtividade.
- Os valores tornam-se mais significativos quando discutimos os dados relativos aos estudantes que fazem 5 ou 6 disciplinas. Desses, 8,7% não relacionam o café ao aumento da produtividade, 26,1% relacionam ocasionalmente e 10,9% relacionam sempre.
- No tocante aos estudantes que fazem 7 ou 8 disciplinas, notou-se que 8,7% deles não utilizam o café como estimulante, contudo, 16,3% o utilizam frequentemente e 10,9% sempre utilizam o café como um meio de aumentar a produtividade.
- Finalmente, chega-se aos estudantes que fazem 9 disciplinas ou mais. Nesse ponto, obteve-se que 1,1% não utiliza o café para fins de obtenção de estímulo para estudar.

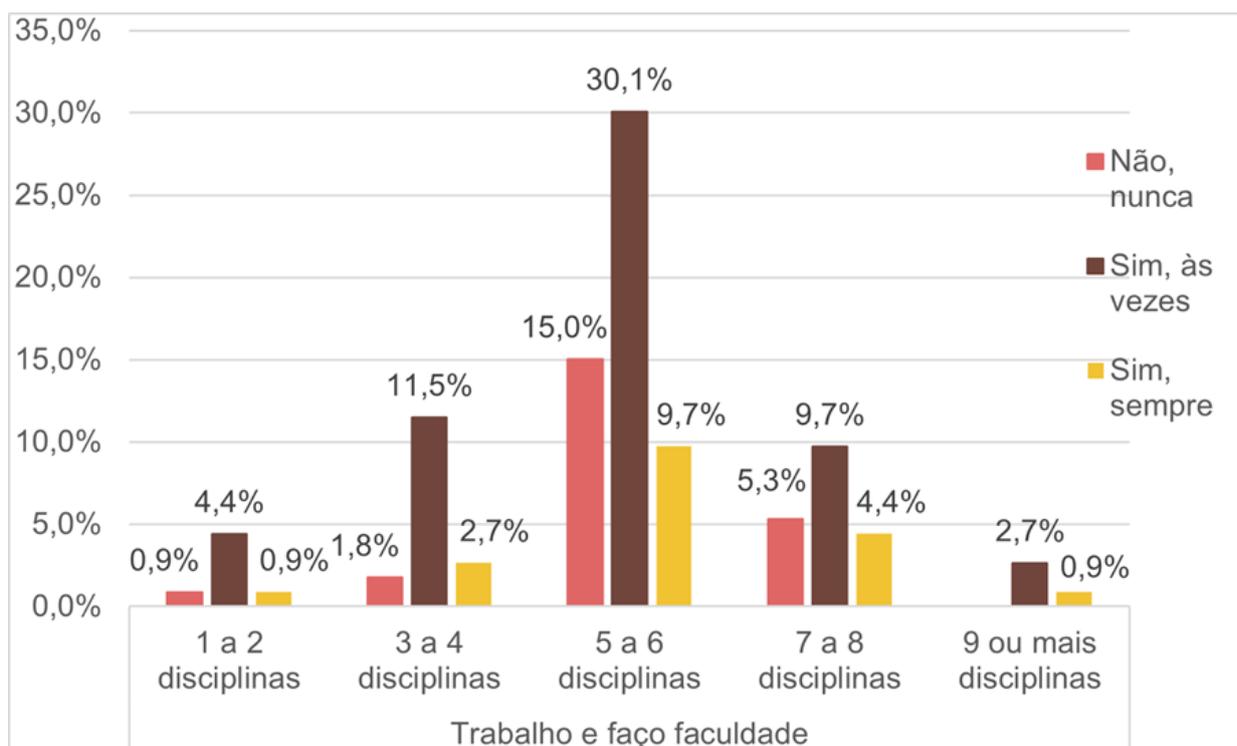


Figura 14: Gráfico que representa as respostas dos colaboradores que se enquadram na seguinte categoria: Trabalho e faço faculdade

Quanto às respostas das pessoas que trabalham e fazem faculdade, estão expressas a seguir:

- Das pessoas que fazem de 1 a 2 disciplinas, 0,9% desse quantitativo não vê o café como um estímulo à sua produtividade, todavia, 4,4% usam ocasionalmente essa bebida para obter energia, e 0,9% declararam sempre usá-la para esse fim.
- Quando se discorre sobre as pessoas que responderam que fazem de 3 a 4 disciplinas, 1,8% afirmam nunca beber café para aumentar a produtividade, enquanto 11,5% o fazem às vezes e 2,7% afirmou fazer sempre.
- No tocante aos estudantes que declararam fazer de 5 a 6 disciplinas, uma quantidade significativa 15%, não bebe café para fins de estudo. Contudo, 30,1% declararam fazer uso da bebida com frequência e 9,7% afirmaram o fazer sempre.
- Os dados a seguir se referem às respostas dadas pelas pessoas que responderam que fazem 7 a 8 disciplinas. Desse quantitativo, 5,3% afirmaram nunca beber café para aumentar a produtividade nos estudos, enquanto 9,7% o fazem às vezes, e 4,4% o fazem sempre.
- Finalmente, chega-se às pessoas que fazem 9 disciplinas ou mais. Dessas, 2,7%, às vezes, bebem café para aumentar a produtividade e 0,9% sempre faz uso de café com esse objetivo. Nessa faixa de dados, ninguém respondeu que nunca bebe café.

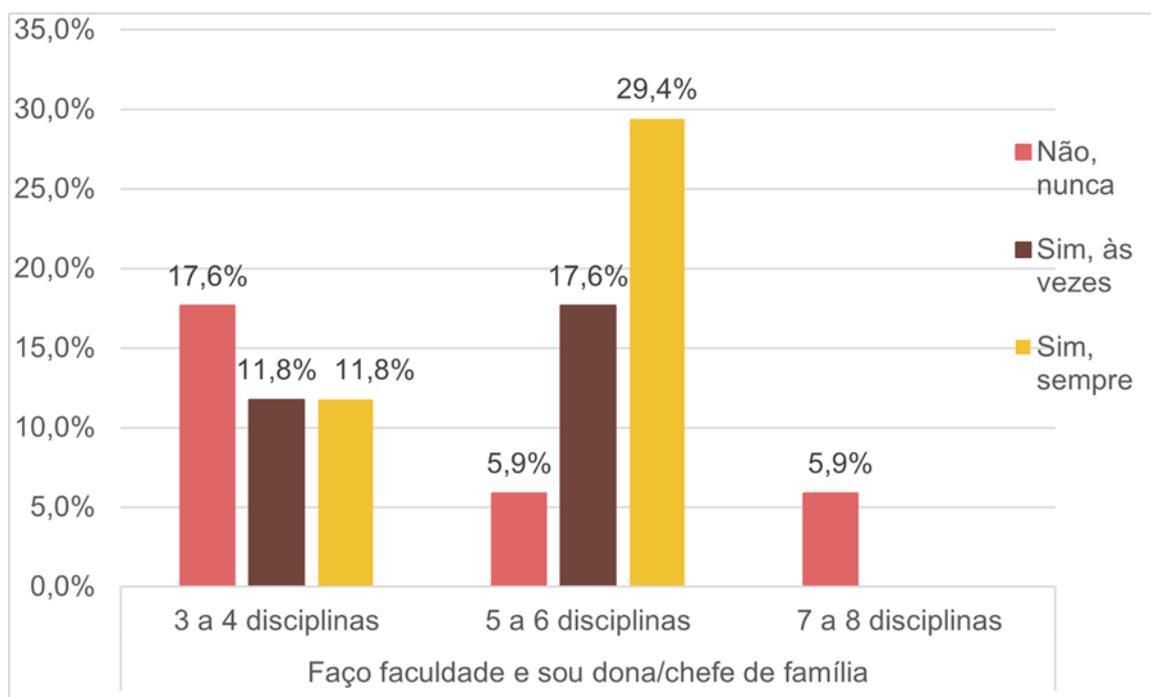


Figura 15: Gráfico que representa as respostas dos colaboradores que se enquadram na seguinte categoria: Faço faculdade e sou dona/chefe de família

- Em relação às pessoas que fazem faculdade e são dona/chefe de casa, verificamos que dos estudantes matriculados entre 3 a 4 disciplinas, 17,6% não associam o consumo de café atrelado à produtividade, 11,8% associam o consumo esporadicamente e 11,8% afirmam utilizar constantemente.
- Entre os estudantes que cursam entre 5 e 6 disciplinas, notou-se que 5,9% não relacionam a bebida à produtividade, 17,6% confirmam utilizar o consumo de café às vezes e 29,4%, afirmam consumir o café para as suas produções, possuindo o maior valor estimado.
- Acerca dos estudantes matriculados entre 7 e 8 disciplinas, 5,9% afirmaram não consumir o café para a sua produtividade.

A partir dos dados levantados, surgiu o interesse de investigar o campo de conhecimento dos pesquisados e avaliar os resultados de acordo com as suas classificações sobre o consumo de café atrelado à produtividade.

6. Campos de Conhecimento x Associação do Consumo

É possível observar que o campo das ciências biológicas é o que mais relaciona o consumo de café à produtividade (42,9%) tendo uma grande diferença em relação aos outros campos: sendo da saúde (24%), ciências humanas (21,5%) e de ciências exatas (19%). É notável também que o maior índice de desassociação se dá entre os estudantes de humanas (28%) acima do campo da saúde (20%), exatas (19%) e biológicas (19%).

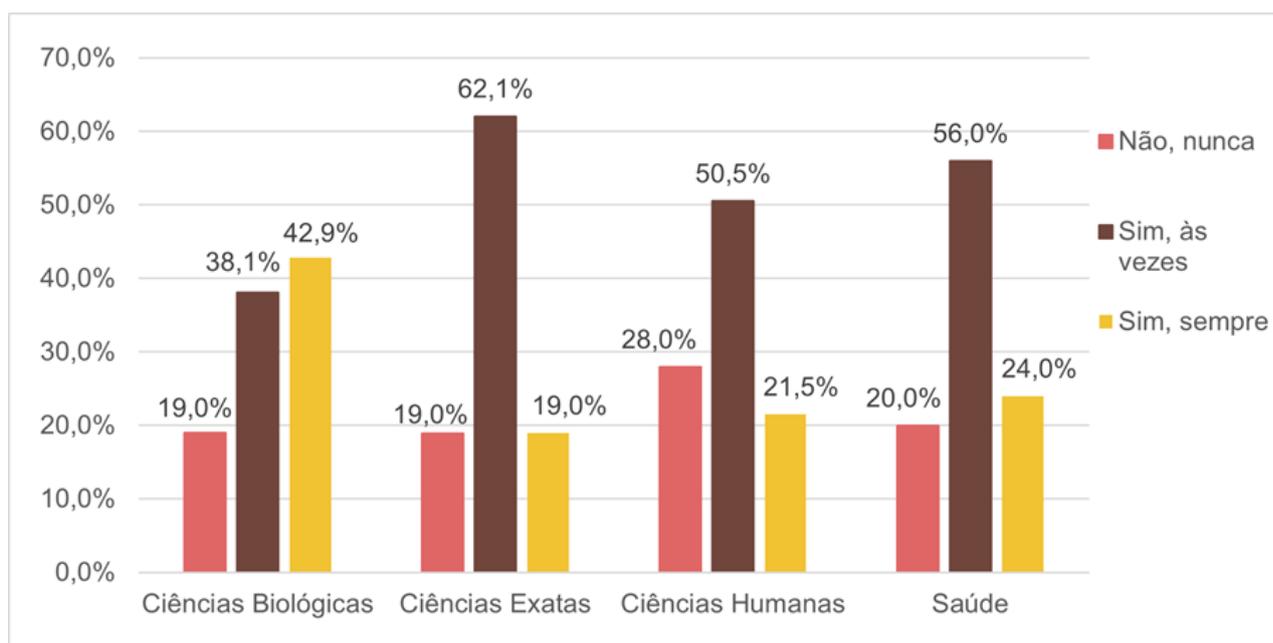


Figura 16: Campo do conhecimento x Associação do Consumo

Conclusão

Concluimos com a análise dos resultados da pesquisa, que grande parte dos sujeitos entrevistados consomem café além do recomendado pelo Ministério da Saúde e que, apesar do café ser visto como um aliado, o consumo além do recomendado pode ser prejudicial à saúde, causando sérios problemas.

Ademais, foi observado, segundo os resultados, que existe uma tendência no formato dos gráficos: em geral, um número pequeno de pessoas não toma café para aumentar a produtividade, enquanto a maioria faz uso dessa bebida às vezes, e uma quantidade menor de respondentes afirma sempre beber café para poder produzir mais. Esse padrão se repete nas respostas das pessoas que só fazem faculdade ou que fazem faculdade e trabalham, em qualquer número de disciplinas cursadas.

Contudo, no que refere à análise das pessoas que, além de estudar, são também donas de casa/chefe de família, esse padrão não se repete, visto que a maioria das donas de casa/chefes de família que cursam de 3 a 4 disciplinas não bebem café, mas, em relação as que cursam de 5 a 6 disciplinas, a maioria demonstrada faz uso de café como forma de auxiliar no desempenho acadêmico. Esses dados parecem indicar que esse nível de responsabilidade - ou seja, ser dona de casa/chefe de família - faz com que os sujeitos tendem a ter um comportamento diferenciado em relação ao consumo de café, ora fazendo pouco uso, ora exagerando na dose.

Em vista disso, pode-se observar que as responsabilidades diárias externas às atividades acadêmicas contribuíram para o aumento do consumo de café relacionado à produtividade. Isso se torna explícito ao avaliar que dentre os estudantes que compõem 5-6 disciplinas, o nível de consumo aumenta à medida que esses estudantes se relacionam a outras categorias, tais como o trabalho e ao dever familiar. Nesse sentido, percebeu-se que dentro dessa quantidade de disciplinas os sujeitos que mais atrelaram o consumo do café a produtividade (somados a classificação do consumo de café a sempre e às vezes) foram chefes de famílias, em seguida as pessoas que trabalham e estudam e por último as pessoas que somente estudam.

Recorda-se que uma das hipóteses desse trabalho era que o acúmulo de tarefas, como o serviço doméstico, emprego e estudo, estaria diretamente relacionado ao consumo exacerbado de café. Por meio da análise dos dados produzidos, pode-se afirmar que tal hipótese inicial foi comprovada.

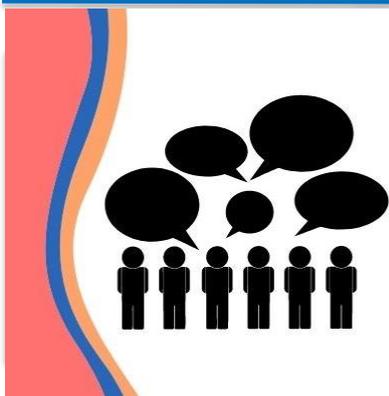
Contudo, observamos que independentemente das ocupações para além da faculdade, o número de estudantes com qualquer carga de disciplinas, que relacionam o consumo do café à sua produtividade, mesmo que ocasionalmente, é maior que o dobro dos estudantes que desassociam. É recomendável que o café seja consumido de modo consciente para não se tornar prejudicial à saúde e continuar ajudando na produtividade cotidiana.

Referências

UNIMED. Consumo Diário de Café. Disponível em: <http://www.unimed.coop.br/portalunimed/cartilhas/cafe/>. Acesso em: 22 abr. 2021.

BRASÍLIA. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Desmistificando dúvidas sobre alimentação e nutrição. 2016. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/desmistificando_duvidas_sobre_alimenta%C3%A7%C3%A3o_nutricao.pdf. Acesso em: 22 abr. 2021.

LIVIERO, Drogaria. Consumo Excessivo de Café: Quais São os Riscos? Disponível em: <https://www.drogarialiviero.com.br/blog/consumo-excessivo-de-cafe/>. Acesso em: 24 abr. 2021.



DESAFIO DAS MÃES E PAIS ESTUDANTES DA UNIRIO EM TEMPO DE PANDEMIA

*Antonietta Tari, Letícia Esteves, Melany Reis,
Merielle Alves e Vytória Alessandra*

Introdução

Durante o período de pandemia do Covid-19, a rotina de todo o mundo mudou muito e cada um está tendo que lidar com novas experiências de gestão do tempo em casa e convivência com a família. Em muitos casos, o que já não era bom ficou mais difícil. Quando levamos para a realidade de quem tem filhos, podemos notar que as mudanças foram ainda maiores.

Com a suspensão de aulas, creches fechadas, trabalho home office e todas as possíveis mudanças na rotina, mães e pais parecem ter sido diretamente afetados. Suspeitamos que o rendimento dos estudantes, em comparação ao período em que as aulas eram presenciais, mudou bastante. Em uma realidade na qual tudo passou a ser feito de casa, procuramos compreender um pouco deste novo cotidiano.

Nesse contexto, o grupo pesquisou sobre os desafios encontrados por mães e pais que apenas estudam, ou então que estudam e trabalham, durante o período de pandemia do Covid-19.

Justificativa

A escolha do tema desta pesquisa foi um consenso no grupo, visto que a dificuldade de conciliação do ensino remoto com o dia-a-dia claramente não é tão simples. Ainda mais quando, inevitavelmente, a vida pessoal acaba se envolvendo com a escolar em razão de uma pandemia, tendo em vista também as dificuldades sociais e financeiras trazidas pela mesma.

Objetivos

O fim da pesquisa foi verificar como está sendo a rotina e a divisão do tempo entre os cuidados com a(s) criança(s) e os estudos.

Desta forma, também arrecadamos dados sobre os impactos nos rendimentos das tarefas a serem realizadas (estudos/trabalho), assim como se há ou não desigualdade entre gêneros no quesito cuidado com a família.

Procedimentos Metodológicos

Utilizamos uma metodologia de pesquisa de opinião, seguindo o método sugerido pelo projeto Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião - NEPSO.

População

A população alvo foram pessoas matriculadas na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), de qualquer curso, que tenham um ou mais filhos. O levantamento de dados se dará através de grupos de mídias sociais.

Amostra e Estratégia de Coleta de Dados

Tudo está sendo feito de casa e acreditamos que os papais e as mães estão sobrecarregados. Por isso, entendemos ser importante saber que parcela da nossa comunidade escolar está inserida nas questões que abordamos nessa pesquisa.

A pesquisa foi do tipo quantitativa e os dados foram coletados por meio de um questionário formulado na plataforma do Google, com perguntas acerca da rotina dos estudantes bem como o tempo que dedicavam aos estudos e a seus filhos.

Contamos com a colaboração dos respondentes e não respondentes o repasse à diante, utilizando como método a possibilidade de compartilhamento das redes sociais, para que fosse alcançada uma amostra de maior representatividade.

Com o objetivo de ter uma noção do número dos alunos matriculados na UNIRIO, ao qual pertence nosso público-alvo, solicitamos por e-mail essa informação para a Escola de Educação, porém não obtivemos retorno. Portanto, devido ao curto prazo, buscamos no próprio site da instituição e encontramos os dados atualizados apenas até o ano de 2019, quando o número total de estudantes era de 12.213 no primeiro semestre e de 13.173 no segundo semestre (DAINF, 2020). A página da UNIRIO não informa o número de estudantes matriculados por Escola.

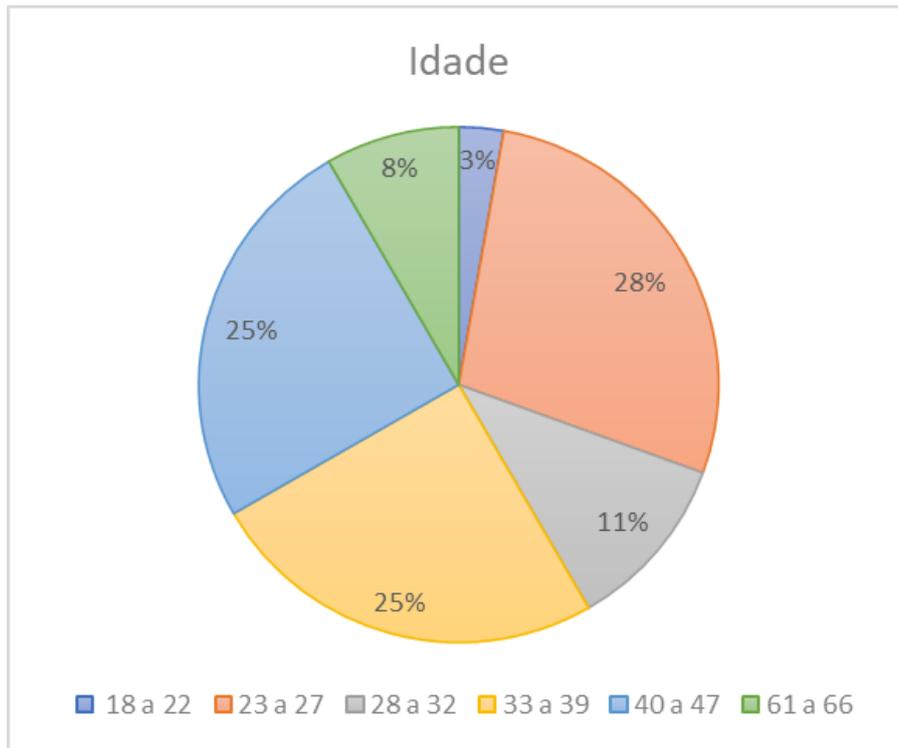
Apresentação e Análise dos Dados

Para a realização de nossa pesquisa, foram entrevistados os alunos da UNIRIO de todos os cursos e períodos. Nossa amostra teve um total de 36 estudantes participantes.

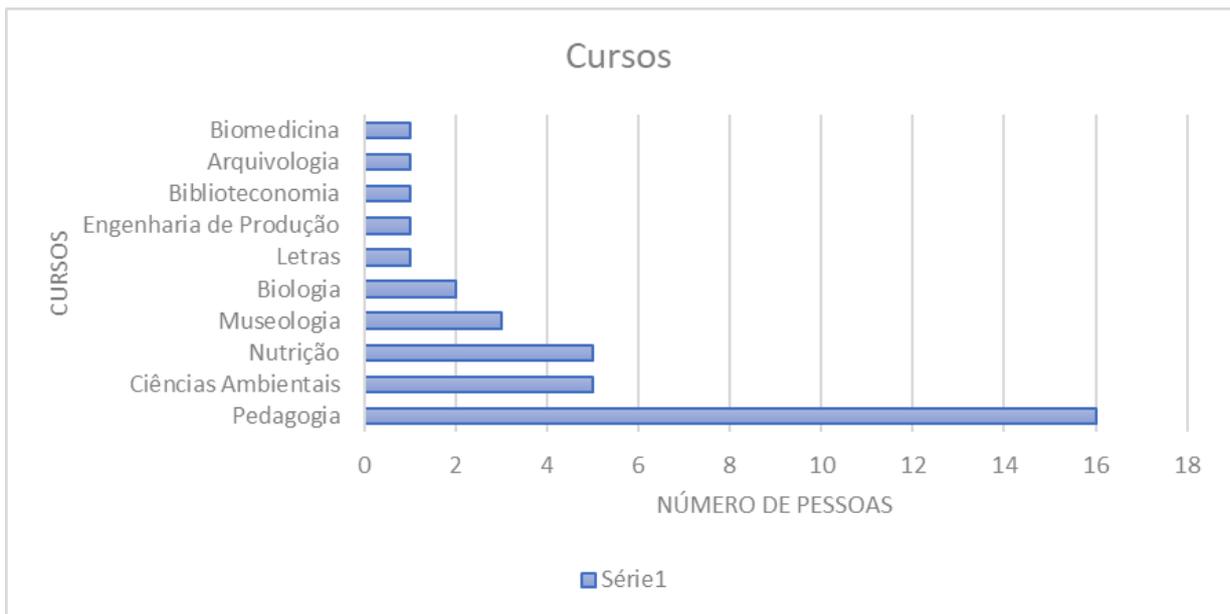
Compreende-se que não é um número representativo para esta pesquisa, porém como havia prazo a ser cumprido, trabalhamos apenas com o número de respostas alcançadas.

Nas 5 (cinco) primeiras perguntas do questionário utilizado, o grupo buscou conhecer o público de respondentes com perguntas como: Quantos anos você tem?; Você apenas estuda ou estuda e trabalha?; Você é estudante de qual curso da UNIRIO?; Qual turno?; Qual período está atualmente?

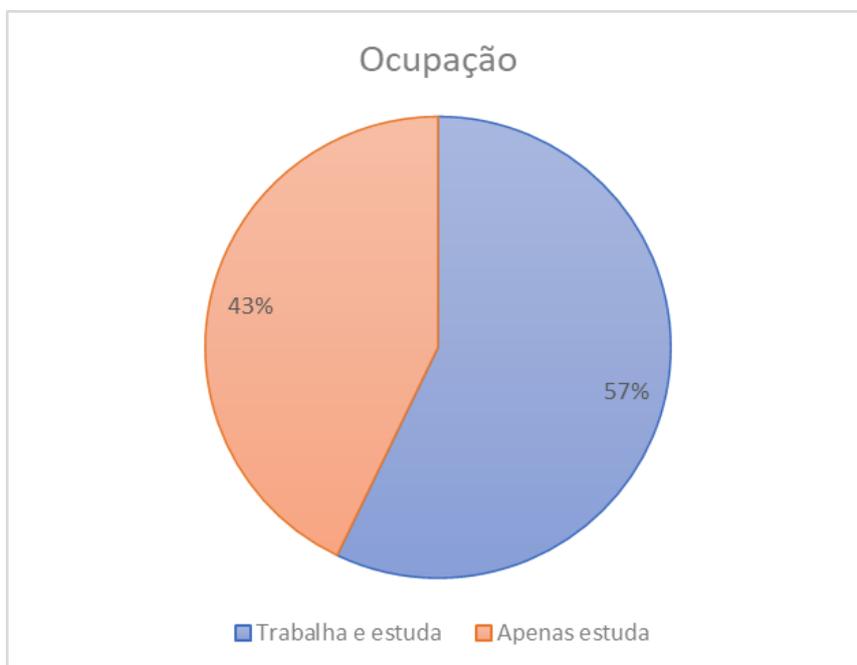
Nossos respondentes pertencem a uma faixa etária bastante variada, entre 18 e 66 anos, mas 28%, ou seja, a maioria deles, têm de 23 a 27 anos, conforme o gráfico abaixo.



Visto que tivemos 36 respondentes, 44,5% (16) dos entrevistados responderam estudar no curso de Pedagogia, enquanto os outros 55,5% são formados por estudantes dos cursos de Arquivologia, Biomedicina, Biblioteconomia, Ciências Ambientais, Engenharia de Produção, Biologia, Museologia, Letras e Nutrição. Como somos graduandas de Pedagogia, era de se esperar que a maioria dos respondentes fossem do nosso curso.

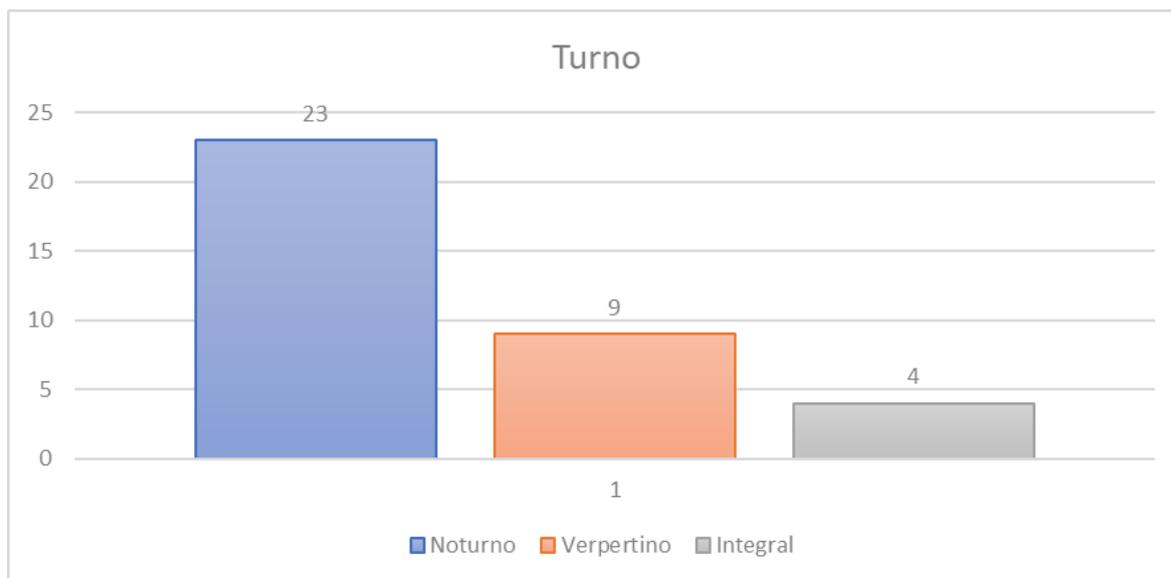


De nossos entrevistados, 43% apenas estudam, o que já demanda bastante tempo dedicado. E os outros 57% estudam e trabalham, tendo a carga de horas para dedicar aos filhos reduzida ainda mais.

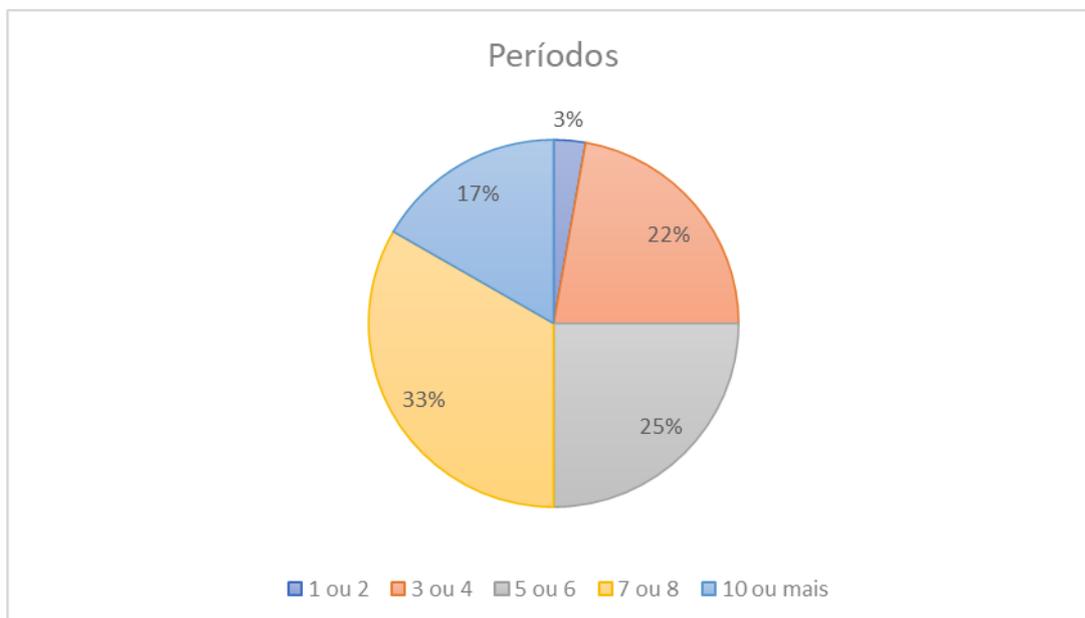


Segundo os dados resultantes de nossa pesquisa, os alunos estão divididos entre os cursos da seguinte forma: 23 pessoas (64%) cursam o turno noturno, 9 (25%) o turno vespertino e apenas 4 pessoas (11%) o turno integral.

Podemos observar que a maioria dos alunos entrevistados cursam o turno noturno, a fim de poder melhor poder conciliar os cuidados dos filhos junto com o estudo, eventualmente o trabalho e outras atividades.

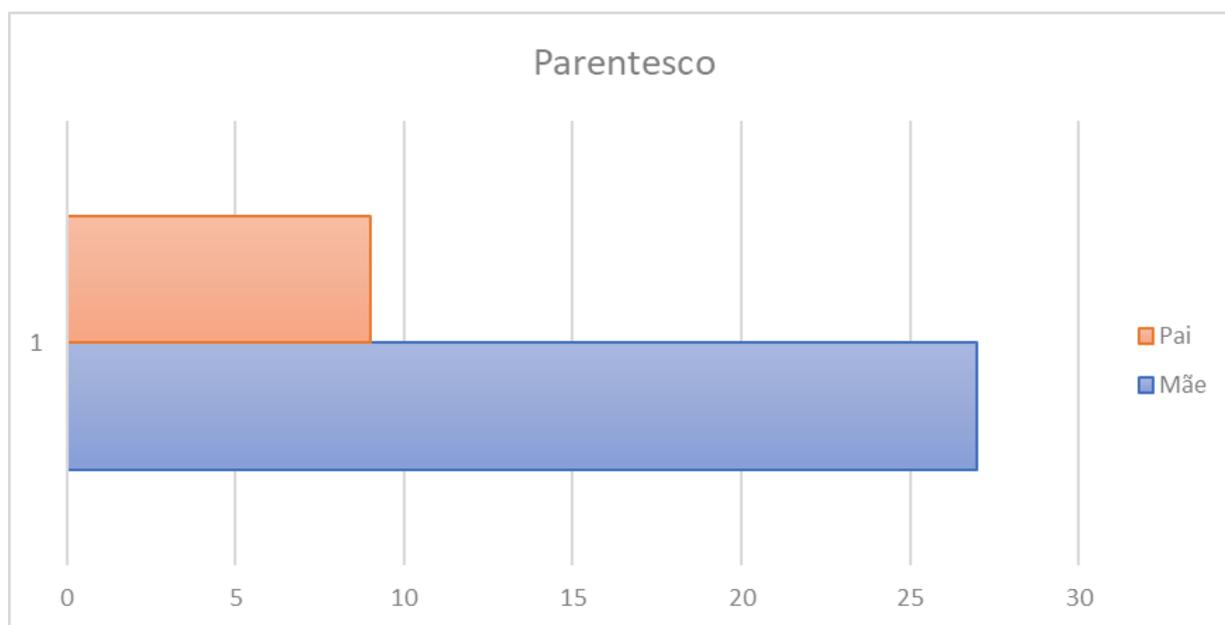


Perguntamos qual período os entrevistados estão cursando. A maioria deles, ou seja 33%, está no sétimo ou oitavo período. Por outro lado, 25% dos entrevistados estão no quinto ou sexto período, 22% estão no terceiro ou quarto período, 17% estão no décimo ou acima, enquanto o restante está no primeiro ou segundo período. Como mostra o gráfico abaixo:



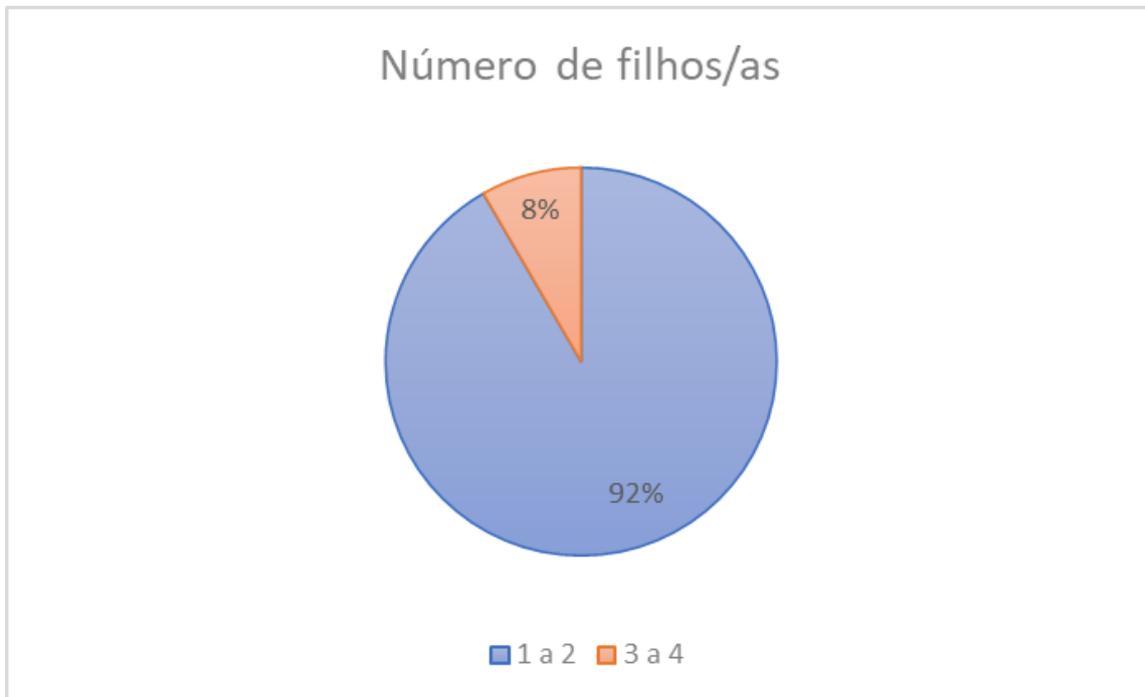
O objetivo final de nossa pesquisa foi verificar como está sendo a rotina das mães e dos pais que estudam e, principalmente, dos que trabalham ao mesmo tempo, visto que esse era o objetivo da pesquisa e foi a resposta com maior porcentagem. Portanto, começamos separando os entrevistados entre mães e pais.

Resultou que, dos 36 entrevistados, 27 são mães e apenas 9 são pais.



Para entender a rotina desses pais, era importante saber a quantidade de filhos que tinham, pois isso também definiria a quantidade de afazeres que esses responsáveis têm e o seu tempo para cada criança, tanto para escola, comida e higiene.

Assim, demos uma margem de 1 a 2 e 3 a 4 filhos, onde recebemos resultados de que 92% têm de 1 a 2 filhos e 8% têm de 3 a 4 filhos ou filhas.



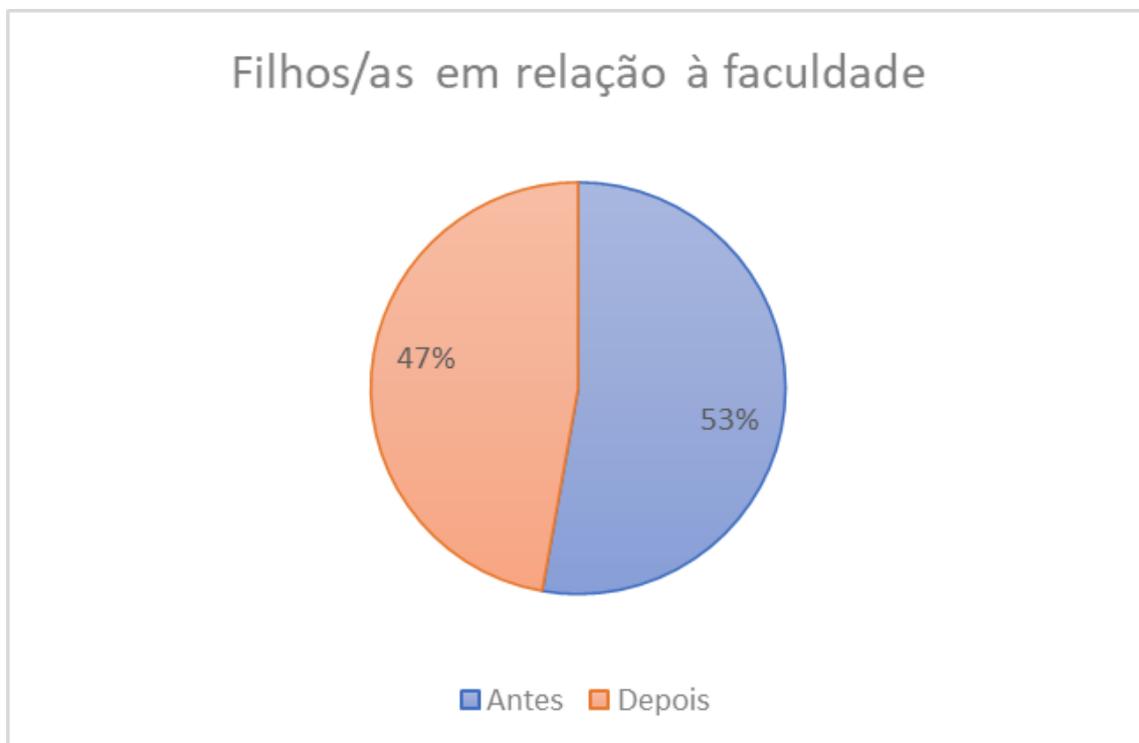
Neste próximo gráfico vemos o resultado de quais as idades dos filhos dos entrevistados.

Esse questionamento nos dá uma ideia de quantas pessoas estão na faculdade com filhos pequenos e que, conseqüentemente, devam ser as mais comprometidas. Ainda, quantos estudantes têm filhos maiores que, provavelmente, demandam menos tempo dedicado exclusivamente aos cuidados com eles, possibilitando talvez mais horas de estudo para o responsável.

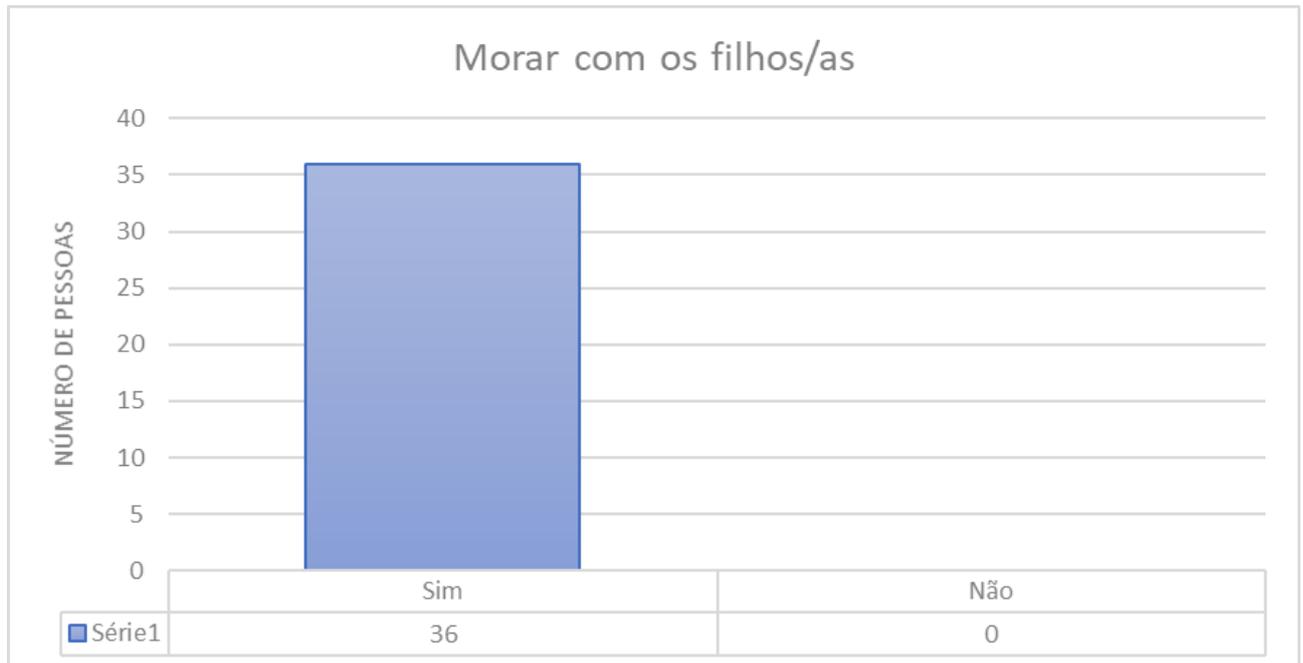
Dos 36 entrevistados concluímos que 13 possuem filhos de 0 a 3 anos, 8 de 4 a 6 anos, 2 de 7 a 9 anos, 9 de 10 a 12 anos, 4 de 13 a 15 anos, 5 de 18 a 21 anos, 7 de 22 a 24 anos, 1 de 37 anos e 1 de 39 anos.



Para a pergunta se os estudantes tiveram seus filhos antes ou depois de ingressar na faculdade 19 responderam ter filhos antes da faculdade e 17 alunos responderam ter depois de já estarem cursando.

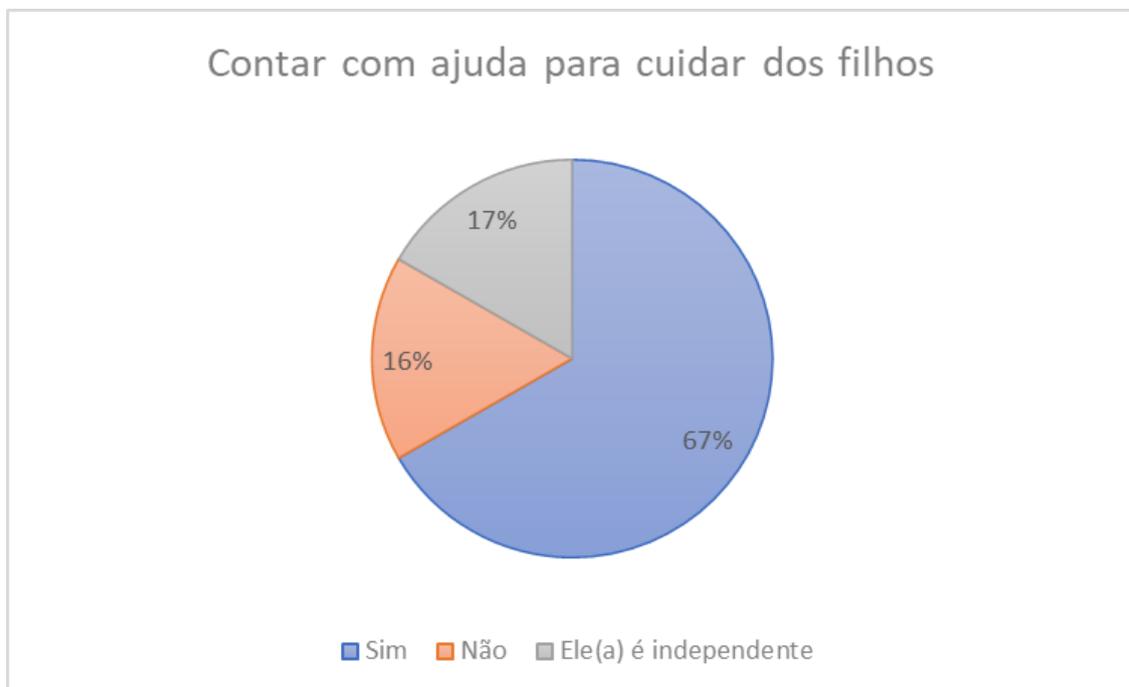


Perguntamos aos entrevistados se moravam com seus filhos e obtivemos a totalidade de respostas na opção “sim”.

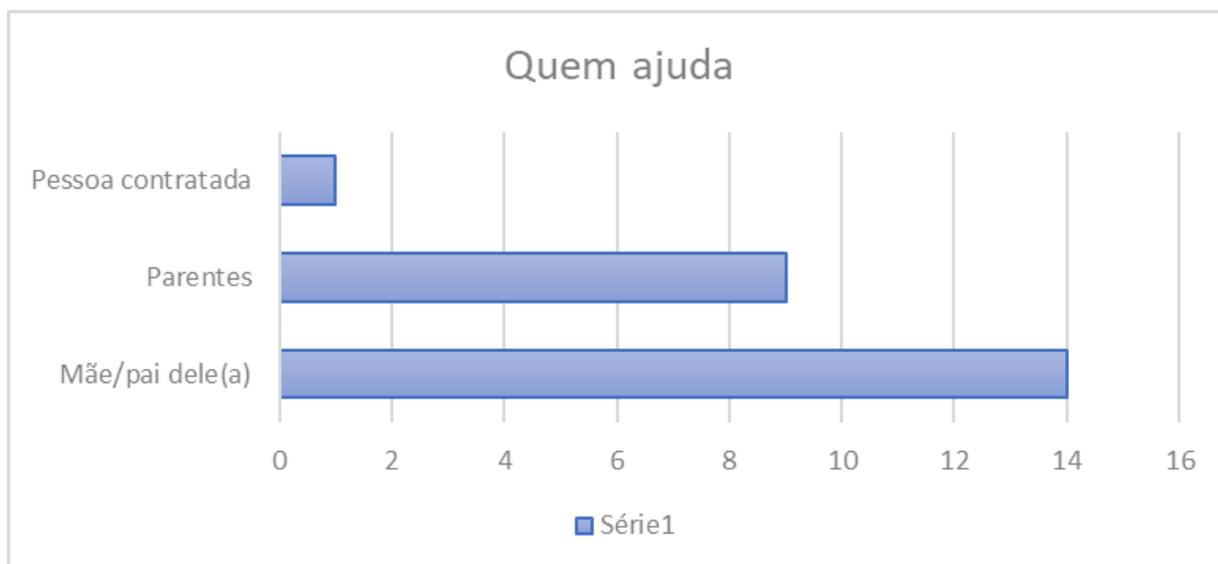


Perguntamos também se, uma vez que moram juntos, recebem algum tipo de auxílio com os cuidados necessários para os filhos, seja financeiro ou sentimental.

Dos 36 respondentes, 24 recebem amparo de alguém, 6 não necessitam pois os filhos já são independentes, enquanto outros 6 não recebem nenhuma ajuda.



Dos 24 que recebem amparo perguntamos de quem vem essa ajuda, se de mãe/pai dos filhos, parentes, alguém contratado ou outra opção. As respostas foram que 14 recebem ajuda dos pais, 9 recebem ajuda de parentes e 1 de uma pessoa contratada.



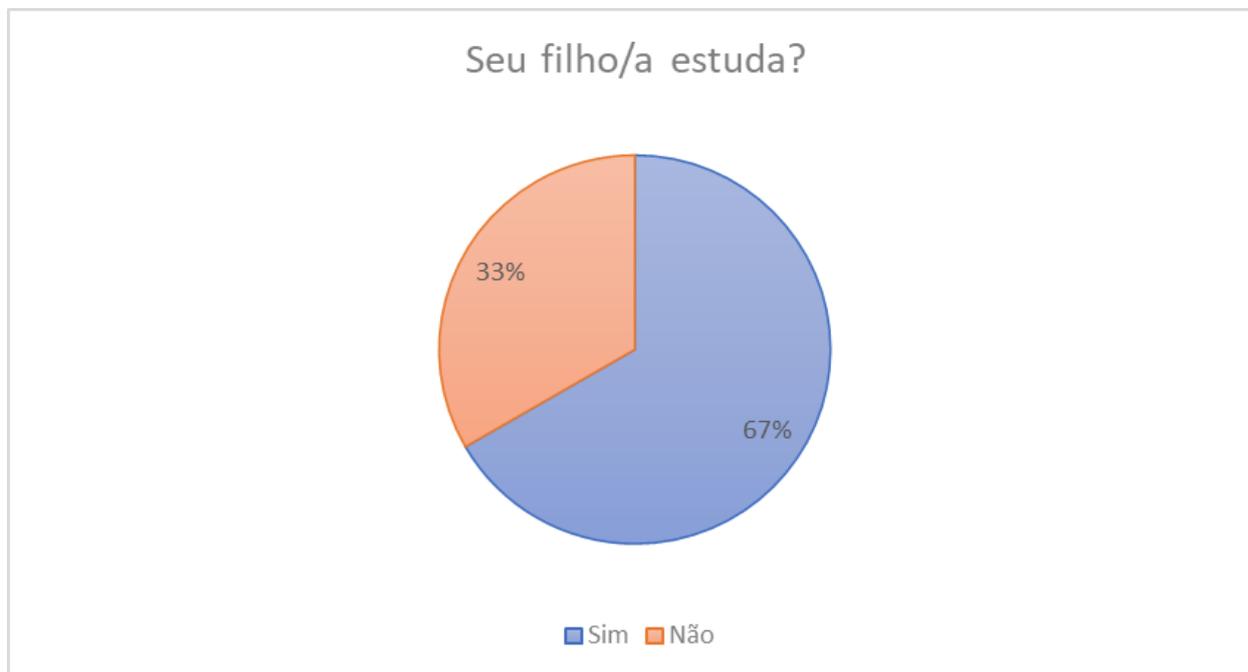
Indo mais a fundo nessa questão, pudemos observar que 44,4% dos pais responderam ter ajuda da mãe/pai de seus filhos, enquanto 37% das mães disseram ter a mesma ajuda.

Na pergunta seguinte, queríamos saber sobre a rotina dos estudantes, se estão estudando e/ou trabalhando de casa, assim tendo o tempo todo os filhos por perto, o que poderia acarretar uma maior supervisão das crianças e uma possível interferência no rendimento do trabalho realizado, já que moram juntos.

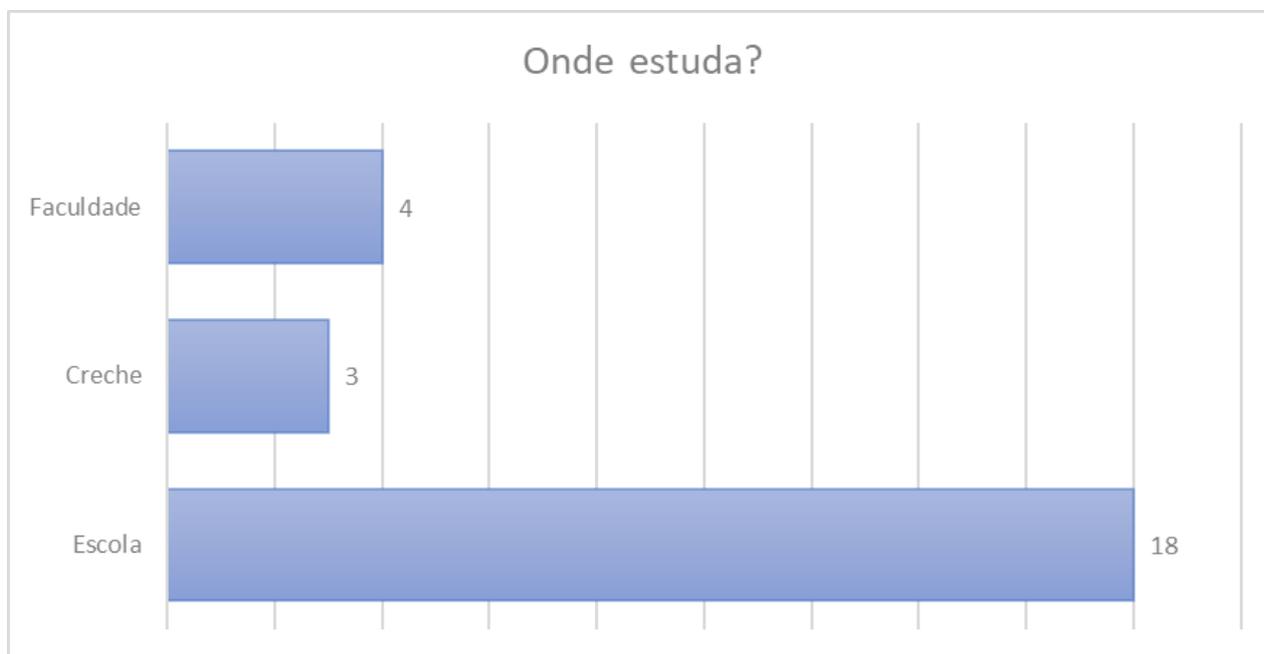
Nessa pergunta, 83% do total de respondentes disse fazer tudo de casa, os outros 17% provavelmente trabalham fora, visto que a UNIRIO adotou o método remoto.



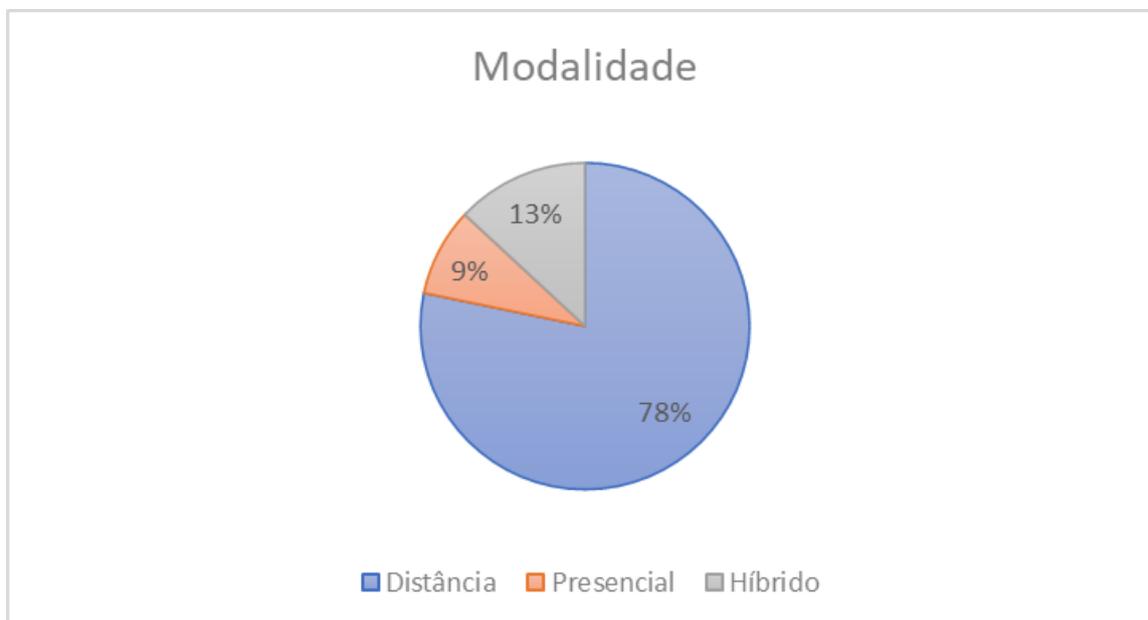
Perguntamos aos pais se seus filhos estudavam. Nesta pergunta, 66% responderam que sim, enquanto 33% responderam que não, o que demonstra que grande parte dos respondentes possui filhos que já estão em idade escolar (por volta dos 2 anos em diante).



A grande maioria, 18 pessoas, respondeu que seus filhos estudam em escolas, 4 em faculdade e 2 em creche.

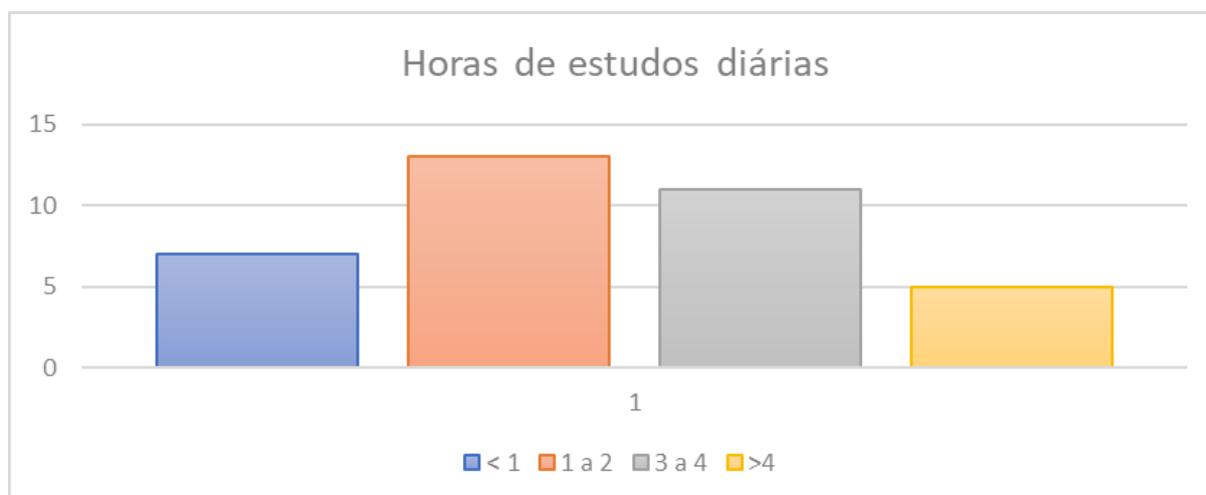


Quanto à modalidade de estudos durante a pandemia, 78% dos filhos estão estudando à distância, 13% de forma híbrida (revezando entre presencial e remoto) e 9% de forma presencial. Uma demonstração de que as medidas sanitárias ainda se encontram bastante rígidas no que se diz respeito à educação no geral.



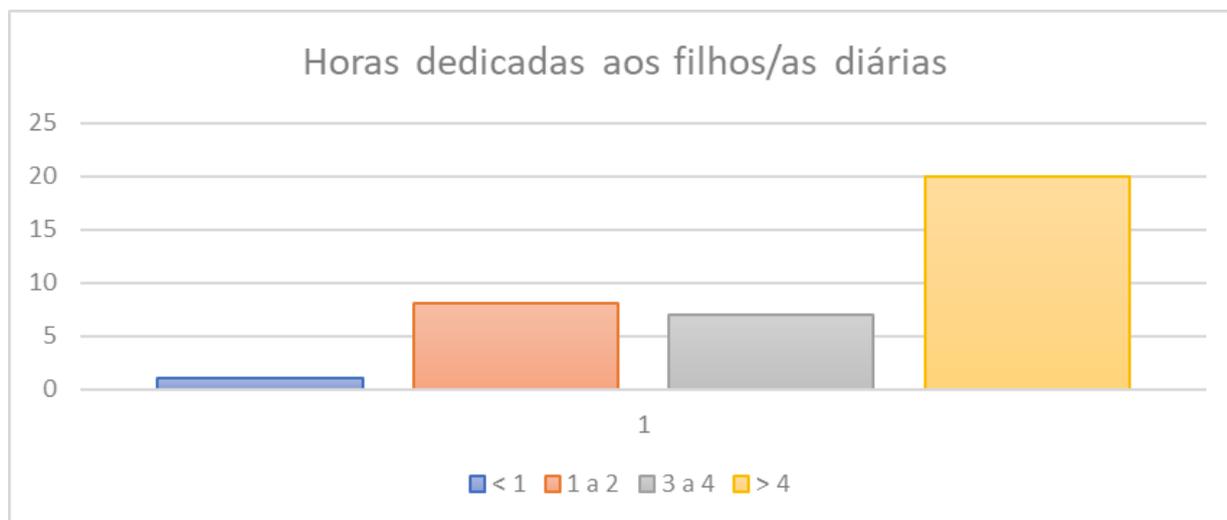
Prosseguimos perguntando aos estudantes quantas horas diárias eles dedicavam aos seus estudos. Nesta questão, 13 pessoas responderam que dedicam de 1 a 2 horas, 11 responderam de 3 a 4 horas, 7 responderam menos de uma hora e 5 pessoas responderam mais de 4 horas diárias.

Com isso, é possível notar que parte dos estudantes, ainda que poucos, consegue dedicar a mesma média de horas que costumavam dedicar às aulas presenciais (por volta de 4 horas). Enquanto isso, outra parte demonstrou uma diminuição no tempo dedicado aos estudos, provavelmente por conta da mudança na rotina trazida pela pandemia.



Para encerrar nossa pesquisa, perguntamos quantas horas diárias nossos respondentes dedicam aos seus filhos. Lembrando que estamos em um momento de pandemia, com certeza as respostas refletiram no fato de haver uma necessidade de que tanto estudos quanto trabalho sejam em casa, o que muda o dia a dia dessas famílias, podendo tanto haver mais ou menos atenção aos filhos.

Dos 36 entrevistados, 1 passa menos de 1 hora com o/os filho/s, 8 passam de 1 a 2 horas dedicadas exclusivamente aos filhos, 7 passam de 3 a 4 horas e 20 passam mais de 4 horas.



O fato de os pais e as crianças estarem em casa com certeza aumenta a interação, mas temos que lembrar que essa parcela, que não consegue passar tanto tempo com os filhos, provavelmente é uma parcela que não está trabalhando de casa.

Conclusão

Foi obtida, assim, a informação que nossos respondentes têm majoritariamente entre 23-27 anos, estão estudando e trabalhando, estão no curso de pedagogia noturno, entre o sétimo e o oitavo períodos.

Vemos um público jovem que está estudando, trabalhando e cuidando dos filhos, mesmo com as dificuldades apresentadas pelo período de isolamento e estão conseguindo prosseguir para períodos mais adiante dos cursos e até se formar.

Isto demonstra, em certa parte, um avanço no que se refere à diversidade no meio acadêmico, visto que, as classes que dificilmente conseguiam o acesso ao ensino superior, como os pais e as mães. Percebemos que agora, além de conseguir entrar, também conseguem se manter e prosseguir com seus estudos.

Pesquisando sobre o assunto, aprendemos que em algumas faculdades foram criados grupos de Escuta e Reflexão destinados às mães durante a pandemia, atuados de forma remota através de plataformas virtuais. (ANÔNIMO, 2020)

Entendemos que, à medida que a universidade se diversifica, surgem novas necessidades de se ajustar o modo como opera a instituição em relação aos alunos. Temos sistemas de

inclusão que foram implantados em épocas diferentes e não se renovam, tornando-os defasados. Temos cada vez mais alunos com necessidades, as quais a faculdade não consegue suprir, mesmo tendo o dever de criar um ambiente adequado para um ensino de qualidade.

Apesar de não termos um suporte efetivo para a inclusão nesse ambiente, temos professores que tornam o ambiente adequado, apesar de não possuírem nenhum apoio ou nenhuma obrigação de fazer algo. Isso é bom, pois temos pessoas que entendem e respeitam diferentes realidades, mas ainda existe uma parcela dessa classe que não está aberta a incluir alguns alunos, às vezes por, simplesmente, “não ter essa obrigação”.

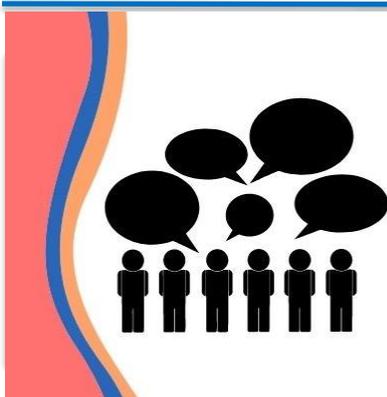
Concluimos que não é a necessidade que faz um ambiente ser mudado para que seja favorável ao ensino de qualidade e sim a obrigação que as instituições e os órgãos, que são responsáveis por elas, têm de tornar isso uma pauta imprescindível no setor de ensino.

Referências

ANÔNIMO. Escuta e reflexão sobre os desafios da maternagem na quarentena, Universidade Federal Fluminense, 2020. Disponível em: <http://www.uff.br/?q=escuta-e-reflexao-sobre-os-desafios-da-maternagem-na-quarentena>.

Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor / editores Ana Lucia D’Império Lima... [et al.]. – 3. ed. – São Paulo: Global, 2010.

DAINF. UNIRIO em Números - ano base 2019, Diretoria de Avaliação e Informações Institucionais, UNIRIO. Disponível em: <http://www.UNIRIO.br/proplan/dainf/UNIRIO-em-numeros-ano-base-2019-1>.



DESEMPREGO NA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

*Suriane Safira Serpa Leiroz de Almeida,
Lidiane Rocha e Lucas Pereira Ribeiro*

Introdução

O impacto da pandemia do novo Coronavírus na sociedade brasileira foi muito grande. O ano de 2020 acabou com o recorde de 14,2% de desempregados, e dentre essa porcentagem, os maiores atingidos foram os jovens².

Com base nisso e na observação empírica de um crescente número de desempregados durante o período pandêmico, é que realizamos esta pesquisa.

Nossa intenção é fazer uma descrição dessa relação de desemprego com a pandemia, tendo como recorte os alunos da UNIRIO do curso de Pedagogia e do turno Noturno. Além da aplicação de um questionário, fizemos uma pequena entrevista informal com os alunos.

Justificativa

O interesse por trás da pesquisa surgiu através da intuição pessoal dos membros do grupo e pela constatação empírica do aumento do desemprego durante a pandemia. Queremos expor e analisar os dados coletados para um maior embasamento de nosso conhecimento empírico.

Entendemos que é necessário analisar, compreender e principalmente desinvisibilizar estas informações, no sentido de reafirmar o impacto negativo e prejudicial causado pela crise econômica/sanitária na vida dos estudantes da UNIRIO.

Objetivos

Essa Pesquisa tem como objetivo descrever quantitativamente a relação dos alunos desempregados com o período da pandemia do novo Coronavírus e apontar, percentualmente e com auxílio de gráficos, os alunos desempregados dentre os pesquisados.

Levando em conta a crise sanitária que acomete o mundo desde o ano de 2020 e também a crise econômica mundial, que vem se agravando ao longo dos últimos anos, acreditamos na necessidade de compreender, cientificamente, os impactos que tais acontecimentos implicam nas vidas de cada estudante da universidade.

² Desemprego diante da pandemia atinge 14,2% em novembro e bate novo recorde [G1]

A partir desta pesquisa, buscamos desinvisibilizar as histórias impactadas por este processo de retração econômica, que não foi causado pela pandemia de COVID-19, mas que inegavelmente foi agravado por este, compreender a situação atual dos estudantes da UNIRIO e compartilhar essas histórias, relatos, realidades com o conjunto da comunidade universitária.

Procedimentos Metodológicos

Utilizamos uma metodologia de pesquisa de opinião, seguindo o método sugerido pelo projeto Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião - NEPSO.

População

Nossa Pesquisa foi realizada com alunos da UNIRIO, do curso de Pedagogia e do Turno Noturno.

Amostra e Técnica de Amostragem

Nossa amostra se restringiu aos alunos do curso de Pedagogia da UNIRIO do Turno da Noite, portanto, se tratou de uma amostra aleatória.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

O meio pelo qual fizemos o levantamento de dados para esta pesquisa foi a Plataforma de Formulários do Google, na qual realizamos um questionário a ser respondido de forma individual e com filtragem de respostas.

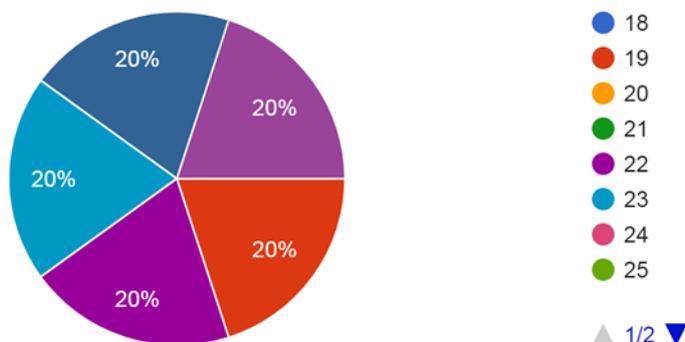
Apresentação e Análise dos Dados

Dentre os alunos matriculados no curso de Pedagogia pela UNIRIO no turno da noite, 13 responderam ao questionário, porém, não a todas as perguntas.

A primeira filtragem estabelece a faixa etária dos que responderam (ver gráfico 1), que se encontra entre 18 e 24 anos de idade.

Qual é a sua idade?

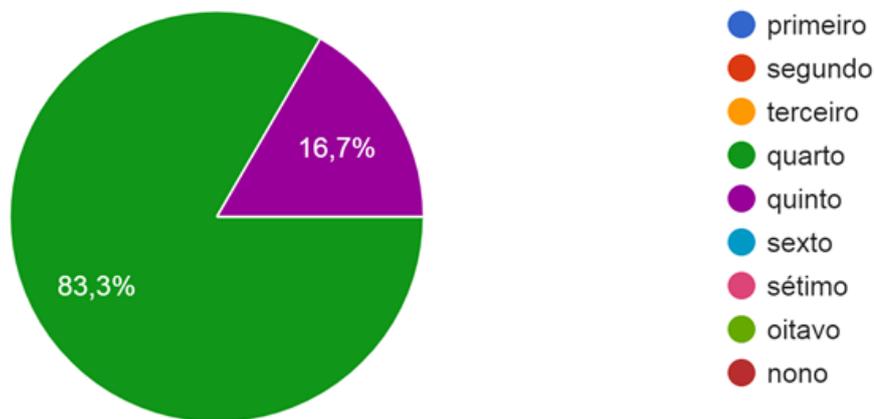
5 respostas



Já o próximo Gráfico expõe o período em que os alunos pesquisados se encontram. 83,3% estão no quarto período e 16,7% no quinto.

Em que período você está?

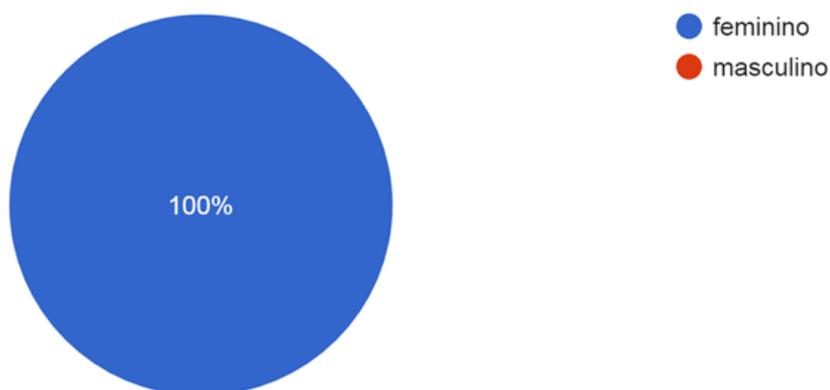
6 respostas



O Gráfico exibido a seguir diz respeito ao sexo dos entrevistados. 100% dos que responderam são do sexo feminino.

Qual é o seu sexo biológico?

6 respostas

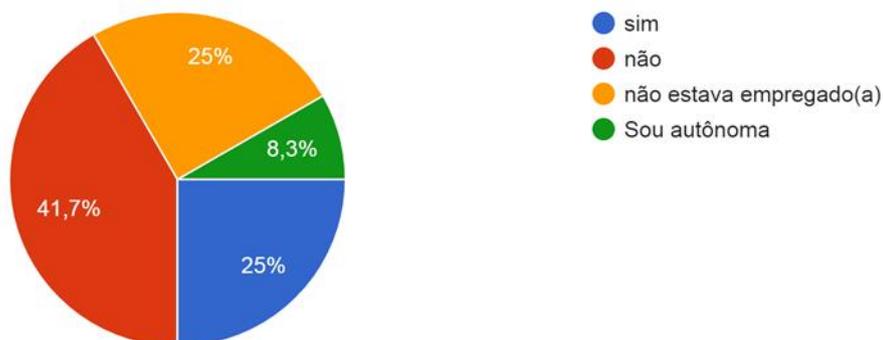


A partir daqui, tratamos da questão do desemprego entre os entrevistados.

Começamos analisando os alunos que perderam o emprego durante a pandemia: 25% dos entrevistados (3 de 12 alunas) perderam o emprego.

Você perdeu o emprego durante a pandemia?

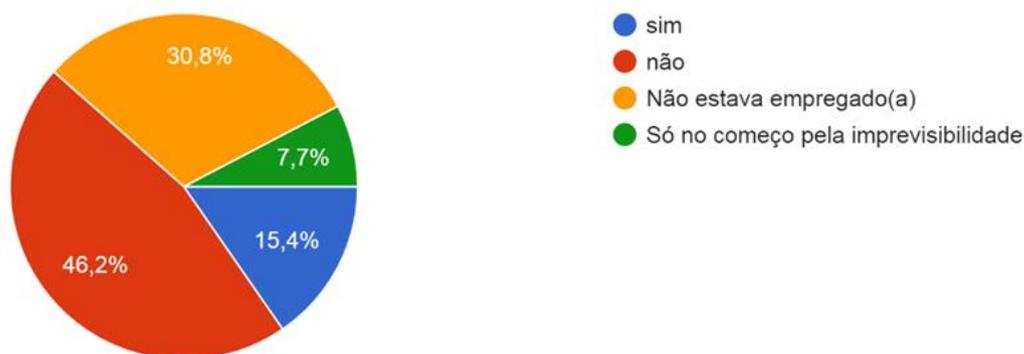
12 respostas



Em seguida, analisamos os que tiveram seu salário diminuído durante a pandemia. 15,4% responderam que sim, tiveram seus salários diminuídos durante a pandemia, e 7,7% responderam que apenas no começo da pandemia tiveram seus salários diminuídos.

Você teve seu salário diminuído durante a pandemia do coronavírus?

13 respostas



O passo seguinte foi analisar a dificuldade em encontrar emprego durante a pandemia. 38,8% disseram que encontram dificuldade. Ver gráfico a seguir:

Está tendo dificuldade em conseguir emprego durante a Pandemia?

13 respostas



O Gráfico abaixo diz respeito às dificuldades enfrentadas pelas famílias dos entrevistados. 53,8% disseram que estão enfrentando alguma dificuldade financeira, e 7,7% disseram que estão com muita dificuldade financeira.

Você e os membros da sua família estão com dificuldade financeira?

13 respostas



A seguir, a transcrição das respostas dos entrevistados cuja pergunta foi “*Como você se sustenta? Tem alguma renda?*”:

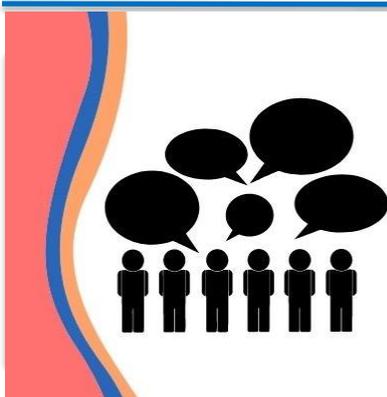
- Entrevistado 1: Empreendo.
- Entrevistado 2 e 3: Estou trabalhando.
- Entrevistado 4: Sou bolsista de iniciação científica, mas quem me sustenta são os meus pais, o que eu recebo é pouco.
- Entrevistado 5: Atualmente faço um bico ensinando minha prima a ler e ganho quase nada, meu pai e meu irmão é que sustentam a casa.

Para finalizar, deixamos junto ao Questionário um espaço para que os entrevistados expusessem suas considerações sobre o desemprego na Pandemia. Abaixo, algumas das respostas:

- *“A situação de todos está precária. Vemos funcionários se arriscando nos transportes por empregos sub-humanos, salários diminuídos, home office abusivo, onde o funcionário não tem horário definido, como no presencial e a oferta de vagas cada vez menor.”*
- *“Durante a pandemia o desemprego aumentou consideravelmente, principalmente por conta de grande parte da população trabalhar em comércios não essenciais que tiveram que fechar obrigatoriamente e por conta do faturamento baixo tiveram que fechar as portas”*
- *“Eu gostaria de estar empregada pra ajudar minha família, como muitos também gostariam e não conseguem, mas sempre que envio um currículo as pessoas não se dão o trabalho de responder absolutamente nada, em meses não fui chamada pra uma entrevista sequer. Meu pai é taxista, minha tia, costureira, e agora estamos todos numa situação difícil, vi inúmeras pessoas perderem seus empregos pq as empresas deixaram apenas funcionários essenciais. A pandemia afetou diretamente a todos nós, refletindo principalmente na área financeira.”*

Conclusão

Por fim, a presente pesquisa mostra uma relação muito próxima entre o desemprego e a pandemia do novo coronavírus. Dado todo o exposto acima, concluímos que a situação do desemprego está assolando a muitas pessoas, inclusive uma parcela significativa dos entrevistados desta pesquisa.



DIÁLOGOS DOCENTES E DISCENTES DE COMBATE AO PRECONCEITO

Isabela Leal da Silva Cavalcante, Jessica Fernandes Leal da Silva e Marcele Cunha Ferreira dos Santos

Introdução

O presente trabalho buscou entender a frequência dos usos de termos que, segundo SANTOS (2002) reforçam a abissalidade de realidades e saberes em salas de aula da Educação Básica e Ensino Superior. Para isso, usamos uma avaliação quantitativa³, tendo como referências as respostas recebidas no formulário de pesquisa.

Desafiando processos pedagógicos (HOOKS, 1994) que aprisionam significados, propomos o estudo numérico a partir das percepções anônimas de professores e estudantes para sinalizar como lógicas opressoras (DAVIS, 2016) produzem epistemicídios (CARNEIRO, 2007) que invisibilizam grupos tidos como socialmente desimportantes.

Justificativa

Assumindo que as formas de imposição de lugares "suprimem nossa humanidade (...) ao nos negar o direito de sermos sujeitos não só do nosso próprio discurso, se não da nossa própria história" (GONZALEZ, 2011, p. 12), pretendemos pensar, de forma coletiva, os impactos linguísticos, sociais, históricos e econômicos das inúmeras formas de discriminação racial.

A importância dos dados para compreender racismos e outras formas de opressão se dá a partir do potencial educativo dos projetos de pesquisa que envolvem docentes e estudantes. Nessa perspectiva, o professor Marcelo Paixão (2017) afirma o papel dos dados para que os professores e gestores possam elaborar práticas e políticas de combate às desigualdades raciais expressas na educação brasileira.

Como ferramentas para análise escolhemos perguntas fechadas e abertas. As perguntas fechadas possibilitaram um leque de respostas dos entrevistados, que escolheram a que melhor se adequa à sua opinião. As perguntas abertas, por outro lado, permitiram respostas não previstas anteriormente por nós, possibilitando sínteses quantitativas a partir de sua classificação e codificação.

³ A junção de termos usualmente compreendidos como dicotômicos, mas que guardam entre si relações de reciprocidade e/ou retroalimentação, é um princípio constitutivo do campo dos estudos com os cotidianos (OLIVEIRA; SGARBI, 2008) frente à binarização imposta pela episteme moderna ao nosso modo de conceber processos e ações no e do mundo.

Objetivos

Analisar o papel da linguagem na construção de modelos e padrões de representações sociais discriminatórias, através da utilização de termos que expressam o racismo existente no cotidiano acadêmico e escolar. E com isso

- (re)conhecer premissas e processos sociais excludentes (OYEWÙMI, 2018);
- (escre)viver experiências mais democráticas e solidárias (EVARISTO, 2017);
- (promo)ver uma sociologia das ausências e emergências (SANTOS, 2002);
- Contemplar, coleccionar e mediar ações educativas antirracistas (KRAMER; CARVALHO, 2012).

Procedimentos Metodológicos

As pesquisas quantitativas são mais adequadas para apurar opiniões e atitudes explícitas e conscientes dos entrevistados, pois utilizam instrumentos padronizados (questionários). São utilizadas quando se sabe exatamente o que deve ser perguntado para atingir os objetivos da pesquisa e permitem que se realizem projeções para a população representada. Elas testam, de forma precisa, as hipóteses levantadas para a pesquisa e fornecem índices que podem ser comparados com outros (LIMA et. al., 2010, p. 48).

Neste trabalho buscou-se refletir sobre o preconceito presente na linguagem presente no ambiente acadêmico e escolar que vem reafirmando a imagem social dos negros, em grande parte, em posições subalternas. Tratando-se de uma pesquisa de perspectiva quantitativa não probabilística⁴, devido à quantificação, tanto na coleta quanto no tratamento das informações oriundas do questionário online.

População

Definimos como público-alvo dessa pesquisa, docentes e discentes da Educação Básica, do Ensino Superior e de cursos de Pós-Graduação de instituições públicas e privadas no Brasil.

Amostra e Técnica de Amostragem

Participaram da pesquisa 573 (quinhentas e setenta e três) discentes e docentes da rede privada ou pública da educação básica à pós-graduação. A técnica de amostragem utilizada foi a aleatória simples, na qual todos os elementos da população possuem a mesma probabilidade de pertencer à amostra.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

O instrumento utilizado para a coleta de dados da pesquisa foi um questionário online com perguntas abertas e fechadas, via Google Forms, respeitando as medidas de distanciamento social pautadas no controle da pandemia de COVID-19. O compartilhamento do endereço

⁴ De acordo com LIMA et. al. a amostra não probabilística é quando não temos informação sobre as pessoas da população que queremos investigar (2010).

eletrônico do formulário para o público-alvo da pesquisa ocorreu através de correio eletrônico e das mídias sociais, WhatsApp.

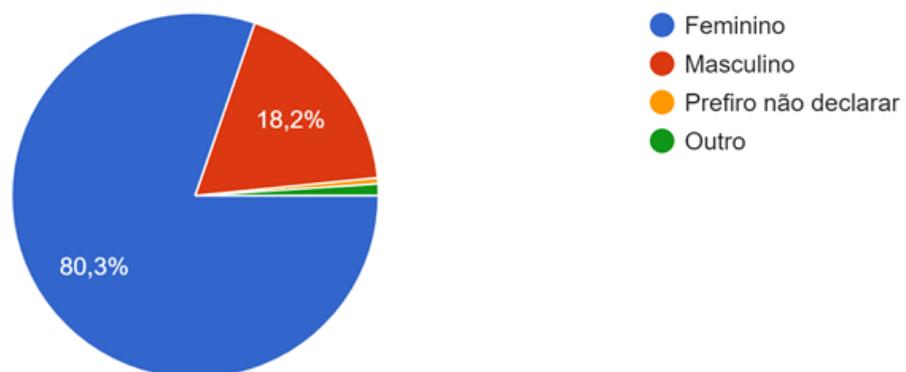
Apresentação e Análise dos Dados

O questionário aplicado via Google Formulários esteve aberto para respostas de 30/03/2021 a 12/04/2021. Neste período obtivemos 573 respostas no total.

1. DADOS PESSOAIS

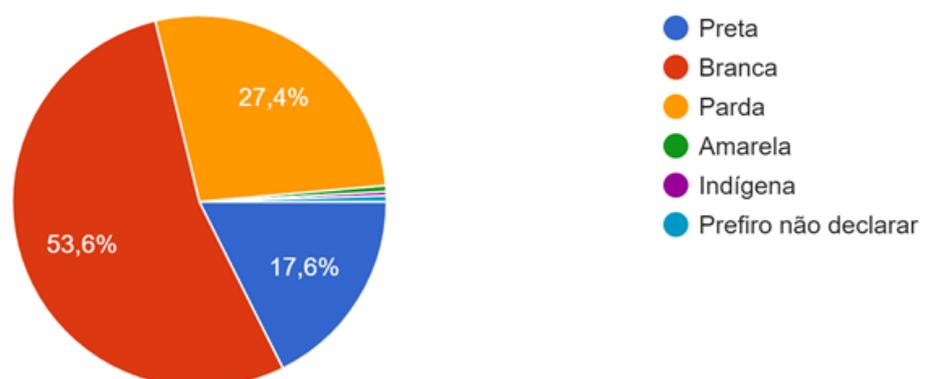
Com qual gênero você se identifica?

573 respostas



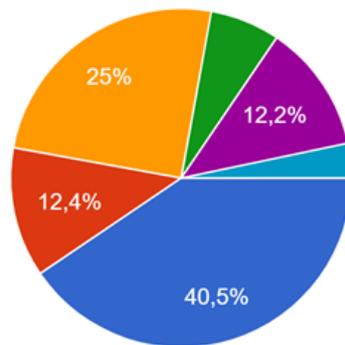
Como você define a sua cor?

573 respostas



Você é:

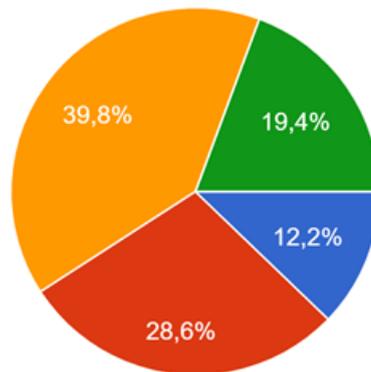
573 respostas



- Estudante da Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio)
- Professore da Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio)
- Estudante da UNIRIO (Graduação ou Pós-Graduação)
- Professore da UNIRIO (Graduação ou Pós-Graduação)
- Estudante de outra Instituição de Ensino
- Professore de outra Instituição de Ensino

Você é estudante/professore de qual Rede de Ensino?

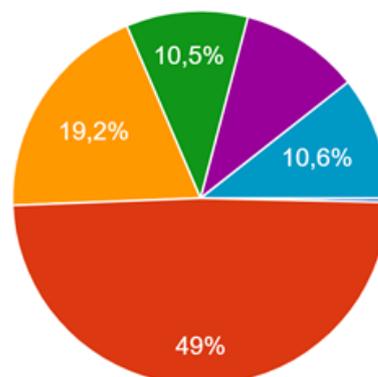
573 respostas



- Pública, municipal
- Pública, estadual
- Pública, federal
- Privada

Idade

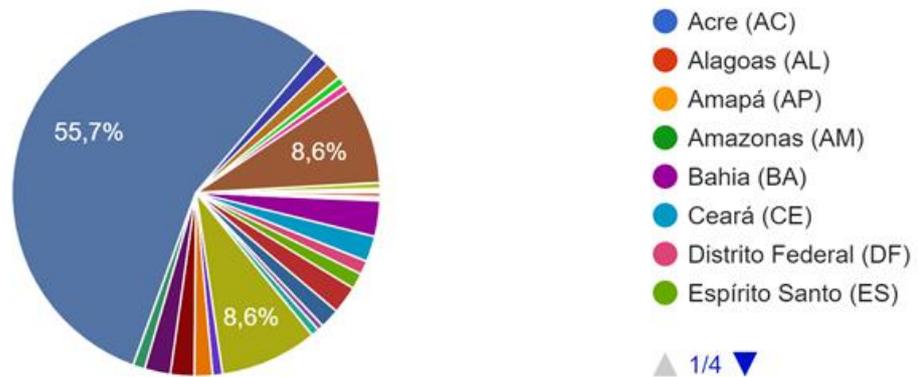
573 respostas



- Menos de 15 anos
- 15 - 21 anos
- 22 - 30 anos
- 30 - 40 anos
- 40 - 50 anos
- Mais de 50 anos

UF

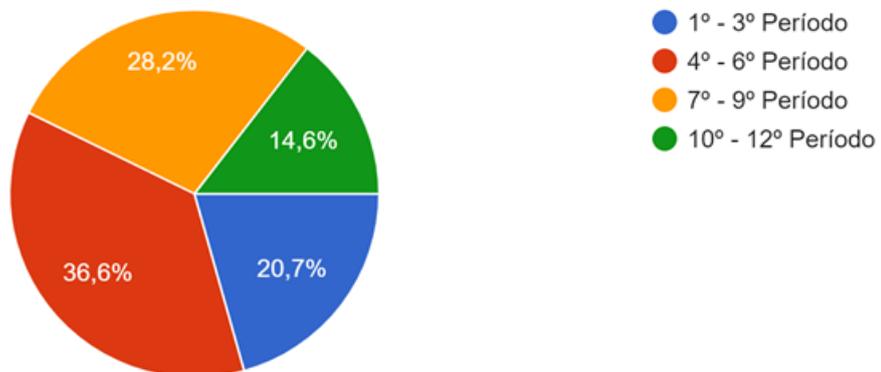
573 respostas



2. PERCEPÇÕES DISCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA (NÍVEL FUNDAMENTAL E MÉDIO)

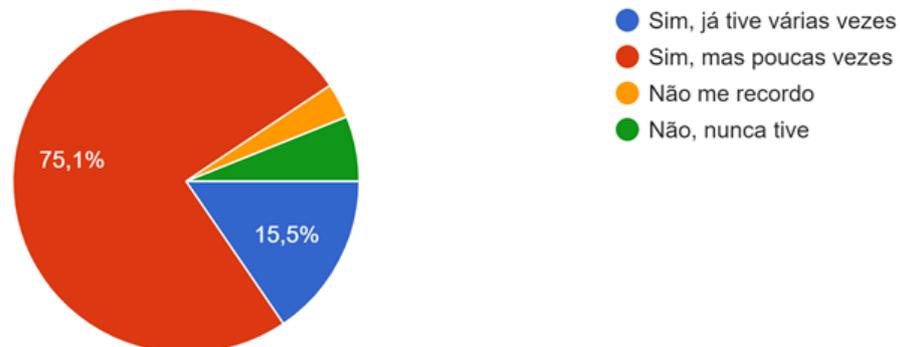
Qual o seu período na Universidade (Graduação ou Pós-Graduação)?

213 respostas



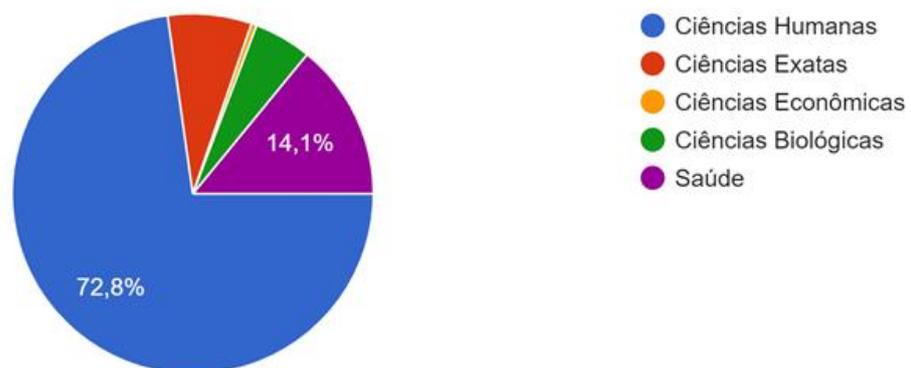
Você já teve aula com professores negros e negras?

213 respostas



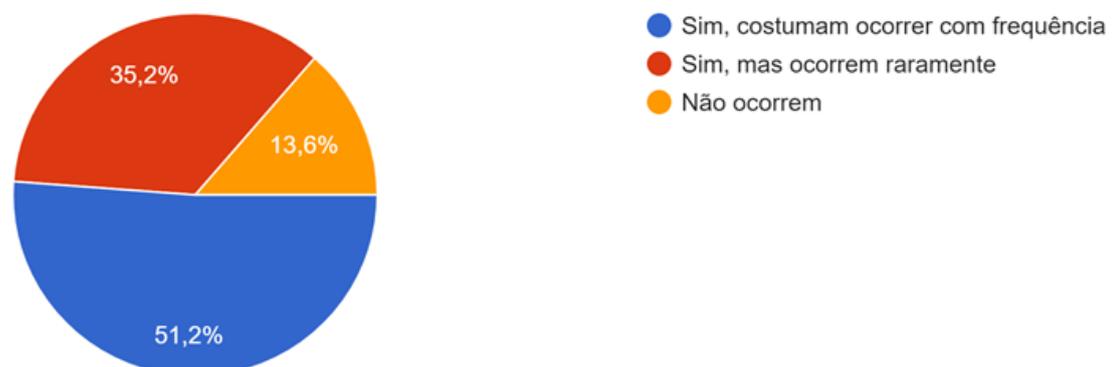
De qual área de conhecimento o seu curso de Graduação ou Pós-Graduação pertence?

213 respostas



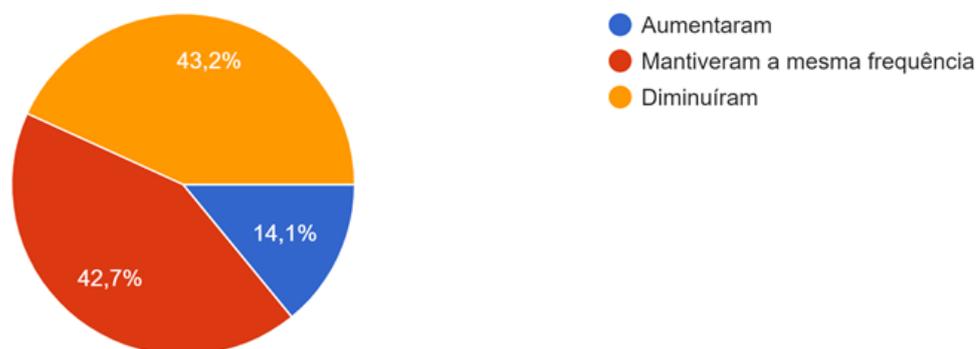
As discussões raciais costumam ocorrer no seu espaço de sala de aula?

213 respostas



Na sua opinião, as discussões raciais no ensino remoto:

213 respostas



Gostaria de falar mais sobre isso? (62 respostas)

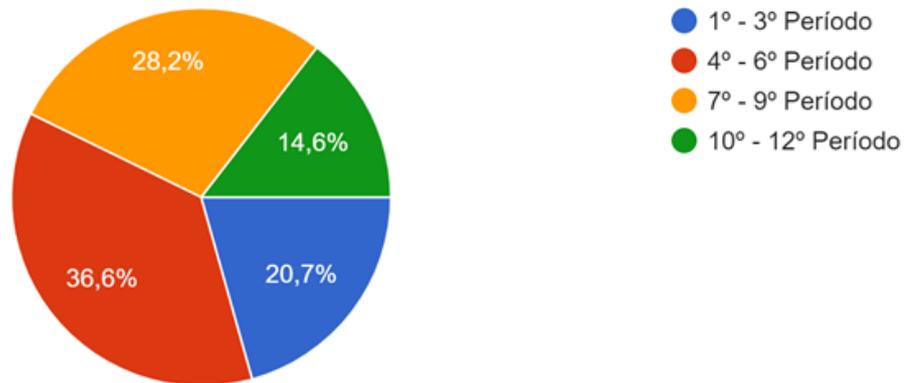
Algumas percepções e relatos destacados:

- *“O racismo estrutural está presente na minha realidade, na qual, diversas vezes, professores da minha escola evitam abordar assuntos raciais pois acham ‘desnecessários’”.*
- *“Terminei o Ensino médio em ano passado, acredito que as discussões raciais cresceram um pouco no momento em que a tag ‘Black Lives Matter’ subiu depois da morte de George Floyd, mas aparentemente foi perdendo a força ao longo do ano, como se fosse um assunto banal como qualquer outro, embora seja um tema que deveria ser tratado desde o Ensino fundamental para a melhor (in)formação dos alunos.”*
- *“É notável que, ao passo em que vivemos, observamos uma segregação racial, mesmo que não intensa, que limita a vida de pessoas pretas, fazendo com que as mesmas vivenciem uma exclusão por conta de sua raça, morando em lugares precarizados, com pouquíssima visibilização e respeito. Sobre as aulas remotas, por conta dessas limitações já citadas, é visível que os negros, em sua grande parte, não conseguem estudar por viverem em regiões com pouca adaptação à internet e estudo a distância. O estado não os ajuda, com isso o atraso intelectual, social e emocional é um resultado já esperado.”*
- *“Considero o debate acerca desse assunto extremamente importante, para que possamos compreender suas origens e porque persistem até hoje, mesmo depois de tanta luta por igualdade.”*
- *“Havia discussões sobre o problema do racismo nas aulas de sociologia, história, filosofia, redação e geografia. Mas agora estão muito mais focados em preparar a gente para o vestibular.”*

3. PERCEPÇÕES DISCENTES DO ENSINO SUPERIOR (GRADUAÇÃO OU PÓS-GRADUAÇÃO)

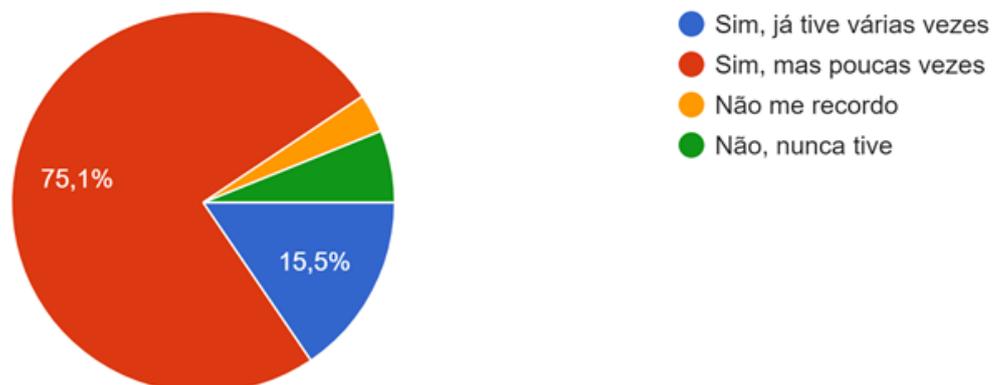
Qual o seu período na Universidade (Graduação ou Pós-Graduação)?

213 respostas



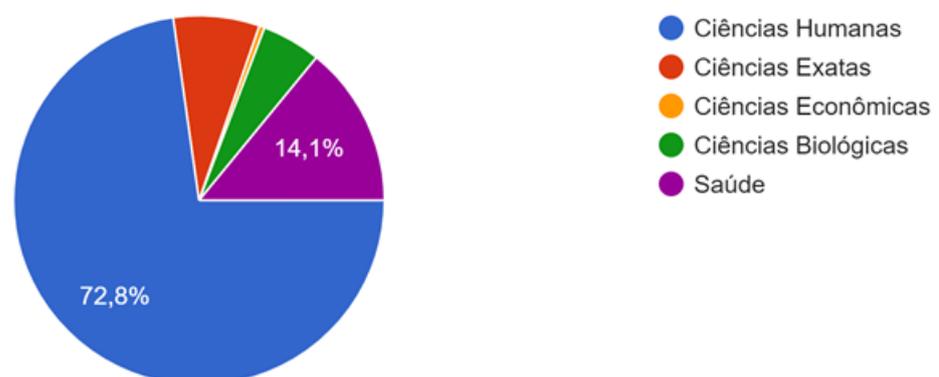
Você já teve aula com professores negros e negras?

213 respostas



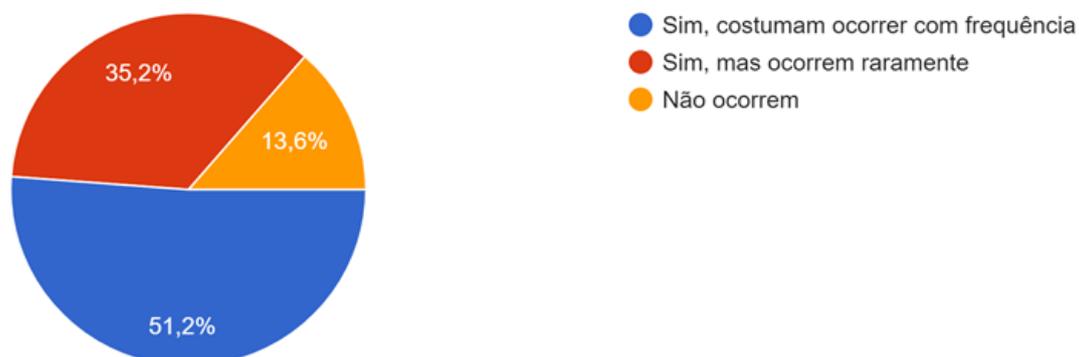
De qual área de conhecimento o seu curso de Graduação ou Pós-Graduação pertence?

213 respostas



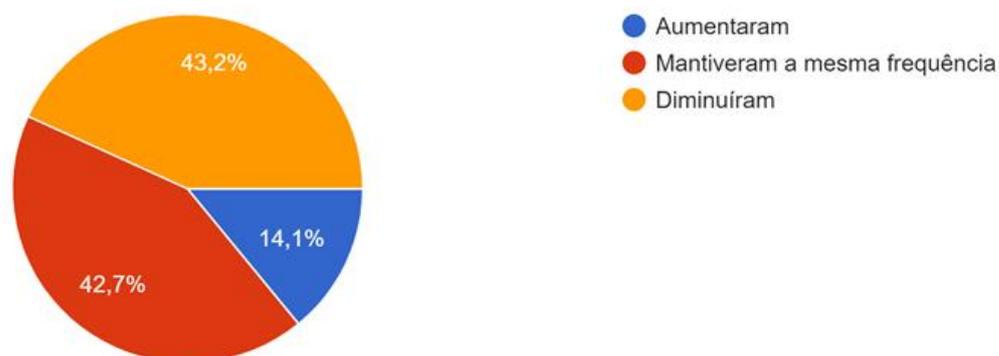
As discussões raciais costumam ocorrer no seu espaço de sala de aula?

213 respostas



Na sua opinião, as discussões raciais no ensino remoto:

213 respostas



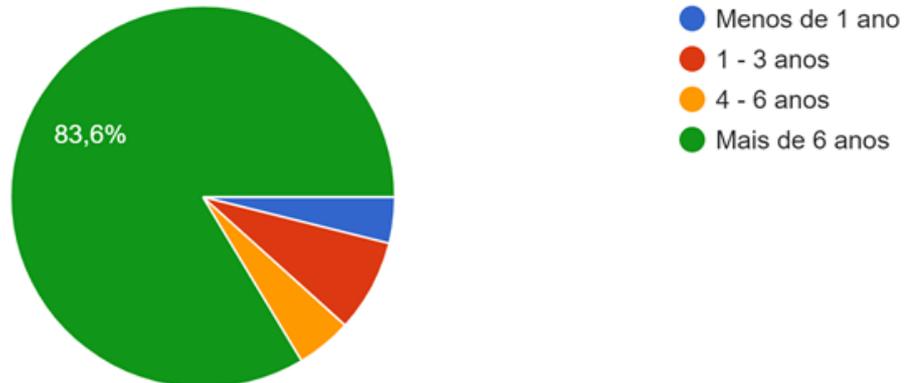
Gostaria de falar mais sobre isso? (47 respostas)

- “Acredito que de maneira geral a luta por seu lugar de fala dos que ao longo da história foram silenciados se faz mais presente pela visibilidade que está alcançando através dos meios de comunicação, trazendo à tona a mais pessoas essa desigualdade e tornando esse debate necessário.”
- “Como a UNIRIO possui professores que se preocupam em nos instruir de forma ampla, é muito debatido o tema racial. Acho que só assim podemos desconstruir essa cultura de preconceitos que vivemos. E passar para os alunos que todos temos os mesmos direitos e que racismo é inaceitável.”
- “Acredito que a situação do ensino remoto estar acontecendo por conta de uma pandemia, há uma preocupação maior sobre o que se considera conteúdo prático, infelizmente alguns professores consideram esse debate secundário.”
- “Não houve muito espaço para debates no ensino remoto.”
- “Parece que no ensino remoto a maior preocupação seja ensinar a maior quantidade de conteúdo possível (por mais precário que seja) para suprir o tempo perdido. Diante disso outras questões acabam sendo deixadas de lado.”

PERCEPÇÕES DOCENTES

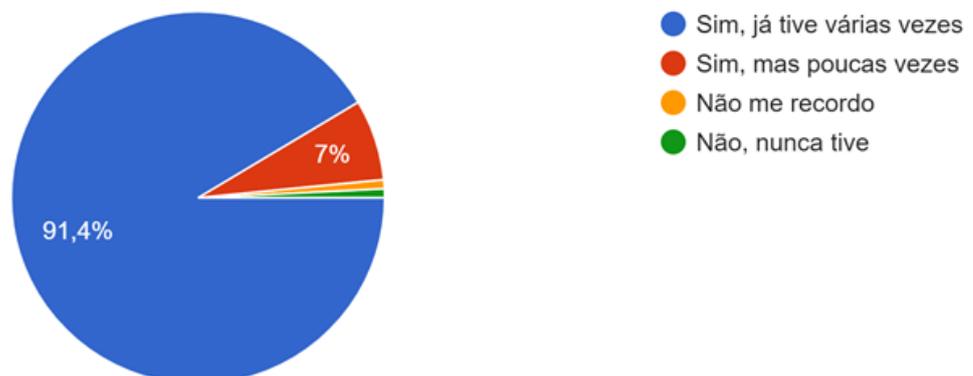
Há quanto tempo você é docente?

128 respostas



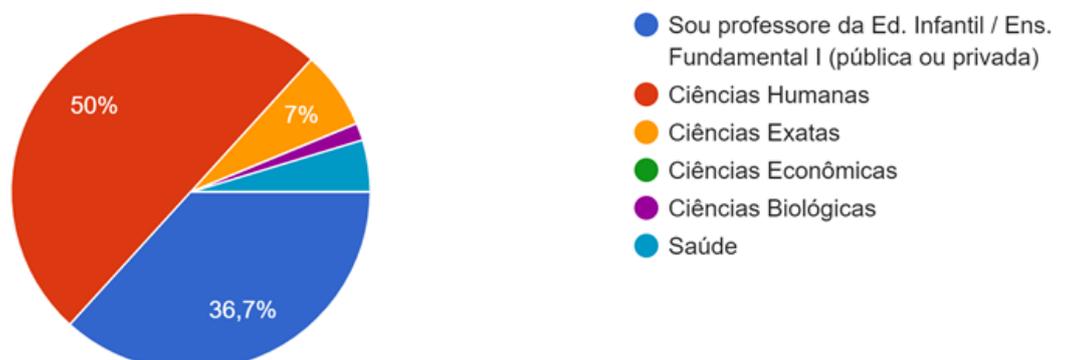
Você já teve estudantes negros e negras em sala de aula?

128 respostas



Para qual área de conhecimento você ministra as suas aulas?

128 respostas



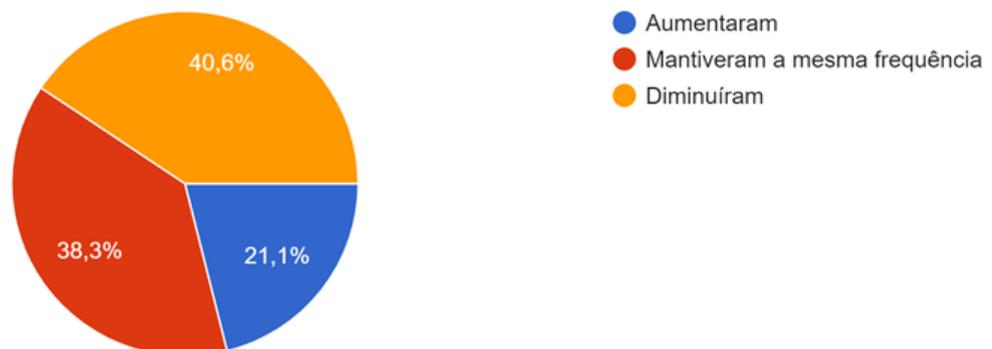
As discussões raciais costumam ocorrer no seu espaço em sala de aula?

128 respostas



Na sua opinião, as discussões raciais no ensino remoto:

128 respostas



Gostaria de falar mais sobre isso? (63 respostas)

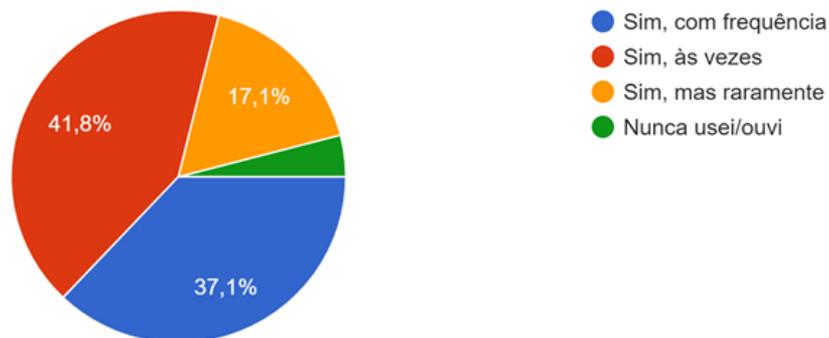
- “A pandemia escancarou TODAS as desigualdades, não apenas a social, mas também a de gênero e de etnia racial. As discussões sobre o racismo aumentaram nos grupos que convivo, pois percebemos que as famílias que têm acesso a computador, celular e internet são majoritariamente famílias brancas.”
- “Esse tema sempre surgiu em função dos debates realizados durante as aulas. Com a interação diminuindo por conta das limitações do online, o debate diminuiu e, conseqüentemente, a abordagem do tema também.”
- “Pendo que o distanciamento oportunizado pela frieza da tela do computador inibe a participação dos estudantes de modo geral.”
- “Tenho sido procurada no privado para conversas e relatos de preconceitos, mas enquanto turma, grupo, essa discussão tem sido escassa só ocorrendo quando proponho atividades diversificadas para tal.”
- “Os debates sobre assuntos raciais devem ocorrer de forma natural, junto com os conteúdos, ou para atender a uma demanda circunstancial. Não sou a favor de dar luz ao tema para 'criar' preconceitos. Precisamos, sim, 'desfazê-los'. Se há bom convívio entre as crianças, por que catucá-los? Não se trata de negação. Mas de um debate construtivo, nos momentos propícios.”

FREQUÊNCIA DE USO, SEGUNDO ESTUDANTES

Aqui consideraremos qualquer espaço educativo, como a sala de aula, o pátio do colégio, o bandeirão da Universidade, as plataformas de aulas online etc.

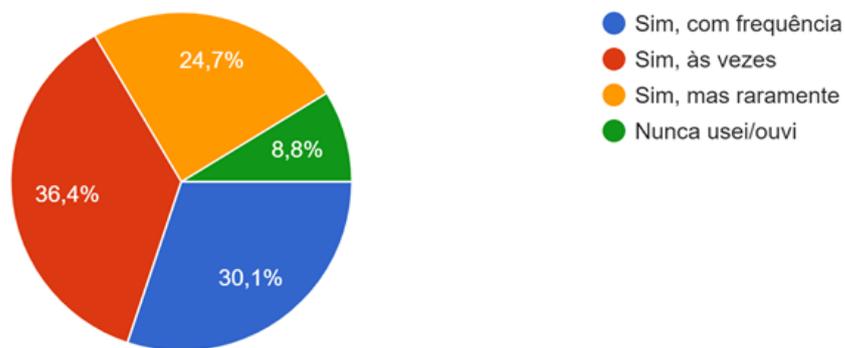
Você, estudante, usa/usou, ouve/ouviu em ambiente educativo os verbos "esclarecer" e/ou "denegrir"?

445 respostas



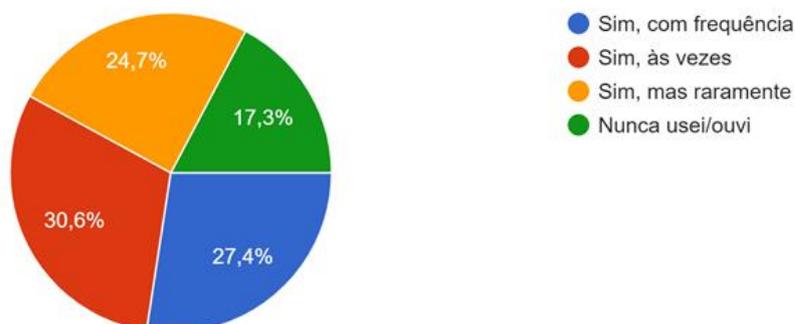
Você, estudante, usa/usou, ouve/ouviu em ambiente educativo as expressões "lista negra", "ovelha negra", "mercado negro" e/ou "inveja branca"?

445 respostas



Você, estudante, usa/usou, ouve/ouviu em ambiente educativo as frases "a coisa tá preta", "fazer nas coxas" e/ou "não sou tuas negas"?

445 respostas



Esses usos impactam você de alguma forma? Em caso afirmativo, como? (198 respostas)

- “Não, pois por mais que saiba que são termos que surgiram com teor preconceituoso entendo que não são utilizados com os mesmos fins que anos atrás.”
- “Sim, hoje sim, mas na adolescência ou na juventude não havia esse contexto de discussão, em que a origem dessas expressões fosse conhecida e, por isso, seu uso tivesse contexto racista. Hoje, usá-las é deliberadamente uma ofensa, pois já está claro para quem usa o que significam; tanto para quem usa, quanto para quem ouve.”
- “Não gosto de ouvir essas expressões pois sei o que elas significam. Parei de utilizar elas após aprender suas origens e significados.”
- “Sim, pois são palavras de cunho preconceituoso e que carregam uma história ruim. Por exemplo, citarem ‘inveja branca’ como uma ‘inveja do bem’, algo inofensivo e ‘lista negra’ para algo ruim. Me impactam negativamente, pois vejo como essas palavras trazem um significado triste.”
- “Sim. Me fizeram repensar o quanto estamos acostumados a reproduzir muitas coisas sem saber seu real significado por trás, e o quanto precisamos cada vez mais dialogar sobre essas questões para que isso seja diminuído. As pessoas precisam ter mais consciência de suas palavras, elas carregam um passado e um significado muito forte.”

Existe algum outro termo que você considere discriminatório? (145 respostas)

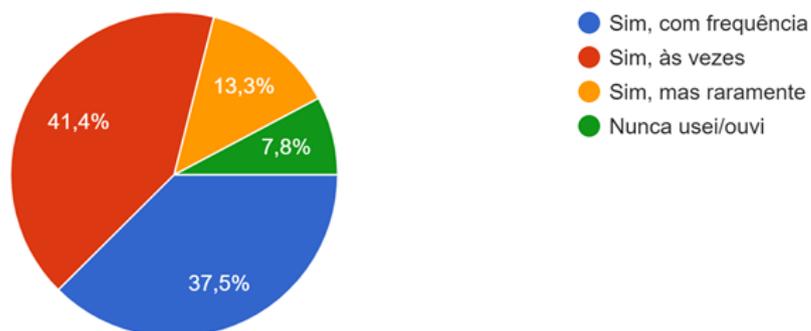
- “São tantos...tem um antigo, que se refere à dificuldade de se fazer algo. Diz-se que é uma África.”
- “Parei de usar o termo "criado-mudo" quando soube do significado da palavra, então acho o uso discriminatório e errado.”
- “Favelado”
- “Trabalhando igual uma escrava.”
- “‘mulata’, ‘judiar’, ‘retardado’, ‘baianagem’, ‘a dar com pau’, ‘criado mudo’, ‘cor do pecado’, ‘não sou tuas negas’, ‘nega maluca’, ‘tem o pé na cozinha’, ‘inhaca’.

FREQUÊNCIA DE USO, SEGUNDO PROFESSORES

Aqui consideraremos qualquer espaço educativo, como a sala de aula, o pátio do colégio, o bandeirão da Universidade, as plataformas de aulas online etc.

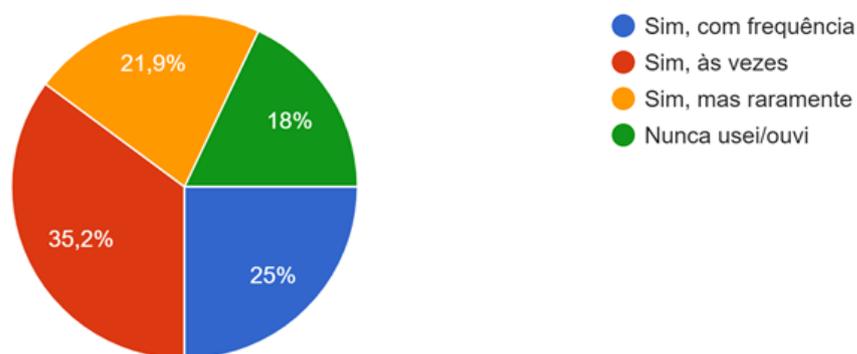
Você, professore, usa/usou, ouve/ouviu em ambiente educativo os verbos "esclarecer" e/ou "denegrir"?

128 respostas



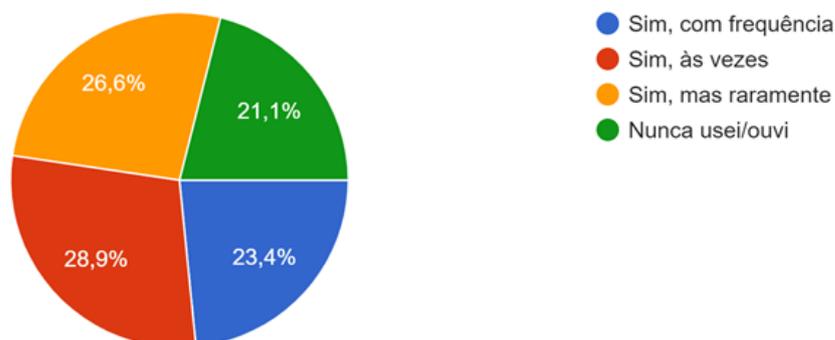
Você, professore, usa/usou, ouve/ouviu em ambiente educativo as expressões "lista negra", "ovelha negra", "mercado negro" e/ou "inveja branca"?

128 respostas



Você, professore, usa/usou, ouve/ouviu em ambiente educativo as frases "a coisa tá preta", "fazer nas coxas" e/ou "não sou tuas negas"?

128 respostas



Esses usos impactam você de alguma forma? Em caso afirmativo, como? (93 respostas)

- *“Sim, muito! São termos que me trazem um teor preconceituoso. Sempre que ouço busco falar com as turmas e trazer palavras que substituam.”*
- *“Não, pois cresci ouvindo algumas dessas expressões como parte do meu cotidiano.”*
- *“Evito repetir. Discordo delas. Procuo criar novas expressões para pôr no lugar. Precisamos de atenção nas pequenas coisas. Repetimos expressões populares sem reflexão no que vem atrás delas. No que elas carregam. Tem que ser uma luta diária e constante.”*
- *“Acho que vivemos uma desconstrução que passa pela fala de cada um. Tento me corrigir filtrando meu vocabulário. Não é fácil, porque são anos usando estas e outras expressões, mas aprendo muito, diariamente sobre isto e considero muito importante o debate e a atenção que vem sendo dado a temática.”*
- *“Impactam negativamente. Hoje quando eu ouço chega a me doer. São termos preconceituosos e excludentes. Eu já ouvi mais e cada ano eu ouço menos. Vejo mais conscientização dos colegas sobre essa questão.”*

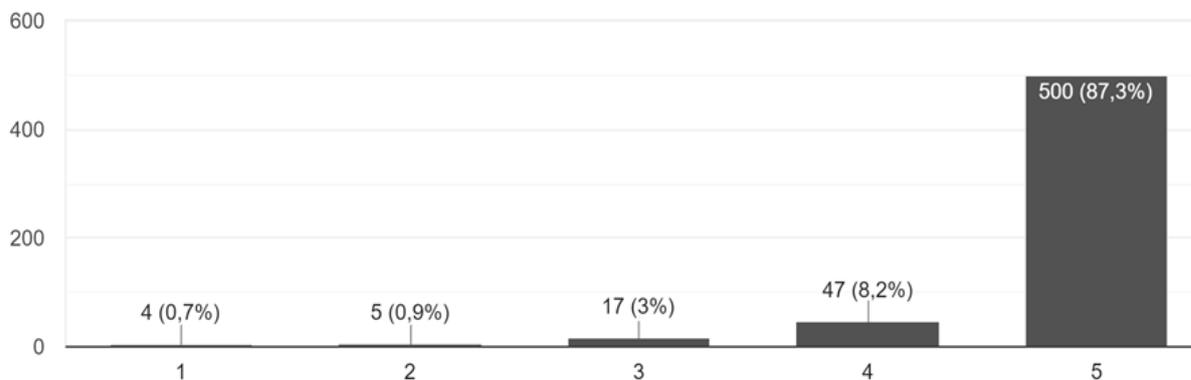
Existe algum outro termo que você considere discriminatório? (78 respostas)

- *“Estou perdido. Estou sem um norte”*
- *“Samba do crioulo doido”*
- *“Ah, mas é um pretinho tão bonitinho!”*
- *“Judiar.”*
- *“quando se refere ao cabelo, por exemplo se você tem o cabelo crespo é taxado de desleixado”*

AVALIAÇÕES GERAIS

Em uma escala de 1 a 5, para você, qual a relevância do tema abordado neste questionário?

573 respostas



Gostaria de compartilhar alguma experiência sua relacionada ao tema?

- *“Trabalho filmes e livros que abordam o racismo com meus alunos de alfabetização.”*
- *“Eu sempre que ouço estes termos que tem alto teor preconceituoso, explico à pessoa o que significa e busco sinônimos para que evitem o uso.”*
- *“Já vi uma professora, de forma ‘humorada’, atribuindo a um aluno negro da mesma turma que ele seria ‘favelado’ por conta disso. O aluno, por sua vez, se manifestou com a direção, recebeu apoio dos colegas de turma e a professora foi afastada e processada. Entretanto, diante disso, houve uma mobilização, negação imensa e até petição contra o afastamento desta vinda de um número altíssimo de alunos do curso, que não presentes no momento e de maioria branca, por considerarem inválida a atitude que o aluno tomou e o que o aluno sentiu. Isso mexeu muito comigo. Sem falar que recentemente soube que no meu curso (licenciatura em música em uma instituição federal) uma professora disse para um aluno que ‘ele até toca bem para um negro’.”*
- *“Eu tive uma aluna de estágio supervisionado que relatou em um de seus relatórios mensais, que em um dia de aula na escola onde ela estagiava os alunos da turma tiveram que preencher um questionário com algumas perguntas, entre elas estava a pergunta ‘qual a cor da sua pele?’, ou algo do tipo, pois não me lembro muito bem, mas o fato é que um dos alunos leu a pergunta em voz alta, olhou para ela e disse ‘branco com muito orgulho’ e essa aluna/estagiária era uma menina negra, isso me feriu profundamente, pois a aluna é uma excelente pessoa, ninguém merece passar por isso, muito menos ela, que com certeza sempre foi muito educada com esses alunos. Perguntei qual foi a reação dela, se ela reportou o fato ao professor que estava em sala, para que ele repreendesse o aluno de alguma forma, mas ela disse que não, pois não esperava isso do aluno e na hora ficou sem reação. Muito triste essa situação!!!”*

Deixe aqui seu e-mail, caso queira receber os resultados da pesquisa:

267 pessoas tiveram interesse em receber o resultado da Pesquisa.

De maneira resumida:

- a maior parte de respondentes é composta por mulheres (mais de 80%);
- um pouco mais da metade se autodeclara branca (53,6%);
- entre discentes e docentes de diferentes níveis da educação, houve grande concentração de Estudantes da Educação Básica (ensino fundamental e médio) presentes no questionário (40,5%);
- entre discentes e docentes, a maioria é da rede pública federal de ensino (39,8%);
- a faixa etária das pessoas predominante nas respostas foi 15-21 anos (49%);
- alcançamos pessoas de 25 Unidades Federativas do Brasil com o questionário.

Dentre 232 estudantes da Educação Básica que responderam ao questionário, a maioria é do Ensino Médio (99,6%). Desses 232 estudantes, 58,2% afirmam que as discussões raciais ocorrem no ambiente escolar, mas raramente, e 42% acreditam que as discussões diminuiriam no ensino remoto. Desses estudantes, 64,7% já tiveram professores negras e negros, mas poucas vezes.

Dentre 213 estudantes do Ensino Superior que responderam ao questionário, a maioria está entre a metade e o final do curso (4º ao 9º período, 64,2%), e a maioria (72,8%) é da área de Ciências Humanas. Desses 213 estudantes, 51,2% afirmam que as discussões raciais ocorrem no ambiente escolar com frequência, e 43,2% acreditam que as discussões diminuiriam no ensino remoto. Desses estudantes, 71,5% desses estudantes já tiveram professores negras e negros, mas poucas vezes.

Dentre 128 professores que responderam ao questionário, a maioria atua há mais de 6 anos (83,6%), e a metade (50%) é da área de Ciências Humanas. Desses 128 professores, 46,1% afirmam que as discussões raciais ocorrem no ambiente escolar com frequência, e 40,6% acreditam que as discussões diminuiriam no ensino remoto. Desses professores, 91,4% já ministraram aula para estudantes negras e negros várias vezes.

Conclusão

Nossa pesquisa foi elaborada com foco interdisciplinar, percorrendo componentes curriculares de História, Matemática, Estatística, Gestão Educacional, Informática e Educação, Língua Portuguesa e Literatura refletindo acerca do impacto do uso dos termos dispostos no questionário.

Assumimos com Maia (2017) que a Educação é um campo de disputa, investigamos a partir de dois importantes sujeitos do processo educativo (estudante e professor) depoimentos que nos permitem identificar problemáticas cotidianas, inclusive no ambiente escolar, que nos auxiliem em releituras das nossas práticas pedagógicas (CONCEIÇÃO, 2010).

Como contempladoras, colecionadoras e mediadoras de uma ação educadora (KRAMER; CARVALHO, 2012) antirracista, desejamos promover uma pesquisa de opinião que crie condições que garantam a cidadania, atribuindo novos sentidos a expressões cotidianas historicamente carregadas de julgamentos sociais e econômicos. Para isso, observamos e convidamos professores e estudantes à experiência da socialização cultural e linguística.

Propomos um trabalho pedagógico que seja sensível ao lidar com questões que vão além dos aspectos linguísticos e envolvem aspectos sociais, culturais, políticos e de identidade, defendemos uma reeducação sociolinguística que se vale do espacotempo escolar para formar cidadãos conscientes da complexidade da dinâmica social.

A língua não é simplesmente meio de comunicação, mas um poderoso instrumento de controle social, manutenção ou ruptura dos vínculos sociais, preservação ou destroçamento das identidades individuais, inclusão ou exclusão (BAGNO, 2007, p. 83).

Problematizando o etnocentrismo e o eurocentrismo, fomos instigadas a buscar mudanças significativas na formação de uma consciência histórica mais democrática e inclusiva que insere a temática racial, na medida em que propicia a reflexão da realidade social em sua complexidade, incentivando um espaço de construção, reconstrução e ressignificação de conhecimento (MEDEIROS, 2009), estimulando a cooperação e o trabalho conjugado.

A experiência de pesquisa aqui desenvolvida, segundo nosso entendimento, favorece profissionais da Educação ao se constituírem como sujeitos que produzem cultura e são nela produzidos, contribuindo para seu trabalho com crianças, jovens e adultos de maneira crítica. Para isso, trabalhamos com conteúdos históricos e narrativas faladas e escritas, ressaltando que trabalhar a diferença e a tolerância (CAINELLI, 2010) fundamenta uma leitura de mundo que supera a lógica hierarquizante, rompendo com práticas tradicionais em espaços educativos (CALLAI, 2003).

Concluimos que os **diálogos docentes e discentes de combate ao preconceito** não se esgotam com esta pesquisa e o trabalho produzido através da mesma. As ações educativas antirracistas devem ser exercidas em qualquer ambiente, não apenas no escolar e acadêmico, e por qualquer indivíduo independente de cor, idade, gênero, escolaridade e região. As lutas e reivindicações por uma sociedade mais justa e menos desigual são coletivas e trazem como resultado um ambiente acolhedor, respeitoso e democrático.

Referências

BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso – Por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

CAINELLI, Marlene. O que se ensina e o que se aprende em história. In: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Coleção explorando o ensino: História. v. 21. Brasília, 2010, p. 17-34. Disponível em: http://educacaointegral.mec.gov.br/images/pdf/biblioteca/2011_historia_capa.pdf. Acesso em 22 de março de 2021.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Cad. CEDES, Campinas, v. 25, n. 66, 2005, p. 227-247. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622005000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em 22 de março de 2021.

CARNEIRO. Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Tese (Doutorado em educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em 22 de março de 2021.

CONCEIÇÃO, Maria Telvira. O trabalho em sala de aula com história e a cultura afro-brasileira no ensino de história. In: Ministério Da Educação, Secretaria de Educação Básica. Coleção explorando o ensino: História. v. 21. Brasília, 2010, p. 131-158.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Boitempo Editorial, 2016.

EVARISTO, Conceição (2017). Becos da Memória. 200p. Rio de Janeiro: Pallas.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino, n. 1, p. 12-20, 2011. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375002/mod_resource/content/0/caderno-de-forma%C3%A7%C3%A3o-do-CP_1.pdf. Acesso em: 15 ago. 2020.

_____; HASENBALG, Carlos. Lugar de negro. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

KRAMER, Sonia; CARVALHO, Cristina. Dentro e fora do museu: de ser contemplador, colecionador, mediador. In: SANCHES, Janina et al. (orgs.). Artes, Museu e Educação. Curitiba/PR: CRV, 2012, p. 25-35.

LIMA, Ana Lucia D'Imperio; MONTENEGRO, Fabio; ARAUJO, Marilse; RIBEIRO, Vera Masagão. Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor. Instituto Paulo Montenegro – São Paulo: Global, 2010.

MAIA, Marta. Nidia. Varella. Gomes. Datas Comemorativas – uma construção ideológica que persiste na Educação Infantil. 38ª ANPEd. Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho_38anped_2017_GT07_25.pdf2017_GT07_25.pdf. Acesso em 22 de março de 2021.

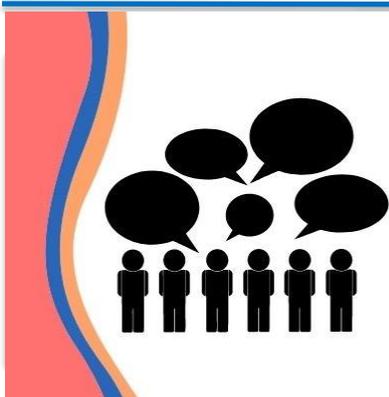
MEDEIROS, Leila. Mídias na educação e co-autoria como estratégia pedagógica. Em Aberto. v. 22, 2009, p. 139-150,. Disponível em: <http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1439/1174>. Acesso em: 22 de março de 2021.

OLIVEIRA Inês Barbosa de; SGARBI, Paulo. Estudos do cotidiano & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: _____. (Org.). Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as Ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2002. p. 777-821.

OYĔWÙMÍ, Oyèrónkẹ. Visualizando o corpo: Teorias Ocidentais e Sujeitos Africanos. Revista do PPGCS – UFRB, Novos Olhares Sociais, Vol. 1, n. 2, 2018, p. 1-30. Disponível em: <https://tuxdoc.com/download/visualizando-o-corpo-teorias-ocidentais-e-sujeitos-africanos.pdf>. Acesso em: 22 de março de 2021.

PAIXÃO, Marcelo. Marcelo Paixão - Desigualdade Racial. Canal Instituto Unibanco no YouTube, 2017. Disponível em: <https://youtu.be/uUQy4bsg6xE>. Acesso em 22 de março de 2021.



ESCOLA OU PRISÃO? POSSÍVEIS DILEMAS PARA SE PENSAR EM PRÁTICAS EDUCATIVAS PRAZEROSAS E SIGNIFICATIVAS

*Amanda Sánchez, Diana Pareschi, Jéssica de Sousa,
Karina Duarte e Thamires Cabral*

Introdução

A partir da compreensão da construção social da ideia de infância ao longo dos tempos, compreendemos que ela foi se modificando, adaptando e ganhando espaços. Segundo o vídeo “A Construção Social da Infância e Impasses Contemporâneos” de Claudia Braga Andrade (disponível no Youtube), baseado sobretudo no livro “História Social da Criança e da Família”, de Philippe Ariès, é possível compreender que por volta de 1560 as crianças eram vistas como adultos em miniatura e faziam tudo que os adultos faziam, inclusive, trabalhar. Apenas em meados de 1870 a infância ganhou seus principais espaços, a família e a escola. Espaço este criado justamente para o cuidado e zelo das crianças, que passam a ser vistas a partir de uma inocência que possui particularidades, um sujeito de desejos, direitos e deveres e para impor ideias que cercam a sociedade. Já no século XX, a infância era vista com uma ideia de evolução, o objetivo era que as crianças crescessem e se tornassem bons adultos.

Essa rápida demonstração da construção da infância nos permite entender a necessidade de se pensar em espaços que atendam e recebam essas crianças e a escola sendo um desses espaços que possibilitaria uma boa educação e disciplina.

Sobre o assunto, já sabemos que o modelo escolar está ainda muito engessado, na medida que estamos no século XXI e ainda reproduzimos estruturas e ações utilizadas nos séculos passados, e que muitas vezes não se comunicam mais com a realidade dessas crianças e, quem sabe, nunca se comunicaram.

Não há pouco tempo que a palmatória foi eliminada das escolas, ou ajoelhar-se no milho, quando o professor julgava que a criança merecia. Em contrapartida, há sim muito tempo em que o aprendizado passou a ser transmitido às crianças dentro de uma sala de aula com carteiras enfileiradas e um professor de pé ao lado de um quadro, muitas vezes com uma ou nenhuma janela para não haver distrações. Esse modelo demonstrado é o que se encontra em vigor em muitas escolas que mantêm suas práticas educativas desestimulantes, como podemos observar nas imagens abaixo.



Fonte: Estadão. Foto de 2019



Fonte: Fundação Rotary 4651. Foto do século XIX.

Sendo assim, nosso objetivo nesta pesquisa não foi mostrar que a escola é ruim e não serve de nada, mas que ela pode ser modificada em ganhar características e objetivos que ajudem na qualidade de vida das crianças e professores e na própria educação delas.

De acordo com o texto “Criança”, de Sonia Kramer, é fundamental o uso da linguagem e das relações sociais; a criança precisa da arte, da literatura e sobretudo, da brincadeira, fonte de aprendizado para elas.

E a pergunta é: como fazer isso? Será que o modelo atual é capaz de abarcar tudo isso?

Portanto, através dessa pesquisa, nosso objetivo foi esclarecer as opiniões e vivências dos professores em seu processo educativo, e o que vem causando esse distanciamento Escola e Estudante (criança). E, através dessa coleta, identificamos as possíveis causas e consequências, e a partir daí refletimos sobre este processo educativo e o que podemos fazer para torná-lo diferente e prazeroso.

Justificativa

Essa pesquisa foi realizada para que pudéssemos compreender as práticas de ensino e aprendizagem realizadas dentro das escolas, especificamente com os Professores do Ensino Fundamental I e o porquê de ainda tenderem a ser, muitas vezes, engessadas e desestimulantes. Não tornam esse processo espontâneo, significativo e divertido para as crianças, que não sentem o espaço escolar como um espaço de prazer e sim uma obrigação ruim. Entender as possíveis dificuldades e dilemas que os professores enfrentam para a implementação dessas mudanças significativas no processo educacional, e o que nós, como futuros profissionais da área, a partir da reflexão e questionamento colocados durante esta pesquisa, podemos fazer para que essa mudança ocorra de forma efetiva.

Objetivos

Através dessa pesquisa, nosso objetivo foi compreender os motivos pelos quais o modelo educacional atual dificulta uma pedagogia que desperte nas crianças do Ensino Fundamental I interesse e entusiasmo no processo de aprender, identificando as possíveis barreiras e distanciamentos criados dentro do espaço escolar e que dificultam uma educação significativa e divertida. Esta pesquisa pretendeu alcançar o olhar de professores do Ensino Fundamental I, especificamente no estado do Rio de Janeiro e saber, a partir do que está ao alcance deles, se, ou, o que fazem para modificar esse sistema ou, se concordam com ele.

Procedimentos Metodológicos

Realizamos uma pesquisa por amostragem que buscou compreender alguns dos dilemas e dificuldades enfrentados para se ter uma prática pedagógica prazerosa e significativa pelos Professores do Ensino Fundamental I do estado do Rio de Janeiro.

Foi uma pesquisa quantitativa, tendo em vista que usamos um formulário objetivo e claro e também o uso de perguntas específicas, respondidas pelos professores acerca de suas experiências e realidades, com relatórios e conclusões apresentadas.

População

Definimos como público-alvo da nossa pesquisa os Professores do Ensino Fundamental I - anos iniciais, que compreende do 1º ao 5º ano, do Estado do Rio de Janeiro (RJ), tanto da rede de ensino público (esfera federal e municipal) quanto da rede de ensino particular.

Amostra e Técnica de Amostragem

Professores do Ensino Fundamental I - anos iniciais, do 1º ao 5º ano de ensino, da esfera pública e privada, do Estado do Rio de Janeiro. A identificação da amostragem foi feita através das redes sociais: WhatsApp, Facebook e Instagram.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

O instrumento utilizado para coletar dados foi um questionário on-line, feito no Google Formulário. Devido às condições de isolamento social que estamos vivenciando, a coleta de dados foi feita totalmente à distância. O endereço eletrônico do formulário foi compartilhado com pessoas previamente identificadas como público-alvo da pesquisa, através de grupos nas redes sociais, como WhatsApp, Facebook e Instagram dos pesquisadores.

Apresentação e Análise dos Dados

Tendo como público-alvo professores do Ensino Fundamental I da cidade do Rio de Janeiro, nossa coleta de dados ocorreu através da plataforma de formulário do Google, pensando em atingir um grande número de respondentes com maior facilidade e segurança em tempos de distanciamento social, conseguindo obter 39 respostas acerca desta temática.

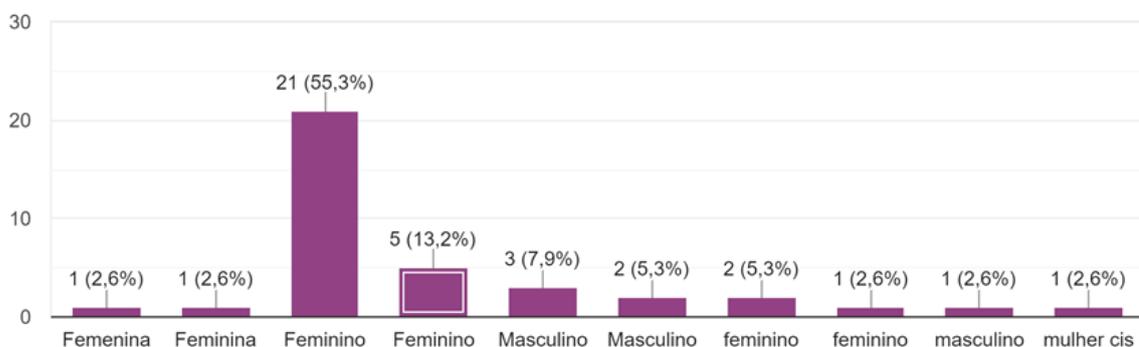
Pensando em traçar um perfil dos profissionais e consequentemente o perfil de suas instituições de trabalho, assim como situações pessoais e profissionais que os levam a tomar medidas necessárias para seu método de ensino.

1 - Gênero

Traçando o perfil dos professores do Ensino Fundamental I, iniciamos pelo gênero, deixando o espaço de resposta em aberto para que os entrevistados preencham o seu respectivo gênero. Desta maneira, por deixar o espaço em aberto recebemos diversas respostas referentes a dois gêneros. Resultando em um total de 84,2% ao gênero feminino, e 15,8% ao gênero masculino. Entretanto, vale destacar que uma pessoa preferiu não responder.

Gênero

38 respostas

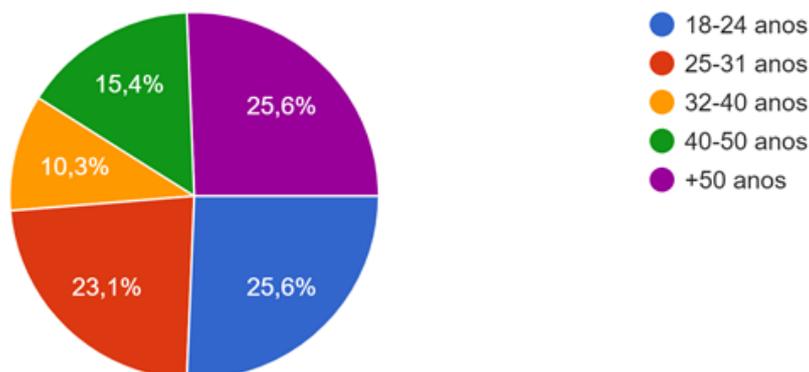


2 - Idade.

Observando o gráfico acerca da idade, notamos que o maior público entrevistado é de pessoas acima de 50 anos e entre 18 e 24 anos, onde ambos os grupos têm um total de 25,6%, público entre 25 e 31 anos correspondem a 23,1%, público entre 32 e 40 anos correspondem a 10,3% e o público entre 40 e 50 anos correspondem a 15,4%.

Idade

39 respostas

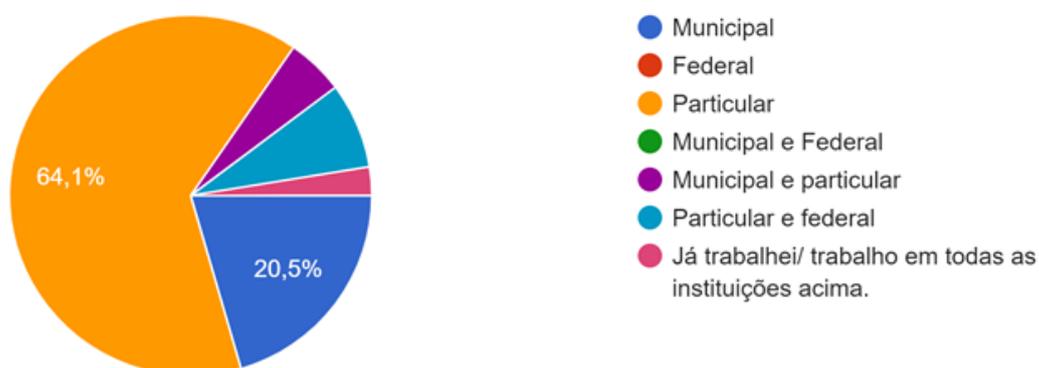


3 - O tipo de Instituição em que trabalha ou já trabalhou.

A terceira pergunta foi acerca de qual tipo de instituição o entrevistado trabalha atualmente ou já trabalhou. 64,1% atuam ou atuaram na rede privada de ensino, 20,5% atuam ou atuaram na rede municipal de ensino, 5,1% atuam ou atuaram na rede municipal e particular de ensino, 7,7% atuam ou já atuaram na rede particular e federal de ensino, e 2,6% atuam ou já atuaram em todas as redes de ensino listadas.

Qual o tipo de instituição você trabalha ou já trabalhou?

39 respostas

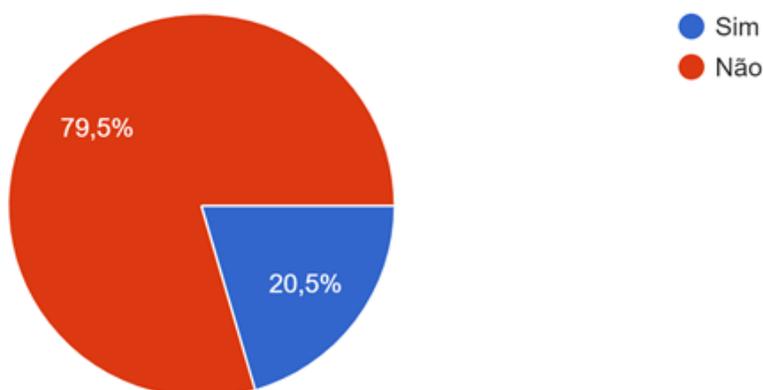


4 - Responsável por crianças que estejam em fase escolar.

Pensando em obter um perfil mais detalhado dos entrevistados, perguntamos a eles se são responsáveis por alguma criança que esteja em fase escolar, pensando em como esse detalhe poderia mudar sua didática e visão sobre métodos prazerosos. Onde 20,5% são responsáveis e 79,5% não são responsáveis.

É pai ou mãe de alguma criança que esteja em fase escolar?

39 respostas

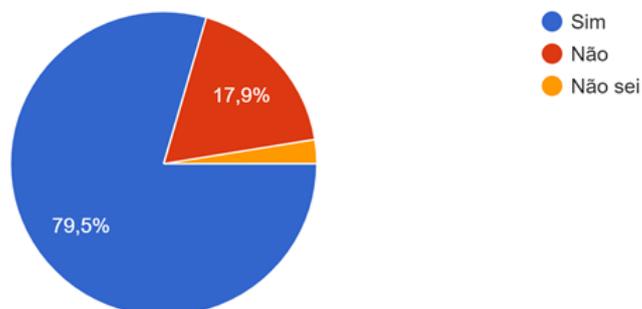


5- Diferença nas metodologias de ensino adotadas atualmente desde a época escolar do entrevistado.

Foi questionado aos entrevistados se eles viam mudanças relacionadas às metodologias de sua época escolar, com as metodologias atuais. 79,5% disseram que viram mudanças nas metodologias, 17,9% disseram que não viram, e 2,6% não souberam.

Você vê diferença nas metodologias de ensino adotadas atualmente desde a época da sua fase escolar?

39 respostas

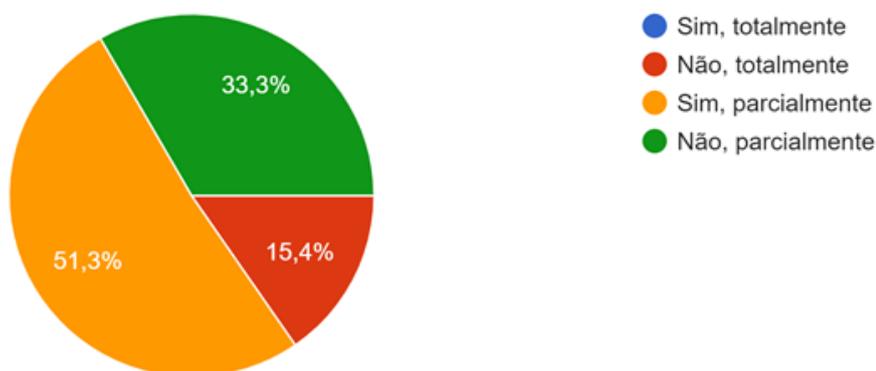


6 - Concordância com o atual sistema educacional.

Há de se notar a importância de coletar a opinião pessoal dos profissionais sobre o atual sistema educacional. 51,3% concordam com alguma ressalva sobre os métodos empregados, 33,3% discordam com algum ponto de concordância e 15,4% discordam totalmente. Pode-se observar que nenhum dos entrevistados concorda totalmente.

Você concorda com o sistema educacional atual?

39 respostas

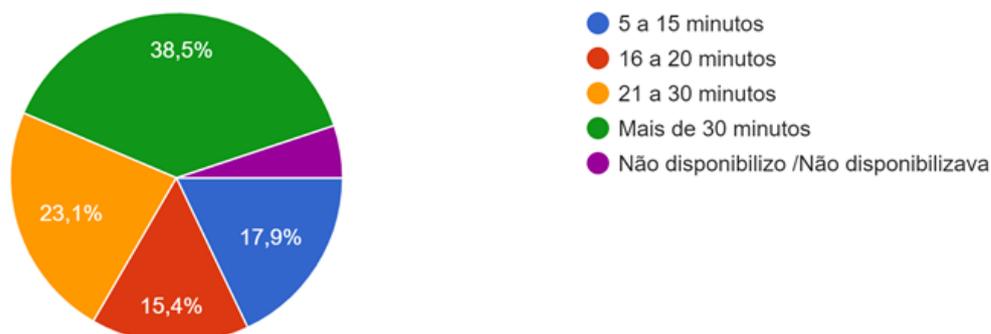


7- Tempo disponibilizado para os alunos brincarem.

Pensando em práticas prazerosas e livres, e sabendo o quanto é difícil o brincar se faz presente durante o período do Ensino Fundamental I, indagamos aos entrevistados quanto tempo eles disponibilizam ou já disponibilizaram para que os seus alunos brincassem. 38,5% responderam mais de 30 minutos, 23,1% responderam de 21 a 30 minutos, 17,9% responderam de 5 a 15 minutos, 15,4% responderam de 16 a 20 minutos, e 5,1% responderam que não disponibilizam / disponibilizaram tempo para os alunos brincarem.

Quanto tempo você disponibiliza/ disponibilizava para seus alunos brincarem?

39 respostas



8 - A importância da participação dos alunos nos planejamentos das aulas.

Questionados sobre a participação dos seus alunos no planejamento das aulas, vemos que 38,5% dos entrevistados relatam não ter essa liberdade na instituição em que trabalha, 28,2% disseram que algumas vezes permite os alunos participarem da elaboração do planejamento, 28,2% disseram que acham muito importante a participação, e 5,1% relataram que acham desnecessária a participação dos alunos na elaboração dos planejamentos das aulas.

Seus alunos participam/participavam do planejamento das aulas ?

39 respostas

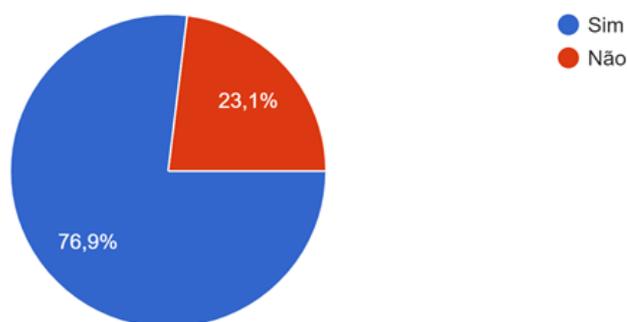


9 - Pratica aulas diferenciadas para estimular e despertar o interesse dos alunos?

A importância de práticas além das já praticadas no dia a dia é notada com o número expressivo respondido pelos entrevistados. 76,9% disseram que sim e 23,1% disseram que não adotam tais práticas. Não podemos afirmar que tal negativa parte da falta de disponibilidade do profissional em praticá-las e não falta de estímulo para tal.

Você, nas suas aulas faz/fez algo de diferente para estimular e despertar o interesse de seus alunos, fugindo do modelo clássico de sala de aula?

39 respostas



Práticas feitas:

- Brincadeiras
- Rodas de conversa
- Jogos
- Atividades lúdicas
- Tour virtual
- Aulas em espaços diversificados
- Trabalhos de campo
- Aulas cozinhando
- Oficinas
- Produções audiovisuais
- Aulas em laboratório

Repostas:

- *“Procurava estimular a conversa”*
- *“Jogos”*
- *“Conversas sobre nossas relações, sobre a escola e muitos valores e comportamentos.”*
- *“Fazer uma brincadeira antes de adotar o conteúdo”*
- *“Teatro, produções áudio visuais, música (sou prof. Educação Física).”*
- *“Oficina de jogos em matemática”*
- *“Tour virtual e jogos”*
- *“Desenvolvendo aulas mais dinâmicas e contextualizadas...”*
- *“Já experimentei de tudo, planejamento participativo, compartilhamento de aula com alunos e convidados, aulas-passeio, aulas criadas pelos alunos, aulas com jogos, brincadeiras, comidas, aulas cozinhando, aulas sem aulas, aulas até dormindo. Dar aula é receber aula e vice-versa. A sala de aula é em qualquer lugar, o trem, metrô, barco, carro, rua, esquina, favela, aldeia, casa da avó. Tudo já fiz de sala de aula, a sala de aula é o próprio corpo.”*
- *“Exemplos vivos de conceitos. Como por exemplo, explicar o ciclo da vida usando insetos como larvas que se transformam em besouro.”*
- *“Contaçõ das histórias de vida dos alunos, composição da família, caracterização do território que vivem...”*
- *“Alfabetização com massinha de modelar, farinha, lúdico etc.”*
- *“Realizava aulas no pátio da escola, onde tinha uma área verde. Sempre era o dia mais aguardado pelos alunos.”*
- *“Alterar e subverter o cronograma.”*
- *“Jogos lúdicos; roda de conversa”*
- *“Recursos lúdicos e atividades externas. Fora de sala.”*
- *“Aulas interativas, com brincadeiras, utilizando materiais diversos, como brinquedos com sucatas, músicas temáticas, dramatização, histórias, adivinhas, recursos tecnológicos, etc.”*
- *“Experiências, execução de receitas culinárias e montagem de peça teatral.”*

- *“Aulas nos espaços da escola.”*
- *“Aulas fora do espaço da sala, com práticas do que está sendo aprendido.”*
- *“Com os grandes, uso exemplos de séries e coisas que eles assistem, com as crianças uso atividades lúdicas, água colorida, massinha, aquela flor que abre... várias coisas.”*
- *“Jogos, projetos, trabalhos de campo”*
- *“Pedi para eles me ensinarem coisas que eles sabiam e eu não.”*

11 - Já sofreu possíveis consequências por pensar em práticas e metodologias diferentes? Se sim, quais?

De acordo com as respostas, mais de 50% dos entrevistados já sofreram consequências como por exemplo, afastamento, assédio, resistência em inovar, julgamentos e falta de apoio. As respostas deste indicam haver assédio e falta de apoio da gestão como por exemplo, um respondente que afirmou ter tipo “problemas por abordar demais a questão racial”.

Respostas:

- *“Não”*
- *“Não lembro, mas já sofri”*
- *“Do próprio grupo docente, resistente a criar e inovar.”*
- *“Sim, atividade de letramento no pré 2”*
- *“Sim! Falta de apoio total da gestão no momento.”*
- *“sim, mas as enfrentei porque qualquer coisa que seja contra a educação é contra a vida. Foram muitas, mas não lembro delas porque foram insignificantes diante do que que já ganhei depois de ter feito. Mas principalmente o que mais vi foram tentativas autoritárias que nunca funcionaram comigo, eu sou rebelde porque toda a educação tem que ter uma vontade de rebeldia.”*
- *“Não”*
- *“Sim. Assédio.”*
- *“Não, o máximo foi sugerir e não conseguir realizar.”*
- *“Sim. Afastamento.”*
- *“Sim. Problemas por abordar demais a questão racial.”*
- *“Julgamentos dos profissionais.”*
- *“Sim”*
- *“Sim. Na escola em que trabalhei anteriormente, era muito criticada pela prática pedagógica diferente. As colegas de trabalho achavam que eu queria aparecer.”*
- *“Sim. Fui chamada atenção pela coordenação.”*
- *“Não”*
- *“Dizer que sair da sala causa muito tumulto pelos alunos e que não adianta essa prática diferenciada.”*

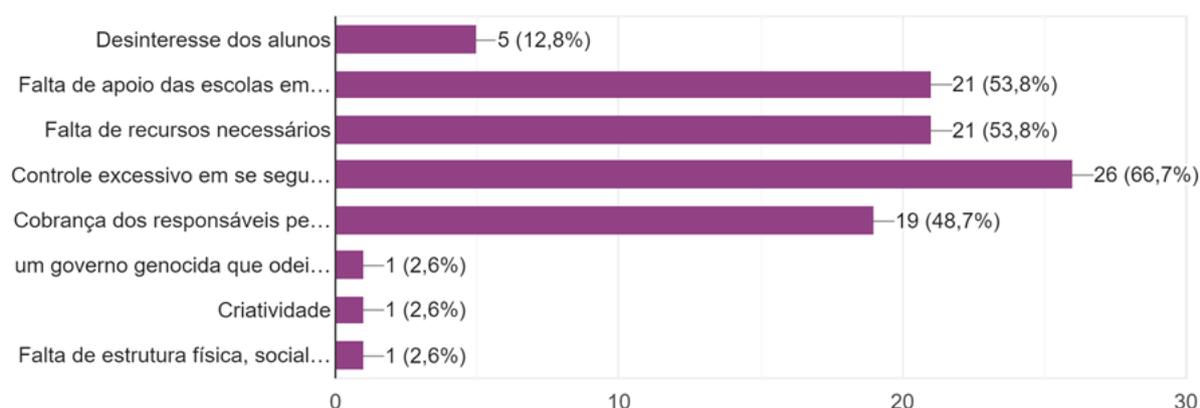
- “Sim. Gosto (antes da pandemia) de deixá-los sentar em dupla, grupo, deixo até sentarem no chão (porque eles pediam, não sei por que) mas as escolas se queixam muuuito disso, e uma coisa boba que é só sentar”
- “Sim. Ser considerada uma profissional inconveniente que deveria seguir as regras em vez de oferecer pensamento crítico aos alunos.
- “Como se trata de uma escola particular, infelizmente a expectativa dos pais por uma metodologia mais “tradicional” de ensino acaba virando um impeditivo para pensarmos em modelos alternativos de aulas.”

12 - Possíveis limitadores para não se pensar em novas práticas educativas.

Ao serem questionados sobre possíveis limitadores para se pensar em práticas educativas que sejam diferenciadas e prazerosas, 12,8% responderam sobre o desinteresse dos alunos, 53,8% sobre falta de apoio das escolas em que trabalham, 53,8% sobre falta de recursos necessários, 66,7% sobre o controle excessivo de seguir o currículo, 48,7% sobre cobrança dos responsáveis, 2,6% sobre o atual governo, 2,6% sobre criatividade, e 2,6% sobre falta de estrutura física, social e psicológica no ambiente de trabalho.

Consegue identificar os possíveis limitadores para que não se pense em práticas educativas diferenciadas e prazerosas ?

39 respostas



Conclusão

Nesta pesquisa, nosso intuito foi, sobretudo, trazer a reflexão sobre o desgaste do atual modelo escolar e a sua contribuição para o desinteresse das crianças na sala de aula. Tendo em vista o resultado exposto de nossa pesquisa, concluímos que há um movimento para quebrar esse modelo, considerado ultrapassado por muitos profissionais. Todavia, nota-se que existe uma grande resistência por parte das instituições que acabam mantendo as mesmas metodologias de ensino por inúmeras gerações com pouca ou quase nenhuma mudança, desencorajando o profissional que tenta ir além e propor mudanças no currículo, com punições ou falta de estímulo para sua atuação. Para além disso, há de se observar a

grande parcela de professores que se sentem confortáveis com o atual modelo, o que não podemos atribuir ao medo de alguma forma de punição da instituição que atua, senão a uma opinião pessoal.

Desta forma, presume-se existir uma urgente necessidade de repensar não apenas os métodos prazerosos que as instituições possam oferecer, mas também a desconstrução da formação dos profissionais que atuarão nesta década e na adequação dos que já atuam em sala de aula. A forma como a criança aprende em sala jamais pode ser tortuosa, deve ser prazerosa e formadora.

Referências

Vídeo: Cultura, Vekante Educação. Quando sinto que já sei, 2014, Brasil.

Vídeo: Andrade, Claudia Braga. A Construção Social da Infância e Impasses Contemporâneos.

Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor /. 3. ed. São Paulo: Editora Global, 2010. 102p.

KRAMER, S.; MOTTA, F.M.N. Criança. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

ESTADÃO, disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/blogs/albert-sabin/o-professor-e-a-conversa-produtiva-em-sala-de-aula/>

FUNDAÇÃO ROTARY 4651, disponível em: <https://fundacaorotary4651.wordpress.com/2016/08/13/escola-do-seculo-xix/>.



EXPECTATIVA X REALIDADE: O IMPACTO DA REALIDADE DISTORCIDA PROMOVIDA POR INFLUENCIADORES DIGITAIS NA PANDEMIA

Gabriela Elmôr Gonçalves, Guilherme dos Santos Domingos, Lorrane Carvalho da Silva e Maria Isabela Coutinho dos Santos

Introdução

Influenciadores digitais são "celebridades" que conquistam fama nas redes sociais, acumulam milhares ou até milhões de seguidores e são especialmente populares no Instagram. Por proporcionarem uma sensação de intimidade com os fãs que muitas celebridades tradicionais não têm, eles acabam ditando tendências em consumo e comportamento, o que levou ao nome da profissão. No entanto, muitas vezes, seus conteúdos parecem não estar alinhados com a realidade dos seguidores, os grandes responsáveis por seu sucesso. (GRIEGER e BOTELHO-FRANCISCO, 2019; ASSIS e FERREIRA, 2019; DA COSTA, 2019; OLIVEIRA, 2017; DE FONSECA, 2019)

Nesta pesquisa, analisamos a percepção das pessoas acerca do comportamento dos influenciadores digitais, de uma forma geral, durante a pandemia do Covid-19, desde março de 2020. Muitos foram criticados por não usarem seu alcance para promover conscientização a respeito dos perigos e protocolos de segurança neste período, ou por continuarem viajando, aglomerando e promovendo um estilo de vida incompatível com o momento que a sociedade vive. Nosso objetivo foi entender como o público se sente a respeito dessas atitudes e como isso impactou a forma como consomem conteúdo de influenciadores no Instagram.

O comportamento dos influenciadores tem destoado da realidade da maior parte da sociedade de forma tão marcante que inspirou a atriz Maria Bopp a reunir em um vídeo satírico, em seu próprio perfil do Instagram, algumas frases e atitudes que muitos influenciadores de grande alcance têm exibido e que não foram bem recebidas pelo público (CANAL GNT, 2021). Interpretando sua personagem intitulada de "blogueirinha do fim do fim do mundo", criada para ironizar o comportamento de muitas personalidades da internet, ela retratou cenas de descaso, alienação, aglomeração, irresponsabilidade e muitas das justificativas que estas "celebridades" tentaram usar para se defender pelos comportamentos ao serem criticadas, como "Não dá pra gente parar de viver, vamos pensar positivo!", "Gratidão, Corona vírus", "Acho que isso vai servir pra gente sair dessa como seres humanos mais evoluídos", "Não é porque estamos em isolamento que a gente tem que deixar nossa vaidade de lado", "Quero fazer vídeo de look e não consigo, porque tá rolando barulho de manifestação", "Era um churrasco, mas estava seguindo todos os protocolos, juro! Cheio de frescuras", "Encontrei umas amigas, mas estava todo mundo de quarentena, sério", "Eu estou

muito cansada de ficar em casa, estou saindo só para o que é essencial”, "Um truque para não usar máscara é tomar sorvete”, "Sim, eu testei positivo para covid, eu não sei como eu peguei... acho que foi da minha empregada", "Eu estou saindo, estou vivendo e tem gente que está ficando em casa e está morrendo!" e, claro, "Quero pedir desculpas mais uma vez porque teve gente que se ofendeu".

Justificativa

Como parte da Geração Z, fazemos parte do público-alvo dos principais influenciadores digitais do Instagram. Acompanhar a vida dessas pessoas nas redes sociais diariamente é cada vez mais comum, mas, a partir do momento em que suas publicações não estão mais alinhadas com o que esperamos delas, surge um conflito. Dessa forma, consideramos muito interessante pesquisar como a realidade distorcida promovida por influenciadores digitais durante a pandemia nos afeta.

Segundo o filósofo e sociólogo Zygmunt Bauman (2001), vivemos uma modernidade líquida, referindo-se a um mundo marcado por incertezas, medos, ausência da concepção de progresso e relações sociais frágeis. O comportamento do "homem líquido" descrito por ele - egoísta, individualista, imediatista e não pensa no bem coletivo e nem a longo prazo - muito se assemelha ao nosso estudo sobre a irresponsabilidade de muitos influenciadores digitais durante a pandemia, que colocam seu próprio prazer como prioridade, esquecendo as necessidades e prioridades da sociedade nesse cenário. Com o advento da modernidade líquida, a estrutura social moderna ao redor da razão e do progresso se desfez, dando lugar para relações mais instáveis e frágeis, e instituições sociais que não são mais pontos de referência, mas sim de dúvida e desconfiança (DE QUEIROL, 2016).

Nesse cenário, os influenciadores digitais conquistam relevância, mas por outro lado, é escancarada a superficialidade de seu laço com o público, especialmente em um contexto de crise. Nas palavras de Bauman, "as redes sociais são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha" (BAUMAN, 2001, p. 45).

Objetivos

Nosso objetivo central foi analisar de que forma pessoas que acompanham influenciadores digitais são afetadas pelos conteúdos compartilhados por eles/as durante a pandemia. Para isso, buscamos entender o que pensam a respeito da forma como essa "influência" vem sendo usada e como isso pode mudar a maneira como acompanham esses perfis, inclusive deixando de segui-los em alguns casos.

Procedimentos Metodológicos

Utilizamos uma metodologia de pesquisa de opinião, seguindo o método sugerido pelo projeto Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião - NEPSO.

População

O universo escolhido para a pesquisa é de pessoas que estejam acompanhando influenciadores digitais nas redes sociais durante a pandemia de COVID-19.

Amostra e Técnica de Amostragem

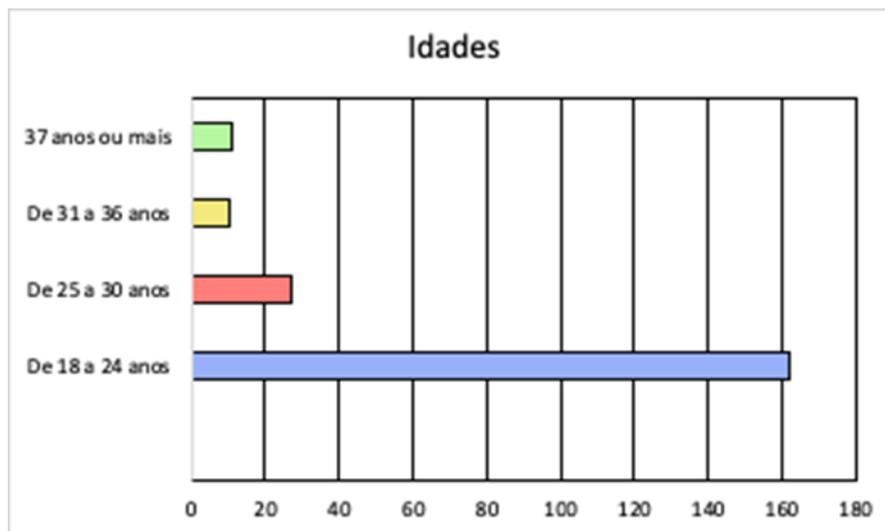
A amostra escolhida foram pessoas a partir de 18 anos dentro do universo previamente selecionado. Como técnica de amostragem, tomamos uma parte da população descrita anteriormente que se encaixava na faixa etária que selecionamos.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

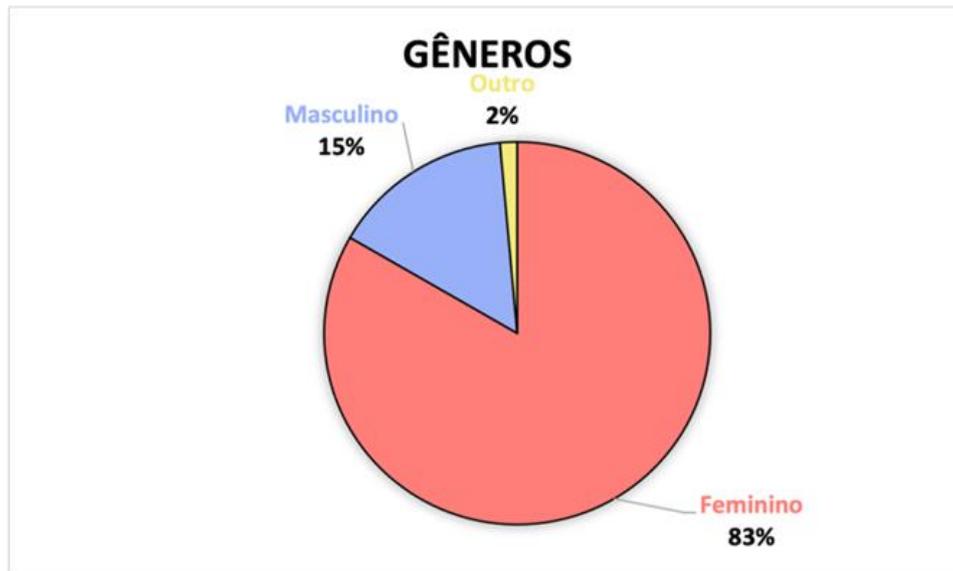
Para a obtenção de dados para a pesquisa, elaboramos um formulário Google com perguntas sobre o tema, e compartilhamos o link em conversas individuais e grupos de WhatsApp com pessoas que fazem parte da nossa amostra e em postagens no Facebook em grupos com alunos de Pedagogia, pedindo que respondessem e que também passassem o formulário adiante a pessoas que se encaixassem em nossa amostra.

Apresentação e Análise dos Dados

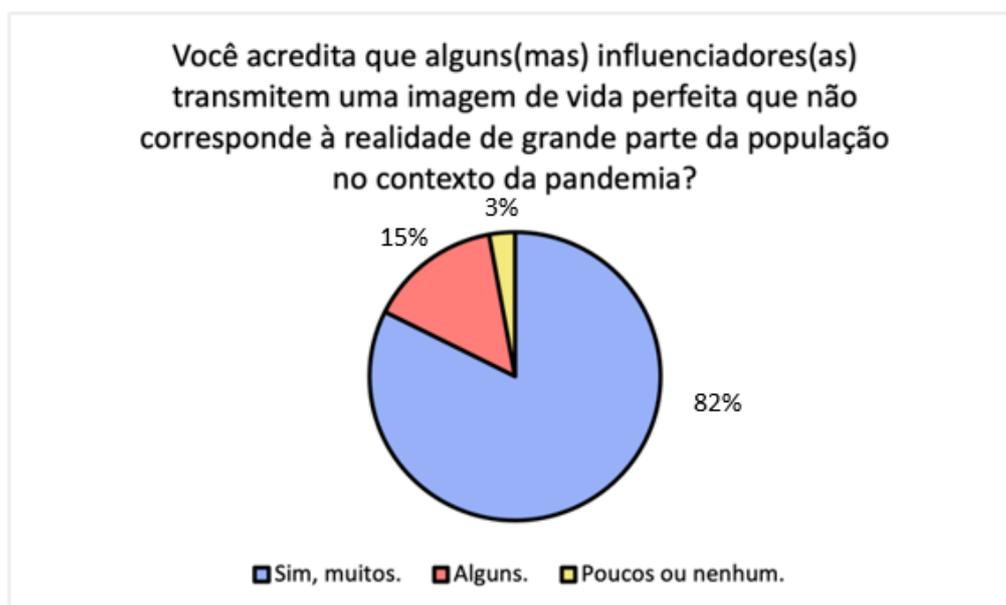
Na realização da nossa pesquisa, obtivemos uma amostragem com o total de 210 pessoas.



Como pode ser observado no gráfico acima, a maior parte da nossa amostra estava na faixa etária de 18 a 24 anos, correspondendo a 77% das respostas (162 pessoas). Isto já era algo esperado pelo grupo, visto que, atualmente, adolescentes e jovens adultos consomem muito mais conteúdo de influenciadores(as) digitais do que pessoas das demais faixas etárias observadas.

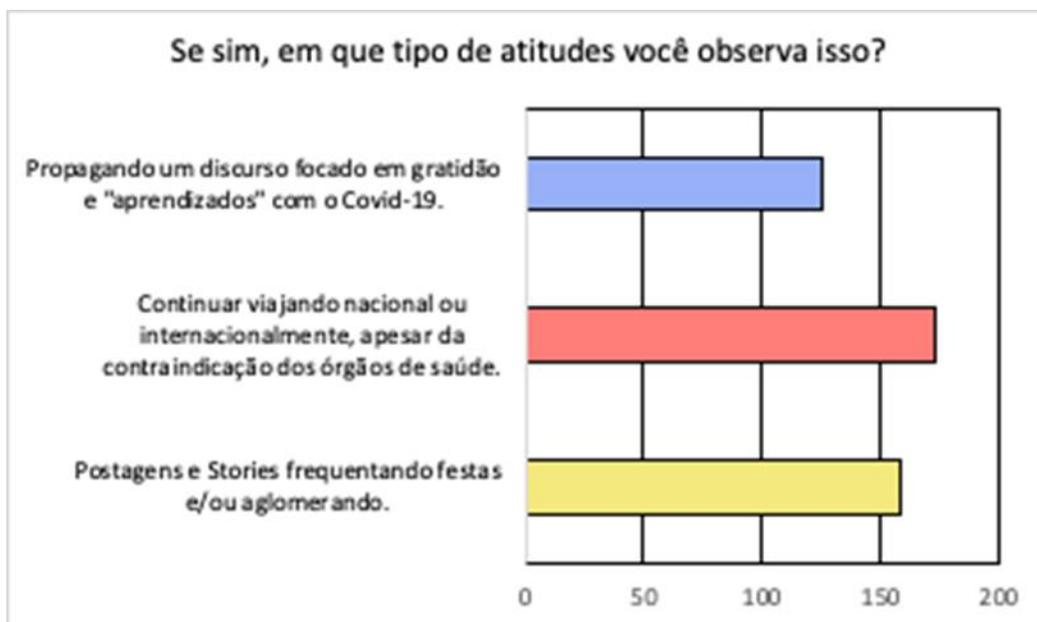


Como a maior parte do público que consome os conteúdos de grande parte dos(as) influenciadores(as) digitais costuma ser mulheres, não nos surpreendemos com o fato de que a grande maioria dos(as) respondentes se identificaram com o gênero feminino, correspondendo a 83% do total (175 pessoas).

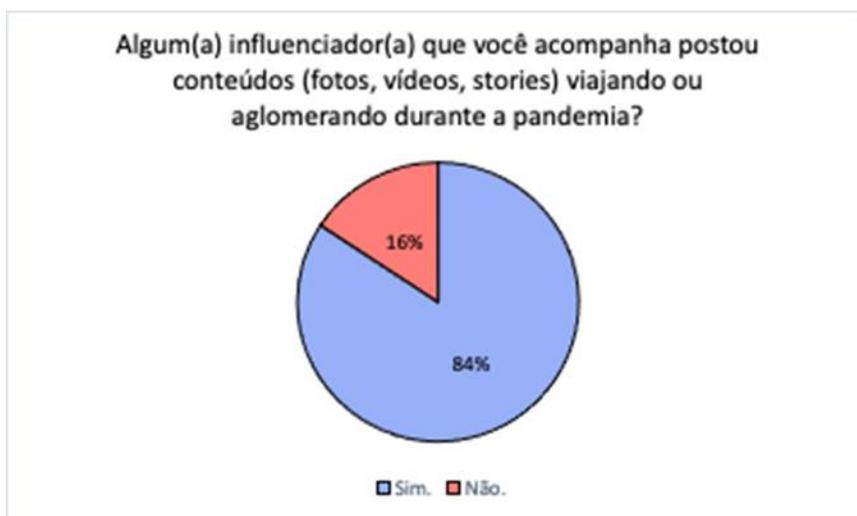


A primeira pergunta objetiva do tema foi a respeito da imagem de vida perfeita que muitos(as) influenciadores(a) transmitem, e que não corresponde à realidade de grande parte da população no contexto da pandemia. Um percentual de 82% (173 pessoas) respondeu que, durante a pandemia, observaram alguns influenciadores compartilhando o que seria essa

“vida perfeita”, transmitindo uma visão distorcida da atual realidade ao seu público. 31 pessoas (15%) responderam que observaram muitos (as) agindo desta forma, e apenas 6 pessoas (3%) responderam que não viram esse tipo de conteúdo partindo de algum(a) influenciador(a).

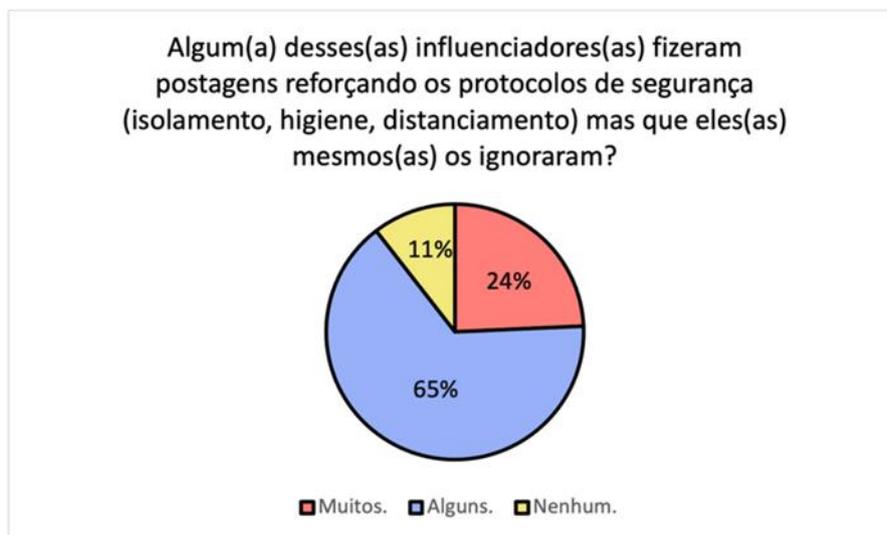


Aos que responderam “Sim, muitos” ou “Alguns” à pergunta anterior, pedimos que indicassem em que tipo de atitudes observaram que influenciadores(a) estavam agindo de forma totalmente contrária a realidade que o país estava (e ainda está) vivendo. Das três opções pré-estabelecidas, recebemos 176 marcações para “continuar viajando nacional ou internacionalmente, apesar da contra indicação dos órgãos de saúde”, 158 para “postagens e stories frequentando festas e/ou aglomerando” e 125 para “propagando um discurso focado em gratidão e ‘aprendizados’ com o Covid-19”.



Até aqui, havíamos apenas observado que a maior parte dos(as) respondentes pensa que os(as) influenciadores(as) propagam uma ideia de vida perfeita e que, até mesmo durante a pandemia, continuam se comportando da mesma forma dentro de suas bolhas, então partimos para perguntas que exigiam mais particulares.

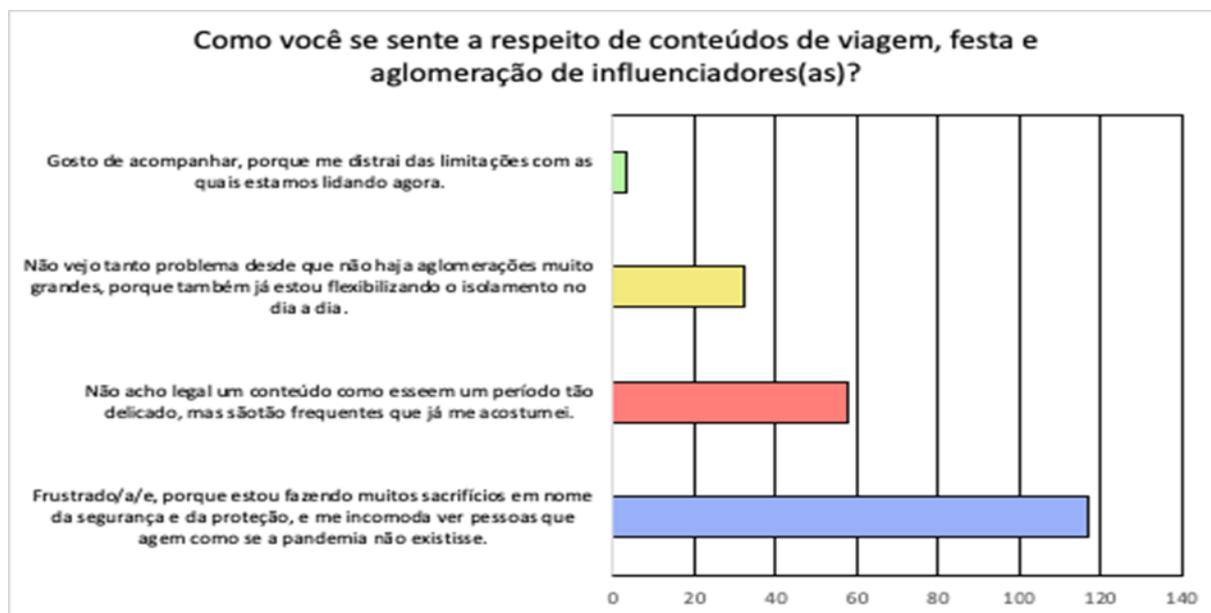
Quando perguntados se algum(a) influenciador(a) que eles(as) acompanhavam tiveram alguma dessas atitudes (ou todas elas), 177 pessoas (84%) marcaram a alternativa “sim”.



Em seguida, buscamos entender se, mesmo não respeitando as normas de isolamento social e higiene, estes influenciadores haviam os reforçado em postagens nas redes sociais. A grande maioria respondeu afirmando, sendo 137 (65%) para “alguns” e 51 (24%) para “muitos”. Isto também já era esperado pelo grupo, já que essa contradição de muitos(as) influenciadores(as) foi assunto muito comentado nas redes sociais.

Muitos consideraram hipocrisia que propagassem um discurso de “#FiqueEmCasa”, “#NãoAglomerem” e “#Cuidem-se”, enquanto fora das telas (no mundo real), não estavam

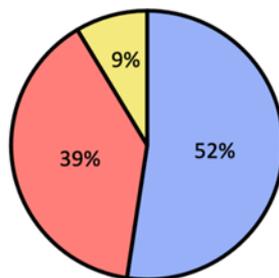
tendo atitudes de respeito e empatia ao próximo e nem seguindo as recomendações sugeridas pelas organizações de saúde e governamentais. Além disso, esse tipo de situação também foi visto como uma realidade preocupante, visto que esperam comportamentos mais respeitosos, maduros e coerentes de pessoas em posição influente.



Quando perguntados sobre como se sentiam a respeito de conteúdos de viagem, festa e aglomeração compartilhados por influenciadores(as) durante a pandemia, 117 pessoas (56%) afirmaram terem se sentido frustrados/as/es, porque estão fazendo muitos sacrifícios em nome da segurança e da proteção, e se incomodam em ver pessoas agindo como se a pandemia não existisse ou já tivesse acabado.

Isso reflete as conclusões que já estávamos fazendo a partir das questões anteriores: os(as) respondentes percebem esses comportamentos, sabem pontuar especificamente quais são a partir das opções que apontamos, e se sentem muito incomodados(as) com essa situação. Tivemos 58 deles(as) (28%) também não achando essas atitudes legais, mas por acontecer com tanta frequência, não se incomodam mais. Já para uma parcela deles(as), não há tanto problema nisso – segundo as 32 pessoas (15%) que responderam já estar flexibilizando, é aceitável desde que não haja aglomerações muito grandes, mas já para os 3 respondentes restantes (1%), isso serve como um entretenimento, dizem gostar de acompanhar para se distraírem.

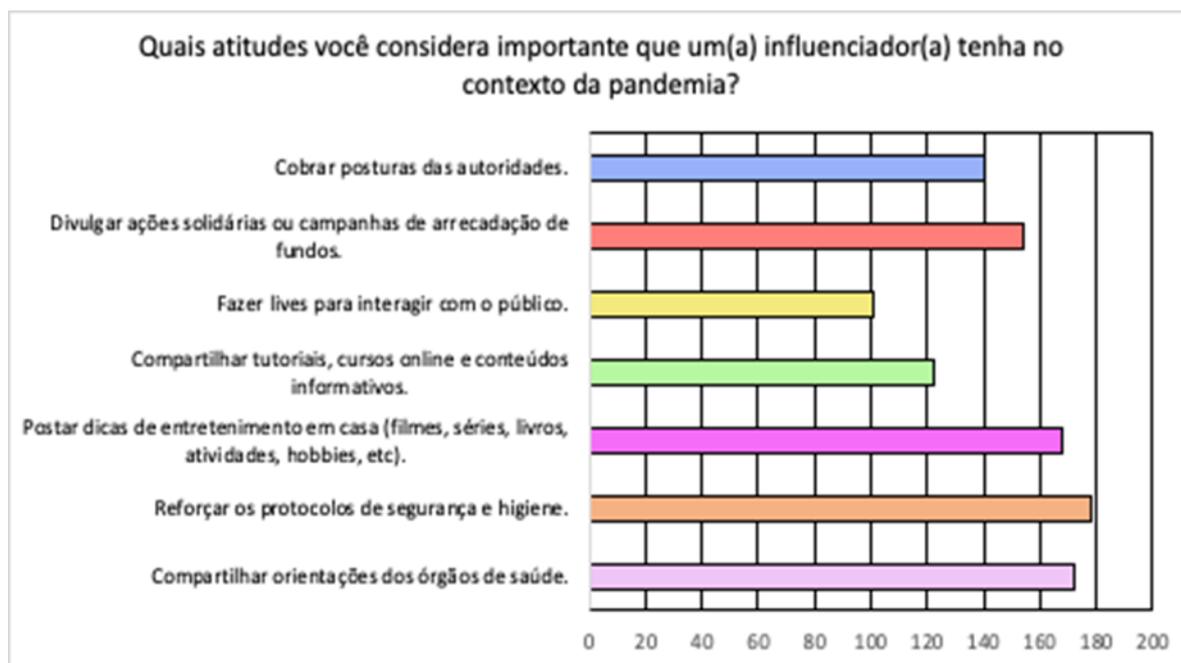
Você deixou de seguir algum perfil por conta de postagens que ignoraram algum protocolo de segurança (isolamento, higiene, distanciamento)?



- Sim, deixei de seguir.
- Não deixei de seguir, mas não curtonem comento esse tipo de postagem.
- Não deixei de seguir os perfis e nem decurtir as postagens.

Após perguntarmos se os(as) respondentes observaram determinadas atitudes incoerentes de influenciadores que eles(as) mesmos(as) seguiam, buscamos analisar se pararam de segui-los(as) e de acompanhá-los(as), de um modo geral.

Tivemos 110 pessoas (52%) respondendo que deixaram de seguir os perfis de influenciadores(as) que desrespeitaram de alguma forma as recomendações de segurança para esse momento pandêmico. Mas, por outro lado, observamos que 82 pessoas (39%) continuaram seguindo, mesmo que sem interagir com essas postagens específicas, e que as 18 pessoas restantes (9%) não deixaram de seguir os perfis e nem de curtir e/ou comentar nas postagens de festa, aglomeração e viagens, por exemplo.



Por fim, questionamos os (as) respondentes sobre atitudes que consideravam importantes que um(a) influenciador(a) tivesse/tenha em um contexto de pandemia. Para as opções pré-estabelecidas, recebemos 176 marcações para “reforçar protocolos de segurança e higiene”, 170 para “compartilhar orientações dos órgãos de saúde”, 166 para “postar dicas de entretenimento em casa (filmes, séries, livros, atividades, hobbies etc.)”, 152 para “divulgar ações solidárias ou campanhas de arrecadação de fundos”, 138 para “cobrar posturas das autoridades” 120 para “compartilhar tutoriais, cursos online e conteúdos informativos” e 99 para “fazer lives para interagir com o público”.

Além destas questões, também colocamos caixas de reposta ao final do formulário, para que as pessoas pudessem fazer algum desabafo ou comentário importante sobre o tema, e a maioria demonstrou chateação e incômodo.

Também pedimos que sinalizassem perfis que consideraram influências positivas durante a pandemia e o porquê e, então, organizamos todos(as) os(as) influenciadores(as) em uma tabela⁵ e os (as) separamos nas categorias “moda/beleza”, “família/filhos”, “humor/comédia”, “TV/séries/livros”, “culinária”, “questões sociais”, “notícias”, “animais”, “dia a dia” e “religião”. Constatamos que grande parte dos perfis sinalizados se encaixam em “moda/beleza”, que atualmente é o nicho de grande parte dos(as) influenciadores(as), e dos(as) mais famosos(as) também. Além disso, observamos que grande parte dos(as) respondentes demonstraram interesses por perfis de “humor/comédia” e de “informações/notícias”. No nosso ponto de vista, isso se deve pela busca por distrações,

⁵ A tabela com a relação de influenciadores(as) citados pelos(as) respondentes pode ser acessada por meio do link https://docs.google.com/spreadsheets/d/1pvn6ZTPOO2wrX-dMJ0HhfzTDi0_P4h15fYVPyEvElmQ/edit?usp=sharing.

diversão e entretenimento diante do momento difícil que estamos atravessando. Contudo, também existem buscas para estar informados(as) sobre as novas notícias, números da pandemia, quais são as opiniões e as novas recomendações dos(as) especialistas, além de, claro, também procurarem estar antenados sobre as demais notícias do país e do mundo, não só sobre Covid-19.

Conclusão e recomendações

A ideia do tema da pesquisa surgiu após percebermos que, com o número crescente de usuários de redes sociais, os(as) influenciadores(as) digitais vêm ganhando um novo papel perante a sociedade nos últimos anos, especialmente durante o período da pandemia de Covid-19. Mais do que estímulos de consumo, essas personalidades também se tornaram referências de comportamento, e ao mesmo tempo em que transmitem uma ilusão de proximidade do público, elas gozam de muitos dos privilégios que as celebridades tradicionais têm. Durante a pandemia, muitas foram criticadas por posturas que pareceram desconectadas da realidade da maior parte da população, explicitando a barreira – nem sempre tão perceptível – entre os dois mundos. Nossa pesquisa teve o objetivo de analisar como os usuários do Instagram se sentiram em relação a algumas atitudes que os(as) influenciadores(as) digitais tiveram durante a pandemia, assim como o impacto da realidade muitas vezes distorcida que eles propagam.

Com base nas análises feitas a partir das respostas do formulário de pesquisa que elaboramos sobre o tema, pudemos observar que a maioria dos(as) respondentes demonstrou descontentamento a respeito do mau uso das redes sociais por parte de alguns influenciadores(as) seguidos(as) por eles(as), que publicam conteúdos em desacordo com as normas de segurança para a prevenção da transmissão em massa do vírus da Covid-19.

Por meio da pesquisa, percebemos que o público desses(as) influenciadores(as) esperava mais responsabilidade por parte dos mesmos, visto que eles têm voz no meio virtual e também por conta da profissão, que é, literalmente, influenciar o público. Por outro lado, os (as) influenciadores (as) que demonstraram “bom senso”, reforçando os protocolos de segurança e saúde e estimulando posturas responsáveis por parte do público, se destacaram positivamente. Um terceiro grupo apresentou um comportamento intermediário e controverso: ao mesmo tempo em que compartilhavam conteúdo informativo e “consciente” sobre o cenário da pandemia, não cumpriam com alguns/todos os protocolos que deveriam.

Com a análise de dados, percebemos que muitos(as) influenciadores(as) digitais escolheram continuar “vendendo” a ilusão de uma vida perfeita, estável e tranquila, mesmo com o agravante cenário da pandemia no Brasil. Tendo em vista a quantidade de restrições às quais a maior parte da população teve que se submeter nos últimos meses, a mensagem de que não há problemas em sair, viajar e seguir a vida normalmente que essas personalidades propagam é extremamente nociva – além de ser mal vista por grande parte do público, que reagiu deixando de seguir alguns perfis e engajar com determinados conteúdos. Mais do que um “cancelamento”, essas foram simbolizam um processo de responsabilização.

Por outro lado, essa naturalização da irresponsabilidade e da postura “alheia” às dificuldades também acaba encorajando outra parte de seu público, por vezes desinformado, a tomar

atitudes errôneas e contrárias às normas de segurança – sem gozarem dos mesmos privilégios que os influenciadores para lidarem com as consequências.

Concluimos então que é necessário observarmos a quem estamos dando voz, especialmente em momentos de crise, para não nos deixarmos contaminar por uma perspectiva irreal e nociva da realidade. Atitudes isoladas podem não parecer tão problemáticas ou fatais, mas quando são amplificadas por um público de milhões de seguidores, podem rapidamente transformar a ameaça virtual em um problema real – e que se estenderá para muito tempo além do fim da pandemia.

Referências

CANAL GNT. Retrospectiva da blogueirinha do fim do mundo: 1 ano de pandemia no Brasil. 2021. (4min42s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IK7EFVfr5qY>. Acesso em: 11 abr 2021.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DE QUEIROL, Ricardo. Zygmunt Bauman: "As redes sociais são uma armadilha". El País, 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html. Acesso em: 11 abr 2021

GRIEGER, J. D.; BOTELHO-FRANCISCO, R. E. Um estudo sobre influenciadores digitais: comportamento digital e identidade em torno de marcas de moda e beleza em redes sociais online. Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 2019.

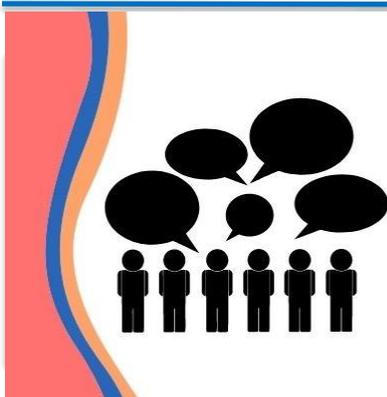
ASSIS, V. S.; FERREIRA, A. Marketing de influência: a era do Digital Influencer. Encontro de Marketing Crítico da Uesb. Vitória da Conquista: 2019.

DA COSTA, Maitê Paes. AUTOIMAGEM E INSTAGRAM: um olhar para a reprodução imagética da sociedade do espetáculo nas redes sociais. Dissertação – Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2019.

OLIVEIRA, Caio Cesar Dias. O fenômeno dos influenciadores digitais: razões e impactos do sucesso das web celebridades. Dissertação – Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2017.

DE FONSECA, Valentine Pimentel. PRINCESA DO INSTAGRAM: estilo de vida, bom gosto e luxo na internet. Dissertação – Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2019.

Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião (NEPSO): Manual do Professor. 3ª edição. São Paulo: Global Editora, 2010.



MANUTENÇÃO DA SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES DO CCHS DURANTE O PERÍODO REMOTO NA PANDEMIA DO COVID-19

Catarina Medeiros, Isis Silva, Maria Luiza Oggioni e Rachel de Freitas

Introdução

Durante o período remoto toda comunidade acadêmica precisou se adaptar; as conexões físicas foram interrompidas, o bandeirão fechou, tornando a alimentação de muitos colegas precária, o debate saudável nas salas, o burburinho nos corredores e toda a efervescência da UNIRIO foi suspensa. O contato se tornou virtual e através dessa virtualidade, pudemos entender as angústias mais comuns entre colegas dos mais diversos níveis.

Observamos ingressantes que não tiveram oportunidade de vivenciar o “ao vivo”, formandos estressados por não conseguir cursar as disciplinas que faltam para se formar e os períodos que ficam no meio dos cursos, sem prioridade e lutando pelas vagas ofertadas. Até aqui, estamos falando apenas das angústias acadêmicas pois, muito além da universidade, vivenciamos outras questões importantes como: dificuldades financeiras, isolamento social, perda de familiares e amigos, dificuldades tecnológicas, falta de acessibilidade à internet, falta de equipamentos e local adequado para estudo, insegurança de estudantes que moram em comunidades, além de toda a desigualdade e incerteza que vivemos. Nesse panorama, acreditamos ser importante que, além de cuidarmos da nossa saúde física, cuidarmos e pensarmos na nossa saúde mental. Nossa pesquisa quis compreender esse momento: Diante de tantas dificuldades, essa busca por auxílio psicológico foi possível? Como nossos discentes estão lidando com esse momento e quais estratégias utilizadas para manter a sanidade?

Justificativa

Observamos um aumento significativo de casos de ansiedade, irritabilidade, medo e diversos outros fatores que levaram ao trancamento de matrícula ou disparidades na quantidade de disciplinas cursadas. Por entendermos como o ambiente acadêmico pode ser opressivo e disparador de gatilhos desencadeadores de distúrbios emocionais das mais diversas ordens, sobretudo nesse período tão atípico e de adaptação para todos, quisemos saber como os discentes estão lidando com o ensino remoto emergencial, de que forma as questões de fora da universidade interferem nos seus resultados e quais ajudas têm buscado.

Objetivos

Nosso objetivo foi compreender os métodos utilizados no cuidado da saúde mental dos discentes, quais auxílios podem ser oferecidos e como formar uma rede de apoio, ampliando o atendimento psicológico, inspiradas na matéria jornalística de Campos (2020).

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa foi quantitativa, segundo o método NEPSO (IBOPE, 2010) e realizada através de questões objetivas sobre o perfil dos discentes, quantificando e tabulando os resultados sobre os estudantes que buscaram auxílio psicológico e questões específicas sobre essa busca ou não, visando compreender a realidade em que estamos inseridas.

População

Participaram da pesquisa os discentes do CCHS da UNIRIO, dos cursos de Pedagogia, História, Museologia, Serviço Social, Filosofia, Arquivologia e Biblioteconomia. Esse grupo foi escolhido como público-alvo, pela proximidade e similaridade de experiências.

Amostra e Técnica de Amostragem

Discentes do CCHS da UNIRIO, através de divulgação nos grupos de WhatsApp e nas redes sociais da UNIRIO e grupos dos cursos.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

Utilizamos questionário do google formulários e sua aplicação foi realizada através de compartilhamento do link nos grupos de WhatsApp e Facebook.

Apresentação e Análise dos Dados

O levantamento de dados da nossa pesquisa foi realizado através do Google Forms. Foram entrevistadas 103 pessoas. O questionário foi composto de 5 questões diagnósticas obrigatórias, para compreendermos o perfil dos entrevistados, com apenas uma possibilidade de resposta.

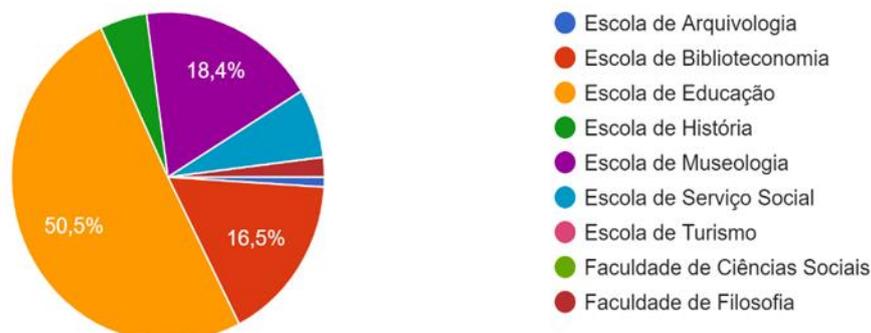
O perfil dos entrevistados foi majoritariamente feminino, estudantes de pedagogia, entre 18 e 24 anos de idade, não sendo responsáveis pelas questões financeiras familiares e com renda familiar superior a 3 salários-mínimos. Apesar dessa tendência, houve uma grande diversidade de respostas no perfil, porém, apesar dessa diversidade, a palavra-chave da pesquisa foi ansiedade, essa foi a maior constante, como será possível verificar nos resultados apresentados.

Por estarmos em período remoto, não foi possível fazer um levantamento do número de estudantes matriculados em cada um dos cursos do CCHS, sendo assim, não pudemos precisar o percentual de estudantes entrevistados.

A primeira variável representa a quantidade de alunos por curso pertencente ao CCHS da UNIRIO:

A qual unidade que compõe o CCHS você pertence?

103 respostas

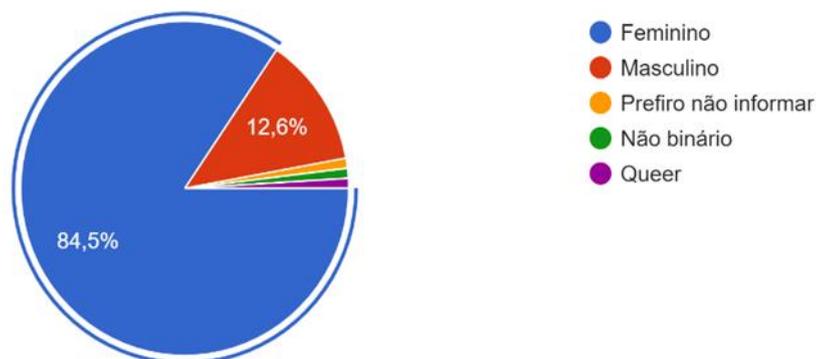


52 estudantes da Escola de Educação, correspondendo a 51% do total;
5 estudantes da Escola de História, correspondendo a 4,8% do total;
19 estudantes da Escola de Museologia, correspondendo a 18,3% do total;
7 estudantes da Escola de Serviço Social, correspondendo a 6,7% do total;
2 estudantes da Faculdade de Filosofia, correspondendo a 1,9% do total;
1 estudante da Escola de Arquivologia, correspondendo a 1% do total;
17 estudantes da Escola de Biblioteconomia, correspondendo 16,3% do total;
Não tivemos estudantes dos cursos da Escola de Turismo e Escola de Ciências Sociais respondendo o questionário.

A segunda variável foi sobre o gênero com o qual o entrevistado se identifica:

Com qual gênero você se identifica?

103 respostas



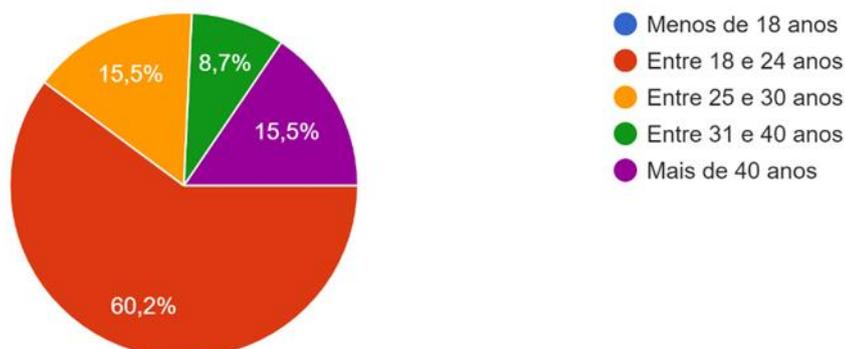
87 estudantes se identificaram com o gênero feminino, correspondendo a 84,6% do total;
13 estudantes se identificaram com o gênero masculino, correspondendo a 12,5% do total;
1 estudante preferiu não se identificar, correspondendo 1% do total;
1 estudante se identificou como não binário, correspondendo a 1% do total;
1 estudante se identificou como queer, correspondendo a 1% do total;

A presença feminina no Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCHS é superior à masculina e essa diferença fica evidente nas respostas, apesar da população masculina aparecer.

A terceira variável foi a faixa etária, onde a maioria dos entrevistados tem entre 18 e 24 anos, com praticamente o mesmo número de respostas nas outras faixas etárias. No presencial já era possível observar que a maior parte do corpo discente é constituída por jovens, recém-saídos do ensino médio. Em conversa com alunos, vemos que esse fator pode gerar grande ansiedade e apreensão pelos resultados, além de dúvidas sobre estar no curso certo. Em alunos mais experientes, as apreensões são outras, tais como responsabilidades financeiras e familiares, algum sentimento de não pertencimento e pressa em obter resultados.

Em que faixa etária você se encontra?

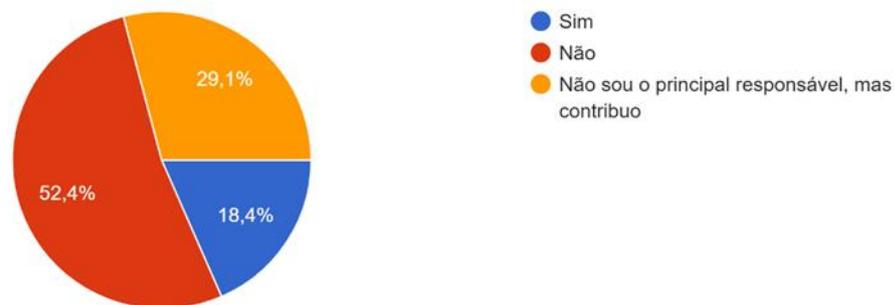
103 respostas



A quarta e quinta variáveis foram sobre questões financeiras. Uma das maiores causas de ansiedade, desespero e depressão é a dificuldade financeira. Com ela vêm a insegurança alimentar, preocupação com moradia, contas básicas de consumo e até mesmo a permanência na universidade. Apenas 18,3%, cerca de 19 dos entrevistados é o principal responsável pela subsistência familiar e 28,8%, cerca de 30 dos entrevistados não é o principal, mas contribui.

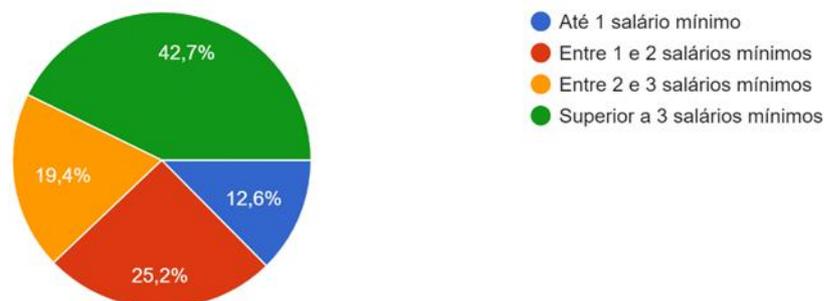
Você é responsável financeiro pelo seu núcleo familiar?

103 respostas



Qual a sua renda familiar mensal?

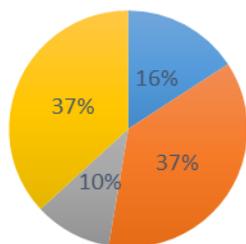
103 respostas



Surpreendentemente, apenas 12,5%, cerca de 13 dos entrevistados tem a renda de até 1 salário-mínimo e dessas 13 pessoas, 3 são os responsáveis financeiros e 4 ajudam nas despesas. Dos 19 responsáveis financeiros, apenas 3 se identificam como sexo masculino. Esses entrevistados têm mais de 40 anos e renda superior à 3 salários-mínimos. Quinze responsáveis financeiras se identificam como sexo feminino e um preferiu não se identificar. Quatro mulheres responsáveis financeiras têm entre 18 e 24 anos. Uma grande responsabilidade e pressão em pessoas tão jovens.

Responsável financeiro

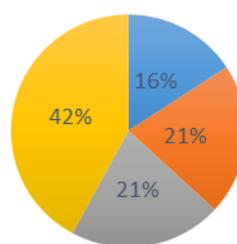
19 respostas



- Até um salário-mínimo
- Entre 1 e 2 salários-mínimos
- Entre 2 e 3 salários-mínimos
- Acima de 3 salários-mínimos

Responsável financeiro

19 respostas



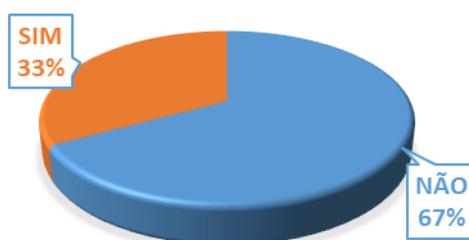
- Entre 18 e 24 anos
- Entre 25 e 30 anos
- Entre 31 e 40 anos
- Mais de 40 anos

Após a análise do perfil socioeconômico, iniciamos a análise das questões específicas. Foram aplicadas 12 questões sobre o tema, 4 com respostas diretas de sim e não, 5 com possibilidade de múltiplas respostas, uma com possibilidade de apenas uma resposta e 2 questões livres, como espaço de diálogo e desabafo.

Iniciamos perguntando se os estudantes já faziam atendimento psicológico antes da pandemia. Essa questão é importante para compreendermos o impacto que a pandemia causou na saúde mental e na conscientização sobre os cuidados com ela.

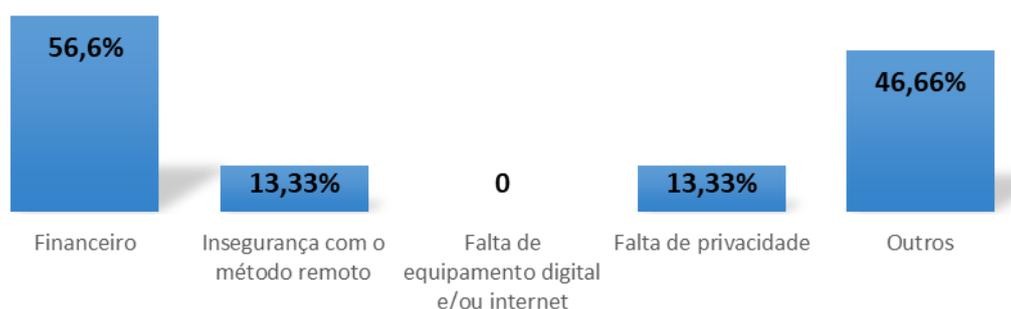
Você fazia acompanhamento psicológico **ANTES** do período de pandemia?

103 respostas



Dos 34 estudantes que faziam acompanhamento psicológico antes da pandemia, 30 relataram ter abandonado o acompanhamento psicológico durante a pandemia, sendo a dificuldade financeira o principal motivo. Sete entrevistados apontaram mais de um motivo para abandonar o tratamento. Apenas 2 entrevistados se identificaram como pessoas do sexo masculino. O acúmulo de diversas funções, jornadas dupla ou tripla, com trabalho, universidade, cuidado com os filhos, tarefas domésticas, busca pelo equilíbrio financeiro, torna a vida da mulher universitária cansativa, causando uma sobrecarga psicológica, logo, as mulheres tendem a procurar mais auxílio do que os homens.

Se **NÃO** manteve o acompanhamento, qual foi o motivo?
30 respondentes



Considerando o número de estudantes que abandonou e o que procurou acompanhamento durante a pandemia, observamos que houve um aumento relativo. Foi como uma reciclagem. Antes da pandemia, 34 faziam acompanhamento e 30 abandonaram. Durante a pandemia, 40 alunos procuraram atendimento, ou seja, 36 dos 103 respondentes que não faziam acompanhamento, sentiram necessidade em buscar auxílio.

Você procurou acompanhamento psicológico **DURANTE** o período da pandemia?

103 Respostas

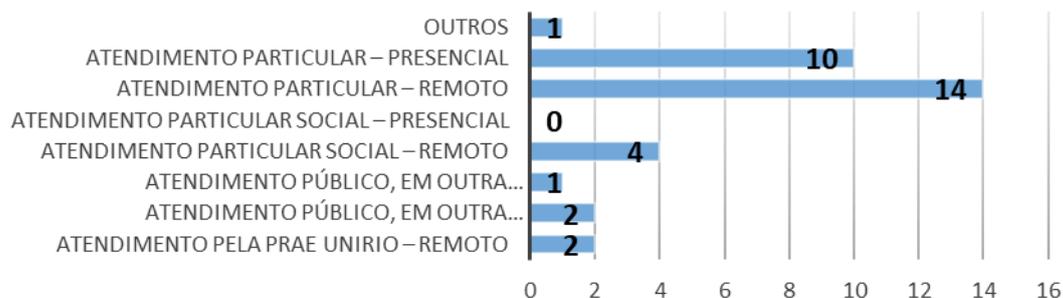


Levando em consideração os motivos pelos quais os acompanhamentos foram abandonados, entendemos que o número de estudantes que gostaria de ter auxílio psicológico é bem maior do que o alcançado, haja vista que o atendimento realizado pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis – PRAE UNIRIO, já era insuficiente para atender a demanda, antes da pandemia, em sistema remoto, a situação ficou ainda mais precária. Mesmo os atendimentos sociais

possuem valores incompatíveis com a realidade de vida de vários discentes, que precisam escolher prioridades, como alimentação e moradia, deixando a saúde física e principalmente mental em segundo plano. Dos 34 entrevistados em atendimento psicológico, 19 tem renda maior que 3 salários-mínimos.

Como você tem feito o acompanhamento psicológico?

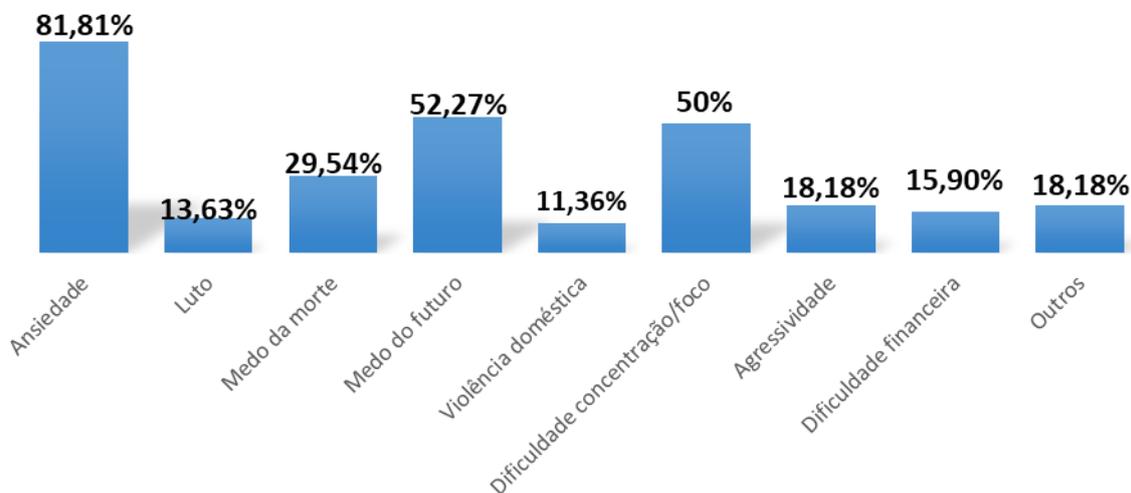
34 respostas



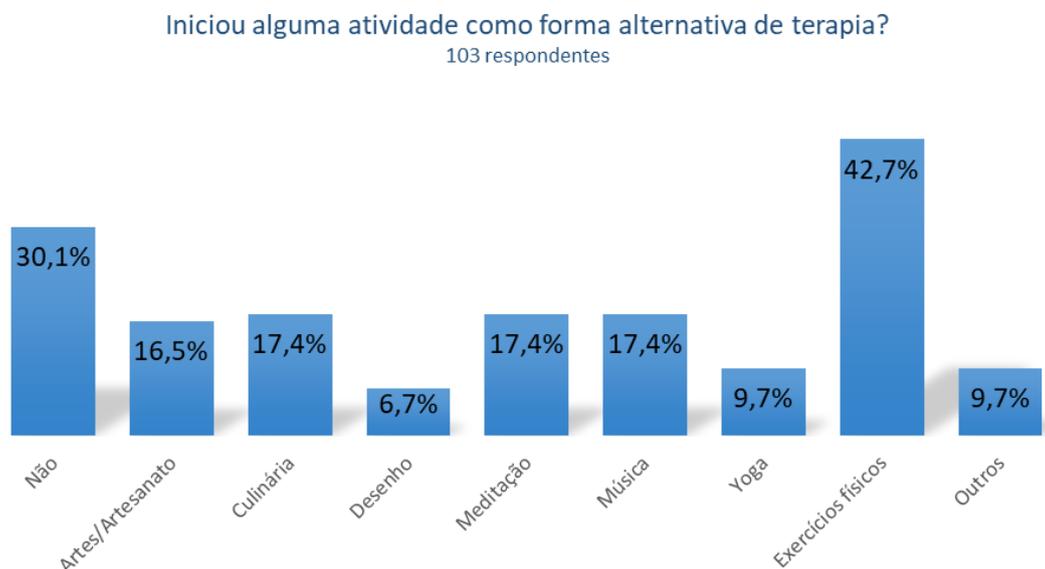
Os motivos que levaram os alunos a buscar auxílio psicológico foram diversos, porém a ansiedade e medo do futuro dominaram as respostas atingindo 81,8% dos entrevistados, seguido por dificuldade de concentração e foco com 52% e medo do futuro, com 50%. Houve uma média de 3 razões combinadas para a procura pelo auxílio psicológico.

Caso tenha procurado, qual o motivo?

44 respondentes



O fator financeiro e outras responsabilidades assumidas nesse período fizeram com que muitos estudantes procurassem meios alternativos como forma de controle da ansiedade, manutenção da rotina e saúde mental. Algumas atividades já eram praticadas antes da pandemia, porém, com o isolamento social, se tornaram parte da rotina dos estudantes.



Exercícios físicos ficaram no topo das terapias alternativas. A média foi de 3 terapias alternativas combinadas.

Outro aspecto pesquisado foi sobre vícios e consumo:



Dos entrevistados, 68% relataram ter desenvolvido ou potencializado algum vício ou consumo. A ansiedade é relacionada ao uso de substâncias como válvula de escape para situações extremas de desconforto. Com o isolamento social pudemos compreender que os vícios não são apenas em substâncias ilícitas, ao contrário, os maiores vícios identificados na

pesquisa foram em celular/computador, ou seja, tecnologia e em alimentos. Além de estudar e trabalhar online, ou seja, utilizando celular e/ou computador, esses equipamentos viraram nossa janela para o mundo, onde conversamos com amigos, participamos de reuniões, jogamos, ou seja, se tornou um vício necessário para a manutenção da saúde mental. Interessante observar que quase metade dos entrevistados listou alimentos como vício, porém, quase 43% dos entrevistados estão fazendo exercícios físicos como forma de terapia alternativa, o que pode demonstrar uma busca pelo equilíbrio. A média foi de 3 vícios ou consumos combinados.

Conclusão e Recomendações

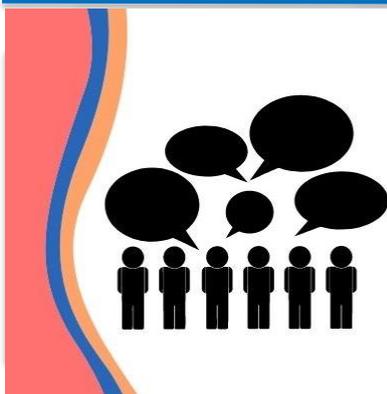
As questões referentes à saúde mental discente precisam de muito mais atenção e suporte do que tem sido ofertado. Antes da pandemia já havia escassez de profissionais para o atendimento prestado pela PRAE UNIRIO e no período remoto, essa situação se agravou. Como pudemos analisar, as dificuldades financeiras são um fator contribuinte para a não procura pelo auxílio psicológico e mais uma vez as desigualdades sociais se destacam. Em todos os grupos de conversa e redes sociais da universidade encontramos colegas desmotivados, exaustos e à ponto de desistir do curso, pois não encontram apoio na própria instituição e se deparam com falta de empatia e rotinas exaustivas. A diferença que o auxílio psicológico faz é notado em relatos sobre como diminuíram os níveis de ansiedade e estresse, ajudaram a manter a rotina de forma mais saudável e organizada, auxiliaram na manutenção do sono, manter a calma e foco, aceitação, aprender a lidar melhor com as limitações e frustrações, desabafar, se ocupar e tirar pensamentos negativos e derrotistas da mente, enfim, diversos benefícios para uma vida mais funcional, ativa e saudável. Quando olhamos o panorama geral, percebemos o aumento de vícios e consumo, demonstrando desequilíbrio. É certo que cada ser lida com a vida de formas distintas, porém, com direcionamento, as coisas fluem bem melhor.

Precisamos cobrar que mais ações sejam efetuadas, seja em auxílio psicológico, ou auxílios financeiros, que certamente contribuiriam para diminuir os níveis de insegurança alimentar e incerteza sobre moradia. A ansiedade foi citada pela maioria dos colegas, assim como o medo do futuro, ou seja, é fundamental que criemos uma rede de apoio para nossa comunidade acadêmica se manter. É inadmissível que estudantes abandonem seus cursos e sonhos de uma graduação e conseqüentemente uma qualificação, por questões financeiras e falta de suporte emocional.

Referências

IBOPE. Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor – 3. ed. – São Paulo: Global, 2010. NEPSO – Manual do Professor.

CAMPOS, Estela – Mulheres buscam mais ajuda psicológica na pandemia – Matéria no jornal valor econômico de 18/06/2020 – Acessado em 20/04/2021. <https://valor.globo.com/carreira/noticia/2020/06/18/mulheres-buscam-mais-ajuda-psicologica-na-pandemia.ghtml>.



MEDIDAS DE PREVENÇÃO AO CORONAVÍRUS, QUAIS VOCÊ AINDA SEGUE?

*Julia Moreira Rivero y Rivero; Luiza Nunes de Moura
Ferracioli; Márcio Araújo da Conceição Junior e
Rafaela Braga Baranda*

Introdução

Em dezembro de 2019 foi descoberto na China, na cidade de Wuhan, o novo coronavírus causador da COVID-19 e logo se espalhou pelo mundo desencadeando a pandemia em que vivemos atualmente, declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como situação de emergência na saúde pública de caráter internacional. A doença é transmitida através do contato de uma pessoa ou de meios que estejam contaminados, seja por gotículas de saliva, espirro, tosse, catarro ou por um simples aperto de mão ou toque em superfícies contaminadas com o descuido de levar as mãos aos olhos, nariz e boca sem a devida higienização. A pesquisa foi feita, portanto, para levantar dados acerca das medidas de prevenção ao vírus no dia a dia das pessoas.

Justificativa

A pandemia já faz parte de nosso dia a dia. No princípio era algo muito novo e estávamos bastante apreensivos diante da situação. Mas, logo tivemos que aprender como nos prevenir: ficando em casa, evitando aglomerações, usando máscaras, lavando e higienizando as mãos frequentemente, higienizando produtos e objetos vindos da rua, etc.

Diante disso, foram recomendadas diversas medidas de prevenção, em especial todas relacionadas a limpeza: das mãos, da casa, dos itens que vinham da rua, entre outras e o uso da máscara. Além disso, também foi recomendado que as pessoas evitassem sair de suas casas caso não fosse em caso de extrema importância e que evitassem encontros com indivíduos que não morassem na mesma casa.

No primeiro mês da pandemia no Brasil, foi decretado lockdown de 15 dias para conter o vírus, grande parte da população brasileira acreditava que a pandemia fosse durar apenas esses dias. Entretanto, os casos foram apenas aumentando e com a falta de controle do vírus, já estamos vivendo cerca de um ano nessa pandemia.

Após um ano de pandemia, será que as pessoas ainda seguem tão seriamente tais recomendações? Buscamos entender, portanto, os motivos pelos quais as pessoas continuam seguindo ou não essas medidas.

Objetivos

A pesquisa teve como objetivo realizar um comparativo entre as medidas de prevenção ao coronavírus tomadas pelas pessoas no início da pandemia e hoje em dia, após um ano vivendo essa realidade, e quais são suas motivações.

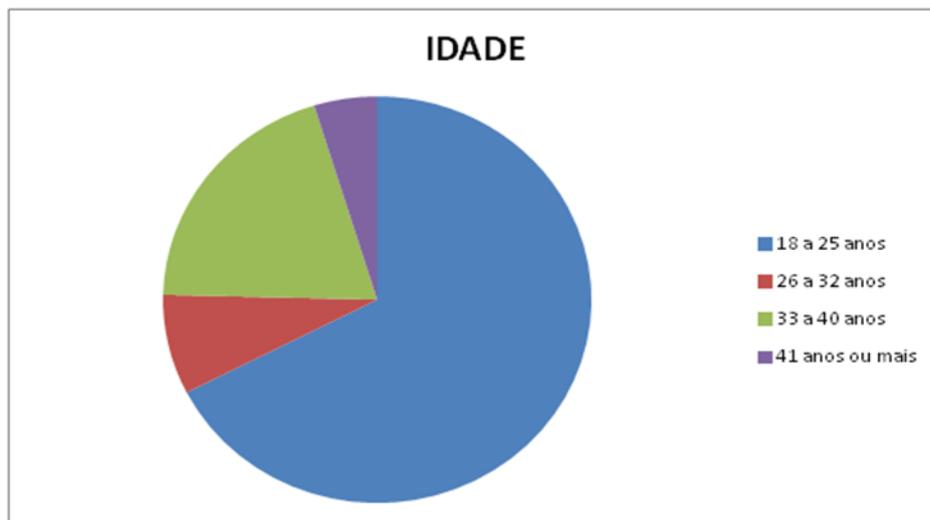
Procedimentos Metodológicos

A pesquisa de opinião realizada pelo método NEPSO (2010) é de teor quantitativo e, para realizá-la, foi utilizado o Google Forms, ou seja, foi criado um formulário online com perguntas, onde poderia ser assinalado, na maioria das vezes, mais de uma resposta. Para divulgarmos o questionário compartilhamos nas redes sociais, em especial o WhatsApp e o Facebook, para assim levantar os dados necessários e buscarmos uma maior análise sobre o assunto. Nosso público-alvo é abrangente, ou seja, pessoas a partir de 18 anos puderam responder a pesquisa. Procuramos divulgar para colegas de classe, familiares, conhecidos, estudantes da UNIRIO e qualquer pessoa que estivesse interessada, poderia responder.

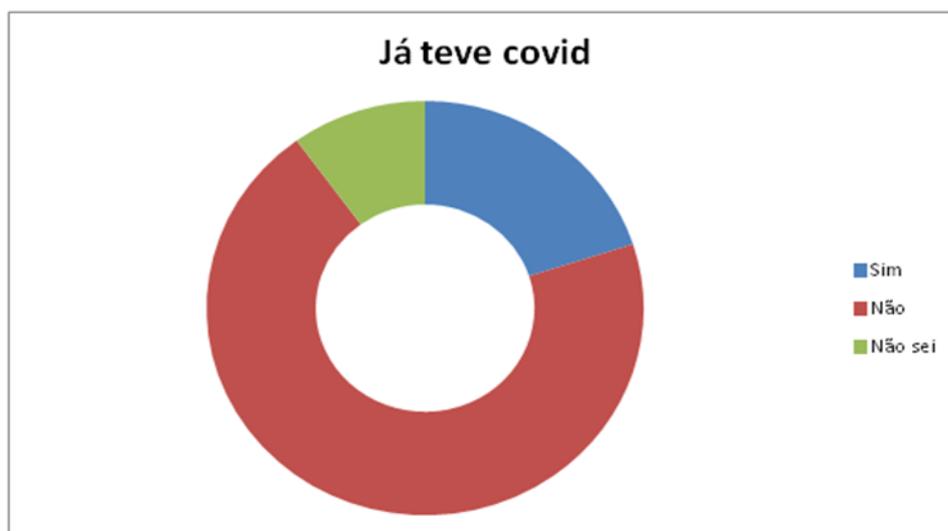
Apresentação e Análise dos Dados

Para fazermos a coleta de dados e, posteriormente, as análises e avaliação para alcançar nosso objetivo, a saber, comparar de as medidas de prevenção ao coronavírus tomadas pelas pessoas no início da pandemia ainda são respeitadas hoje em dia, divulgamos o questionário e 30 participantes responderam às perguntas. Portanto baseamos nossa pesquisa nessa amostra.

Para começar, buscamos saber a faixa etária de cada um que estava respondendo ao questionário, sendo elas, de 18 a 25 anos, 26 a 32 anos, 32 a 40 anos e 41 anos ou mais, a maioria respondeu ter entre 18 e 25 anos, sendo 17 pessoas, e minoria tinha entre 26 e 32 anos, 2 pessoas, 5 pessoas assinalaram ter entre 32 a 40 anos e 6 pessoas 41 anos ou mais. Em seguida, perguntamos se as pessoas já tiveram covid, dessas 30, 6 pessoas já tiveram covid, 21 afirmam que não e 3 não sabem dizer.

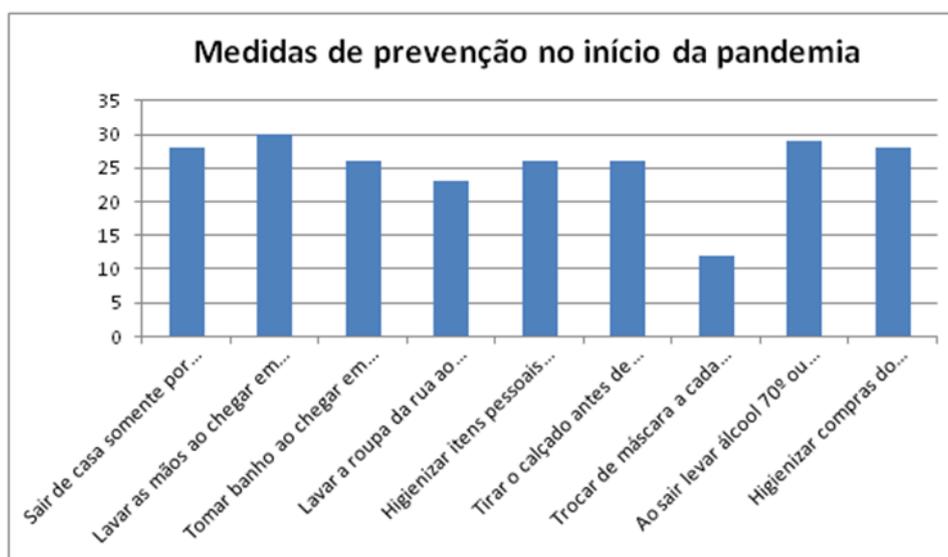


18 a 25 anos	26 a 32 anos	32 a 40 anos	41 anos ou mais
17 (56,7%)	2 (6,7%)	5 (16,7%)	6 (20%)

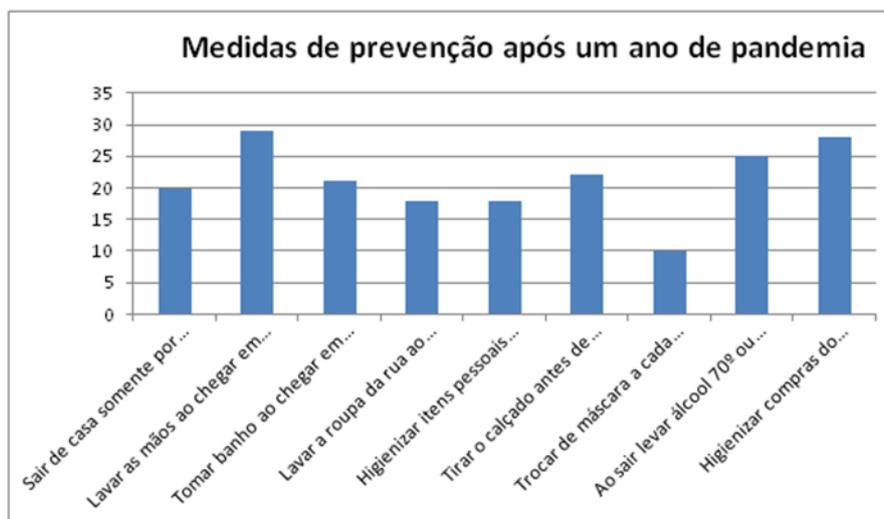


Sim	Não	Não sei
6 (20%)	21 (70%)	3 (10%)

Na terceira e quarta perguntas, queríamos fazer um comparativo de quais as medidas as pessoas faziam no início da pandemia e quais ainda fazem depois de um ano. Essas perguntas podem ser vistas mais detalhadamente nas tabelas a seguir. Podemos notar que muitas pessoas deixaram de executar algumas medidas após um ano, onde os números diminuíram entre 8 e 2 pessoas de diferença de uma pergunta para outra. Por exemplo, ao perguntarmos se as pessoas saíam apenas por necessidade, como ir ao mercado, a farmácia ou ao médico, inicialmente 28 pessoas assinalaram afirmativamente e, após um ano, 20 assinalaram essa opção, ou seja, mesmo ainda sendo o recomendado, algumas pessoas já deixaram de seguir a recomendação.

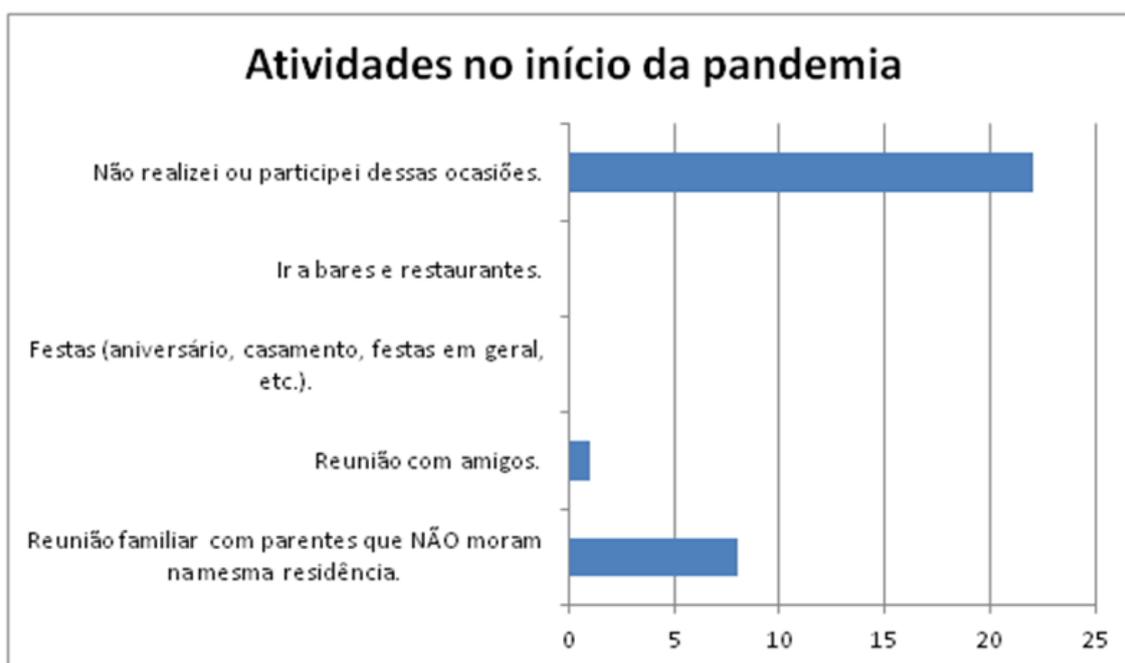


Sair de casa somente por necessidade (trabalho, mercado, farmácia, médico).	28 (93,3%)
Lavar as mãos ao chegar em casa.	30 (100%)
Tomar banho ao chegar em casa.	26 (86,6%)
Lavar a roupa da rua ao chegar em casa.	23 (76,7%)
Higienizar itens pessoais (celular, carteira, acessórios, etc.) ao chegar em casa.	26 (86,6%)
Tirar o calçado antes de entrar em casa.	26 (86,6%)
Trocar de máscara a cada duas horas.	12 (40%)
Ao sair levar álcool 70% ou álcool em gel.	29 (96,7%)
Higienizar compras do mercado e/ou vindas da rua.	28 (93,3%)

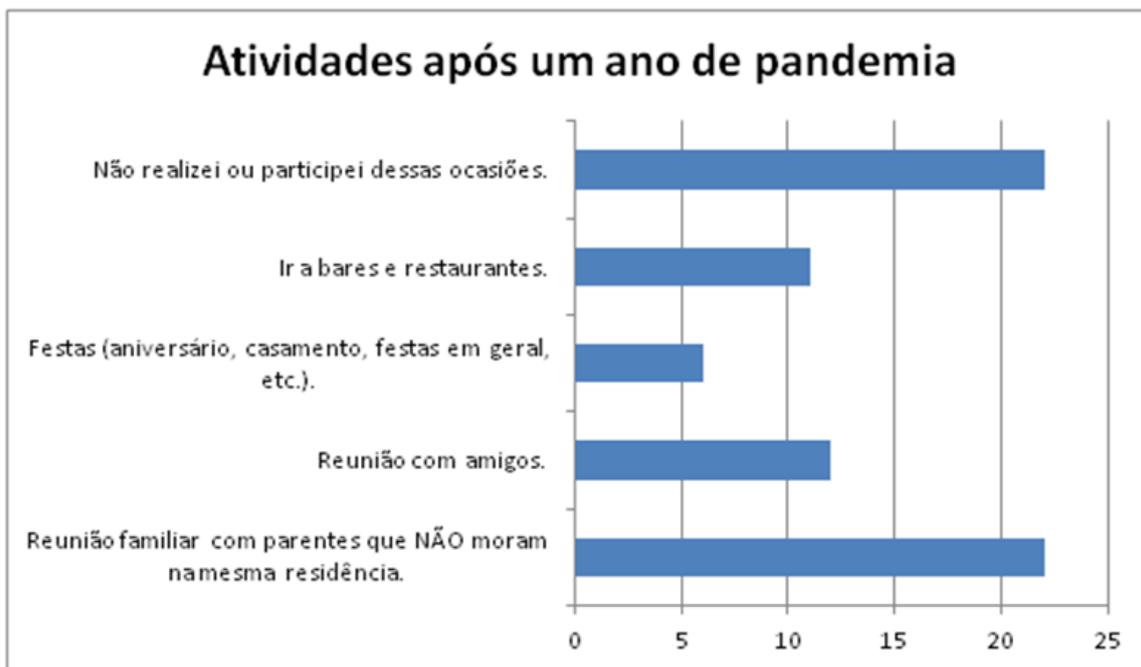


Sair de casa somente por necessidade (trabalho, mercado, farmácia, médico).	20 (66,7%)
Lavar as mãos ao chegar em casa.	29 (96,7%)
Tomar banho ao chegar em casa.	21 (70%)
Lavar a roupa da rua ao chegar em casa.	18 (60%)
Higienizar itens pessoais (celular, carteira, acessórios, etc.) ao chegar em casa.	18 (60%)
Tirar o calçado antes de entrar em casa.	22 (73,3%)
Trocar de máscara a cada duas horas.	10 (33,3%)
Ao sair levar álcool 70º ou álcool em gel.	25 (83,3%)
Higienizar compras do mercado e/ou vindas da rua.	20 (66,7%)

Seguindo o mesmo conceito das perguntas anteriores, queríamos comparar as atividades que os indivíduos faziam, como ir a bares e restaurantes, festas, encontrar amigos ou familiares que não morassem consigo mesmo. Em 2020, 22 pessoas não realizaram nenhuma dessas atividades, apenas 8 fizeram reuniões com parentes que não eram da mesma casa e uma pessoa com amigos. Nenhuma pessoa assinalou que foi a festas ou bares e restaurantes. Já em 2021, após um ano de isolamento social, vemos que 22 selecionaram ir a reuniões com familiares distantes como uma de suas atividades e 12 com amigos. Além disso, 6 marcaram festas e 11 bares e restaurantes e apenas 7 afirmam continuar não realizando nenhuma dessas atividades.

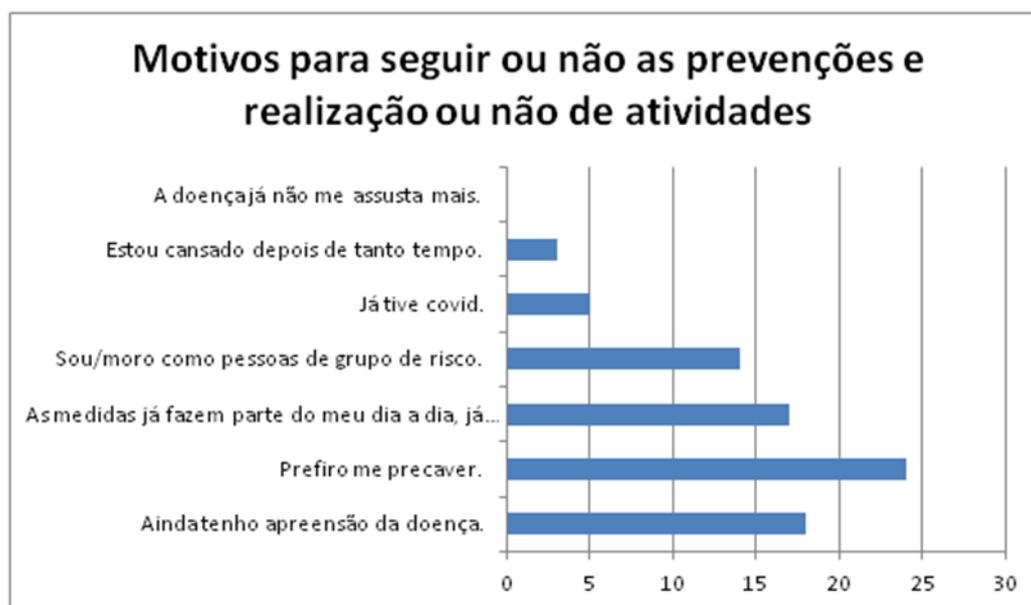


Reunião familiar com parentes que NÃO moram na mesma residência.	8 (26,7%)
Reunião com amigos.	1 (3,3%)
Festas (aniversário, casamento, festas em geral, etc.).	0
Ir a bares e restaurantes.	0
Não realizei ou participei dessas ocasiões.	22 (73,3%)



Reunião familiar com parentes que NÃO moram na mesma residência.	22 (73,3%)
Reunião com amigos.	12 (40%)
Festas (aniversário, casamento, festas em geral, etc.).	6 (20%)
Ir a bares e restaurantes.	11 (36,7%)
Não realizei ou participei dessas ocasiões.	7 (23,3%)

Por fim, investigamos o que leva as pessoas a ainda seguirem ou não as recomendações de prevenção do coronavírus e realizarem ou não determinadas atividades. A grande maioria prefere se precaver, algumas já levam essas medidas como parte da sua rotina quase metade das pessoas afirmam ser ou morar com indivíduos do grupo de risco - idosos, pessoas com comorbidades como diabetes, problemas respiratórios, problemas cardíacos, entre outras que podem agravar as condições de saúde em contato com o vírus - e apenas 3 dizem estar cansados de seguir todos os protocolos de prevenção após tanto tempo.



Ainda tenho apreensão da doença.	18 (60%)
Prefiro me precaver.	24 (80%)
As medidas já fazem parte do meu dia a dia, já me acostumei.	17 (56,7%)
Sou/moro como pessoas de grupo de risco.	14 (46,7%)
Já tive covid.	5 (16,7%)
Estou cansado depois de tanto tempo.	3 (10%)
A doença já não me assusta mais.	0

Conclusão

Com a confecção do formulário, procuramos compreender um pouco como as pessoas que responderam ao questionário lidavam com o novo coronavírus há cerca de um ano e como elas seguem lidando com esse vírus e essa nova realidade diante de tantas restrições, após um ano. Foi possível observar que grande parte desses indivíduos não tiveram contato com o vírus, o que é extremamente satisfatório diante de tantos casos dessa doença. Nosso público-alvo, apesar de abrangente por poder ser respondido por qualquer indivíduo maior de idade já que todos estamos vivenciando o mesmo contexto, foi em sua maioria de respondentes jovens, entre 18 e 25 anos. Por que será?

Quando analisamos as medidas de prevenção tomadas inicialmente e depois de um ano de pandemia, percebemos que uma das recomendações primordiais, que é a higienização constante das mãos, permanece estável com quase nenhuma alteração. Os demais elementos sofreram algumas variações, os três pontos que tiveram maior redução foram o “sair de casa somente por necessidade (trabalho, mercado, farmácia, médico)”, o “higienizar compras do mercado e/ou vindas da rua” e o item “higienizar itens pessoais (celular, carteira, acessórios, etc.) ao chegar em casa”. Essas três recomendações sofreram a mesma redução, 8 pessoas que antes diziam seguir essas medidas, hoje já não as praticam mais (cerca de 26,6%). Em uma visão geral concluímos que apesar de algumas reduções, a maioria das pessoas seguem se precavendo contra o coronavírus principalmente no que diz respeito à higienização pessoal. Além disso, podemos perceber que, apesar da pouca variação do item “trocar de máscara a cada duas horas”, esse número ainda é reduzido em relação aos demais itens. Entretanto, ele já era reduzido desde o princípio da pesquisa.

Seguindo esse mesmo raciocínio comparativo, buscamos analisar se, além das recomendações, os indivíduos realizavam ou participavam de determinadas atividades no início e agora após um ano de pandemia. As variações entre um gráfico e outro são claramente perceptíveis. Enquanto no primeiro, cerca de 73,3% das pessoas afirmaram não realizar essas atividades, no gráfico seguinte já notamos a drástica mudança que ocorreu. Ou seja, das 22 pessoas que assinalaram essa opção, agora somente 7 permanecem não participando dessas atividades. Enquanto no princípio, nenhuma pessoa afirmou participar de festas e eventos e frequentar bares e restaurantes e somente uma se reuniu com amigos, atualmente esse número aumenta para 20%, 36,6% e 40% respectivamente, valores consideráveis diante de um antecedente nulo ou quase nulo. Vale ressaltar que as reuniões familiares com parentes que residem em lares distintos já ocorriam antes, mas sofreram um grande aumento com o passar do tempo.

Buscando compreender as motivações que levam as pessoas a seguirem e realizarem ou não as recomendações e situações descritas nos gráficos e tabelas, desenvolvemos uma pergunta acerca desse assunto. Foi possível observar que a grande maioria das pessoas afirmou preferirem se precaver, ainda se preocupam com a doença, já se acostumaram com as medidas e/ou são ou moram com pessoas do grupo de risco. Somente uma pequena parcela de 10% dos indivíduos afirma estar cansado de tantas restrições depois de tanto tempo e por não praticar mais as medidas preventivas. Preocupa-nos saber que 5 pessoas utilizam a “desculpa” de já ter contraído a doença, o que não invalida a possibilidade de pegar novamente. Apesar das duas últimas justificativas citadas, nenhum indivíduo demonstrou

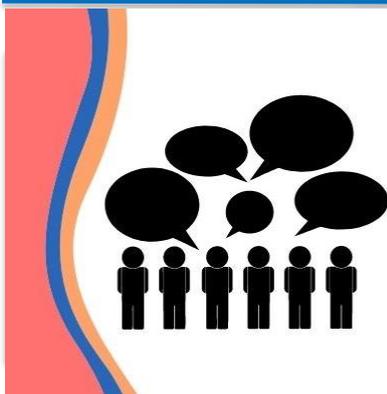
despreocupação com o vírus, mas sim o cansaço e as justificativas falhas de já ter sido contaminado.

Portanto, apesar da flexibilidade, a maioria das pessoas ainda se preocupa com o novo coronavírus e grande parte ainda segue muitas medidas de prevenção. Os dados mais alarmantes encontram-se na realização de atividades, como reuniões familiares, nas quais a variação é nítida e discrepante em relação ao início da pandemia.

Referências

Nossa escola sua opinião: manual do professor/ ed. São Paulo: Editora Global, 2010. Disponível em: <https://www.nepsco.net>

OPAS/OMS. Folha informativa sobre COVID-19, s/d. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 20 abr 2021.



ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

*Beatriz Aguiar Eleotério, Ranna Gomes Aldea,
Raquel P. V. M. de Oliveira, Thaís de Sousa Ferreira
e Sara Cristina D. de Albuquerque*

Introdução

A Orientação Profissional tem sua origem na primeira década do século XX, marcada pela criação dos Centros de Orientação Profissional na Europa e nos Estados Unidos. Seu objetivo era identificar trabalhadores inaptos para realizar determinadas tarefas. Era necessário adaptar o homem ao trabalho, a fim de evitar acidentes e, conseqüentemente, aumentar a produtividade (MELO-SILVA, 2001). No contexto da citação, a orientação vocacional estava diretamente ligada ao estilo de vida a ser escolhido de forma determinante.

A escolha vocacional, atualmente, é um momento de grande tensão na vida acadêmica dos estudantes da educação básica e até mesmo para os que estão cursando um ensino superior, pois ainda, em muitos casos, tem esse fator determinante (ALVIM, 2011). No entanto, nem todas as escolas, principalmente públicas, têm como foco atividades de orientação vocacional no currículo escolar, deixando os discentes à deriva do seu caminho profissional. Existem diversas outras modalidades de ensino que direcionam os estudantes a uma determinada escolha profissional, como o ensino técnico ou cursos profissionalizantes, por exemplo. A pressão e os desafios de ter que escolher uma carreira ainda tão jovem é o que move esta pesquisa, tal como entender todas as adversidades enfrentadas ao longo de toda a trajetória acadêmica a fim de obter bons resultados na carreira seguida (FILOMENO, 1997; almeida, 2008).

Justificativa

A orientação vocacional é uma ferramenta importante para ajudar os alunos a escolher uma profissão de forma consciente de acordo com sua aptidão (NEIVA; 1988, 1995). Como citado no tópico anterior, essa deficiência é apresentada principalmente na rede de escolas públicas, onde já se encontram muitas falhas. Logo, essa pesquisa abordou este público, identificado a partir dos próximos tópicos, e coletou sugestões, experiências, opiniões de como o tópico Orientação Profissional foi tratado ou como gostariam que fosse.

Objetivos

A pesquisa teve como objetivo identificar se há alguma orientação, como os testes vocacionais propriamente ditos, em escolas de educação básica, saber o que as pessoas pensam da importância dessa atividade na carreira escolar do aluno, e qual o melhor

momento da educação básica para introduzir o tema da escolha de atuação no mercado de trabalho.

Verificamos também a incidência destes projetos tanto no ensino privado quanto no ensino público, a fim de analisar em qual deles existe uma maior frequência e se é mais um caso de desigualdade social. Também procuramos saber o grau de importância para os alunos de se ter essa orientação vocacional antecipada com a finalidade de evitar futuros problemas como ansiedade e angústia. Por fim, buscamos compreender qual o melhor momento da educação para introduzir o tema da escolha da atuação no mercado de trabalho.

Procedimentos Metodológicos

Decidimos produzir uma pesquisa por amostras na intenção de conhecer e abarcar a opinião de parte da população em relação a consideração da orientação vocacional, se ajudaria na escolha da profissão e se mudaria suas futuras vidas profissionais (NEPSO, 2010).

Sabemos que muitas pessoas não estão felizes com as carreiras que escolheram, e quantas delas escolheram errado por falta de um auxílio ou uma direção na sua idade escolar? Para essa pesquisa quantitativa fizemos uso de um questionário do google formulário para um grupo-alvo com idade definida pelos pesquisadores. Foram coletadas informações e algumas perguntas de opinião, como uma “caixa de sugestões”, além da identificação pessoal, para o entendimento dos resultados de forma concreta.

População

Estabelecemos como grupo-alvo adolescentes em idade escolar (cursando fim do ensino fundamental e ensino médio) e adultos com formação superior completa e incompleta. Pessoas cursando o Ensino Médio, estudantes do ensino técnico integrado ao médio, recém concluintes do ensino médio, estudantes de graduação e professores.

Amostra e Técnica de Amostragem

Adolescentes concluindo o ensino fundamental e médio, além de adultos cursando faculdade e já formados. A recolha de dados foi feita a partir do formulário que criamos no google, enviamos em diversas redes sociais (WhatsApp, Facebook e Instagram) para o recolhimento das amostras.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

Usamos como ferramenta para recolher os dados um formulário feito através do google, que foi compartilhado totalmente online pelas redes sociais dos integrantes do grupo de pesquisa. As ferramentas utilizadas foram: Google formulário, Facebook, WhatsApp e Instagram.

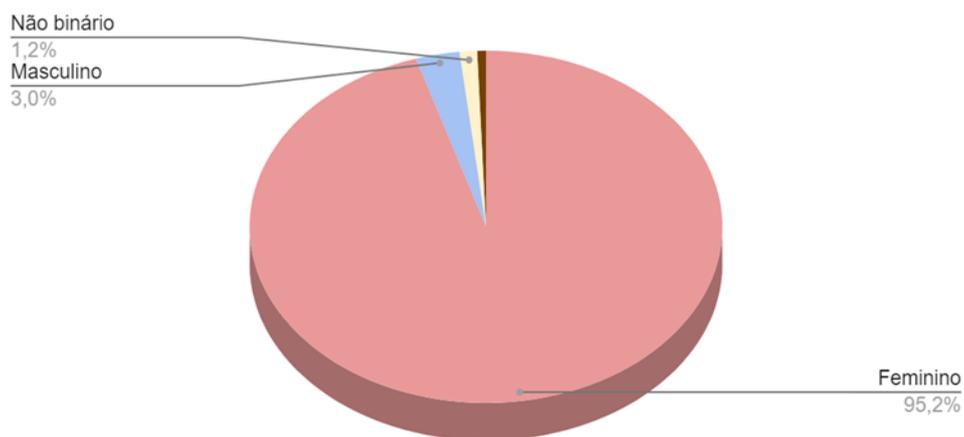
Apresentação e Análise dos Dados

Detalhamos aqui os gráficos com os resultados e a ordem de cada pergunta no formulário que foi disponibilizado ao público.

A primeira pergunta visava determinar o gênero que o respondente se identificava. Como podemos ver a seguir, a maior parte do público identifica-se como feminino. O participante apesar de ter a resposta como obrigatória poderia responder de acordo com o que se sentisse mais confortável.

Qual gênero você se identifica?

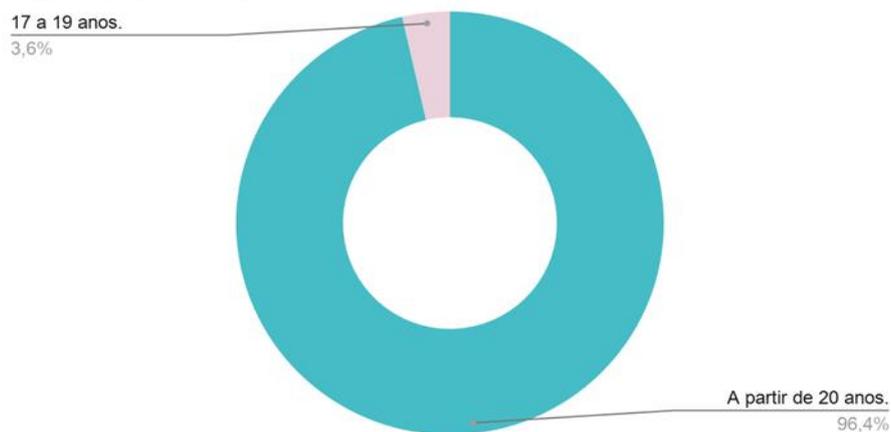
Primeira pergunta do questionário.



Diferente da anterior a segunda pergunta era delimitada a três possíveis respostas, sendo estas “14 a 16 anos”, “17 a 19 anos” e “A partir de 20 anos”. No entanto, a maioria das respostas foram as duas últimas.

Qual a sua idade?

Segunda pergunta do questionário.

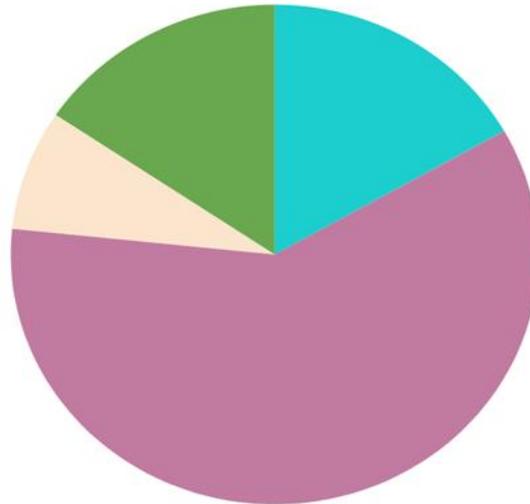


É na terceira pergunta que começamos os processos de investigação sobre o contato dos participantes com a orientação vocacional. Como podemos ver a seguir, a pergunta foi dividida em quatro opções. Se houve ou não e quais tipos.

No ensino médio você tem/teve orientação vocacional? Se sim, de qual forma?

Terceira pergunta do questionário.

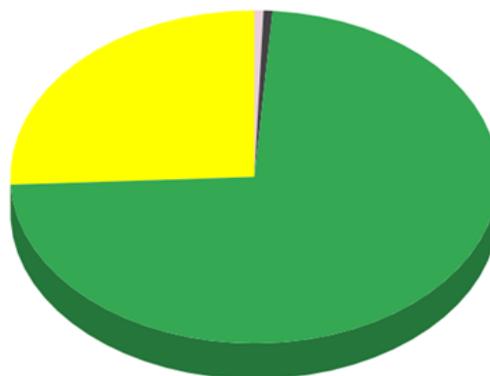
- Sim, por meio de feira de profissões.
- Não, tenho/tive nenhum tipo de orientação vocacional.
- Sim, fiz/faço ensino médio técnico.
- Sim, por meio de roda de conversas com profissionais no ambiente escolar.



Na quarta pergunta, buscamos reconhecer que tipo de instituição de ensino os participantes haviam estudado, sendo estas públicas ou privadas.

Em que tipo de instituição de ensino você estudou?

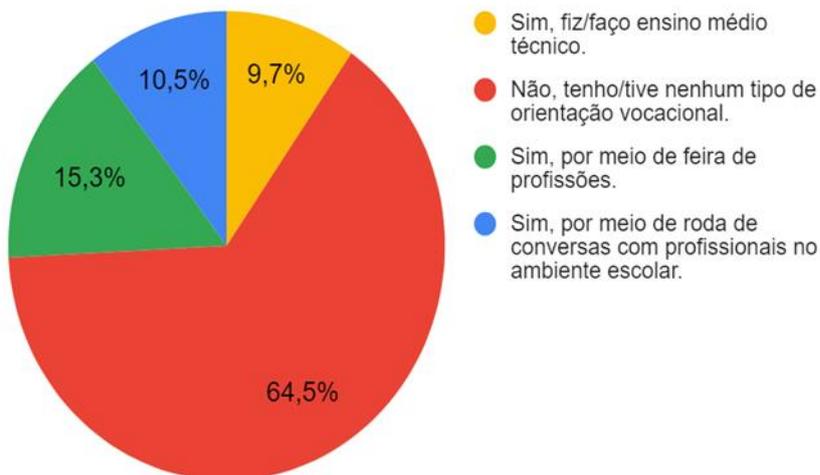
Quarta pergunta do questionário.



- Da rede pública integralmente.
- Da rede pública no ensino fundamental.
- Da rede pública
- Da rede privada

Analisando as respostas individuais de cada um dos respondentes concluímos que, da escola pública para privada, a segunda teve diminuição de porcentagem de pessoas que não tiveram orientação, porém não houve uma melhora significativa pois quase a metade das pessoas não teve orientação, mesmo sendo da escola privada.

Pessoas que estudaram na rede pública



Pessoas que estudaram na rede privada



A pergunta seguinte tem como objetivo saber se a escola, mesmo não oferecendo a orientação, incentivava os participantes a procurarem por outros meios.

Em algum momento ao longo da sua formação educacional, você foi incentivado a fazer ou participar de algum tipo de teste vocacional ou

Quinta pergunta do questionário.

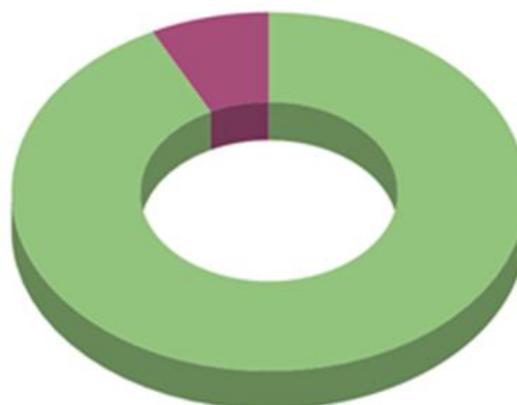


Na sexta pergunta, procuramos entender como os respondentes que tiveram orientação vocacional acreditam que esta deveria ser feita. Se o conhecimento prático, como estágios e programas como “Um Dia em X Profissão”, teria melhor influência na hora de escolher seu futuro, pois metade dos participantes que tiveram orientação relataram conversas ou feiras de profissões.

Caso haja orientação vocacional na sua escola, você acredita que o conhecimento prático faria diferença na sua escolha profissional? (como por exemplo: tours em faculdades e empresas, cursos técnicos ou experiência de um dia na profissão)

Sexta pergunta do questionário, pergunta não obrigatória.

- Sim, muita.
- Não.



Na próxima pergunta, buscamos entender se os participantes fizeram faculdade e o papel que a orientação vocacional teve na escolha do curso. Analisando que mais metade dos participantes não teve orientação vocacional, podemos estimar que poucos respondentes que seguiram a profissão que tiveram contato a partir desta.

Se você faz/fez faculdade, a escolha do seu curso teve como base algum projeto de orientação vocacional que você participou?

Sétima pergunta do questionário.



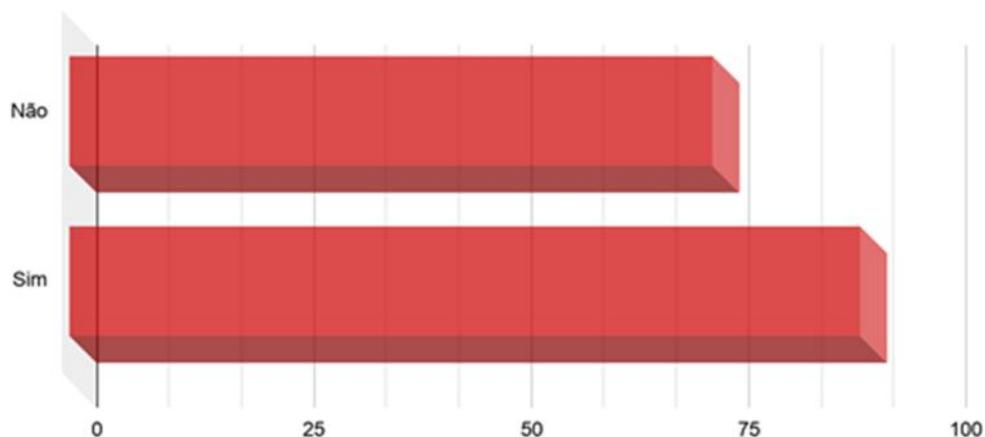
A oitava pergunta foi estruturada de forma diferente, nela buscamos descobrir o impacto que a falta de orientação durante a formação básica teve nos participantes. A pergunta consiste em "Você acredita que a falta de orientação vocacional durante a finalização do ensino fundamental e ensino médio te causou problemas como: ansiedade, crises de pânico, insegurança e/ou depressão?" e deixamos os respondentes livres para responder, devido ao grande número de respostas, decidimos criar uma nuvem de palavras com as respostas que mais se destacaram.



Na seguinte pergunta, procuramos compreender qual a relação da escolha profissional e a afinidade com alguma disciplina escolar. E assim pensar se a orientação vocacional teve alguma influência nessa escolha.

A profissão que você escolheu teve como base afinidade em alguma matéria/disciplina que estudou na escola?

Nona pergunta do questionário.



Por último, questionamos dentro de uma escala numérica de "1" a "5", o grau de importância que os participantes davam à orientação vocacional, independentemente de tê-la tido ou não.

Você julga necessário o auxílio da escola nesse processo de escolha da "futura carreira"?

Decima pergunta do questionário.



Considerando grau 1 como "Não" e grau 5 como "Extremamente necessário."

Conclusão

Ao retomar os pontos citados ao longo desta pesquisa, juntamente com os dados apresentados, é possível destacar, que para uma maioria, uma orientação vocacional é de grande importância, ainda que os estudantes não sigam o caminho esperado. Outro ponto a ser destacado é a diferença da direção vocacional conduzida por escolas das redes públicas e privadas, pois há de forma bem mais explícita a presença desta área no currículo da segunda rede citada.

Com os dados acolhidos na nossa pesquisa, conseguimos concluir que a presença de atividades relacionadas à orientação vocacional é necessária para nortear os alunos e prevenir problemas psicológicos quando chegar a hora de escolher a futura carreira. Isso também foi notado pelo Legislativo, que aprovou em 2018 a lei nº 566/2015, proposta pelo deputado estadual Benedito Alves, que obriga as escolas do sistema estadual de ensino do estado do Rio de Janeiro a realizarem, no ensino médio, atividades destinadas à orientação profissional (BRASIL, 2018). Na nossa pesquisa não obtivemos resultados para analisar se essa lei está sendo cumprida, pois baseado nas idades dos participantes da pesquisa, os mesmos concluíram o ensino médio antes da lei ser sancionada

Sendo assim, podemos concluir que existe um déficit no setor de orientação vocacional da educação básica brasileira. Os jovens estudantes se sentem desamparados em meio a esse momento tão decisivo de sua educação, pois este não só decide sobre sua carreira como também todo o molde do seu futuro. Tornando a questão muito mais subjetiva que objetiva. Portanto, não é de se espantar que a situação se torne mais crítica se analisarmos as desigualdades sociais e os diversos núcleos familiares brasileiros.

É importante ressaltar que é mais simples esse momento para as pessoas que já almejam alguma profissão (por já terem um objetivo definido) em detrimento das pessoas que precisam de fato de um norte, porque essas ficam dependentes da direção, que caso não ocorra podem se frustrar na vida profissional e ocasionalmente na vida como um todo.

De acordo com Filomeno (1997),

Quando se trata da escolha profissional, o adolescente deve optar não só por um curso ou por uma atividade de trabalho, mas também por um estilo de vida, uma rotina, o ambiente do qual fará parte. Enfim, decide não só o que quer fazer, mas também o que quer ser. (FILOMENO, 1997, p. 50)

Assim como Müller (1988, p. 12) ao afirmar que "chegar a uma escolha vocacional supõe um processo de tomada de consciência de si mesmo e a possibilidade de fazer um projeto que significa imaginar-se antecipadamente cumprindo um papel social e ocupacional".

Em vista disso, a pressão na hora da escolha pode gerar graves resultados, desde doenças psicológicas (como ansiedade e depressão) até uma pessoa que decide por uma profissão a qual não tinha vocação e não se dedica de fato a exercê-la da melhor e mais segura forma possível (como por exemplo um médico ou um policial que fazem seu trabalho apenas por fazer) para todos.

Referências

ALVIM, Joselene Lopes. O Papel da Escola na Orientação Profissional: Uma Análise Contemporânea da Dimensão Teórica e Prática na Cidade de Presidente Prudente-SP . Presidente Prudente, 2011. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente – FCT.) - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/96502/alvim_jl_me_prud.pdf?sequencia=1&isAllowed=y. Acesso em: 23 abr. 2021.

MELO-SILVA, L. L O campo da orientação vocacional/ocupacional. In: MELO-SILVA, L. L; A. JAQUEMIN (Ed.), Intervenção em orientação vocacional/ocupacional: avaliando resultados e processos. São Paulo: Vetor, 2001. pp.19-63.

ALMEIDA, Maria Elisa Grijó Guahyba de; PINHO, Luís Ventura de. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. Psicologia Clínica., Rio de Janeiro, v.20, n.2, p.173-184, 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01056652008000200013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 23 abr 2021.

FILOMENO, K. Mitos familiares e escolha profissional: uma visão sistêmica. São Paulo: Vetor, 1997.

MÜLLER, Marina. Orientação vocacional: contribuições clínicas e educacionais. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

NEIVA, K. M. C. Entendendo a orientação profissional. São Paulo: Paulus, 1995.

NEIVA, K. M. C. Escala de maturidade para a escolha profissional (EMEP): Estudo de validade e fidedignidade. Revista UNIB, v. 6, n. 1, p. 43-61, 1988.

BRASIL. ALERJ. Lei n. 8106/18, de 20 de setembro de 2018. Diário Judicial Eletrônico. Rio de Janeiro, 20 de setembro de 2018. Disponível em: <https://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/629679201/lei-8106-18-rio-de-janeiro-rj>. Acesso em: 23 abr. 2021.



OS IMPACTOS DA SOCIALIZAÇÃO E DA (DES)SOCIALIZAÇÃO NO ENSINO UNIVERSITÁRIO

*Bruna Tinoco, Marcelo Quintero,
Taimara De Oliveira e Vitoria Alencar*

Introdução

Partimos do pressuposto que socialização seria, inicialmente, a capacidade do indivíduo de se integrar ao grupo em que nasceu, absorvendo o conjunto de hábitos e práxis característicos daquele grupo (COSTA, 2018, p. 2) e ao longo da vida no meio social que se inclui. Sendo assim, pretendemos visualizar a percepção dos alunos quanto aos impactos da socialização ou da (des)socialização no ensino universitário presencial e remoto.

Justificativa

A socialização aqui apresentada se situa na perspectiva de Ferreira (2014), a qual se constitui em um “recurso comum e autogerido para a realização bem-sucedida das tarefas acadêmicas e a compreensão dos conteúdos” (IBIDEM, p. ??). O autor citado nos provoca a uma reflexão, que está sugerida pelo título, e a possíveis análises quanto ao comprometimento pedagógico enfrentados pelos estudantes.

Objetivos

Este trabalho tem como objetivo principal, verificar a existência de socialização entre os estudantes universitários em suas atividades acadêmicas ao longo do período emergencial em virtude da pandemia de COVID. Em um segundo momento, temos como objetivo indireto, verificar junto aos estudantes, de que forma essa socialização – ou sua ausência – impacta em seu rendimento acadêmico.

Procedimentos Metodológicos

Será uma pesquisa de opinião que usará para coleta de dados um formulário online pela plataforma Google Forms. Após o período de coleta, iremos analisar as respostas através de uma abordagem estatística quantitativa pela qual os dados serão analisados de acordo com os objetivos propostos.

População

Definimos como público-alvo dessa pesquisa discentes de graduação das Instituições de ensino superior do Brasil, sendo estas pública ou privada.

Amostra e Técnica de Amostragem

Discentes de graduação das Instituições de ensino superior do Brasil. A técnica de amostragem se dará pelas respostas da aplicação de questionário online.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

A coleta de dados será realizada pela aplicação de um questionário online, que será compartilhado virtualmente em redes sociais como WhatsApp, Facebook, Instagram e grupos de alunos das diversas instituições do país.

Apresentação e Análise dos Dados

O questionário foi aplicado entre os dias 06/04/2021 e 16/04/2021 e obteve 414 respostas. Nas respostas propostas foi possível observar o perfil dos respondentes a partir do recorte de raça, gênero, idade, região do país de residência, curso de graduação, modalidade do curso e tipo de instituição de ensino superior.

Foi observado que a maioria dos respondentes se declaram brancos (57,2%), do gênero feminino (75,4%), possuem entre 18 e 30 anos (89,9%) e residem na região sudeste (85,5%). Dentre os participantes encontramos cursos de todas as áreas do conhecimento e em sua maioria cursistas de ensino superior presencial em instituições públicas e atualmente matriculados entre o 4º ao 6º período (44,4%). Uma curiosidade é que tivemos apenas um entrevistado (0,20%) que se autodeclarou indígena.

Foram listadas 10 perguntas que buscavam responder o objetivo principal desta pesquisa dentro da perspectiva de Socialização (FERREIRA, 2014), proposta no cabeçalho do questionário e colhemos os resultados apresentados a seguir. Antes da suspensão das atividades presenciais, 83,8% dos entrevistados costumavam socializar com seus colegas, sendo que 95,2% do total de respondentes considera benéfica a socialização com seus colegas de turma e faculdade com relação ao desempenho acadêmico. Por isso, 72,5% consideraram que o ensino remoto prejudicou a socialização e 65,7% consideraram como muito importante a socialização no período acadêmico. Ao menos 30% dos entrevistados demonstraram que essa falta prejudicou seu rendimento e ainda 89,4% afirmaram que sentem falta dessa socialização, 76% possuem dificuldade em socializar remotamente e 74% utilizam das redes sociais para estabelecer contato. Por último, 374 entrevistados (90,3%) asseguraram uma dessocialização com o ensino remoto.

Os dados colhidos entre os dias 06/04/2021 e 16/04/2021, mostraram que as respostas foram invariantes em relação ao cruzamento de dados com o perfil de raça, gênero, período atual e tipo de instituição (privada, pública) dos respondentes. (Figuras 1 a 16).

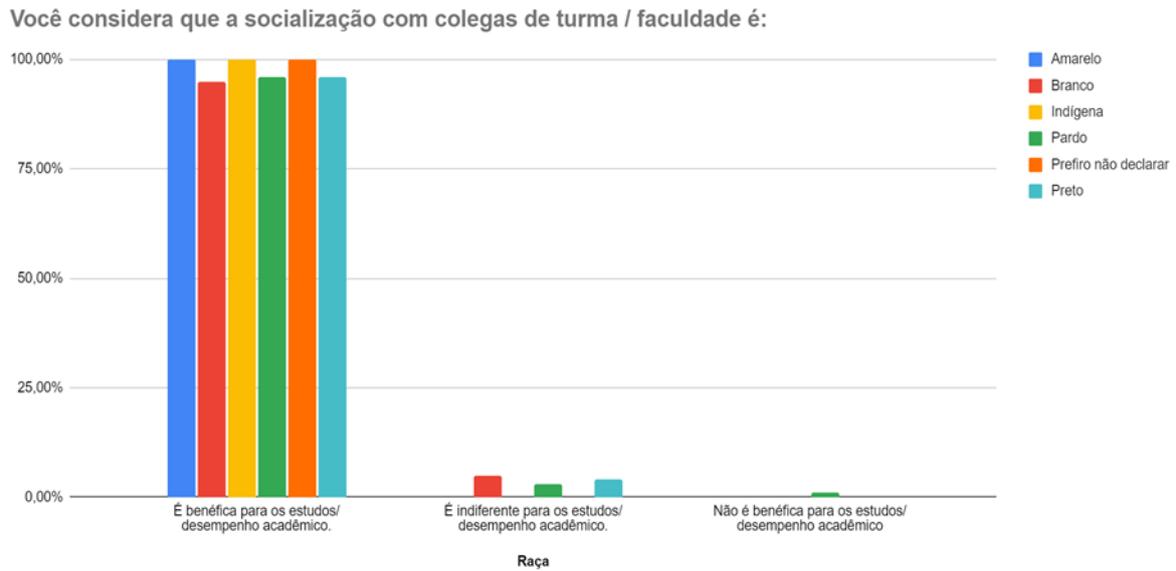


Figura 1 - Relação Raça x Importância da Socialização entre colegas

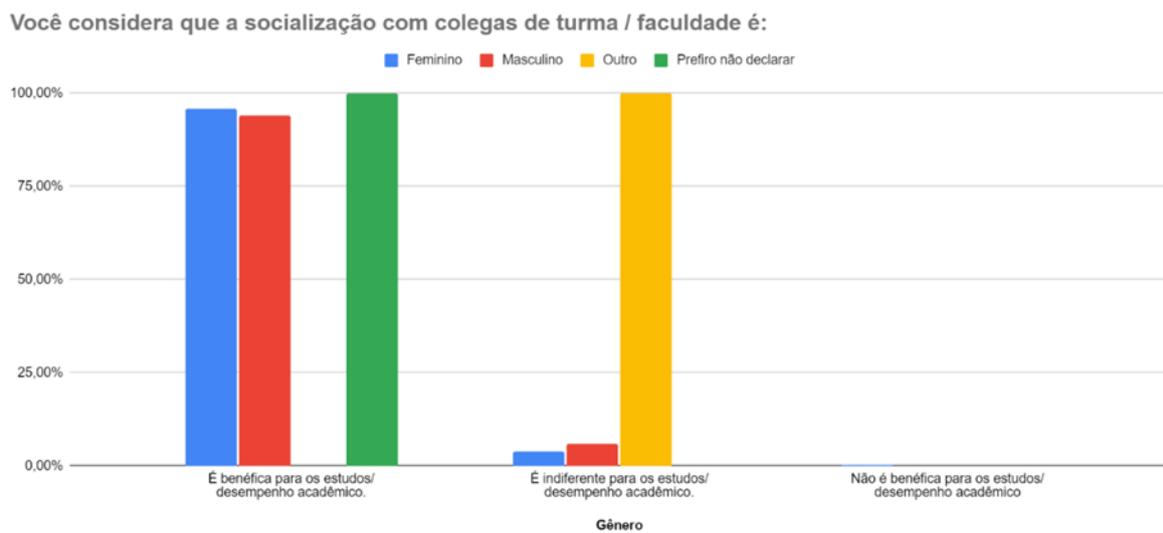


Figura 2 - Relação Gênero x Importância da Socialização entre colegas

Você considera que a socialização com colegas de turma / faculdade é:

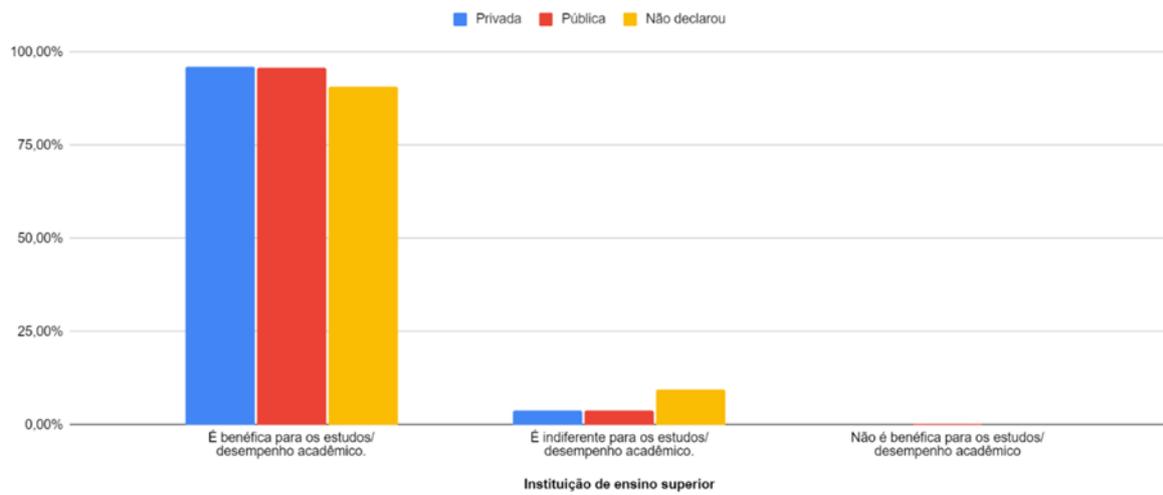


Figura 3 - Relação Tipo de Instituição de Ensino x Importância da Socialização entre colegas

Você considera que a socialização com colegas de turma / faculdade é:

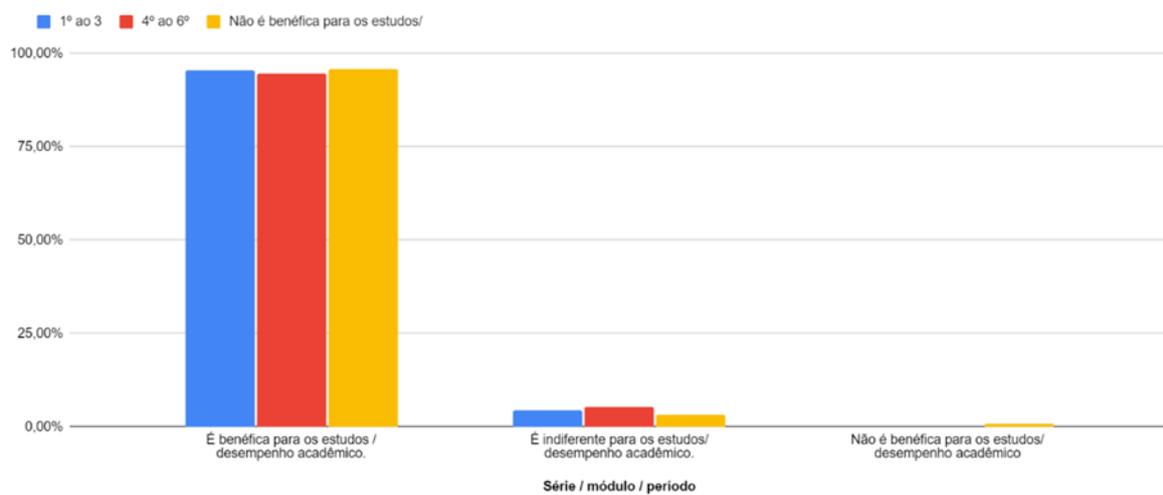


Figura 4 - Relação Período Atual x Importância da Socialização entre colegas

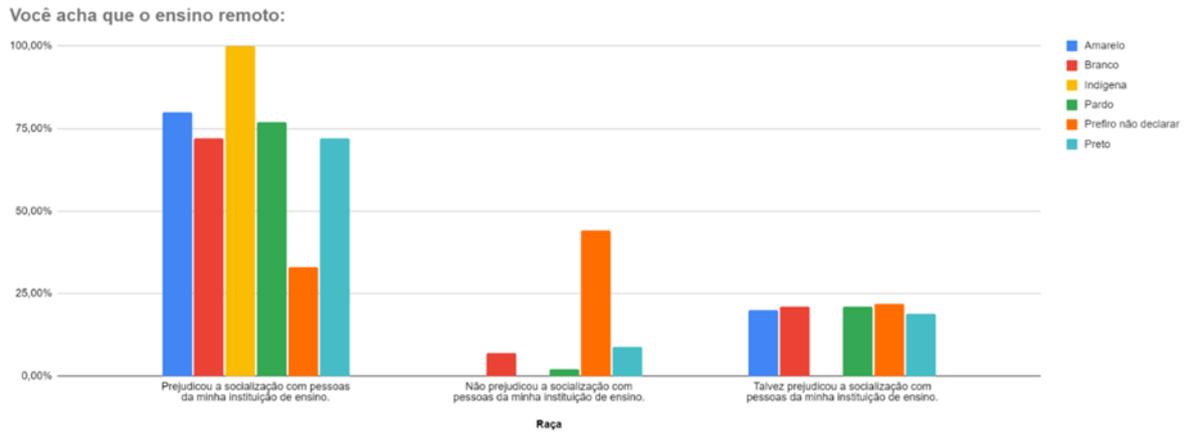


Figura 5 - Relação Raça x Percepção sobre o Ensino Remoto

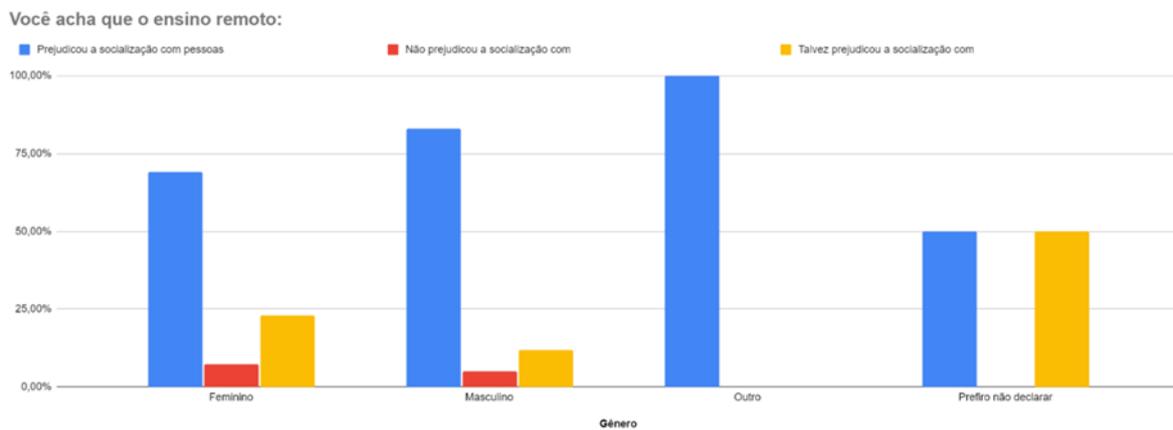


Figura 6 - Relação Gênero x Percepção sobre o Ensino Remoto

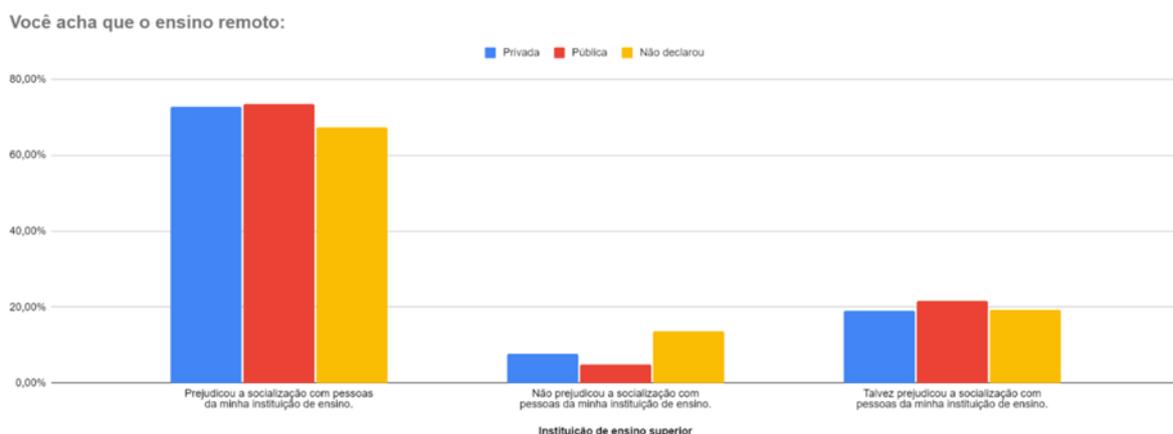


Figura 7 - Relação Instituição de Ensino Superior x Percepção sobre o Ensino Remoto



Figura 8 - Relação Período Atual x Percepção sobre o Ensino Remoto



Figura 9 - Relação Raça x Importância da Socialização

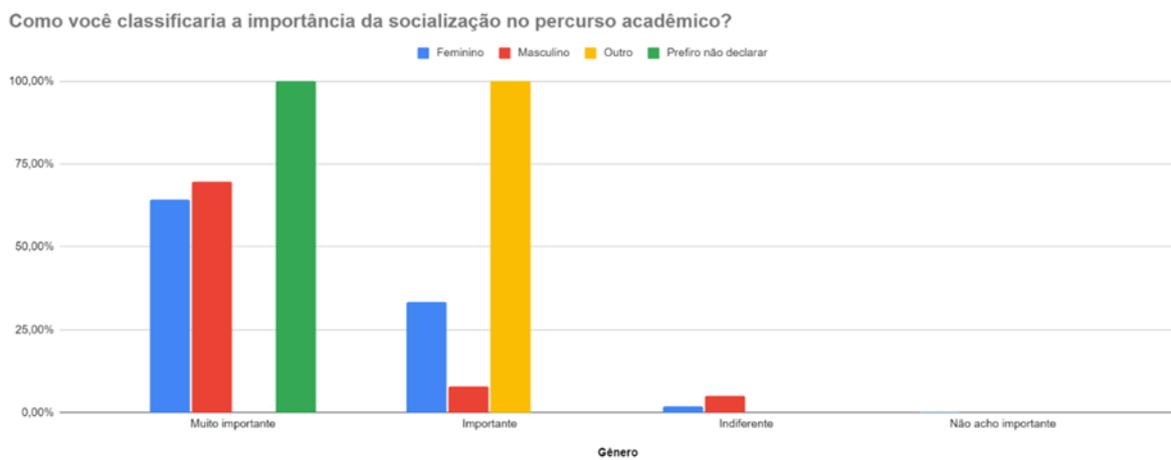


Figura 10 - Relação Gênero x Importância da Socialização

Como você classificaria a importância da socialização no percurso acadêmico?

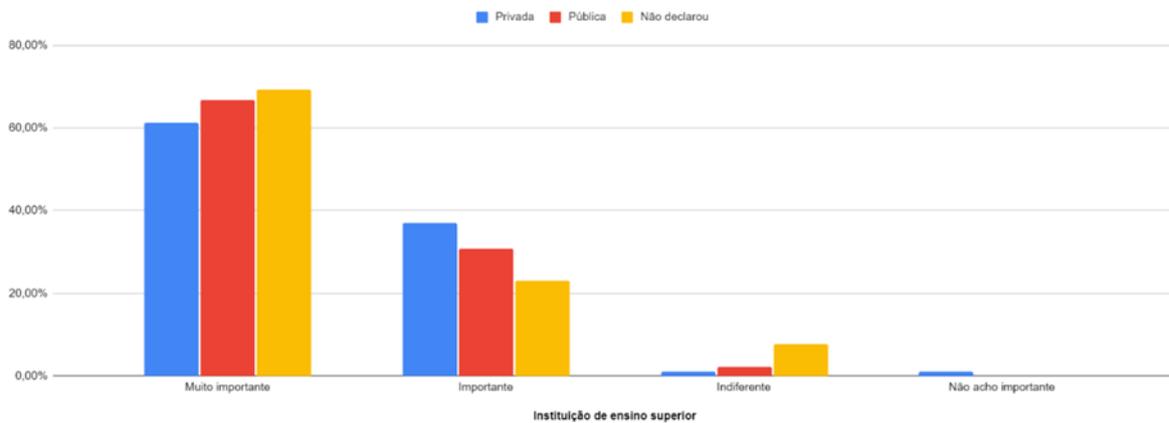


Figura 11 - Relação Instituição de Ensino Superior x Importância da Socialização

Como você classificaria a importância da socialização no percurso acadêmico?

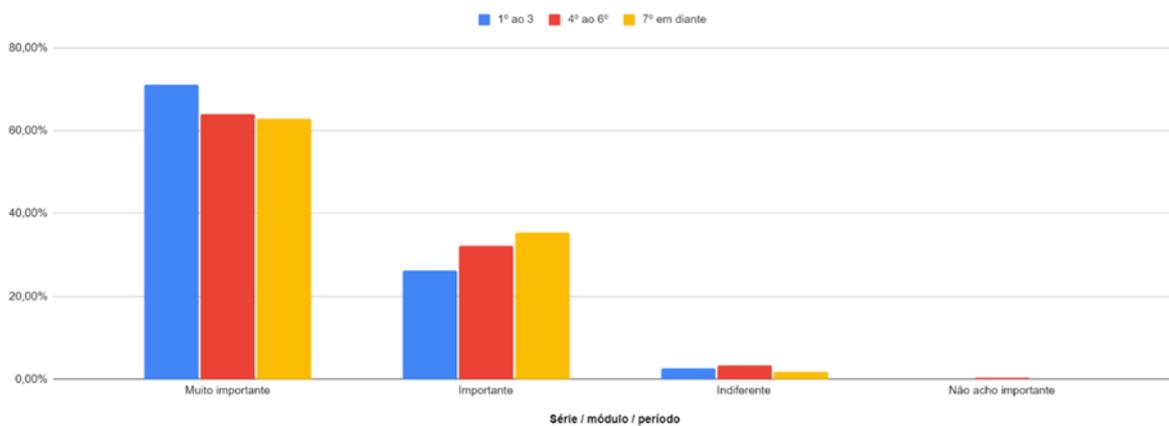


Figura 12 - Relação Período Atual x Importância da Socialização

Você considera que teve um pior rendimento no seu curso desde o início das aulas remotas pela falta/diminuição de socialização na Universidade? Considerando grau 1 como "não afetou nada" e grau 5 como "afetou completamente":

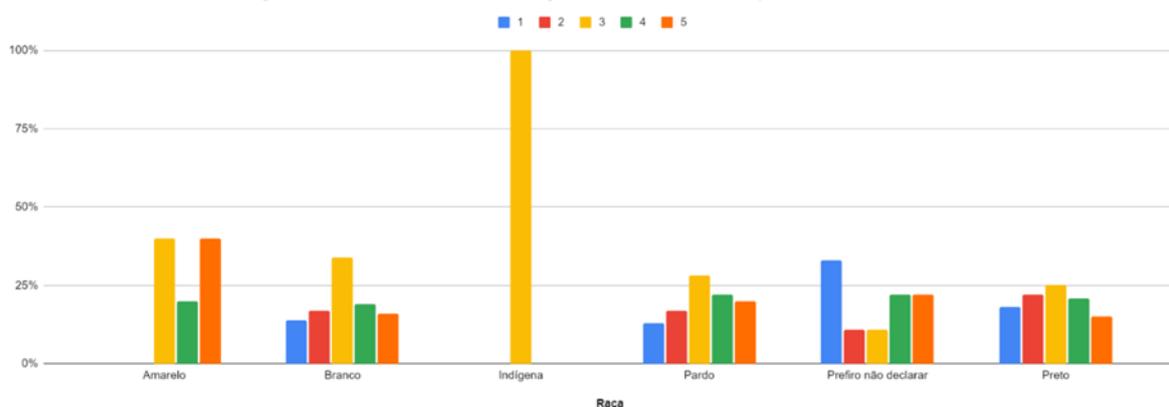


Figura 13 - Relação Raça x Rendimento no Curso

Você considera que teve um pior rendimento no seu curso desde o início das aulas remotas pela falta/diminuição de socialização na Universidade? Considerando grau 1 como "não afetou nada" e grau 5 como "afetou completamente":

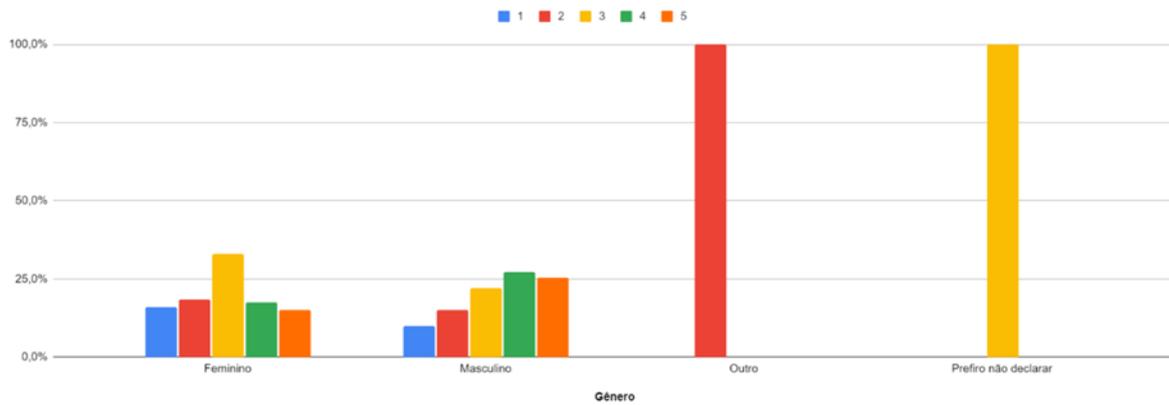


Figura 14 - Relação Gênero x Rendimento no Curso

Você considera que teve um pior rendimento no seu curso desde o início das aulas remotas pela falta/diminuição de socialização na Universidade? Considerando grau 1 como "não afetou nada" e grau 5 como "afetou completamente":

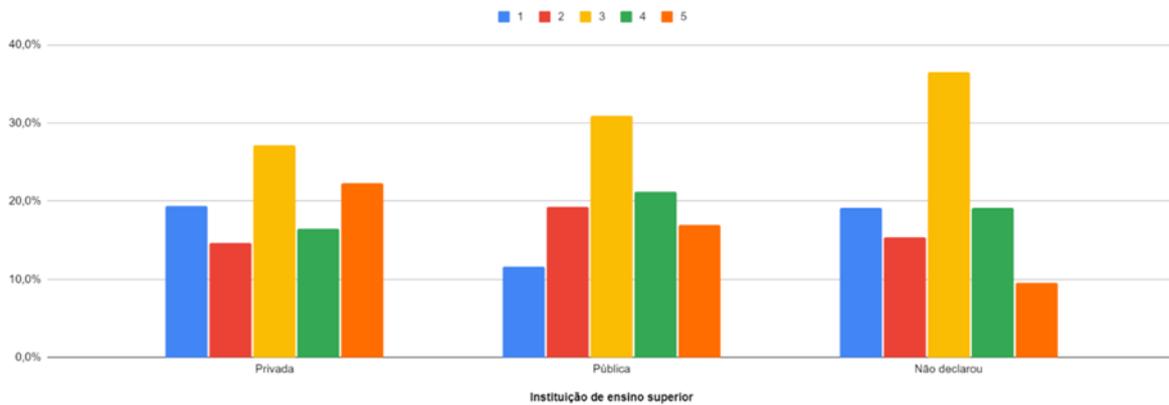


Figura 15 - Relação Instituição de Ensino Superior x Rendimento no Curso

Você considera que teve um pior rendimento no seu curso desde o início das aulas remotas pela falta/diminuição de socialização na Universidade? Considerando grau 1 como "não afetou nada" e grau 5 como "afetou completamente":

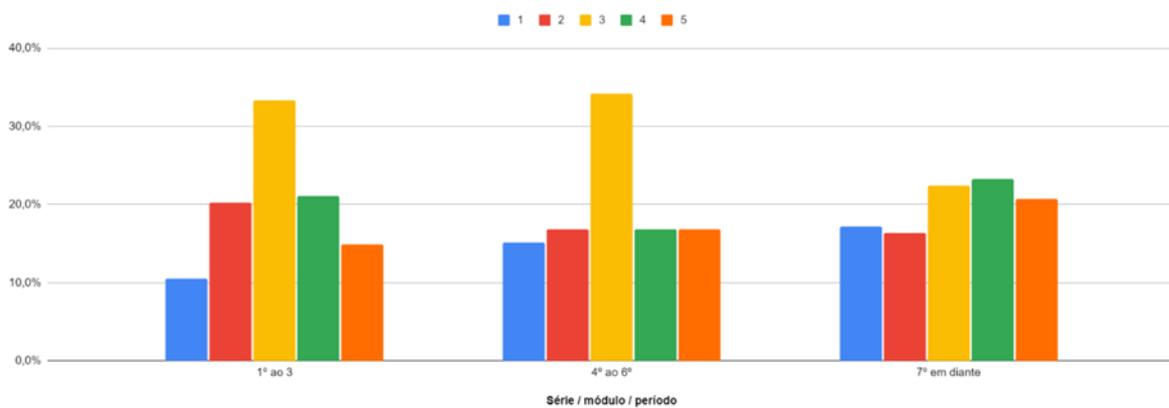


Figura 16 - Relação Período Atual x Rendimento no Curso

Qual sua faixa etária?

414 respostas

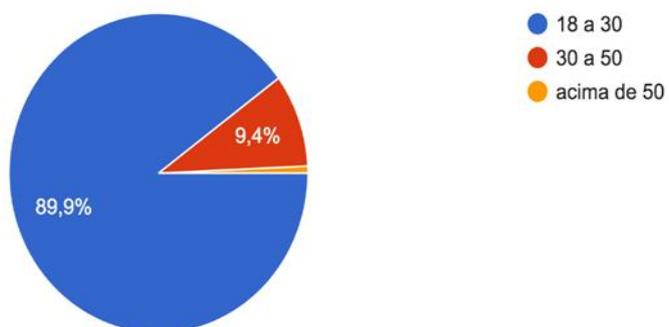


Figura 18 – Gráfico Pergunta 1

Com qual gênero você se identifica?

414 respostas

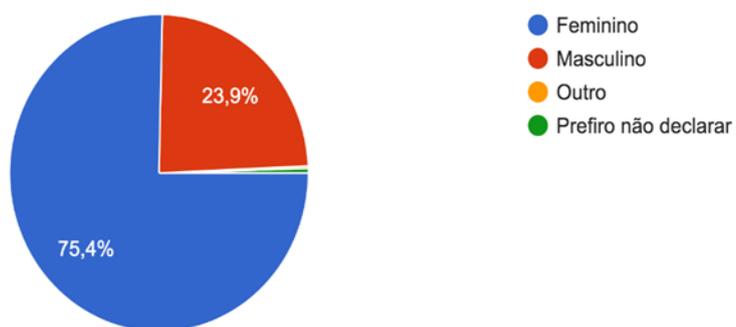


Figura 19 - Gráfico Pergunta 2

Com qual raça você se identifica?

414 respostas

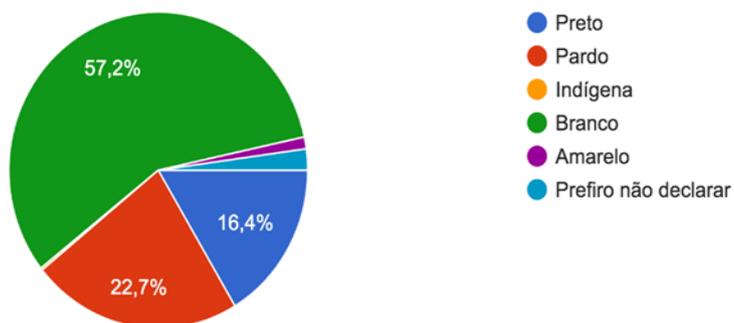


Figura 20 - Gráfico Pergunta 3

Em qual região do País você reside?

414 respostas

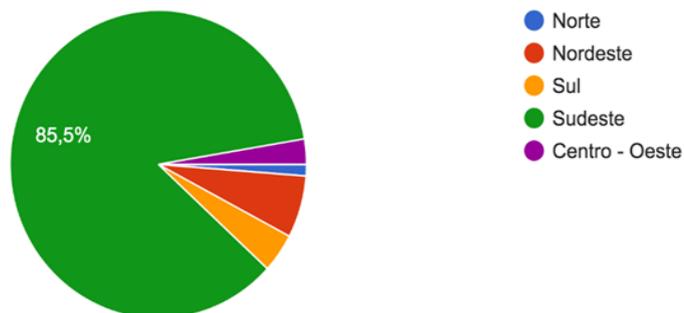


Figura 21 Gráfico Pergunta 4

Qual série/módulo/período você está cursando?

414 respostas

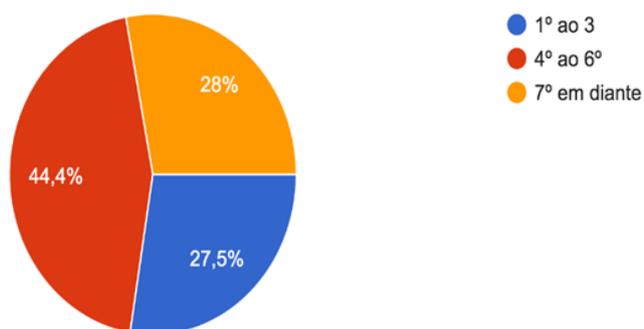


Figura 22 Gráfico Pergunta 5

A instituição de ensino que você estuda é:

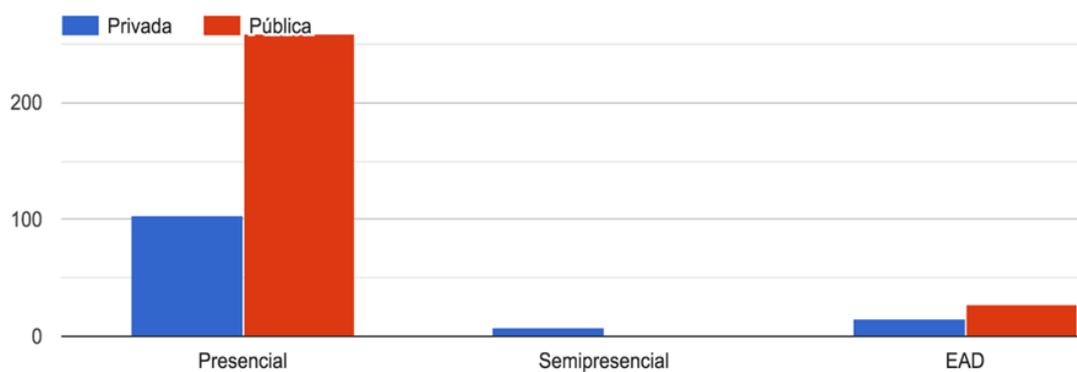


Figura 23- Gráfico Pergunta 6

Antes da suspensão das atividades presenciais você costumava socializar com colegas de turma/faculdade?

414 respostas

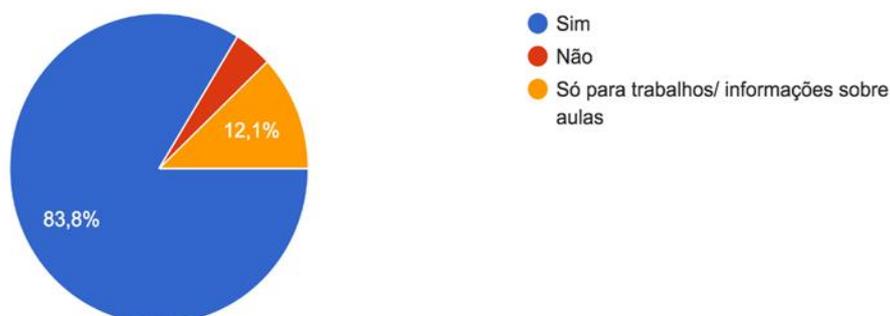


Figura 24 Gráfico Pergunta 7

Você considera que a socialização com colegas de turma/faculdade:

414 respostas

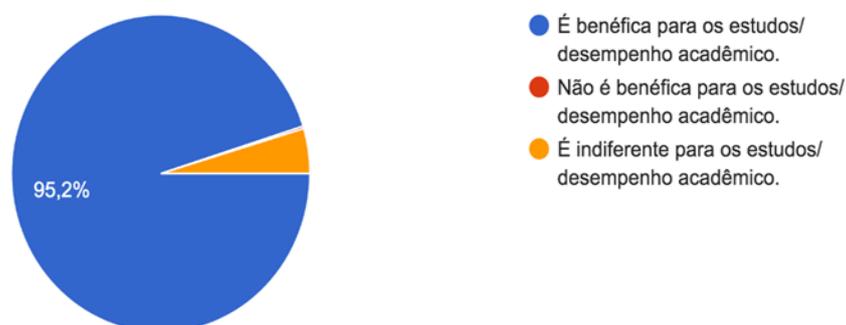


Figura 25 Gráfico Pergunta 8

Você acha que o ensino remoto:

414 respostas

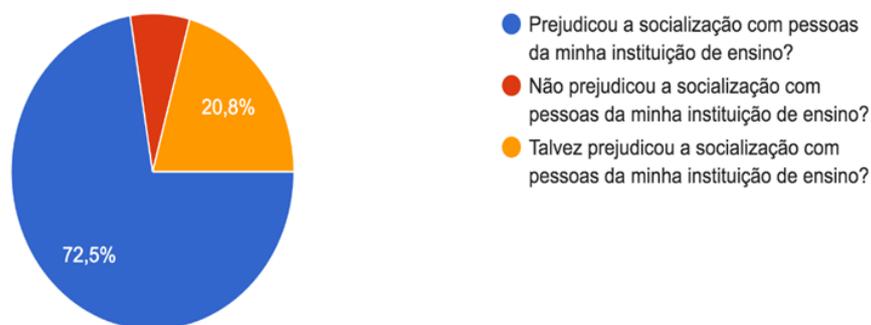


Figura 26 Gráfico Pergunta 9

Como você classificaria a importância da socialização no percurso acadêmico?

414 respostas

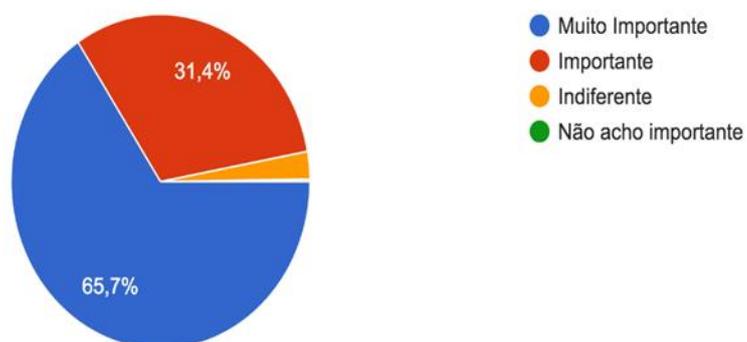


Figura 27 Gráfico Pergunta 10

Você considera que teve um pior rendimento no seu curso desde o início das aulas remotas pela falta/diminuição de socialização na Universidade?...etou nada" e grau 5 como "afetou completamente "

414 respostas

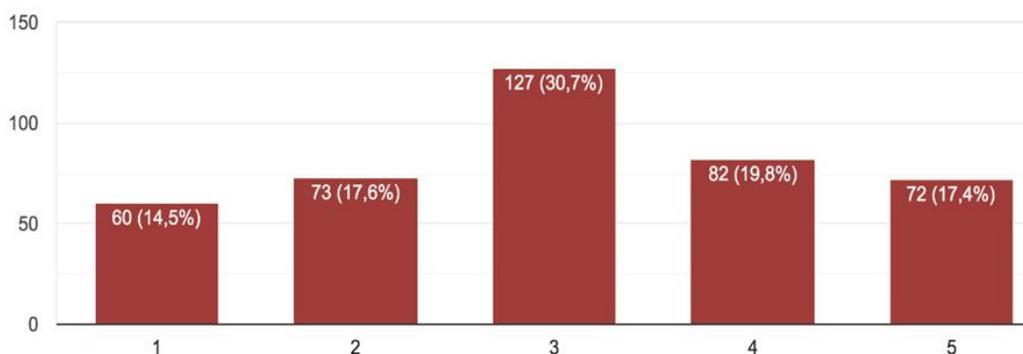


Figura 28 Gráfico Pergunta 11

Você sente falta da socialização presencial?

414 respostas

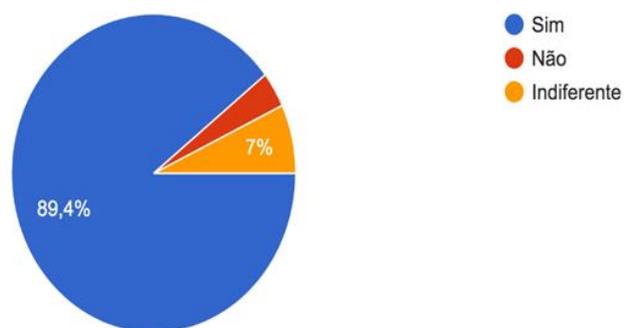


Figura 29 Gráfico Pergunta 12

Você encontrou dificuldades em socializar através do ensino remoto?
414 respostas

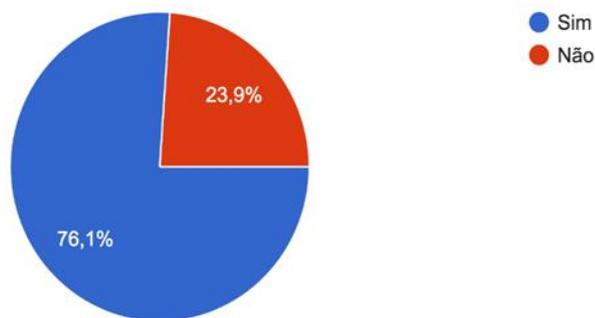


Figura 30 Gráfico Pergunta 13

Como você socializou com seus colegas de turma/faculdade durante o período remoto?
414 respostas

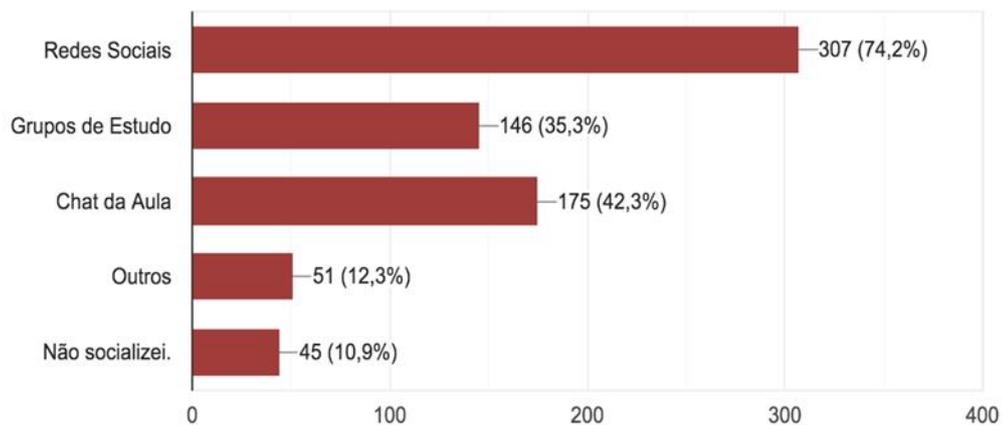


Figura 31 Gráfico Pergunta 14

Você acredita que houve uma dessocialização com o ensino remoto?
414 respostas

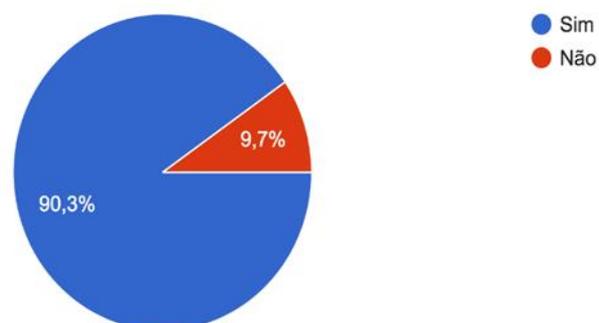


Figura 32 Gráfico Pergunta 15

Você se sente mais motivado em estudar quando possui uma boa relação com colegas de curso/instituição de ensino? Considerando grau 1 ... "nada motivado" e grau 5 como "muito motivado".
414 respostas

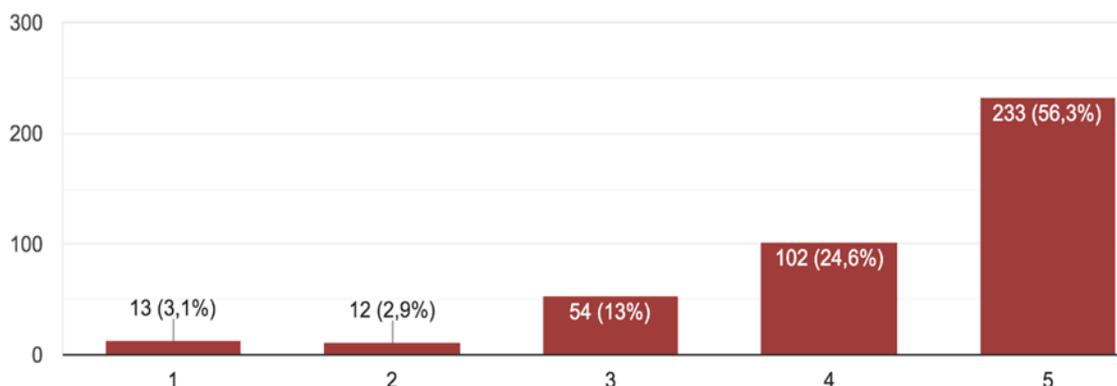


Figura 33 Gráfico Pergunta 16

Conclusão

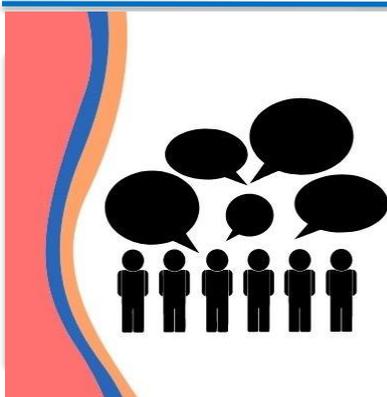
Após a aplicação da metodologia e a análise dos dados obtidos pode-se concluir que a maioria dos entrevistados perceberam a dessocialização durante o período emergencial remoto acadêmico e elucidaram em suas colocações o caráter negativo e impactante no seu rendimento acadêmico.

Referências

COSTA, Jennifer Juliana Barreto Bezerra. Um olhar sobre a socialização tardia na graduação. 2018. 22 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

FERREIRA, A. L. Socialização na universidade: quando apenas estudar não é o suficiente. Revista Educação em Questão, Natal, v. 48, n. 34, p. 116-140, abr. 2014.

Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor /. 3. ed. São Paulo: Editora Global, 2010. 102 p. Disponível em: <http://www.nepso.net/download/478>. Acesso em: 15 mar. 2021.



OS IMPACTOS DO ENSINO REMOTO NA APRENDIZAGEM E NO COMPORTAMENTO DE CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Alan Accioly Mello, Alicia Castro Costa, Mellanie Proença Batista, Natália Reis Pereira e Rafaella Nogueira de Sá Andrade Costa

Introdução

Em março de 2020 no Brasil, houve os primeiros casos de pessoas infectadas com o novo coronavírus. Diante disso muitas escolas, creches e instituições foram fechadas e o ensino passou a ser remoto (BRASIL, 2020). Houve então a necessidade de adaptação para essa nova escola e muitas dificuldades foram surgindo. A Educação Infantil, sem dúvidas, foi uma das modalidades de ensino que mais sofreram com essa mudança. Essa problemática se deu, pois, diversos teóricos explicam como as crianças necessitam da escola presencial para serem integradas socialmente, para desenvolverem as trocas, as afetividades e o desenvolvimento cognitivo, por meio das interações, associações dentre outros. Diante disso, percebemos que haveria impactos desse novo modelo na vida dessas crianças da Educação Infantil. Como está sendo, do ponto de vista do professor, avaliar e intermediar essa educação? Quais seriam as alternativas benéficas para se utilizar como ferramentas pelos professores, para evitar um impacto negativo na vida dessas crianças e em seu comportamento? Essas e outras questões foi o que nos impulsionou a realizar esta pesquisa.

Justificativa

Com todas as dificuldades que o mundo vem enfrentando desde o começo da Pandemia, a educação foi uma das áreas mais afetadas. Principalmente a educação infantil, que se consiste em uma abordagem com maior contato físico.

Com isso, nosso grupo tem a esperança de que essa pesquisa ajude de alguma forma os profissionais da educação infantil a encontrarem formas alternativas de aprendizagem, baseando-se nos relatos de outros colegas de profissão. Contribuindo assim com a melhoria do ensino remoto para os profissionais e para os estudantes.

Objetivos

- Identificar os impactos que o ensino remoto tem/teve sobre a aprendizagem e o comportamento das crianças
- Explicitar as dificuldades e desafios que permeiam o ensino remoto
- Descobrir novas formas de se utilizar as ferramentas, as TICs para realizar a função docente da melhor maneira possível através da pesquisa e da partilha de saberes entre os profissionais da educação.

Procedimentos Metodológicos

População

Foi realizada uma pesquisa de opinião com professores e professoras da Educação Infantil do ensino privado que atuaram no sistema remoto em 2020 e 2021, segundo o método NEPSO (2010,2015).

Amostra e Técnica de Amostragem

No nosso grupo temos 3 alunos que trabalham e conhecem pessoas que trabalham na Educação Infantil privada, teríamos em vista 20 pessoas para responderem o questionário e que trabalharam no ensino remoto. É uma pesquisa quantitativa, porém em todo caso deixamos um espaço em aberto para que pudéssemos ter o relato desses profissionais que é importante para futuras pesquisas e para o nosso conhecimento como estudantes.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

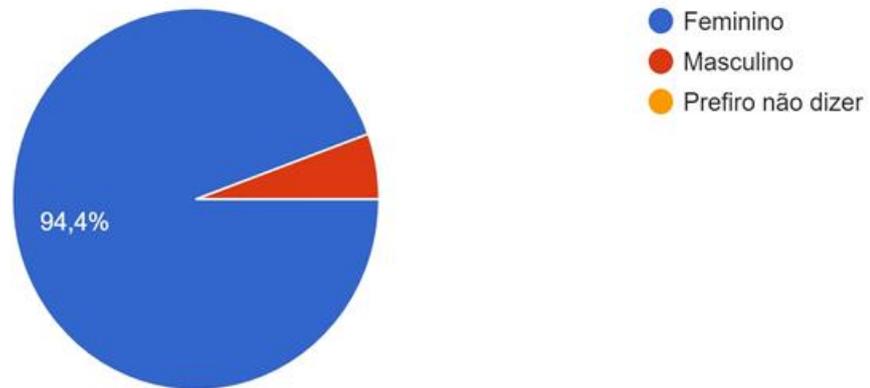
O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário individual, no formato virtual (Google Docs) a ser respondido em um período de 6 dias. Foi compartilhado no WhatsApp, em grupos da UNIRIO e no Facebook em grupos específicos de professores da Educação Infantil da rede particular.

Apresentação e Análise dos Dados

Os dados colhidos nos permitem identificar que na opinião dos questionados, majoritariamente mulheres, o ensino remoto durante a pandemia trouxe impactos no interesse e no desenvolvimento do estudante da educação infantil, sendo necessário o uso de recursos lúdicos para que pudesse haver um melhor aproveitamento no processo de alfabetização deles. As muitas horas em frente às telas causam dificuldades de concentração dos estudantes, a distância de seus colegas de classe traz desconforto e desinteresse por parte destes. Sabemos que o ensino remoto não substitui o ensino presencial, este é necessário e emergencial, se faz necessário neste momento.

Gênero

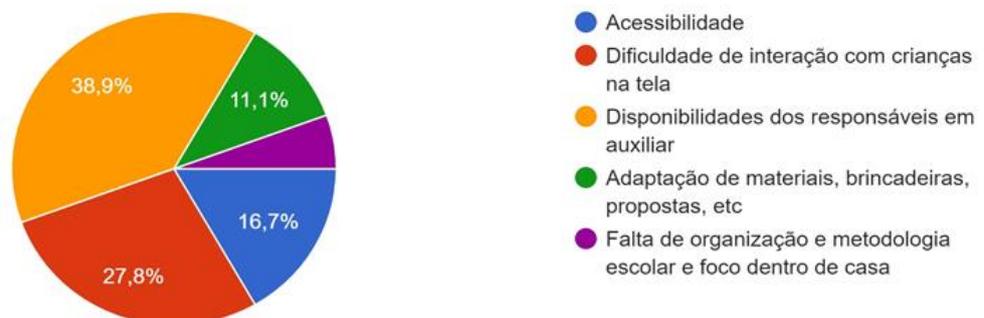
18 respostas



Podemos identificar que o grupo é formado majoritariamente por mulheres.

Qual é/foi o maior desafio no ensino remoto para os docentes de educação infantil?

18 respostas



A disponibilidade dos responsáveis em auxiliar os estudantes é um dos maiores desafios enfrentados pelos docentes.

De que forma o olhar para o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança foi avaliado?

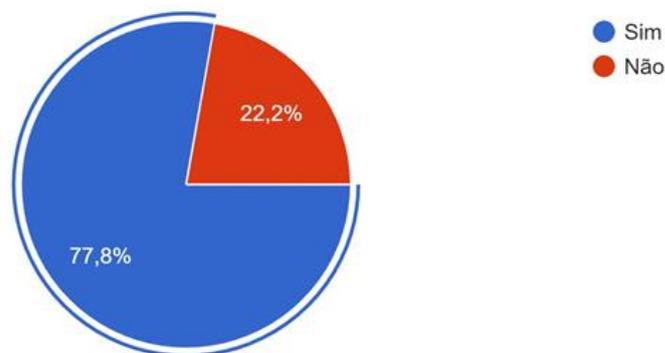
18 respostas



Compreendemos que estes docentes, em sua maioria, optaram por avaliar seus estudantes a partir de suas especificidades, levando em consideração que cada indivíduo é único e com realidades distintas.

Vocês sentem que a pandemia causou um desinteresse das crianças na relação com a escola?

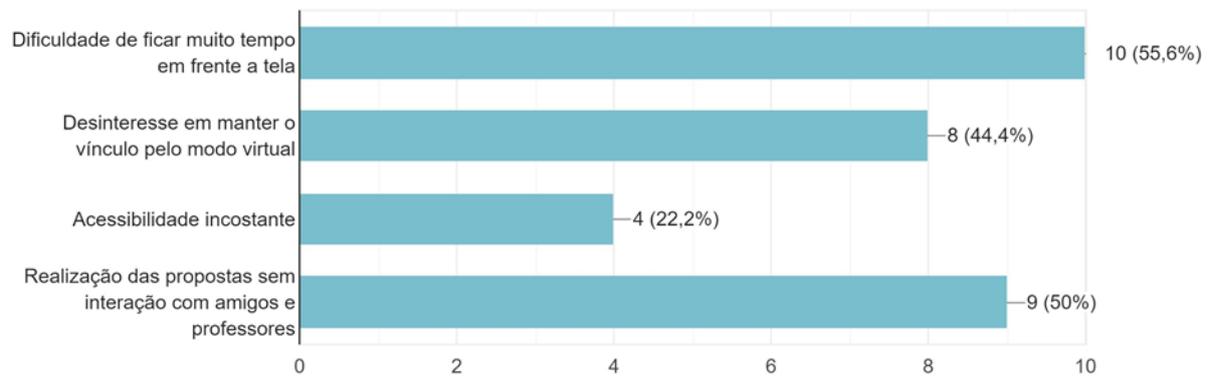
18 respostas



Mais da metade dos estudantes destes docentes tiveram o seu interesse afetado.

Quais foram/são as maiores dificuldades para as crianças do ponto de vista do profissional de educação?

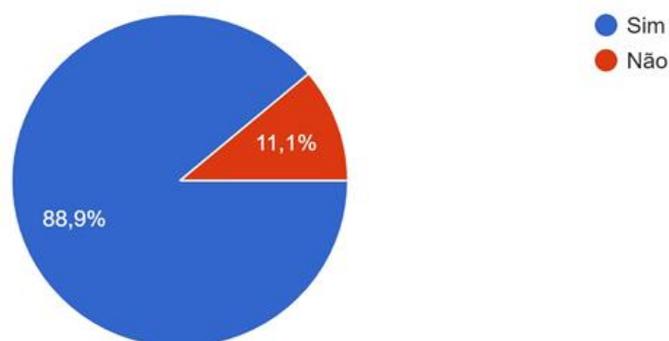
18 respostas



A maior dificuldade é a concentração em frente às telas, seguido da realização de atividades individuais.

Vocês sentem que as crianças ficaram mais agitadas após o período de confinamento?

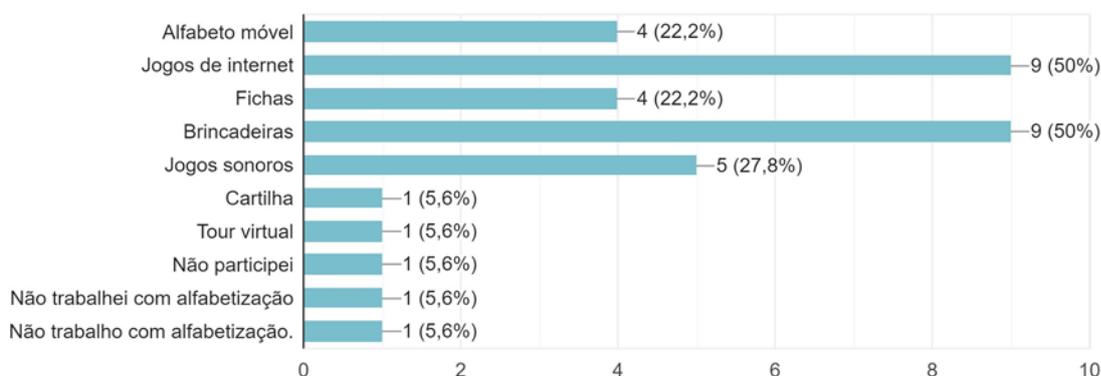
18 respostas



Aproximadamente 90% das crianças ficaram mais agitadas.

Caso tenha trabalhado no processo de alfabetização, quais recursos foram essenciais para o êxito desta etapa?

18 respostas



Quando propostas as atividades lúdicas tiveram maior êxito nesse período, como jogos de internet e brincadeiras, estas foram bem aceitas pelos estudantes.

Conclusão

A demanda de compreender os desafios e adversidades do ensino remoto é recente (devido a pandemia do covid-19), visando entender o funcionamento do nosso sistema de ensino nessa modalidade e proporcionando melhores condições e metodologias para que os professores e os estudantes tenham êxito.

Pudemos notar que há necessidade de maior utilização de recursos lúdicos nesse período, para despertar o interesse dos estudantes, que por vezes ficam desmotivados, visto que estão longe de seus colegas e da dinâmica escolar. Além disso, compreender que cada estudante é único, alterando as formas de avaliação, elevando a voz destes estudantes e compreendendo suas especificidades visando uma avaliação mais coerente com as condições de recursos e aprendizagem de cada um. Um dos maiores desafios identificados é a disponibilidade de responsáveis para auxiliar os estudantes durante as aulas remotas, estes muitas vezes não têm auxílio para acompanhar estas aulas.

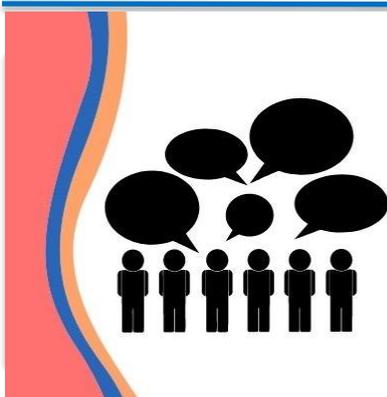
Na parte direcionada aos comentários presente em nosso questionário, pudemos identificar como os vínculos foram abalados e as construções cotidianas foram abaladas. Contudo, precisamos compreender que o ensino remoto é necessário e emergencial, não uma forma única e exclusiva de ensino, voltaremos a estar em sala compartilhando e trocando saberes com todos aqueles que pertencem àquele ambiente.

Referências

A demanda de compreender os desafios e adversidades do ensino remoto é recente, devido a pandemia do covid-19, visando entender o funcionamento do nosso sistema de ensino nessa modalidade e proporcionando melhores condições e metodologias para que os professores e os estudantes tenham êxito.

Pudemos notar que há necessidade de maior utilização de recursos lúdicos nesse período, para despertar o interesse dos estudantes, que por vezes ficam desmotivados visto que estão longe de seus colegas e da dinâmica escolar. Além disso, compreender que cada estudante é único, alterando as formas de avaliação, elevando a voz destes estudantes e compreendendo suas especificidades visando uma avaliação mais coerente com as condições de recursos e aprendizagem de cada um. Um dos maiores desafios identificados é a disponibilidade de responsáveis para auxiliar os estudantes durante as aulas remotas, estes muitas vezes não têm auxílio para acompanhar estas aulas.

Na parte direcionada aos comentários presente em nosso questionário, pudemos identificar como os vínculos foram abalados e as construções cotidianas foram abaladas. Contudo, precisamos compreender que o ensino remoto é necessário e emergencial, não uma forma única e exclusiva de ensino, voltaremos a estar em sala compartilhando e trocando saberes com todos aqueles que pertencem àquele ambiente.



PANDEMIA PARA AS CRIANÇAS

*Ana Carolina Werneck Balbino dos Santos,
Ayme José da Silva, Gabriela Bastos de Santana,
Isabela Felipe dos Santos e Talita Souza Vieira*

Introdução

Com a percepção de que a pandemia do novo coronavírus vem causando muitos impactos na vida de homens, mulheres e inclusive crianças, buscamos entender como está sendo a pandemia para o público infantil. Optamos por fazer uma pesquisa onde foi possível identificar o efeito que a pandemia está tendo na vida escolar das crianças, tanto da rede pública, quanto da rede particular de ensino, procurando observar como estão se sentindo, se estão tendo ou não contato com o universo escolar e através de quais meios esse contato está acontecendo.

A presente pesquisa traz como conteúdo a análise obtida através do questionário aplicado do dia 8 ao 20 de abril de 2021. Nele, havia questões de levantamento para traçar o perfil a ser pesquisado e houve o cuidado para que o formulário fosse acessível ao público-alvo: crianças de 5 a 8 anos. Nosso intuito foi perceber o ponto de vista da criança que vive a realidade do ensino remoto nesse momento, através de um olhar infantil e não de seus pais ou dos profissionais da instituição de ensino.

Justificativa

No atual cenário pandêmico em que vivemos, vê-se muitos comentários dos profissionais, jornalistas, professores e tantos outros trabalhadores sobre a pandemia, mas pouco ouve-se dizer de como está sendo para as crianças. Intrigadas, optamos por buscar identificar a perspectiva dos pequenos, como tem sido estudar e viver para eles nesse momento de pandemia do novo coronavírus (STEFONO, 2021).

Nossa população foi de crianças que têm entre 5 e 8 anos, pois estão dando início, continuidade ou concluindo o período de alfabetização, que é de suma importância no desenvolvimento da criança (FALK, 2013). A parceria da família e escola também merece destaque, uma vez que há muitas contribuições ao processo ensino-aprendizagem que são possíveis de se desenvolver através de ambas as partes.

A valorização do contato da família com a escola já se fazia essencial para o melhor desempenho dos alunos e para maior segurança diante das dificuldades nas instituições de ensino. Contudo, com o ensino remoto/híbrido adotado no atual contexto pandêmico, o que era essencial torna-se indispensável (BRASIL, 2020). A alfabetização é a base para uma educação construtiva e se faz um pilar primordial na construção plena de todo ser, pois é nela que o indivíduo aprende a escrever e ler. Por isso, deve-se buscar a qualidade da trajetória

escolar - na rede pública como nas outras - viabilizando a permissão de ganhos aos indivíduos e a geração de oportunidades mesmo com uma realidade desigual.

É notório que os meios tecnológicos se fizeram muito presentes neste momento, inovando a forma de ensinar. Porém, percebe-se que infelizmente a inovação não chegou da melhor forma em todas as instituições de ensino. Outro ponto que mereceu destaque foi a exposição excessiva das crianças às telas. O neurocientista francês Michel Desmurget afirma que essa exposição prolongada pode trazer sérios malefícios à formação intelectual das crianças, inclusive a diminuição do quociente de inteligência (QI).

Objetivos

O objetivo da presente pesquisa é identificar os impactos da pandemia no processo de aprendizagem das crianças e as estratégias utilizadas pelas escolas, alunos e suas famílias para se adaptar a essa nova realidade de educação que tem sido imposta pela pandemia.

Procedimentos Metodológicos

Utilizamos uma metodologia de pesquisa de opinião, seguindo o método sugerido pelo projeto Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião - NEPSO.

População

Optamos por trabalhar com crianças de 5 a 8 anos pois estão iniciando, dando continuidade ou concluindo a alfabetização de forma híbrida, presencial ou à distância – dependendo da instituição escolar, tanto da rede pública quanto da rede particular de ensino.

Amostra e Técnica de Amostragem

A pesquisa de opinião (NEPSO, 2010) desenvolvida é quantitativa, uma vez que enfatiza a objetividade na coleta e análise de dados pelo formulário, compartilhado nas mídias sociais, onde conseguimos alcançar o nosso público-alvo. Os entrevistados foram crianças das nossas famílias e/ou as que tiveram acesso ao formulário. O fato de estamos em uma pandemia impossibilitou que tivéssemos uma pesquisa que alcançasse mais crianças.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

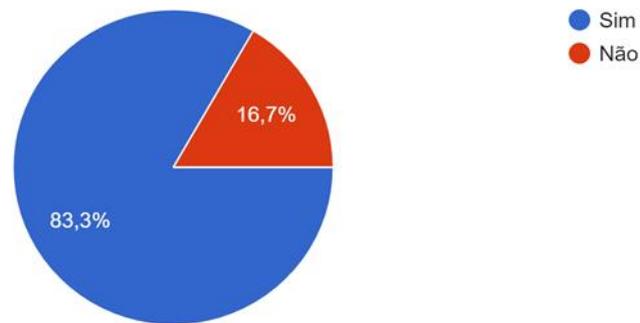
O questionário foi desenvolvido via Google Formulários e contou com emojis e imagens, quando necessário, buscando ser o mais acessível possível ao nosso público, facilitando a compreensão e preenchimento. Ele foi compartilhado, principalmente, pelo WhatsApp, grupos e demais mídias sociais.

Apresentação e Análise dos Dados

Todos os pais, mães e responsáveis autorizaram os menores de idade a responder o questionário, conforme orientação do NEPSO para quando se pesquisa a opinião de crianças.

Para os responsáveis: deseja receber o resultado da pesquisa?

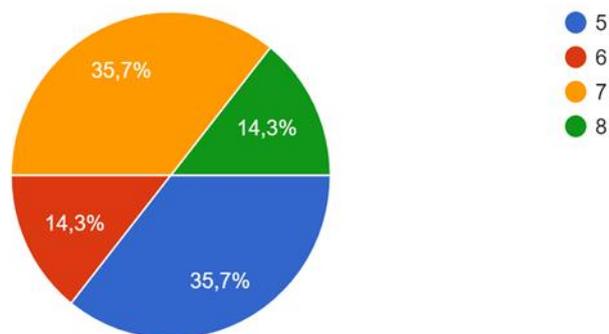
12 respostas



O gráfico acima demonstra que 83,3%, 12 dos 14 responsáveis, se interessaram em receber os resultados da pesquisa.

Quantos anos você tem?

14 respostas



Já este gráfico representa o resultado da coleta dos dados direto com as crianças. Esta pergunta se refere a idade das crianças, e foi usado como preferência a representação lúdica dos números, com a utilização de fotos dos dedinhos mostrando o número referente a idade.

5 anos: 5 crianças

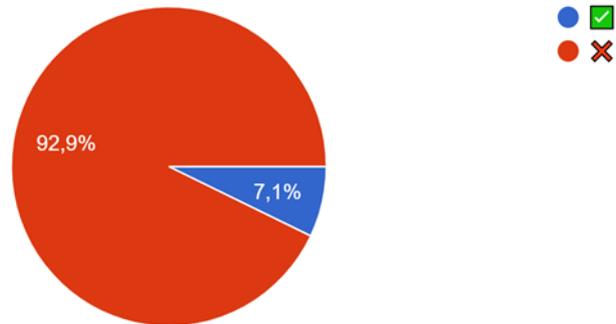
6 anos: 2 crianças

7 anos: 5 crianças

8 anos: 2 crianças

A pandemia está sendo legal para você?

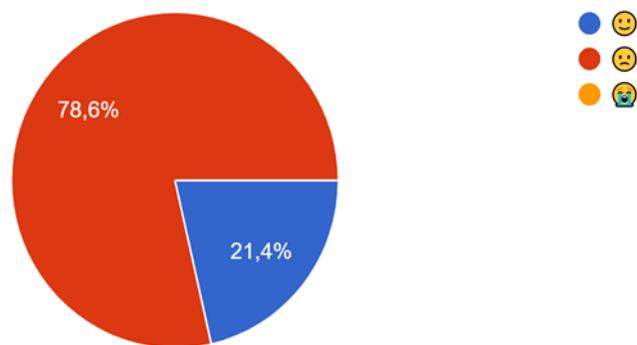
14 respostas



Das 14 crianças entrevistadas, 13 delas responderam que a pandemia não está sendo legal, apenas 1 respondeu que sim.

Como você tem se sentindo durante a pandemia?

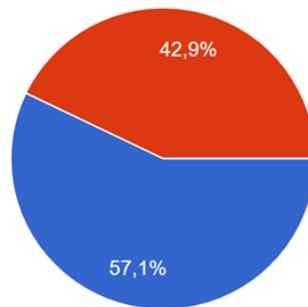
14 respostas



Foi perguntado também como as crianças estavam se sentindo durante a pandemia, e foram usados emojis para representar os humores. Das 14 crianças, 3 responderam com emoji alegre e 11 com emoji triste.

Durante a pandemia você passou a fazer algo diferente?

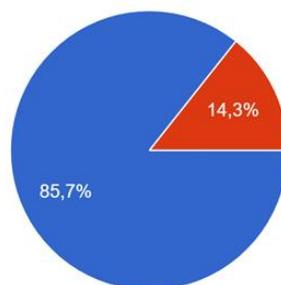
14 respostas



O intuito dessa pergunta era saber se durante a pandemia, as crianças desenvolveram novos hábitos. Observou-se que sim, 57,1% ou seja, 8 das 14 crianças.

Na pandemia você passou a usar mais o computador, o celular ou o tablet?

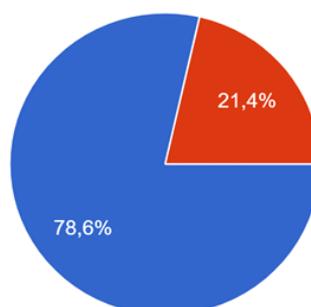
14 respostas



Uma das importantes questões sobre os pequenos durante a pandemia, é em relação a tecnologia. De acordo com o gráfico, 85,7% responderam que passou a usar mais os aparelhos eletrônicos citados, tal porcentagem se refere a 12 das 14 crianças.

Você está tendo aula?

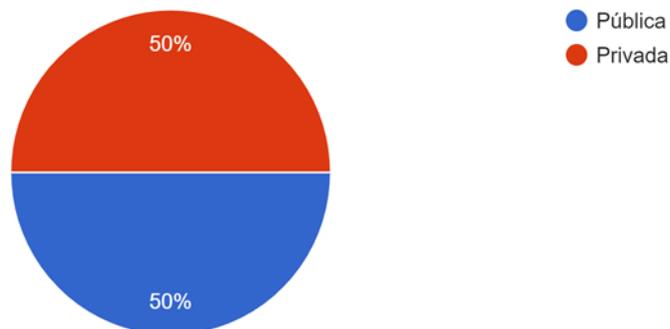
14 respostas



78,6% das crianças estão tendo aulas escolares.

Sua escola é pública ou privada? se precisar peça ajuda para responder.

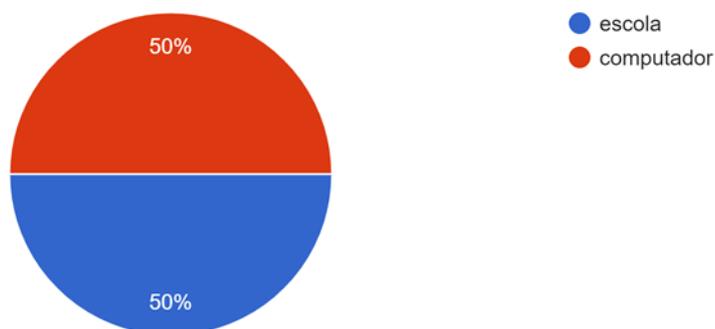
14 respostas



Este gráfico mostra que o questionário coincidentemente foi dividido igualmente em 7 estudantes de escola privada e 7 estudantes de escolas públicas.

Você vai a escola ou estuda pelo computador?

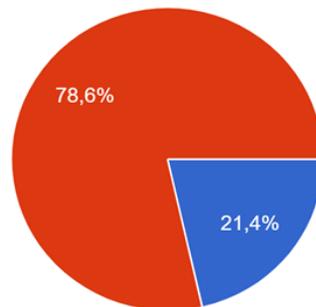
14 respostas



Aqui também se obteve um resultado de 50% de alunos indo à escola e 50% estudando em casa. Mas, há uma grande diferença, pois dos 7 alunos que selecionaram a opção de aulas presenciais, apenas um deles frequenta a escola pública e os outros 6 estão em escolas particulares. Dos 7 que selecionaram estudar e casa, 6 deles estão em colégio público e apenas 1 em colégio particular. Esses dados mostram a incrível distância social, em que crianças menos favorecidas financeiramente estão fora das salas de aula presenciais, enquanto crianças de famílias mais privilegiadas já estão com suas aulas quase normalizadas.

Você gosta de estudar em casa?

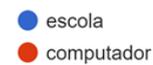
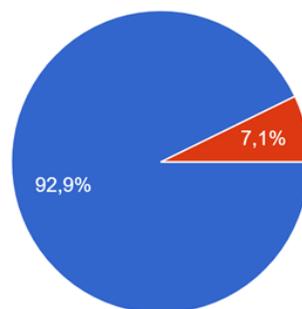
14 respostas



A maioria das crianças, independentemente de onde estudam, respondeu não gostar do ensino à distância.

Você gostava mais de ir a escola ou estudar pelo computador?

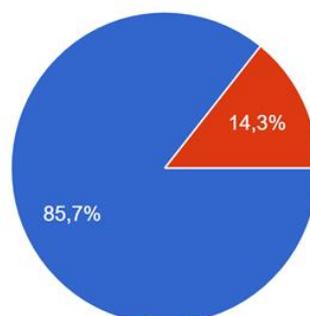
14 respostas



Apenas uma das 14 crianças, gosta mais de estudar à distância do que frequentar escolas.

Você está achando difícil estudar em casa?

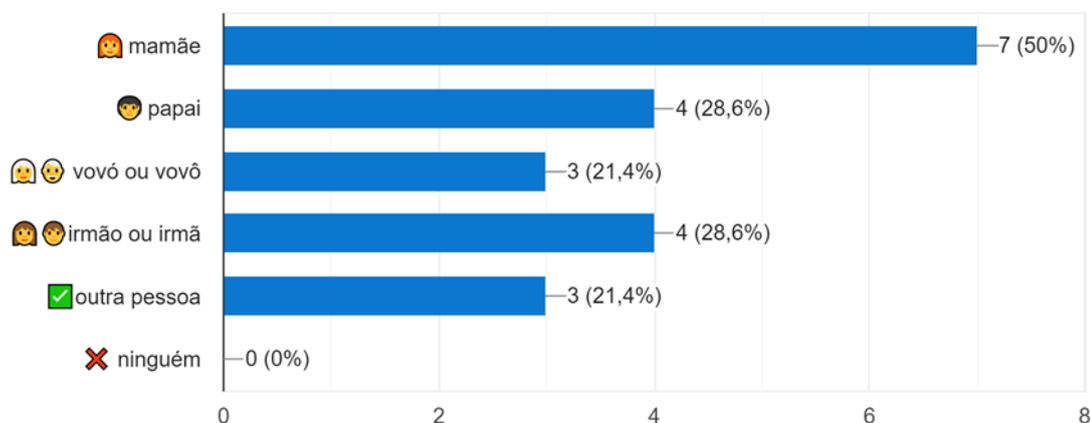
14 respostas



Em sua maioria, as crianças têm encontrado dificuldades no ensino remoto: 85,7% responderam que estão achando difícil, este número corresponde a 12 das 14 crianças.

Você tem alguém para te ajudar nos deveres de casa?

14 respostas



Surpreendentemente, todas as crianças responderam que têm alguém para ajudar nos estudos: 50% estudam com a mamãe e os outros 50% se dividem entre outros adultos, familiares ou não.

Por último, mas não menos importante, 100% das crianças dizem sentir falta dos amigos da escola, mostrando o quanto a interação social com outras crianças é de extrema importância.

Conclusão

Através dos resultados encontrados, foi possível observar características pertinentes que coincidiram com o perfil dos respondentes. Conforme foi observado nos gráficos acima, a pandemia do COVID-19 exerceu um impacto negativo na vida escolar das crianças. Houve um aumento significativo na exposição aos aparelhos digitais e, apesar de todas as crianças contarem com o auxílio de um adulto para a realização de suas atividades de estudo, a maioria delas continua apresentando dificuldades nesse modelo de aula à distância. Destacamos a importância da interação direta com o professor no processo de ensino-aprendizagem e a interferência da pandemia em campos subjetivos da existência humana, aflorando nas crianças sentimentos de tristeza e solidão pelo isolamento social e distanciamento dos colegas. No caso dessa faixa etária, a escola costuma ser a única instituição de convivência social além da família, mostrando a importância do convívio em sala de aula para ocorrer um desenvolvimento pleno e mentalmente saudável.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 17 jun. 2020. Seção 1, p. 62. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>.

Acesso em: 30 ago 2020.

STEFONO, Eduarda. Aumento do tempo de exposição dos filhos às telas é alternativa para pais em trabalho remoto. UFRGS Jornal da Universidade. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/aumento-do-tempo-de-exposicao-dos-filhos-as-telas-e-alternativa-para-pais-em-trabalho-remoto/>.

NEPSO. Nossa Escola Pesquisa sua Opinião, 2010.

FALK, Ana. Educação infantil e ciclo inicial - Cartazes dos números - Dedos das mãos. 2013. Disponível em: <http://aprenderpelaexperiencia.blogspot.com/2013/10/para-educacao-infantil-e-ciclo-inicial.html?m=1>



PESQUISA E EDUCAÇÃO: REFLETINDO SOBRE A POPULARIDADE DA PESQUISA ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

*Ana Beatriz Baptista, Fabrícia Melo das Neves,
Juliana Barbosa Pereira, Maria Carolina Silva Borges e Rafaela Tavares*

Introdução

Muitas vezes, na escola há a impressão de que os conteúdos ensinados são como uma receita, seguem um padrão e uma linearidade, quando na verdade é exatamente o oposto. Conteúdos ensinados nas escolas são a elaboração de diversas pesquisas feitas ao longo dos anos e que vêm sendo atualizadas conforme métodos científicos vão sendo identificados, analisados e estudados.

Durante a graduação, essa questão entra em evidência uma vez que a pesquisa é um dos principais pilares de sustentação da Universidade. Portanto, consideramos urgente identificarmos como a prática da pesquisa foi construída na visão dos estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e como isso afeta sua perspectiva de futuro como docentes.

Segundo Bagno (1998, p. 12), a palavra pesquisa deriva do latim perquirio que significava “procurar; buscar com cuidado; procurar por toda parte; informar-se; inquirir; perguntar; indagar bem; aprofundar na busca”, assim entendemos a pesquisa como imprescindível para a elaboração de conhecimento. Como indica Freire (1996), o professor deve se considerar e exercer a tarefa de pesquisador, pois ensinar e pesquisar fazem parte da prática docente e ser professor é estar em constante formação.

Justificativa

Quando falamos sobre pesquisa fora do ambiente acadêmico, podemos nos deparar com as mais diferentes visões e opiniões acerca desse tema (BARRETO, 2011; MATTOS e CASTANHA, 2008; PORCIUNCULA, 2016; ROCHA, COSTA e CRESPO, 2014). Se perguntarmos a alunos do ensino fundamental, por exemplo, sobre o que pensam do ato de pesquisar, é provável que a maioria não se sinta entusiasmada, diríamos até desmotivada e se desesperem ao se deparar com um trabalho desse modelo na escola. A maioria dos estudantes brasileiros são expostos a incontáveis conhecimentos, textos e fórmulas prontas ao longo de sua trajetória escolar, estes em sua maioria decorados e esquecidos logo após as avaliações. Esses mesmos alunos, vistos como depósitos de informação, não são de fato ensinados a aprender, a conhecer, investigar e produzir conhecimentos, com isso, a pesquisa que deveria ser um dos pilares para se ensinar, tornou-se um mero figurante no cenário educacional.

Cria-se então na sociedade o imaginário que dissocia o fazer pesquisa de pensar a educação e as práticas pedagógicas, tal pensamento fortalece a ideia de que a produção de novas ciências se restringe a áreas específicas, presente apenas em laboratórios de química ou física, distantes do cotidiano do aluno na escola e dos profissionais da educação.

O hábito de pesquisar é algo a ser aprendido. Logo, se os alunos não são apresentados a essa ferramenta de forma adequada ao longo da vida e nem estimulados a praticá-la dentro da escola, isso irá gerar buracos em sua formação e conseqüentemente percepções variáveis acerca do valor e relevância de se fazer pesquisa.

Faz-se necessário ainda, uma constante busca pelo aprender a aprender. Diante de tantos currículos e metodologias de ensino prontas, vivemos uma prática educativa desvinculada do fazer curioso. A busca por respostas diante de problemas e questões é o que move o indivíduo para a pesquisa, é essa consciência de que sempre há algo novo para se descobrir que deve mover principalmente os professores. Mas será que os futuros profissionais da educação estão motivados o suficiente para essa busca? Que perspectiva construíram acerca do tema pesquisa? Será que aprenderam a aprender? Ou apenas se conformaram os modelos impostos pela instituição escolar?

Objetivos

1. Investigar a relação entre a forma como os estudantes foram expostos à pesquisa durante sua caminhada escolar e como isso influenciou suas visões sobre a mesma;
2. Analisar se a opinião dos estudantes em relação à pesquisa mudou após o ingresso na universidade;
3. Investigar se o ambiente universitário estimula os estudantes à prática da pesquisa;
4. Entender se os estudantes se consideram/pretendem ser pesquisadores.

Procedimentos Metodológicos

De acordo com o Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia da UNIRIO, o objetivo central do curso é a formação de “pedagogos, comprometidos com a docência ampliada que, tendo como princípios a pesquisa e a produção do conhecimento, sejam capazes de responder às exigências educacionais, a partir de uma sólida formação teórico-prática”. (Site da Escola de Educação).

A partir do PPP percebe-se a intencionalidade do curso em formar pedagogos comprometidos com a pesquisa. Por isso, o presente trabalho busca compreender se essa proposta de fato acontece na formação dos alunos de graduação em pedagogia.

A pesquisa de opinião foi feita a partir de uma base quantitativa, isto é, com perguntas claras e objetivas embora haja alguns espaços para complementação de respostas de forma opcional, cujos resultados foram apontados neste relatório de pesquisa.

População

Tendo em vista a explicação dada anteriormente, nosso público-alvo foram estudantes universitários ingressantes e concluintes do curso de Pedagogia da UNIRIO.

Amostra e Técnica de Amostragem

Para compor a nossa amostra, foram entrevistados estudantes universitários ingressantes e concluintes do curso de Pedagogia. Foi encaminhado um formulário on-line para pessoas previamente identificadas como público-alvo, mas este também foi compartilhado no Grupo Pedagogia UNIRIO, grupo do Facebook voltado para assuntos relacionados ao curso. Vale ressaltar que a escolha dos indivíduos será aleatória e de participação opcional.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

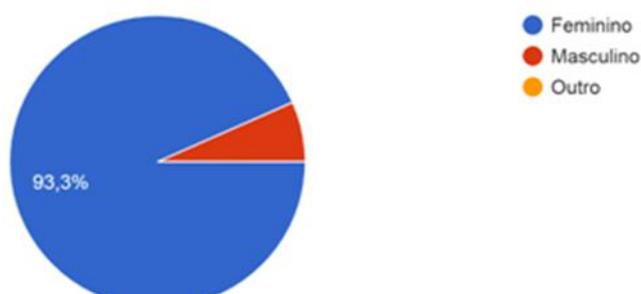
Para estruturar os dados que compõem os resultados desta pesquisa, usamos o questionário on-line no modelo do Google Formulário, que foi feito a distância, para coletar dados e análise desses resultados. O endereço eletrônico do formulário foi compartilhado com pessoas já conhecidas da equipe previamente identificadas como público-alvo da pesquisa e também no grupo do Facebook do curso de Pedagogia da UNIRIO explicitando, junto ao endereço, os requisitos para ser um entrevistado.

Apresentação e Análise dos Dados

Para a realização da nossa pesquisa, trinta alunos do curso de Pedagogia da UNIRIO responderam ao nosso questionário on-line, dos quais seis são ingressantes, ou seja, cursam o primeiro período; quatorze são concluintes, considerando sétimo, oitavo e nono períodos; e os dez respondentes restantes não se enquadram nas condições de antemão explicitadas de ingressante ou concluinte. Embora todas as respostas tenham sido levadas em consideração e analisadas como um todo, também foram expostos apontamentos voltados para os grupos específicos de ingressantes e concluintes, principal público-alvo da nossa pesquisa.

De acordo com os dados coletados e analisados pelo grupo, os respondentes da nossa pesquisa foram um público composto majoritariamente por mulheres, pois estas representaram aproximadamente 93,3% do número de respostas, diferentemente do sexo masculino, que contou com apenas uma resposta. É notável que o público feminino ainda é o mais presente nos cursos de Pedagogia.

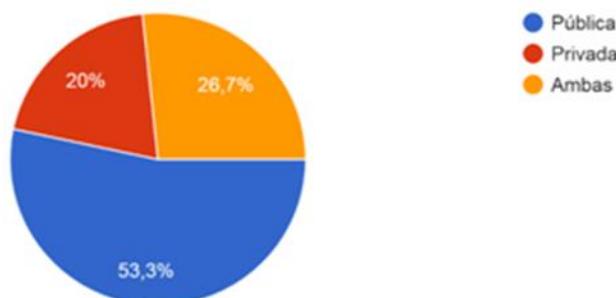
Com qual gênero você se identifica?
30 respostas



Segundo mostra o gráfico abaixo, 53,3% dos alunos afirmaram ter estudado em instituições públicas de ensino, enquanto 20% estudaram em instituições privadas, e 26,7% estudaram em ambas. Podemos observar que o número de respondentes que frequentaram escolas públicas e estão cursando o ensino superior é muito maior do que o de alunos que frequentaram instituições privadas. Nessa pesquisa, percebemos que a universidade possui um número significativo de alunos advindos de instituições públicas.

Você estudou em instituição de ensino pública ou privada antes de entrar na universidade?

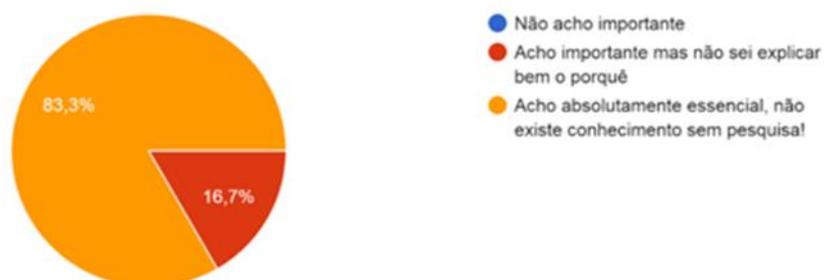
30 respostas



A partir dos dados coletados e demonstrados no gráfico abaixo, pudemos observar também que, de maneira geral e unânime, todos os alunos reconheceram o valor e a importância da pesquisa para a construção de um conhecimento sólido e significativo. 83,3% de toda a amostra afirmou a absoluta essencialidade da pesquisa sem qualquer observação a mais. No entanto, 16,7% do total de alunos que reconheceram a relevância do tema, alegaram não saber explicar o porquê dessa importância. Analisando de forma mais específica, aproximadamente 14,28% do número total de concluintes, o que corresponde a duas pessoas, marcaram esta última opção citada, fato que nos impressionou bastante levando em consideração que o tema pesquisa é debatido de forma insistente em sala de aula ao longo de todo o curso.

Tomando como base o conceito de Bagno acerca da pesquisa científica, entendida como "a investigação feita com o objetivo expresso de obter...AL é estudar/fazer pesquisa científica para você?"

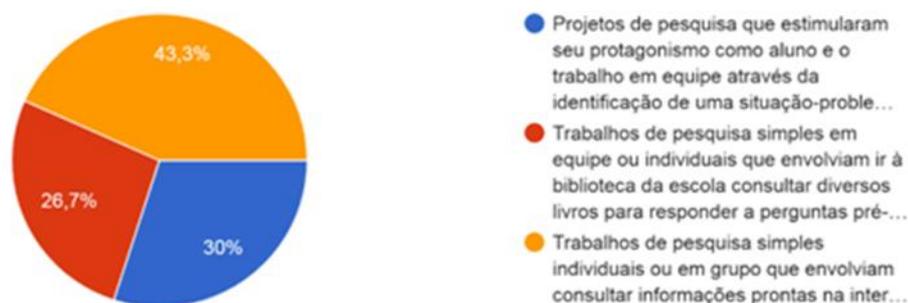
30 respostas



Quando questionados acerca do modelo adotado pelos professores de ensino fundamental e médio em relação a trabalhos de pesquisa, 73,3% dos entrevistados afirmaram ter realizado em sua maioria trabalhos simples de pesquisa, que envolviam idas à biblioteca da escola ou consultas a informações prontas na internet por meio de aparelhos eletrônicos, para responder a questionários ou discorrer sobre temas previamente estabelecidos pelos professores. Apenas 30%, ou seja, 9 pessoas, afirmaram que a maioria dos trabalhos que realizaram foram mais elaborados e contribuíram para desenvolver o protagonismo e o trabalho em equipe através da identificação de uma situação-problema, definição de um tema escolhido pelo coletivo, coleta de dados, entrevistas, tabulação e análise de dados, elaboração de propostas de intervenção etc.

Durante o ensino fundamental e médio você realizou trabalhos de pesquisa, em sua maioria, de quais tipos?

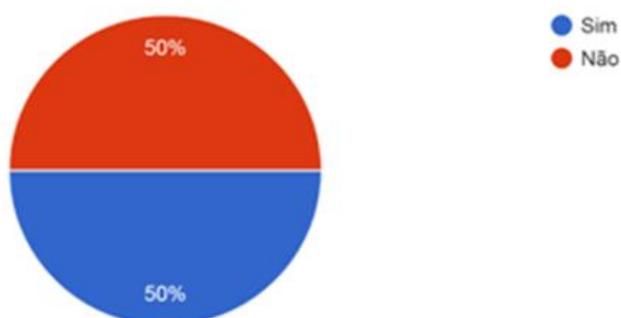
30 respostas



Logo após o último questionamento, os participantes foram indagados se ao menos uma vez na vida já haviam realizado um projeto de pesquisa bem elaborado durante sua trajetória escolar, de acordo com as características citadas na opção A da questão anterior. Metade deles alegou já ter participado, enquanto a outra metade provavelmente só tenha tido sua primeira experiência em realizar um projeto de pesquisa melhor explorado somente ao ingressar no ensino superior.

Você já participou ao menos uma vez de algum projeto de pesquisa científica *na escola* que envolvesse as atividades citadas na opção A da pergunta anterior?

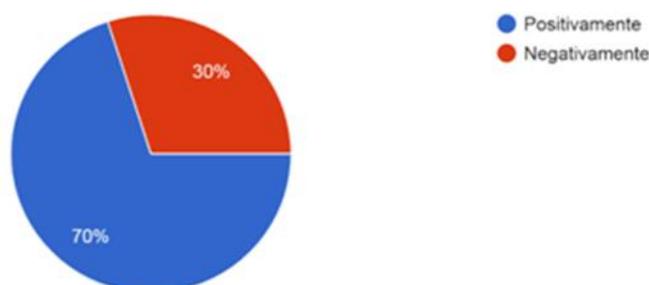
30 respostas



Quando perguntados sobre como enxergavam a contribuição da escola na construção de suas visões e opiniões acerca da pesquisa, 70% dos participantes afirmaram que a escola contribuiu positivamente nesse processo, enquanto os outros 30% acreditam que a mesma pode ter contribuído para a formação de uma visão equivocada sobre o tema.

Você acredita que a maneira como foi exposto(a) a esse tema na escola contribuiu positivamente ou negativamente para a formação da sua perspectiva sobre pesquisa científica?

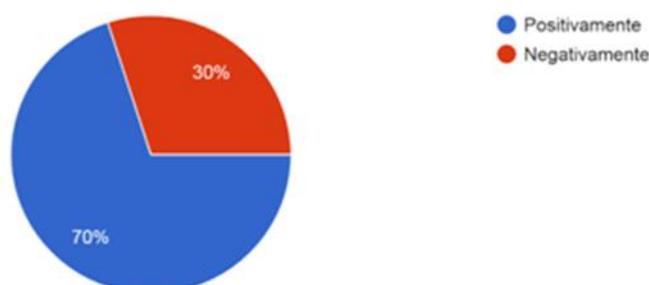
30 respostas



De acordo com o gráfico abaixo, podemos observar que 26,7% dos entrevistados já fazem parte de grupos de pesquisa, enquanto 56,7% afirmam pretender entrar em algum desses grupos ao longo do curso, e 16,7% alegam não ter interesse. Um fato observado que traz certo otimismo, é que a totalidade dos respondentes que se identificaram como ingressantes do curso afirmam ter o desejo de entrar em um grupo de pesquisa.

Você acredita que a maneira como foi exposto(a) a esse tema na escola contribuiu positivamente ou negativamente para a formação da sua perspectiva sobre pesquisa científica?

30 respostas

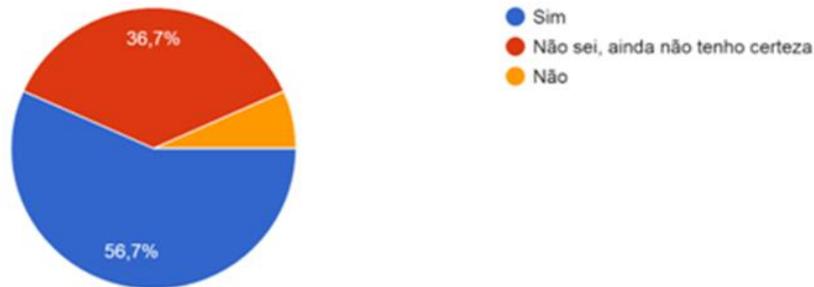


Um dos questionamentos mais intrigantes de nossa pesquisa foi acerca da identificação dos futuros profissionais da educação como também pesquisadores em sua essência. Tomando por referência os conceitos de Freire (1996), foi observado que 56,7% dos respondentes, ou seja, a maioria, afirmou concordar com o pensamento de Freire.

Do total, 36,7% de participantes parecem um pouco inseguros e possuem dúvidas quanto a essa relação professor/pesquisador, sendo que 35,7% do número de concluintes se encaixam neste caso, que corresponde a cinco pessoas. Apenas duas pessoas afirmaram não concordar de fato com tal pensamento.

Você se considera, porque futuro profissional da educação, logo pesquisador?

30 respostas

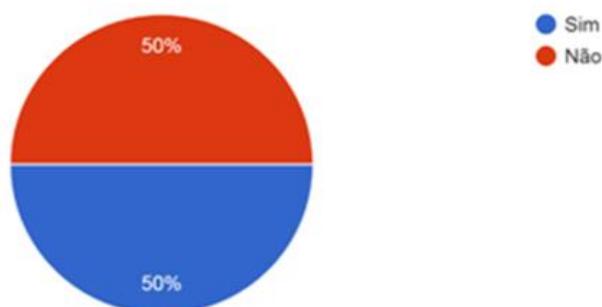


A penúltima pergunta está relacionada ao desejo dos participantes de seguir ou não a carreira na área da pesquisa. Analisamos que metade dos alunos entrevistados disse que sim, enquanto a outra metade não. Do total de ingressantes, 66,64% afirmaram não ter este desejo. Já em relação aos alunos concluintes, a metade respondeu sim, enquanto a outra metade alega não querer. Algumas justificativas expressas pelos participantes:

- *“Não sou acadêmica única e somente, eu trabalho, pesquisa exige tempo, um tempo que eu não tenho, eu mal consigo dar conta dos trabalhos da faculdade quanto mais fazer pesquisa. Eu só quero me formar para ter meu diploma e poder trabalhar em sala de aula e finalmente ter algum retorno financeiro de todos esses anos de estudo”*
- *“Não conseguiria manter a mim e a minha família seguindo como pesquisadora. Ao menos é a visão que tenho sobre a área.”*
- *“Buscar respostas, soluções e possíveis implementações de políticas públicas para a área da educação especial.”*
- *“Não é meu sonho trabalhar como professora. A pesquisa na área de educação me agrada muito mais.”*
- *“Gostaria de entender os processos de cognição e letramento.”*

Ao término da sua graduação em Pedagogia você pretende seguir carreira na área da pesquisa?

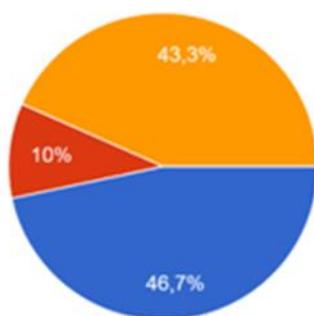
30 respostas



O último questionamento abordado pela pesquisa trata sobre a influência que o ingresso na universidade teve sobre a percepção dos alunos acerca do estudar/fazer pesquisa. Nele, é possível observar que 46,7% dos entrevistados possuíam uma visão negativa sobre esses temas antes de entrar na faculdade e passaram a admirar e se interessar mais pelo assunto após entrar na universidade. Outros 43,3% afirmaram já se interessar pela temática antes de entrar na universidade e que, após o ingresso, se apaixonaram ainda mais. Além disso, 10% das pessoas entrevistadas alegaram não ter tido interesse pelo assunto antes e permanecerem sem ter após entrarem na universidade.

Você acredita que sua visão acerca do estudar/fazer pesquisa mudou após entrar na universidade?

30 respostas



- Sim, eu tinha uma visão negativa antes e passei a admirar e me interessar mais pelo campo da pesquisa depois de entrar na universidade.
- Não, eu não me interessava antes e permaneço não me interessando por essa área.
- Sim, mas eu já me interessava antes, depois que entrei na universidade só me apaixonei ainda mais!

Conclusão

Para a conclusão, filtramos as respostas dos participantes desta pesquisa, pois como dito no início deste trabalho, nosso público-alvo são alunos ingressantes (6 respondentes) e concluintes (14 respondentes) do curso de Pedagogia da UNIRIO, e dez dos trinta respondentes não se enquadraram nos requisitos. Havíamos partido do princípio que os alunos, desde o ensino básico, não são estimulados a aprender e ir em busca do conhecimento de forma autônoma, dada as circunstâncias em que a pesquisa é apresentada para a maioria dos estudantes. Também explicitamos que o Projeto Político-Pedagógico de Pedagogia da UNIRIO se compromete com o estímulo do fazer, ensinar e endossar a pesquisa para os discentes (“pedagogos comprometidos com a pesquisa” (citar fonte de novo aqui), e gostaríamos de entender/ilustrar se essa proposta de fato acontece na formação dos alunos de graduação em Pedagogia.

Sobre a importância do estudar/fazer pesquisa, 83% dos ingressantes responderam ser absolutamente essencial e 86,5% dos concluintes optaram pela mesma resposta. Enquanto 16,66% dos ingressantes responderam que pesquisar é importante, porém não sabem dizer o porquê. No grupo dos concluintes esse número cai para 14,28%. Mesmo sendo minoria, entendemos ser preocupante que esta porcentagem de alunos concluintes não saiba explicar a importância da pesquisa.

Quanto à empolgação em fazer pesquisa, 49,8% dos ingressantes acreditam que estudar/fazer pesquisa é empolgante; 33,2% acham importante, mas não gostam de ter que

lidar com dados. No outro grupo, 49,98% gostam do estudar/fazer pesquisa, mas não gostam de lidar com dados e 35,7% consideram a pesquisa empolgante em todos os sentidos. Em ambos os grupos, identificamos o enorme receio em lidar com dados. Não nos aprofundamos se este receio é pela falta de contato com este tipo de pesquisa ou se é realmente uma aversão por experiências malsucedidas com a mesma, mas consideramos de extrema importância mencionar que algumas práticas pedagógicas, principalmente relacionadas a disciplinas exatas durante o ensino básico, devem ser revistas, de maneira a questionar se a forma com a qual são apresentados determinados temas estão de fato aproximando ou distanciando os alunos do conhecimento.

Sobre executar trabalhos de pesquisa no ensino básico, 50% dos alunos ingressantes afirmaram que a maioria dos trabalhos de pesquisa realizados na escola eram projetos elaborados, que envolviam a identificação de uma situação-problema, entrevistas, análise de dados, busca por soluções etc. Enquanto isso, os outros 50% afirmaram que a maioria dos trabalhos de pesquisa eram feitos através de consultas a informações prontas na internet para responder a questionários pré-definidos pelo professor. Já no grupo dos concluintes, aproximadamente 42,84% afirmaram que os trabalhos de pesquisa eram em sua maioria realizados através de consultas à bibliotecas para responder a questionários pré-definidos pelo professor. Os 28,56% dos concluintes afirmaram que a maioria dos trabalhos de pesquisa eram realizados através de consultas a informações prontas, pela internet de casa, que eram transcritas para um questionário previamente estabelecido pelo professor. Com essa amostra de dados fica evidente como o fazer pesquisa no ensino básico ainda é ensinado de forma mecânica, na qual o professor apresenta uma forma de pesquisa em que os alunos não se sentem à vontade – ou ainda nem sabem da possibilidade - para formular suas próprias questões sobre o tema.

Essa impressão se evidencia quando analisamos as respostas de nossa próxima pergunta, que questiona se a maneira como os estudantes foram expostos à pesquisa no ensino básico o influenciou negativamente ou positivamente para a formulação de sua perspectiva científica. Apesar de, aproximadamente, 83% dos ingressantes e 50% dos concluintes terem informado que afetou positivamente, essa perspectiva se perde nas perguntas mais específicas do fazer pesquisa (como não saber explicar a importância da pesquisa).

Todos os ingressantes afirmaram que sua visão mudou para melhor após entrarem na faculdade, sendo que 33,32% deles tinham uma visão negativa sobre a pesquisa antes de chegarem à faculdade e passaram a admirá-la, e 66,64% deles já tinham interesse na pesquisa antes mesmos de entrarem, mas se apaixonaram ainda mais por ela após seu ingresso na universidade. Aproximadamente 49,98%, 7 pessoas, afirmaram que tinham uma visão negativa acerca da pesquisa antes de entrar na universidade, enquanto 35,7% dos concluintes afirmaram já se interessarem pelo tema antes e apenas se apaixonarem ainda mais por ele após o ingresso na universidade.

Apesar de vários dos ingressantes afirmarem não ter tido experiências mais elaboradas e empolgantes com a pesquisa durante sua jornada escolar, eles acreditam que suas visões foram influenciadas positivamente pelo discurso das escolas e chegam bastante empolgados à faculdade em relação a isso. Inferimos que todos eles pretendem ingressar em algum grupo de pesquisa, embora ainda seja normal observar pelas suas respostas que alguns deles ainda

não reconhecem no professor uma identidade de pesquisador e a grande maioria entra na faculdade sem a pretensão de seguir carreira na área da pesquisa.

Quanto aos concluintes, vimos que essa perspectiva também é animadora e entendemos a importância da universidade para que inúmeras pessoas, que antes tinham uma visão negativa sobre o tema, passam a admirar e se apaixonar pelo campo da pesquisa. Mas, ainda é válido ressaltar que muitos estudantes, 50% dos concluintes e 33,36% dos ingressantes, responderam que não pretendem seguir a carreira na área da pesquisa após o fim do curso. Em nossa caixa de respostas sobre essa falta de interesse, muitos responderam que acreditam que pesquisar demanda tempo e dedicação, quando não têm certeza se o terão após a conclusão do curso, porque querem e precisam trabalhar para obter retorno financeiro. Essa postura retrata de forma bem detalhada a situação de inúmeros jovens brasileiros que precisam trabalhar enquanto estudam devido a urgência de ajudarem financeiramente suas famílias. Essa realidade parece levar muitos a nem cogitarem a pesquisa como carreira em que valha a pena investir. Fica explícito o desânimo por parte dos estudantes diante das atuais circunstâncias de baixos investimentos na área da educação e do desestímulo à pesquisa em nosso país, engolida pelo discurso que exalta uma educação tecnicista como solução para os atuais males no Brasil.

Ao estudarmos sobre o documento Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião – NEPSO (2010) nos deparamos com uma série de orientações de como realizar um projeto de pesquisa de opinião dentro das escolas. Por isso, passamos a considerar o quão importante seria se mais escolas adotassem ideias como essa, mais atrativas e menos monótonas de estimular seus alunos a realizarem pesquisas de verdade e, quem sabe, se encontrarem nessa área. Logo, é necessário que o tema da pesquisa seja melhor difundido e trabalhado dentro das salas de aula públicas e privadas, dando aos alunos a oportunidade de serem pesquisadores, de refletir e discutir sobre os problemas da comunidade em que vivem. Assim, poderão buscar formas de analisá-los melhor, além de procurar modos de intervir nessa realidade e melhorá-la, para que dessa maneira possam compreender o valor da pesquisa como base para a construção do conhecimento e dos avanços na humanidade que, muitas vezes, podem começar com um pequeno passo de um jovem motivado.

Referências

BARRETO, Yoyô. Resenha crítica: Pesquisa na escola: o que é, como se faz. Recanto das Letras, 08/05/2011. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/resenhasdelivros/2956068#:~:text=A%20pesquisa%20configura%20Dse%20em,sociedade%20em%20que%20est%C3%A1%20inserido>. Acesso em: 05 abr. 2021.

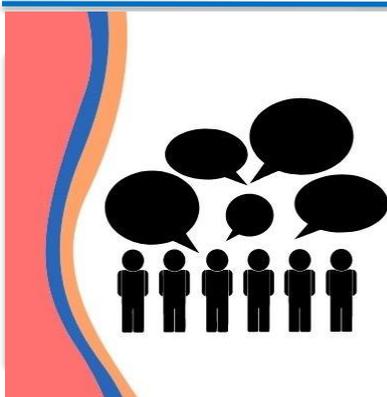
FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IBOPE. Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor. 3. ed. São Paulo: Editora Global, 2010. 102 p. Disponível em: <http://www.nepso.net/download/478>. Acesso em: 04 abr. 2021.

MATTOS, Elenir Maria Andreolla; CASTANHA, André Paulo. A importância da pesquisa escolar para a construção do conhecimento do aluno no ensino fundamental. Paraná, pp.1-11, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2525-6.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2021.

PORCIUNCULA, Bruna. Pesquisa aponta desinteresse dos jovens pela carreira científica. GZH Educação e Trabalho, 07/06/2016. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2016/06/pesquisa-aponta-desinteresse-dos-jovens-pela-carreira-cientifica-5866044.html>. Acesso em: 05 abr. 2021.

ROCHA, Lis P.; COSTA, Rodrigo G. da; CRESPO, Larissa C. A percepção dos alunos de uma escola pública de Campos dos Goytacazes – RJ sobre ciência e divulgação científica. Rio de Janeiro, pp.1-9, 2014. Disponível em: <http://www.sinect.com.br/anais2014/anais2014/artigos/ensino-de-ciencias/01408201945.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2021.



POLÍTICAS PÚBLICAS, EDUCAÇÃO POPULAR E OS IMPACTOS DA PANDEMIA

*Ariana Maria Meira Bastos, Izabelle Silva dos Santos,
Jéssica Lene da Silva Santos,
Paulo Victor de Azevedo Valeriano e
Vanessa Rampado Cruz*

Introdução

A análise dos dados estatísticos coletados através do questionário: Políticas Públicas, Educação Popular e os Impactos da Pandemia, tem como objetivo investigar e conhecer de maneira mais classificatória a população alvo da pesquisa de mesmo nome que foi desenvolvida para o trabalho final da disciplina Estatística aplicada à Educação. O objetivo principal foi compreender através da exposição os motivos de evasão e as questões de desenvolvimento, aprendizagem de disciplinas, problemas e desafios em relação aos estudos de alunos do pré-vestibular comunitário localizado na favela do Manguinhos na cidade do Rio de Janeiro diante da situação da pandemia de COVID-19. Na seção 2 descrevemos o universo de estudo e a forma como foram obtidos os dados. Na seção 3 apresentamos uma análise descritiva dos dados coletados e por fim na seção 4 elaboram-se nossas conclusões sobre o problema abordado.

Procedimentos Metodológicos

Utilizamos uma metodologia de pesquisa de opinião, seguindo o método sugerido pelo projeto Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião - NEPSO.

População

O estudo é composto pela população de alunos matriculados no pré-vestibular comunitário de Manguinhos, localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

Amostra e Técnica de Amostragem

Através de uma amostragem não-probabilística voluntária de conveniência, os alunos matriculados no pré-vestibular social da comunidade do Manguinhos possuem idade mediana entre 18 a 24 anos, possuindo idade de 06 até 14 anos por cada classe. Tendo a idade mínima de 17 anos e a máxima idade 51 anos, sendo considerado o desvio padrão os alunos com idades entre 36 e 51 anos gerando uma baixa dispersão de 10,5%.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

A pesquisa pode ser obtida pela aplicação de ferramentas online, através de um questionário elaborado na plataforma Google Forms (anexo 1). A divulgação para o público-alvo, foi através de compartilhamento do link em grupos nas redes sociais tais como Facebook,

WhatsApp e Telegram. A aplicação desse questionário possibilitou a obtenção de informações referentes às seguintes variáveis: Idade, Gênero, Etnia, Trabalho, Filhos, Inscrição e isenção no ENEM 2020, Execução da prova ENEM 2020, Condições materiais e imateriais de estudo, Aprendizagem, Questões socioeconômicas, Questões psicológicas.

Apresentação e Análise dos Dados

O conjunto de dados analisados consistem nas informações que 57 alunos respondentes disponibilizaram. Esse conjunto de dados foi obtido através da aplicação do questionário em anexo. Embora o número de alunos matriculados no pré-vestibular seja consideravelmente maior, não foi possível obter a informação de todos os alunos, pois alguns alunos não quiseram responder ao questionário.

Na tabela abaixo, apresentam-se as medidas descritivas referentes à frequência absoluta distribuída em classes de idade.

Idade	Frequência absoluta (F)
até 17 anos	9
18 a 24 anos	33
25 a 35 anos	9
36 a 50 anos	4
51 anos	2
Total (F_t)	57

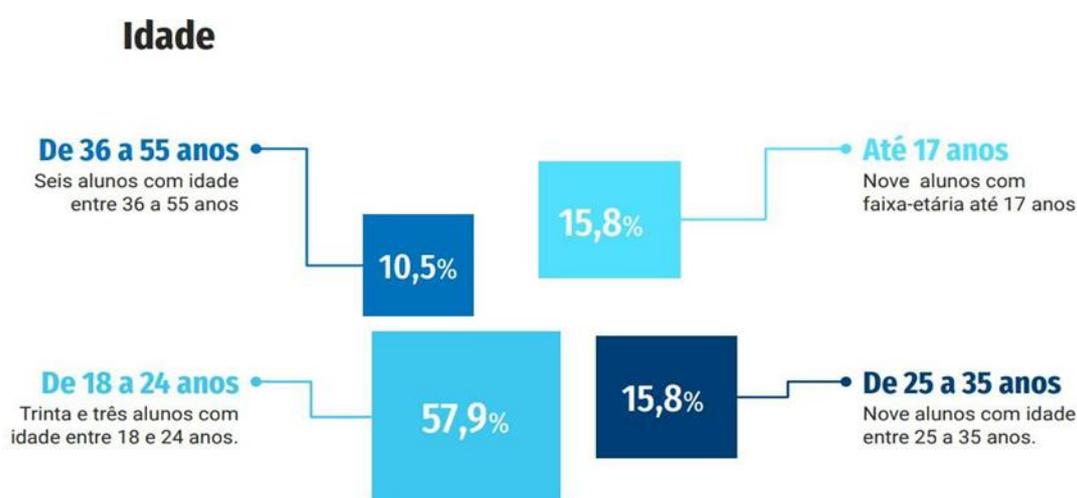
Analisando a tabela, percebemos que a população analisada é composta por nove alunos com idade até 17 anos, assim como temos trinta e três alunos com idades entre 18 e 24 anos, seguido por nove alunos de 25 a 35 anos, quatro alunos de 36 a 50 anos e por fim dois alunos com idade acima de 51 anos. Podemos observar também que os alunos possuem idades entre 17 e 51 anos gerando uma amplitude significativa em cada classe.

Na tabela abaixo, se apresentam as variáveis de idade a partir da frequência relativa:

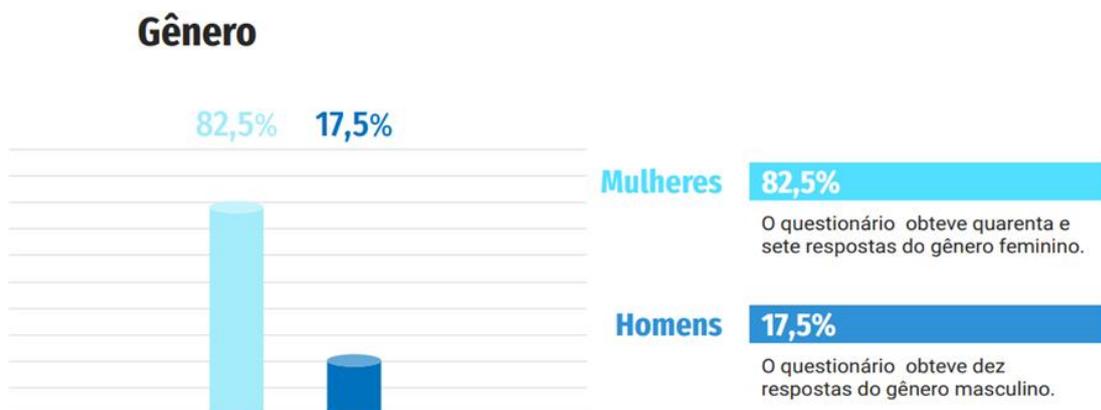
Idade	Frequência absoluta	Frequência relativa
até 17 anos	9	$08/57 = 0,158 = 15,8\%$
18 a 24 anos	33	$33/57 = 0,579 = 57,9\%$
25 a 35 anos	9	$09/57 = 0,158 = 15,8\%$
36 a 50 anos	4	$04/57 = 0,07 = 7\%$
51 anos	2	$02/57 = 0,35 = 3,5\%$
Total	57	100%

Esta tabela permite concluir que os alunos possuem idade mediana entre 18 e 24 anos, possuindo amplitudes variadas de 6 até 14 anos por cada classe. Podemos notar que a idade mínima da turma é de 17 anos e o aluno que tem mais idade 51 anos, sendo considerado o desvio padrão os alunos com idades entre 36 e 51 anos o que gera uma baixa dispersão de 10,5%.

A partir da tabela com a frequência relativa, é possível visualizar de forma mais clara a situação comparativa das idades através dos dados percentuais. Os dados refletem que a pesquisa é dominada majoritariamente por alunos com idade entre 18 e 24 anos, logo as opiniões emitidas nesta pesquisa refletem em sua maioria essa faixa etária. Na figura abaixo podemos visualizar a porcentagem de cada classe em gráficos.



A distribuição de alunos por gênero pode ser observada no gráfico abaixo. Nota-se o domínio do gênero feminino, sendo 82,5% dos alunos entrevistados mulheres.



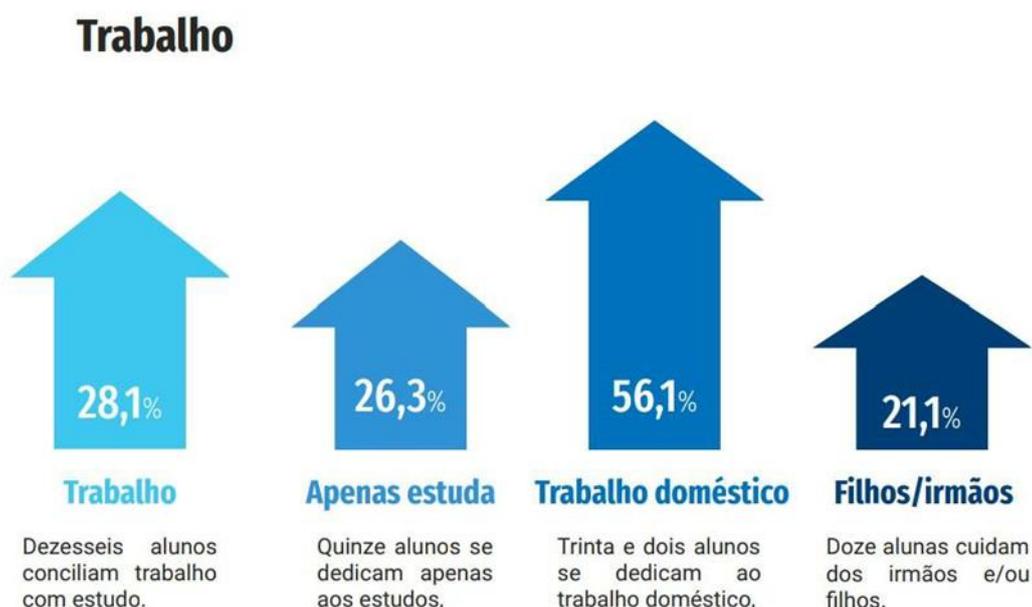
Na tabela e figura abaixo, utilizando a classificação do IBGE como parâmetro, podemos observar como se distribuem os alunos por etnia, sendo considerado 45,6% alunos brancos, 28,1% se consideraram pardos e 26,3% se consideraram negros. No entanto, houve um erro de classificação no questionário pois pelo IBGE pretos e pardos são considerados negros, logo não sendo utilizado a classificação PRETO no questionário podemos afirmar que 54,4% dos alunos são negros.

Etnia	Frequência absoluta	Frequência relativa
Caucasiano	26	$26/57 = 0,456 = 45,6\%$
Pardo	16	$16/57 = 0,281 = 28,1\%$
Negro	15	$15/57 = 0,263 = 26,3\%$
Total	57	100%



Na próxima tabela, pode-se observar a questão do trabalho e relacioná-lo com a questão de gênero. Fica claro que a maior parte dos alunos (56,1%) tem como maior ocupação o trabalho doméstico. Também nesta tabela é apresentada a distribuição dos alunos com respeito a filhos ou irmãos, sendo possível concluir que 21,1% precisam cuidar de crianças pequenas, sendo recorrente reclamações sobre o excesso de trabalho em relação aos filhos/família que se torna exaustivo em conciliar com a jornada de estudo. Apenas 26,3% dos alunos se dedicam exclusivamente aos estudos enquanto 28,1% conciliam estudos e trabalho formal.

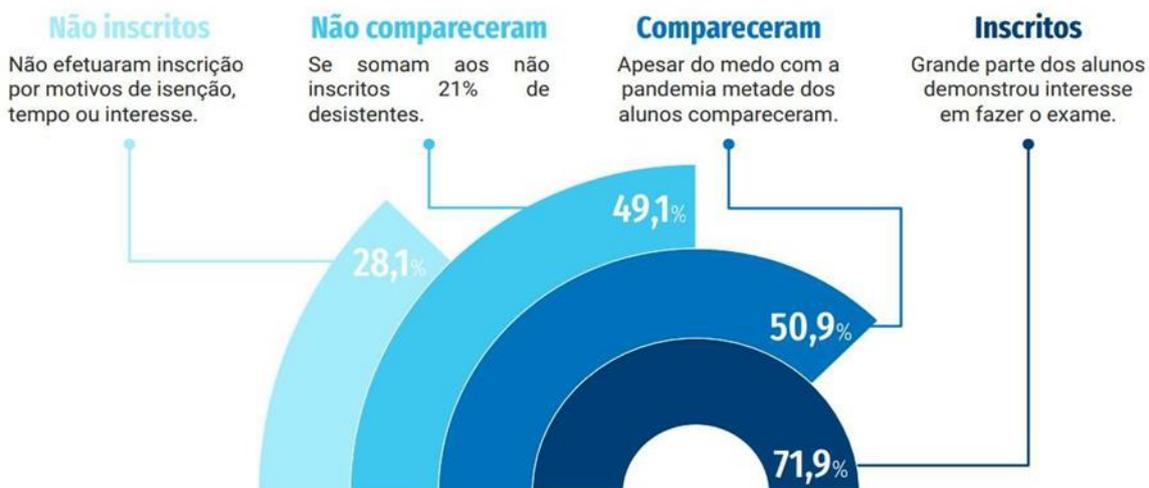
Ocupação	Frequência absoluta	Frequência relativa
Trabalho formal	16	$16/57 = 0,281 = 28,1\%$
Trabalho doméstico	32	$32/57 = 0,561 = 56,1\%$
Cuidado com crianças	12	$12/57 = 0,211 = 21,1\%$
Apenas estuda	15	$15/57 = 0,263 = 26,3\%$
Total	57	100%



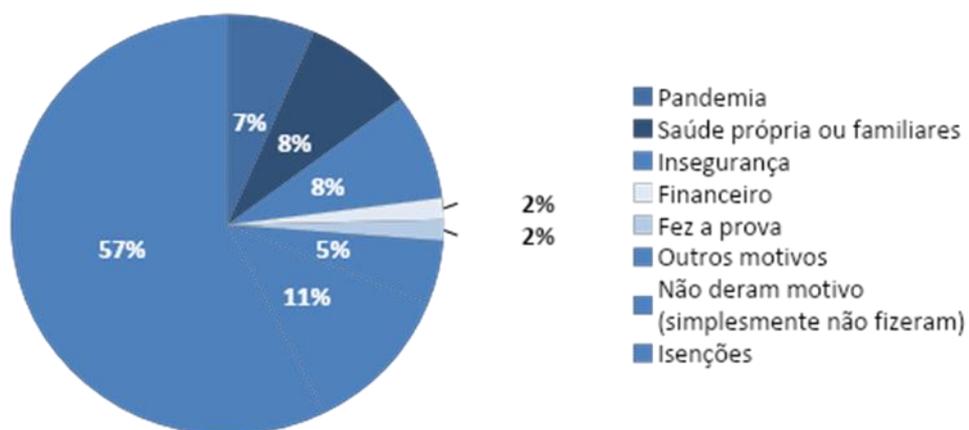
Na figura seguinte nota-se o grande interesse dos alunos em relação à participação no Exame Nacional do Ensino Médio. Observamos que 71,9% se inscreveram no exame 2020, porém apenas 50,9% deles compareceram. As justificativas de ausência dos 21% desistentes estão relacionadas à pandemia, sendo recorrente relatos de insegurança em relação à saúde física e mental. O elevado número de alunos que não se inscreveram chama atenção: 28,1%

responderam não possuir condições financeiras, emocionais e capacitação para participar da prova.

Resultados ENEM



Qual motivo te impediu de realizar as provas do ENEM?



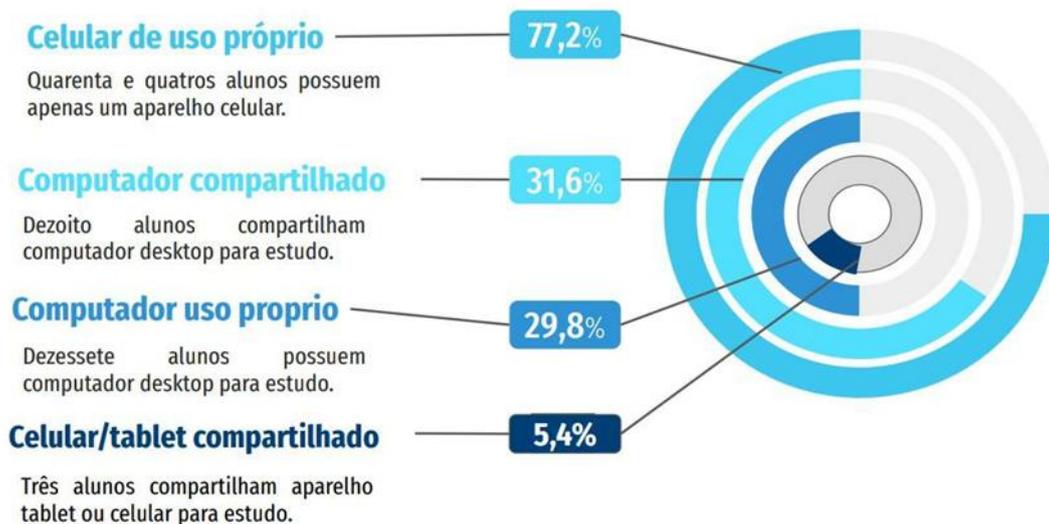
Em relação às condições de estudo as quais os alunos se encontram, 59,6% relatam não possuir local adequado para acompanhar as aulas, sendo recorrente reclamações sobre ruídos, movimentação e interrupção de familiares, acesso à Internet e pouco espaço. Nota-se também a dificuldade de acesso e aprendizagem às aulas remotas: 36,8% dos alunos não possuem internet móvel sendo utilizado Wi-Fi compartilhado, enquanto 71,4% relataram dificuldade de aprendizagem e assimilação dos conteúdos pela falta de concentração devido ao local inadequado para estudo

Acesso



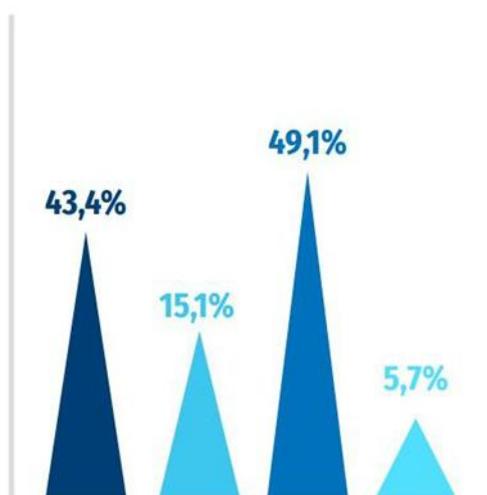
O acesso a equipamentos eletrônicos mostra-se expressivo pois 77,2% dos alunos têm acesso a um único aparelho celular/smartphone, enquanto 33,6% utilizam-se de computador desktop compartilhado e apenas 29,8% têm acesso a computador próprio. Apesar da baixa porcentagem, deve-se atenção aos 5,4% dos alunos que não possuem celular e nem computador, fazendo compartilhamento para ter acesso às aulas.

Acesso



A aprendizagem aparece como um problema, metade dos alunos apresentam algum diagnóstico clínico de doenças psicossomáticas tais como: ansiedade (43,4%), depressão (15,1%); Déficit de atenção e transtorno bipolar (5,7%) relatando dificuldades de concentração, desenvolvimento, disciplina e interesse de participação nas aulas remotas. Há também alunos que não apresentam diagnóstico oficial (49,1%), porém compartilham dos mesmos desafios que os demais alunos.

Transtornos



Ansiedade

Vinte e três alunos têm diagnóstico de ansiedade.

Depressão

Oito alunos têm diagnóstico de depressão.

Não sabe/Não possui

Vinte e seis alunos não sabem se possui algum transtorno.

Déficit de atenção

Dois alunos têm diagnóstico de déficit de atenção. Um alunos têm diagnóstico de transtorno bipolar,

Em decorrência aos transtornos citados acima, a maior parte dos alunos (71,7%) demonstrou interesse em receber acompanhamento psicológico.

Auxílio psicológico

71,7%



28,3%

Tem interesse

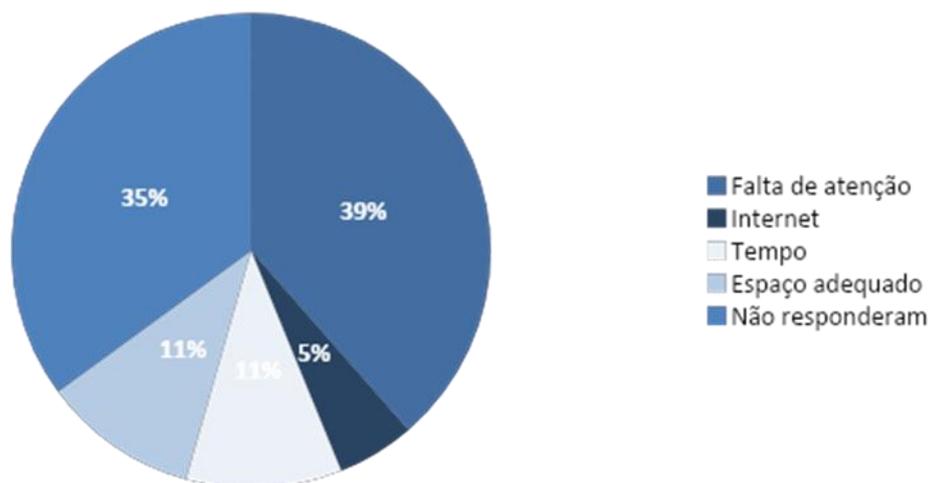
Trinta e oito alunos gostariam de ter acompanhamento psicológico.

Não tem interesse

Quinze alunos não possuem interesse em conversar com um psicólogo.

Através da análise das perguntas discursivas, compreende-se com maior riqueza de detalhes quais as maiores dificuldades enfrentadas por esses alunos no ensino remoto. Segundo o gráfico abaixo, podemos observar que há um problema em manter o foco nas atividades online pela necessidade de um espaço mais adequado para estudo.

Dificuldades enfrentadas no ensino remoto



O questionário abordou também o Auxílio emergencial, que teve/tem um fator importante nesta pandemia. Mesmo o Auxílio sendo pensado para as camadas sociais mais baixas, apenas 30,4% (17 pessoas) dos entrevistados receberam o auxílio emergencial e os outros 69,6% (39 pessoas) não conseguiram ou não solicitaram o auxílio emergencial. Dos que receberam o auxílio, apenas 25% (6 pessoas) conseguiram suprir suas necessidades.

Auxílio emergencial



Conclusão

De acordo com a pesquisa levantada, observamos diversos dilemas enfrentados pelos estudantes oriundos de cursinhos pré-vestibulares. A disputa para uma vaga na Universidade Pública requer uma estrutura para além da oportunidade do estudo das matérias que são cobradas pelos vestibulares. Nós identificamos um perfil que em sua maioria são mulheres, que conciliam o estudo com os afazeres domésticos, demonstrando a dupla jornada de trabalho enfrentada pelo público feminino. Em uma entrevista para o jornal O Globo, a filósofa Silvia Federici afirma:

Quando o salário foi aceito como uma espécie de linha de corte entre o que é trabalho e o que não é, o trabalho doméstico e de cuidado feito pelas mulheres se tornou uma espécie de assistência social e nunca foi considerado como trabalho nem mesmo levado em consideração nas estratégias da esquerda. Por isso é preciso uma perspectiva feminista do trabalho. (FEDERICI, 2021, p. 2, apud IZAAL, 2021, p. 2).

Portanto, é fundamental a discussão sobre os pilares que sustentam a desigualdade entre os vestibulandos no contexto da pandemia. Os resultados obtidos apontam para necessidade de debates que envolvam temas relacionados a gênero, raça e classe social. Além disso, os participantes declararam o crescimento de sintomas que correspondem a ansiedade, depressão e outros transtornos desenvolvidos antes e durante o isolamento social.

Neste contexto, a favela de Manguinhos e os bairros adjacentes sofrem com a ausência de psicólogos na Assistência Básica de Saúde e os CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) não suportam a demanda e a falta de recursos financeiros. Como podemos planejar o futuro, se o presente é algo muito incerto?

Para terminar, afirmamos através deste trabalho que o Auxílio Emergencial, iniciativa pautada no assistencialismo para atender aos mais vulneráveis, não supriu as necessidades das famílias participantes. Portanto, cumprir o isolamento social se torna inviável para grande parte da sociedade, sendo assim a necessidade de ampliação de políticas que atendam de fato ao povo e que possam diminuir a insegurança alimentar, no caso o novo eufemismo da fome.

A distribuição de alunos por gênero e etnia tem como domínio o gênero feminino, sendo 82,5% dos alunos entrevistados mulheres; e etnia, 54,4% dos alunos são negros. Os dados refletem que a pesquisa é dominada majoritariamente por alunos com idade entre 18 e 24 anos, mulheres e negras que em sua maioria (56,1%) trabalham de forma doméstica ou com o cuidado dos filhos/irmãos (21,1%). Logo as opiniões emitidas nesta pesquisa refletem em sua maioria essa amostra da população.

Os alunos apresentam comportamentos diversos no que diz respeito aos estudos no ensino remoto pois possuem dificuldades de acesso seja de forma material como eletrônicos (77,2%), local de estudo (59,6%), internet (36,8) e acompanhamento psicológico (71,7%), como também na forma imaterial relacionado a saúde mental e bem-estar psíquico que atrapalham a aprendizagem (71,4).

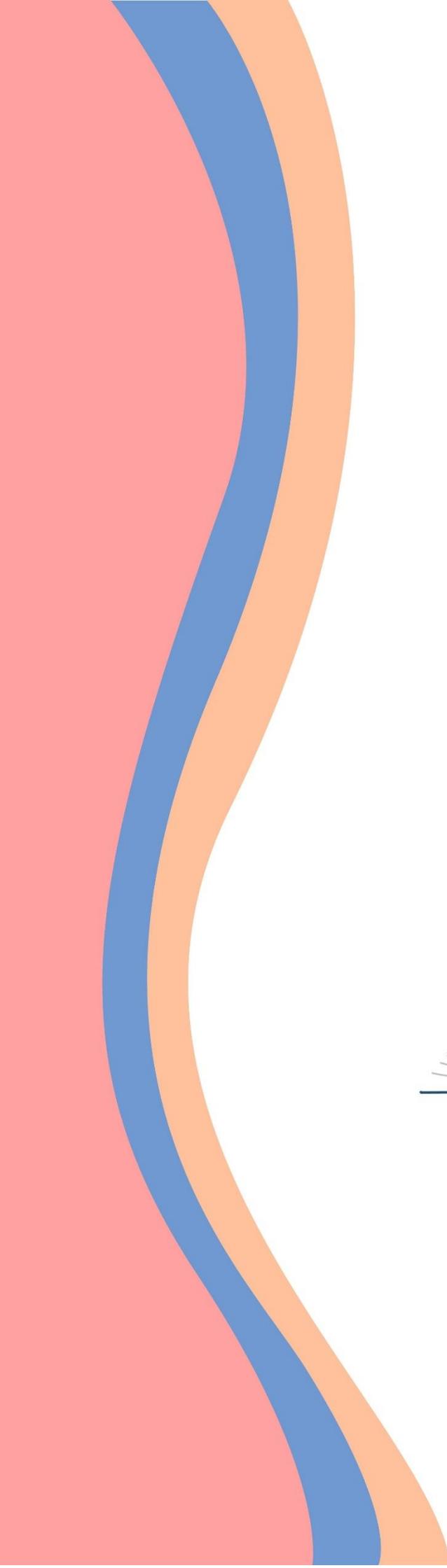
A característica mensurável em relação ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é a pandemia. Fica evidente que apesar do grande número de inscritos (71,9%) no exame 2020, apenas 50,9% compareceram, tendo a justificativa de ausência (21%) ou de não-inscrição (28,3%) relacionadas à pandemia de COVID-19 (57%) e o receio de infectar, apesar das

medidas sanitárias, algum membro familiar classificado no grupo de risco (8%), sendo também recorrente relatos de insegurança em relação à saúde mental e as não condições emocionais, capacitistas e financeiras para participar da prova (20%). Entrando na questão financeira, perguntados sobre o auxílio-emergencial apenas 30,4% alegou ter conseguido, tendo este suprido as necessidades financeiras de 25% dos participantes.

Por fim, identificam-se através da análise das perguntas discursivas que os maiores problemas enfrentados pelo estudantes na modalidade remota estão relacionados a falta de atenção (39%), internet (5%), tempo (11%) e espaço adequado (11%) somando 66% das respostas nessa questão (34% optaram por não responder) e conclui-se que através do questionário aplicado pudemos nos aproximar do objeto analisado, identificando suas particularidades pela análise dos dados estatísticos gerando assim um parâmetro através da amostragem. Pode-se identificar os fatores problemáticos como dispersão, falta de acesso, questões psicológicas e financeiras, impactos agravados pela situação de pandemia nos estudos e nas questões de aprendizagem dos alunos, assim como pudemos classificar seu gênero, idade, etnia e ocupação.

Referências

IZAAL, Renata. Uma crítica ao marxismo sob a ótica da força de trabalho da mulher. O Globo, Rio de Janeiro, 28 de abril de 2021. Segundo Caderno.



ESCOLA DE EDUCAÇÃO
30 Anos

